

UFRRJ

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO,
AGRICULTURA E SOCIEDADE**

DISSERTAÇÃO

**DOS SONHOS DE UMA CASA A CASA DOS SONHOS:
MORADIA E QUALIDADE DE VIDA NA
COMUNIDADE TERRA LIVRE**

Thiago Lopes Ferreira

2007



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO,
AGRICULTURA E SOCIEDADE**

**DOS SONHOS DE UMA CASA A CASA DOS SONHOS:
MORADIA E QUALIDADE DE VIDA NA COMUNIDADE
TERRA LIVRE**

THIAGO LOPES FERREIRA

*Sob a Orientação do Professor
Luiz Flávio de Carvalho Costa*

Dissertação submetida como
requisito parcial para obtenção do
grau de **Mestre em Ciências**, no
Curso de Pós-Graduação em
**Desenvolvimento, Agricultura e
Sociedade**.

Rio de Janeiro, RJ
Setembro de 2007

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E
SOCIEDADE**

THIAGO LOPES FERREIRA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**,
no Curso de Pós-Graduação em **Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade**.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 05/09/2007.

Luiz Flávio de Carvalho Costa, Dr., UFRRJ / DDAS / CPDA
(Orientador)

Akemi Ino, Dra., USP / EESC

Carlos Eduardo da Silva Costa, Dr., UFRRJ / IT / DAU

Nelson Giordano Delgado, Dr., UFRRJ / DDAS / CPDA

DEDICATÓRIA

**A todas as trabalhadoras e trabalhadores rurais.
Em especial às milhares de famílias que vivem nos acampamentos e
assentamentos rurais espalhados por esse imenso País.**

AGRADECIMENTOS

São poucas as palavras que expressam a tamanha gratidão que tenho pelas pessoas que trilharam comigo este desafio e, à sua maneira, contribuíram com o resultado.

As colaborações oferecidas foram as mais variadas e se apresentaram substanciais, muitas vezes determinantes, para meu contínuo caminhar.

Nesta oportunidade quero reconhecer a importância e lembrar a presença dessas pessoas, correndo o risco de, pelas poucas palavras que disponho incorrer em momentâneo esquecimento.

Meus mais sinceros e profundos agradecimentos:

Aos moradores da Comunidade Terra Livre pelo carinhoso acolhimento e pela disponibilidade e empenho com a realização desta pesquisa;

Ao professor Luis Flávio de Carvalho Costa por acreditar, incentivar e confiar nos caminhos propostos, em orientação impecável;

Ao CPDA-UFRRJ pela oportunidade do exercício acadêmico e, aos professores e colegas de curso pelo constante diálogo e participação em meus avanços e anseios;

Aos muitos Companheiros e Companheiras que trilham caminhos semelhantes e congruentes, me incentivam nas conquistas e por quem tenho grande reconhecimento;

Aos irmãos e irmãs que carrego no coração e estão sempre marcando presença em minha vida;

A todas as pessoas que de alguma maneira colaboraram;

Por fim, um especial agradecimento à minha família. Participantes assíduos de meus desafios e grandes responsáveis pela formação e ser humano que sou. Obrigado por iluminarem meus caminhos.

RESUMO

FERREIRA, Thiago Lopes. Dos sonhos de uma casa a casa dos sonhos: moradia e qualidade de vida na comunidade Terra Livre. 2007. 150f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2007.

Esta dissertação tem como tema central e objeto de análise as relações dos trabalhadores rurais sem-terra com o espaço no qual vivem e constroem parte de suas relações sociais: a casa, o lote, o assentamento rural. Tais relações são com diferentes intensidades e variados formatos, construídas e constituídas, tanto de produção material quanto de produção simbólica dos agentes sociais envolvidos, determinando desta forma, como se dão as configurações espaciais das habitações e dos assentamentos rurais como um todo. O trabalho possui alguns objetivos, entre eles: verificar, retratar e analisar as condições habitacionais e de infraestrutura existentes, examinando as técnicas construtivas, os materiais empregados, a distribuição interna das moradias, as condições de habitabilidade, salubridade e saneamento básico, a qualidade do ambiente construído, o acesso à energia elétrica e água para consumo humano, entre outras coisas. Pretende-se perceber as relações sociais e simbólicas existentes neste espaço, através das representações dos sentidos e percepções que o trabalhador rural e sua família possuem do lugar em que vivem e, nele retratam suas identidades e constroem as estratégias de organização familiar. Para tal enfoque foi escolhido o acampamento rural Terra Livre, situado no município de Resende, no Estado do Rio de Janeiro, ligado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra – MST. Foi eleito um acampamento, pois o trabalho propõe a elaboração das novas plantas habitacionais, das famílias residentes, as quais serão entregues e servirão como orientação na construção, reforma ou ampliação das casas, no momento em que tornarem assentamento rural e acessarem o crédito para Aquisição de Materiais de Construção, concedido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, através das políticas públicas de concessão de créditos para a instalação inicial de famílias assentadas. O desafio da metodologia proposta consiste na realização de um método de investigação e diagnóstico do quadro das realidades existentes acerca das condições habitacionais das famílias acampadas, estimulando a participação dos trabalhadores e trabalhadoras rurais na concepção dos próprios projetos habitacionais. Optamos pela aplicação da metodologia a nível familiar, visitando cada casa e analisando as possibilidades existentes, dentro das expectativas e vontades expressas, buscando adequá-las às realidades financeiras e, mesclando-as a uma assistência técnica de orientação no projeto, de modo a propiciar um resultado final de satisfação coletiva mediante um processo participativo de elaboração.

Palavras-chave: Habitação Rural, Acampamentos e Assentamentos Rurais, Projetos Participativos.

ABSTRACT

FERREIRA, Thiago Lopes. From the dreams of having a home, to having the home of your dreams: housing and quality of life in the Terra Livre Community. 2007. 150f. Dissertation (Master in Development, Agriculture and Society). Institute of Human and Social Sciences, Rural Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

This dissertation has as central subject and analysis object the relations of the Landless Workers' Movement with the place which they live and construct part of theirs social relations: the house, the lot and the rural settlement. Such relations are, with different intensities and various formats, constructed and consisting even from the material production and from the symbolic production of the involved social agents, determining how the space configurations of the dwellings and the rural settlement are given as a whole. The work has some objectives, as well as: verify, portray and analyze the conditions of the dwelling and the existed infrastructure, examining the used construction's techniques, materials, the internal distribution of the constructions, the conditions of habitability and basic sanitation utilities (sanitary sewer), the quality of the constructed environment, the access to the electric energy and water for human consumption, among others things. It is also intended to understand the social and symbolic relations existing in the space, with its representations constructed from the perceptions and feelings that the rural worker and his family have about the place where they live and, through it, they reveal theirs identities and strategies of familiar organization. For such approach was chosen the camp site Terra Livre in the city of Resende, in the State of Rio de Janeiro, related to the Landless Workers' Movement - MST. An encampment was elected, since the work also has as a proposal the elaboration of the new dwelling plants for all the resident families, which will be delivered and will serve as orientation in the construction, reformation or extension of the houses, at the moment where their become an rural settlement and grant access to the habitational credit for Acquisition of Construction's Materials, conceived by the National Institute of Colonization and the Agrarian Reformation - Incra, through the public politics of land dispossession targeting the agrarian reform and the concession of credits for the initial installation of the families. The objective of the methodology proposal was to structuralize an investigation method that allows to diagnosis the whole picture of the existing realities concerning the conditions of the houses of the camped families, and to stimulate the participation of the rural workers in the conception of the proper dwelling projects. We choose to applicate the methodology to the familiar level, visiting each house and analyzing the existing possibilities inside of the expectations and expressed wills, searching to adjust them to the financial realities of each family and mixing them to a technique assistance of project orientation, in order to propitiate a final result of collective satisfaction by means of a participative process of elaboration.

Key Words: Rural Dwelling, Rural Settlement and Encampments, Participatory Projects.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Mapa da Região de Resende e Itatiaia no Estado do Rio de Janeiro, 2007.	24
Figura 2 Mapa de localização do acampamento Terra Livre na Região. A área do acampamento está em amarelo. Fonte: Diagnóstico Agroambiental realizado pela Emater, 2002.	24
Figura 3 Desenho feito pelo morador, 2006.	80
Figura 4 Desenho feito pelo morador, 2006.	82
Figura 5 Desenho feito pelo morador, 2006	84
Figura 6 Desenho elaborado pela família, 2006	86
Figura 7 Desenho feito pela menina, 2006	86
Figura 8 Desenho feito pelo morador	88
Figura 9 Desenho feito pelo morador, 2006	108
Figura 10 Desenho feito pelo morador, 2006	112
Figura 11 Desenho feito pelo morador, 2006	116
Figura 12 Desenho feito pelo morador, 2006	120
Figura 13 Desenho feito pelo morador, 2006	120
Figura 14 Desenho feito pelo morador, 2006	124
Figura 15 Desenho feito pelo morador, 2006.	130
Figura 16 Desenho feito pelo morador, 2006	132
Figura 17 Desenho feito pelo morador, 2006	138

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 Vista geral do acampamento Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.]/ Fonte: Diagnóstico Agroambiental realizado pela Emater, 2002.	25
Foto 2 Criação de gado, Terra Livre - Resende [RJ], 2004 [doc.fot.] Foto Mário Lúcio	40
Foto 3 Vista do rio Paraíba do Sul, Terra Livre - Resende [RJ], 2006 [doc.fot.]. Foto Thiago Ferreira.	40
Foto 4 Vista do rio Paraíba do Sul, Terra Livre - Resende [RJ], 2006 [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	42
Foto 5 Cozinha de D. Neusa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006 [doc.fot.]. Foto Thiago Ferreira.	43
Foto 6 Varanda de Rafael, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.]. Foto Thiago Ferreira.	43
Foto 7 Casa de Ronaldo, Terra Livre - Resende [RJ], 2006 [RJ], 2006. [doc.fot.]. Foto Thiago Ferreira.	46
Foto 8 Casa de Marcelo, Terra Livre - Resende [RJ], 2006 [RJ], 2006. [doc.fot.]. Foto Thiago Ferreira.	46
Foto 9 Casa de pau a pique, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.]. Foto Thiago Ferreira.	48
Foto 10 Galpão existente, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.]. Foto Thiago Ferreira.	48
Foto 11 Casa de madeira, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.]. Foto Thiago Ferreira.	48
Foto 12 Casa nova de alvenaria, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.]. Foto Thiago Ferreira.	48
Foto 13 Vista do entorno do acampamento, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.]. Foto Thiago Ferreira.	50
Foto 14 Referências pessoais do morador, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.]. Foto Thiago Ferreira.	50
Foto 15 Casa de Ronaldo, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.]. Foto Thiago Ferreira.	55
Foto 16 Casa de Albino, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.]. Foto Thiago Ferreira.	55
Foto 17 Casa de Sr. Ailson, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	55
Foto 18 Casa de Severino, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.]/ Foto Thiago Ferreira	55
Foto 19 Casa de Eliane, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.]/ Foto Thiago Ferreira	57

Foto 20 Banheiro de Tião, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira	57
Foto 21 Casa de Ricardo, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira	57
Foto 22 Banheiro de Ronaldo, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira	57
Foto 23 Casa de Penha, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	59
Foto 24 Casa de Galba, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	59
Foto 25 Cozinha de Tião, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	59
Foto 26 Quarto de Olívia, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	59
Foto 27 Cozinha de Penha, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	61
Foto 28 Casa de Zé Carlos, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	61
Foto 29 Casa de Olívia, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	61
Foto 30 Varanda de Tião, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	61
Foto 31 Cozinha de Ailson, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	63
Foto 32 Sala de Penha, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	63
Foto 33 Banheiro de Milson, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	63
Foto 34 Cozinha de Davi, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	63
Foto 35 Cozinha de Milson, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	65
Foto 36 Casa de Dada, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	65
Foto 37 Banheiro de Zé Carlos, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	65
Foto 38 Cozinha de Joaquim, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	65
Foto 39 Cozinha de Maximiliano, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	67

Foto 40 Casa de Nilo, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	67
Foto 41 Banheiro de Marcelo, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	67
Foto 42 Casa de Marli, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	67
Foto 43 Banheiro de Severino, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	69
Foto 44 Quarto de Tião, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	69
Foto 45 Cozinha de Marcelo, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	69
Foto 46 Banheiro de Dadá, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	69
Foto 47 Quarto de Tião, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	71
Foto 48 Casa de Milson, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	71
Foto 49 Sala de Maxi, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	71
Foto 50 Quarto de Ronaldo, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	71
Foto 51 Casa de Dadá, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	73
Foto 52 Casa de Osvaldo, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	73
Foto 53 Cozinha de Severino, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	73
Foto 54 Banheiro de Mario, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	73
Foto 55 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	79
Foto 56 Foto do morador, Terra Livre - Resende [RJ], 2006 [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	79
Foto 57 Casal desenhando a casa nova, Terra Livre, Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira	81
Foto 58 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	81
Foto 59 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	83

Foto 60 Foto da família reunida, Terra Livre - Resende[RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	83
Foto 61 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	85
Foto 62 Foto do morador com a criação, Terra Livre – Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	85
Foto 63 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	87
Foto 64 Foto dos filhos do casal, Terra Livre – Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	87
Foto 65 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	91
Foto 66 Detalhe da parede da cozinha, Terra Livre – Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	91
Foto 67 Vista da entrada da casa, Terra Livre – Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	93
Foto 68 Vista da cozinha, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	93
Foto 69 Vista da varanda da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	95
Foto 70 Vista da cozinha, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	95
Foto 71 Vista do interior da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	97
Foto 72 Vista da fachada frontal da casa, Terra Livre – Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	97
Foto 73 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	99
Foto 74 Foto do morador, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	99
Foto 75 Vista da área demolida, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	100
Foto 76 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	101
Foto 77 Preparando o almoço, Terra Livre – Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	101
Foto 78 Vista da casa e do morador, Terra Livre – Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	103
Foto 79 Vista interna de alguns cômodos, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	103

Foto 80 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	105
Foto 81 Foto da família, Terra Livre – Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	105
Foto 82 Vista da casa com o titular, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	107
Foto 83 Foto da cozinha da casa, Terra Livre – Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	107
Foto 84 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	109
Foto 85 Foto da moradora, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	109
Foto 86 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	111
Foto 87 Foto do titular com a família, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	111
Foto 88 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	113
Foto 89 Foto dos moradores, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	113
Foto 90 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	115
Foto 91 A sala é o cantinho de descanso, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	115
Foto 92 Foto da família reunida , Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	117
Foto 93 Vista da entrada da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira	117
Foto 94 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira	119
Foto 95 A família com os amigos reunidos, Terra Livre – Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira	119
Foto 96 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira	121
Foto 97 Família reunida, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira	121
Foto 98 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira	123
Foto 99 Vista da cozinha da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira	123

Foto 100 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira	125
Foto 101 Foto do casal, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira	125
Foto 102 Vista frontal da casa, Terra Livre – Resende [RJ], 2006 [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira	127
Foto 103 Foto da família, Terra Livre - Resende [RJ], 2006 [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira	127
Foto 104 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	129
Foto 105 Foto da moradora, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira	129
Foto 106 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira	131
Foto 107 Mãe e filho pensando a nova casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira	131
Foto 108 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira	133
Foto 109 Foto do casal, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira	133
Foto 110 Vista da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira	135
Foto 111 Foto do morador, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira	135
Foto 112 Vista do morador desenhando a nova casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006 [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	137
Foto 113 Vista da entrada da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006 [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira	137
Foto 114 Foto do jogo de plantas entregue aos moradores, Terra Livre - Resende [RJ], 2006 [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira	139
Foto 115 Morador aprovando as plantas da nova casa, Terra Livre Resende [RJ], 2006 [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira	139
Foto 116 Família reunida para ver o projeto da nova casa, Terra Livre Resende [RJ], 2006 [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira	139
Foto 117 Morador analisando as plantas entregues, Terra Livre Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.	139

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Distribuição do número e área dos estabelecimentos agropecuários por faixa de módulos fiscais do Incra - Brasil 1996 (em %)	8
Gráfico 2 Distribuição dos domicílios por situação do domicílio segundo o tipo de esgotamento sanitário - Brasil 2004 (em %)	9
Gráfico 3 Distribuição dos lotes segundo a existência de infra-estrutura básica Terra Livre, RJ 2006 (em %)	41
Gráfico 4 Distribuição das justificativas para o cercamento dos lotes Terra Livre, RJ 2006	42
Gráfico 5 Distribuição das razões de uso e ocupação da casa segundo seus cômodos Terra Livre, RJ 2006	44
Gráfico 6 Distribuição dos itens citados para reforma segundo maiores demandas Terra Livre, RJ 2006 (em %)	45
Gráfico 7 Distribuição do lixo segundo o destino dado pelas famílias Terra Livre, RJ 2006 (em %)	49
Gráfico 8 Distribuição do uso de energia elétrica segundo seu consumo Terra Livre, RJ 2006 (em %)	50
Gráfico 9 Indicadores sobre a qualidade da estrutura dos quartos Terra Livre, RJ 2006	54
Gráfico 10 Indicadores sobre a qualidade da estrutura das salas Terra Livre, RJ 2006	54
Gráfico 11 Indicadores sobre a qualidade da estrutura das cozinhas Terra Livre, RJ 2006	54
Gráfico 12 Indicadores sobre a qualidade da estrutura dos banheiros Terra Livre, RJ 2006	54
Gráfico 13 Indicadores sobre a qualidade da estrutura das varandas Terra Livre, RJ 2006	54
Gráfico 14 Indicadores sobre a qualidade da estrutura das casas Terra Livre, RJ 2006	54
Gráfico 15 Indicadores sobre a qualidade do piso dos quartos Terra Livre, RJ 2006	56
Gráfico 16 Indicadores sobre a qualidade do piso das salas Terra Livre, RJ 2006	56
Gráfico 17 Indicadores sobre a qualidade do piso das cozinhas Terra Livre, RJ 2006	56
Gráfico 18 Indicadores sobre a qualidade do piso dos banheiros Terra Livre, RJ 2006	56

Gráfico 19 Indicadores sobre a qualidade do piso das varandas Terra Livre, RJ 2006	56
Gráfico 20 Indicadores sobre a qualidade do piso das casas Terra Livre, RJ 2006	56
Gráfico 21 Indicadores sobre a qualidade das paredes dos quartos Terra Livre, RJ 2006	58
Gráfico 22 Indicadores sobre a qualidade das paredes das salas Terra Livre, RJ 2006	58
Gráfico 23 Indicadores sobre a qualidade das paredes das cozinhas Terra Livre, RJ 2006	58
Gráfico 24 Indicadores sobre a qualidade das paredes dos banheiros Terra Livre, RJ 2006	58
Gráfico 25 Indicadores sobre a qualidade das paredes das varandas Terra Livre, RJ 2006	58
Gráfico 26 Indicadores sobre a qualidade das paredes das casas Terra Livre, RJ 2006	58
Gráfico 27 Indicadores sobre a qualidade do teto dos quartos Terra Livre, RJ 2006	60
Gráfico 28 Indicadores sobre a qualidade do teto das salas Terra Livre, RJ 2006	60
Gráfico 29 Indicadores sobre a qualidade do teto das cozinhas Terra Livre, RJ 2006	60
Gráfico 30 Indicadores sobre a qualidade do teto dos banheiros Terra Livre, RJ 2006	60
Gráfico 31 Indicadores sobre a qualidade do teto das varandas Terra Livre, RJ 2006	60
Gráfico 32 Indicadores sobre a qualidade do teto das casas Terra Livre, RJ 2006	60
Gráfico 33 Indicadores sobre a qualidade do acabamento dos quartos Terra Livre, RJ 2006	62
Gráfico 34 Indicadores sobre a qualidade do acabamento das salas Terra Livre, RJ 2006	62
Gráfico 35 Indicadores sobre a qualidade do acabamento das cozinhas Terra Livre, RJ 2006	62
Gráfico 36 Indicadores sobre a qualidade do acabamento dos banheiros Terra Livre, RJ 2006	62
Gráfico 37 Indicadores sobre a qualidade do acabamento das varandas Terra Livre, RJ 2006	62
Gráfico 38 Indicadores sobre a qualidade do acabamento das casas Terra Livre, RJ 2006	62

Gráfico 39 Indicadores sobre a qualidade do tamanho dos quartos Terra Livre, RJ 2006	64
Gráfico 40 Indicadores sobre a qualidade do tamanho das salas Terra Livre, RJ 2006	64
Gráfico 41 Indicadores sobre a qualidade do tamanho das cozinhas Terra Livre, RJ 2006	64
Gráfico 42 Indicadores sobre a qualidade do tamanho dos banheiros Terra Livre, RJ 2006	64
Gráfico 43 Indicadores sobre a qualidade do tamanho das varandas Terra Livre, RJ 2006	64
Gráfico 44 Indicadores sobre a qualidade do tamanho das casas Terra Livre, RJ 2006	64
Gráfico 45 Indicadores sobre a qualidade da iluminação dos quartos Terra Livre, RJ 2006	66
Gráfico 46 Indicadores sobre a qualidade da iluminação das salas Terra Livre, RJ 2006	66
Gráfico 47 Indicadores sobre a qualidade da iluminação das cozinhas Terra Livre, RJ 2006	66
Gráfico 48 Indicadores sobre a qualidade da iluminação dos banheiros Terra Livre, RJ 2006	66
Gráfico 49 Indicadores sobre a qualidade da iluminação das varandas Terra Livre, RJ 2006	66
Gráfico 50 Indicadores sobre a qualidade da iluminação das casas Terra Livre, RJ 2006	66
Gráfico 51 Indicadores sobre a qualidade da ventilação dos quartos Terra Livre, RJ 2006	68
Gráfico 52 Indicadores sobre a qualidade da ventilação das salas Terra Livre, RJ 2006	68
Gráfico 53 Indicadores sobre a qualidade da ventilação das cozinhas Terra Livre, RJ 2006	68
Gráfico 54 Indicadores sobre a qualidade da ventilação dos banheiros Terra Livre, RJ 2006	68
Gráfico 55 Indicadores sobre a qualidade da ventilação das varandas Terra Livre, RJ 2006	68
Gráfico 56 Indicadores sobre a qualidade da ventilação das casas Terra Livre, RJ 2006	68
Gráfico 57 Indicadores sobre a qualidade do conforto dos quartos Terra Livre, RJ 2006	70
Gráfico 58 Indicadores sobre a qualidade do conforto das salas Terra Livre, RJ 2006	70

Gráfico 59 Indicadores sobre a qualidade do conforto das cozinhas Terra Livre, RJ 2006	70
Gráfico 60 Indicadores sobre a qualidade do conforto dos banheiros Terra Livre, RJ 2006	70
Gráfico 61 Indicadores sobre a qualidade do conforto das varandas Terra Livre, RJ 2006	70
Gráfico 62 Indicadores sobre a qualidade do conforto das casas Terra Livre, RJ 2006	70
Gráfico 63 Indicadores sobre a qualidade da beleza dos quartos Terra Livre, RJ 2006	72
Gráfico 64 Indicadores sobre a qualidade da beleza das salas Terra Livre, RJ 2006	72
Gráfico 65 Indicadores sobre a qualidade da beleza das cozinhas Terra Livre, RJ 2006	72
Gráfico 66 Indicadores sobre a qualidade da beleza dos banheiros Terra Livre, RJ 2006	72
Gráfico 67 Indicadores sobre a qualidade da beleza das varandas Terra Livre, RJ 2006	72
Gráfico 68 Indicadores sobre a qualidade da beleza das casas Terra Livre, RJ 2006	72
Gráfico 69 Retrato das casas segundo a matriz de notas Terra Livre, RJ 2006	74

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Das percepções térmicas sentidas pelos moradores Terra Livre 2006	46
Tabela 2 Dos sistemas e técnicas construtivas existentes nas casas Terra Livre 2006	47
Tabela 3 Sobre o que é imprescindível ter em casa e no lote Terra Livre 2006	51
Tabela 4 Sobre as características ideais dos cômodos Terra Livre 2006	52
Tabela 5 Distribuição das notas indicadas por cômodo Terra Livre 2006	76

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – A FUNDAMENTAÇÃO COMO ALICERCE DO ESTUDO	6
1.1 Pressupostos e Referências	6
1.2 Sobre os Principais Agentes Sociais Envolvidos	14
1.3 Uma Breve Abordagens a Respeito dos Créditos Rurais	16
1.4 Os Primeiros Passos para a Construção das Casas	19
CAPÍTULO 2 – OS PROCEDIMENTOS DE INVESTIGAÇÃO	23
2.1 Visitando a Comunidade	23
2.2 Escolhendo as Ferramentas Certas	27
2.3 Conceitos e Práticas	28
2.4 Por um Processo mais Participativo nos Resultados	31
CAPÍTULO 3 – OS PROCESSOS DE AVALIAÇÃO	39
3.1 Entrevista Semi-Estruturada	39
3.2 Matriz de Notas por Percepção	53
3.3 Retrato das Casas Segundo a Matriz de Notas	74
3.4 Desenhando os Projetos Habitacionais Familiares	77
3.5 Entregando os Projetos Habitacionais	139
CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	145
ANEXOS	151

“Se o corpo é o templo da alma, a casa é o templo do corpo.”
(mística do MST)

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como tema central e objeto de análise as relações dos trabalhadores rurais sem-terra¹ com o espaço no qual vivem e constroem parte de suas relações sociais: a casa, o lote, o assentamento rural.

Interessa aqui, discutir os espaços construídos a partir da formulação e execução das políticas públicas de reforma agrária, elaboradas e implantadas pelo Estado. Neste caso, os espaços ao qual nos referimos é o dos assentamentos rurais, construídos a partir das políticas públicas de desapropriação de propriedades rurais para fins de reforma agrária. Mais especificamente, os espaços fruto das relações entre os trabalhadores e trabalhadoras rurais e o ambiente que habitam: suas casas e lotes.

Tais relações são com diferentes intensidades e variados formatos, construídas e constituídas, tanto de produção material quanto de produção simbólica² dos agentes sociais envolvidos, determinando desta forma, como se dão as configurações espaciais das habitações e dos assentamentos rurais como um todo.

Segundo Bergamasco, de forma genérica, os assentamentos rurais podem ser definidos como a “criação de novas unidades de produção agrícola, por meio de políticas governamentais, visando o reordenamento do uso da terra em benefício de trabalhadores rurais sem terra ou com pouca terra, envolvendo também a disponibilidade de condições adequadas ao uso da terra e, o incentivo à organização social e à vida comunitária” (Bergamasco & Norder, 1996).

Os estudos realizados sobre assentamentos rurais, por Medeiros e Leite, mostram que essas unidades têm sido criadas a partir de uma lógica de intervenção governamental que tem privilegiado a ação pontual em situações de conflito, segundo sua gravidade e/ou a visibilidade dos diferentes interesses envolvidos. Os resultados mostram que os assentamentos, até o momento existentes, são espacialmente dispersos, muitas vezes sem nenhuma infra-estrutura viária, com apoios financeiros, de assistência técnica, sanitário e educacional em geral muito deficientes.

“Essa precariedade, que marca a situação da maior parte dos assentamentos de reforma agrária no Estado do Rio de Janeiro, indica que uma política pontual de criação de assentamentos não é suficiente para superar as carências infra-estruturais e a pobreza característica do meio rural brasileiro”. (Medeiros & Leite, 2004)

A princípio, tínhamos como intenção verificar e analisar o retrato das condições de organização espacial (planejamento do uso e ocupação do solo), das condições habitacionais e de infra-estrutura existentes dentro de um assentamento rural de reforma agrária, no seu momento presente. Ou seja, montar um “quadro” onde pudéssemos analisar como vivem esses trabalhadores e suas famílias, de modo que os dados nos possibilassem compreender melhor como se organizam espacialmente e se distribuem nos lotes; com quais ferramentas constroem seus ambientes de moradia; quais estratégias de planejamento adotam na hora da construção; qual grau de salubridade esperam alcançar etc. Neste sentido, seria escolhido um assentamento rural constituído através das políticas públicas de desapropriação de terras para fins de reforma agrária do Ministério de Desenvolvimento Agrário – MDA e do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – Incra, ligado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra – MST.

¹ Sobre o conceito de trabalhador rural sem-terra, trataremos mais adiante.

² Consideramos produção material e simbólica de modo semelhante ao entendimento de produção material e espiritual de Svensson. Segundo ele, a produção espiritual é dedicada à produção das idéias, e ocorre por meio de atividades religiosa, moral, política, filosófica, científica e artística. São os produtos do pensamento fixados nos sistemas de símbolos e comportamentos. Já a produção material, tem suas relações ligadas às coisas concretas e materiais. Cf Frank Svensson, 2001.

No processo de elaboração da pesquisa de campo e, à medida que víamos mais de perto as condições de precariedade de muitas habitações existentes, percebemos que seria mais interessante se propuséssemos, integrada à idéia inicial, a realização dos novos projetos habitacionais ou projetos de reforma e ampliação das casas do assentamento objeto deste estudo. Essa idéia somente teria validade se formulássemos uma metodologia participativa para a elaboração dos projetos das casas, que fosse aplicada a cada família, separadamente, de acordo com seus desejos, condições financeiras e aspectos do lote, o que ampliaria bastante o foco da pesquisa e acabaria gerando outros tipos de relações sociais, com maiores envolvimentos e expectativas, possibilitando a obtenção de um produto final de caráter tanto teórico como prático. Neste sentido, seriam elaboradas as plantas habitacionais de todas as casas do acampamento, as quais seriam entregues aos moradores e serviriam como orientação no momento de construir, reformar ou ampliar as casas.

Desta maneira, tínhamos que escolher não um assentamento rural, mas um acampamento rural que estivesse em vias de se tornar assentamento³, e assim, obter acesso aos créditos para instalação inicial das famílias e, posteriormente, outros concedidos pelo Governo, como o Pronaf, créditos da Caixa Econômica Federal para habitação etc.

Entendemos que se ampliássemos o foco de estudo, poderíamos contribuir, mais substancialmente, com a população local, formulando conjuntamente seus projetos habitacionais e proporcionando melhores condições para a construção de suas moradias. Quando os moradores tivessem acesso ao crédito para Aquisição de Materiais de Construção, já disporiam como orientação básica, dos respectivos projetos habitacionais.

Para tal enfoque elegemos um acampamento rural, onde já dispúnhamos de um contato inicial, o que possibilitou melhores condições para iniciar o estudo de caso. O local escolhido chama-se Terra Livre (ou Fazenda da Ponte)⁴ e situa-se no município de Resende, divisa com Itatiaia, no Estado do Rio de Janeiro.

Este estudo possui alguns objetivos, entre eles: verificar, retratar e analisar as condições habitacionais e de infra-estrutura existentes dentro do acampamento rural, examinando as técnicas construtivas, os materiais empregados, a distribuição interna das construções, as condições de habitabilidade⁵, salubridade e saneamento básico, a qualidade do ambiente construído⁶, o acesso à energia elétrica e água para consumo humano, entre outras coisas.

³ As principais diferenças entre o assentamento rural e o acampamento rural são as respectivas situações fundiárias e o acesso que possuem a créditos, bens de consumo, infra-estrutura básica e serviços gerais. O acampamento rural consiste em uma ocupação, realizada por trabalhadores rurais sem terra, em busca de terra para o trabalho e moradia com dignas condições de vida. Não estão regularizados legalmente e reivindicam a desapropriação da fazenda ocupada, para fins de reforma agrária, e assim, serem assentados. No momento em que tornam assentamento rural, passam a ser reconhecidos legalmente pelo Estado, obtendo acesso a créditos financeiros, obras de infra-estrutura, energia elétrica, parcelamentos dos lotes de moradia e produção, entre outras coisas.

⁴ Embora a Fazenda da Ponte (nome da antiga fazenda) ainda seja um acampamento, a escolhemos para estudo, pois esta já se encontra praticamente consolidada em sua ocupação – os moradores residem no local há oito anos, estão distribuídos em lotes individuais, produzindo e/ou criando animais e com as casas já construídas em madeira ou alvenaria. A evasão é bastante reduzida e eles estão organizados socialmente em uma associação.

⁵ Chamamos de condições de habitabilidade, as condições estruturais e espaciais de uma moradia. Tais condições são tomadas em relação a uma condição mínima, razoável e relativa, daí que é necessário existir para que se possa habitar um ambiente, com um mínimo de salubridade, segurança e conforto: um cômodo, um banheiro e uma cozinha, cobertos e com paredes levantadas, com ventilação e esquadrias nos vãos.

⁶ O conceito de *qualidade* é um conceito bastante complexo, de conteúdo subjetivo, de caráter qualitativo, exprimindo juízos de valor, caráter ético e político. Segundo Camargo Moura, o conceito de *qualidade de vida* (e seus indicadores) pode ser “um instrumento de planejamento, servindo como um parâmetro do grau de cobertura das necessidades dos indivíduos ou grupos sociais, permitindo a detecção de desigualdades socioespaciais, derivadas dos diferentes graus de satisfação das necessidades, proporcionando bases para a elaboração de estratégias para melhorar o bem-estar” (cf. Camargo Mora, 1996). Usaremos esses entendimentos para analisar a

Entretanto, não podemos construir uma reflexão e analisar os dados tendo em vista somente as questões materiais. Elas devem vir acompanhadas de um olhar analítico que nos permita tecer um entendimento sobre as relações sociais e as representações simbólicas, existentes no acampamento, construídas pelas percepções e sentidos, que o trabalhador rural e sua família possuem sobre o *lugar*, o *território* e o *espaço*⁷ em que vivem e, nele retratam suas identidades e estratégias de organização familiar.

Procuramos perceber diferentes dimensões de uso dos espaços, de hábitos familiares, da distribuição das casas e cômodos, do tratamento do entorno, dos desejos de melhorias, enfim, dos múltiplos e variados dados que nos possibilitam compreender melhor, tais relações existentes.

Para a realização deste estudo partimos da hipótese que, apesar da precariedade das condições habitacionais e de infra-estrutura existentes no acampamento rural e, da ausência ou insuficiência de assistência técnica e apoio governamental no planejamento do espaço, existe uma lógica de organização familiar que, em grande parte dos casos, não é técnica e formal e, se esforça para superar tais carências e construir uma identidade simbólica com o espaço em que vivem.

Ela torna-se “visível” quando estimulamos a participação das famílias (pais, filhos, avós etc.), na elaboração e discussão de seus próprios projetos habitacionais. A idéia de que a construção das casas deve incorporar alguns elementos também ligados ao gosto estético das famílias, abre a possibilidade de, ao invés de projetarmos construções homogêneas por todo o futuro assentamento, como é o caso da maior parte dos projetos habitacionais feitos para comunidades de baixa renda no país, possamos permitir a oportunidade de participação e escolha, por parte dos moradores, dos processos e técnicas construtivas, dos materiais utilizados, das formas e distribuições internas, das cores e de elementos estéticos das casas.

Desta forma, nos referimos à necessidade do diálogo permanente entre o saber do pesquisador/técnico e o dos moradores locais, pois sem isso fica difícil uma incorporação efetiva das percepções dos moradores e a efetividade do processo de suas participações.

A busca pela formulação de uma metodologia de projeto participativo, tem um papel fundamental na construção das concepções, sentidos e intenções desta proposta. Ela guia a definição dos métodos de intervenção na prática e dá o tom das ações que buscam conhecer e analisar as realidades de intervenção. Os métodos elaborados são fundados em mecanismos de Diagnóstico Rural Participativo – DRP⁸.

O exercício da participação, colado à proposta de desenvolvimento dos projetos habitacionais, orienta as práticas que buscam estimular e valorizar os desejos dos moradores, mesclando-os com uma assistência técnica na elaboração dos projetos. Nesta perspectiva, o exercício da troca mútua, da socialização das informações, do questionamento a antigos conhecimentos e experiências, ou a situações do cotidiano presente, entre outras coisas, conduz a uma intervenção para muito além dos projetos técnicos habitacionais comumente elaborados. Estas iniciativas acabam conferindo outras dinâmicas que nos possibilitam humanizar nossos conceitos e nossas práticas, melhorar a qualidade dos resultados, enriquecer nossa formação, estimular o papel ativo dos moradores etc.

O ponto inicial no planejamento rural é o lote individual, onde as funções de habitação e produção estão fortemente entrelaçadas. Neste sentido, implícito na colonização dos assentamentos rurais está o inter-relacionamento espacial entre os recursos humanos e naturais. As relações entre as diversas identidades culturais existentes neste determinado grupo social e o espaço em que eles constroem e estabelecem sua vivência; entre a ocupação e

qualidade do ambiente construído, no caso a qualidade das casas. Tratamos mais a respeito, no capítulo da metodologia.

⁷ Sobre os conceitos de *lugar*, *território* e *espaço* trataremos mais adiante.

⁸ Sobre o Diagnóstico Rural Participativo – DRP, trataremos no capítulo referente à Metodologia.

a regularização da propriedade na terra e a qualidade do ambiente construído e; as relações, sociais e espaciais, que surgem no local que reúne o ambiente de moradia, de trabalho, e de diversão, são discussões que constituem importantes contribuições para o entendimento de como os trabalhadores rurais se organizam na unidade familiar e no assentamento e, de que forma constroem uma relação simbólica de identidade com o ambiente de moradia, a partir de sua própria lógica organizacional. A identificação com o lugar implica o grau de empatia com sua constituição, vivência e convivência.

O desenho espacial fornece importantes dados para a caracterização do cenário, onde é possível observar os ambientes de moradia, seus espaços íntimos e de socialização, os locais de trabalho, as opções de lazer, aspectos ligados à religiosidade e crenças etc. Diversos elementos cujos significados nos ajudam a compreender melhor o modo de vida e de uso do solo da família assentada. A habitação propriamente dita, apresenta particularidades ligadas essencialmente às condições de vida do meio rural. A relação da casa com o lote é considerada fundamental para a família, já que em torno dela, se desenvolvem a maioria das atividades realizadas.

A arquitetura e o urbanismo configuram-se, neste sentido, como ferramentas importantes apresentando-se, muitas vezes, como diferenciais dentro deste processo de pesquisa. Elas oferecem condições para compreendermos, sob determinada ótica, as relações do ser humano com sentidos, como: o frio, o calor, a claridade, a escuridão, o fechado, o aberto, o grande, o pequeno, o racional, o espontâneo, o real, o imaginário etc. A casa e seu entorno nos revelam muito dos moradores: como se dão as relações familiares e as relações família-comunidade, seus entendimentos sobre conforto, proteção e satisfação das necessidades, entre outras coisas. A organização espacial não é uma simples distribuição de elementos fixos sobre determinada base. Só pode ser entendida quando considerada dentro de um processo de relações sociais, econômicas e políticas.

Estudos que abordam em sua temática os assentamentos rurais indicam um quadro de carências e dificuldades existentes dentro desses territórios, necessitando ainda, de um maior número de pesquisas direcionadas às mais diversas áreas do conhecimento, com o intuito de conhecer e entender melhor tais realidades. Infelizmente, os trabalhos que relacionam a Ciência da Arquitetura e Urbanismo com as Ciências Sociais, direcionadas ao estudo do Mundo Rural rareiam, outorgando aos pesquisadores o papel de colaborar para a construção de quadros, reflexões e definições, com o objetivo de nivelar ou desenvolver tal foco. Ainda é bastante reduzido o número de estudos sobre a importância que a organização espacial, o planejamento do uso e ocupação do solo e o projeto habitacional participativo exercem sobre a colonização e a constituição dos assentamentos rurais de reforma agrária no Brasil.

Um dos esforços realizados enquanto pesquisador e que, de certa forma, justifica o caminho escolhido neste campo de trabalho, consiste em refutar uma premissa comum em grande parte dos arquitetos e que assim é expressa por Garry Stevens:

“Os cientistas da arquitetura não perdem tempo se preocupando em saber como seus preconceitos sociais afetam seus estudos sobre o efeito dos ventos na estrutura dos edifícios.

Os sociólogos da arquitetura precisam preocupar-se em saber como sua própria posição no campo acadêmico afeta suas descrições de seu objeto de estudo”. (Garry Stevens, 2003)

Neste sentido são essenciais as buscas pela teoria e prática social. Tanto os estudos acadêmicos quanto as vivências de campo são fundamentais. A oportunidade de aperfeiçoar o trabalho de extensão, com as visitas, viagens e vivências aprimoraram o olhar mais detalhado, mais atento e natural sobre o objeto de análise. Isso, contudo, sem deixar cair na concepção de que podemos ser pesquisadores e técnicos neutros. E nisso, concordamos com Bourdieu quando diz que “aquel que uma pessoa diz e faz é sempre influenciado por sua posição e localização social no campo em que se encontra”. (Pierre Bourdieu, 2005)

A simultaneidade entre a pesquisa e a ação, na qual o pesquisador também é sujeito do objeto analisado, como foi o caso, propiciou um processo de documentação, bem como de vivência, que serviu de base para melhor análise das questões, resultados e potencialidades surgidas, na constituição do espaço de diálogo com os moradores, centradas na discussão sobre as habitações.

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos. No primeiro, buscamos dotar o trabalho de conceitos, entendimentos e pressupostos, que acionamos e foram úteis, servindo muitas vezes de pontos de partida e reflexão, numa melhor compreensão do tema tratado. Procuramos descrever um quadro, que possibilitasse melhor compreensão da questão referida e seu contexto, proporcionando um maior envolvimento e apreciação a pesquisa.

Apresentamos, de maneira breve, os principais atores sociais envolvidos com o tema: o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - Incra. Abordamos algumas questões e reflexões acerca dos créditos rurais - maior instrumento das políticas públicas na implementação de suas ações, focando no crédito habitacional do Incra, neste caso, o crédito para Aquisição de Materiais de Construção, que é a principal fonte e ferramenta para os moradores iniciarem e viabilizarem suas casas.

No segundo capítulo fazemos uma apresentação do acampamento Terra Livre, com sua caracterização física, fundiária, histórica, ambiental, social e econômica, buscando compreender melhor o universo pesquisado. Iniciamos a discussão da metodologia utilizada no trabalho, trazendo as referências que foram úteis no processo de elaboração das técnicas aplicadas e analisadas. Neste sentido, buscamos alguns conceitos de metodologia participativa, apresentando o Diagnóstico Rural Participativo – DRP e alguns entendimentos sobre o conceito de *qualidade de vida*. A partir daí, elaboramos nossa metodologia, composta por entrevistas semi-estruturadas, matrizes de notas, levantamento físico das casas atuais, registros fotográficos, elaboração dos desenhos das casas pelos moradores, discussão conjunta - entre o pesquisador e as famílias - do projeto da futura moradia e elaboração dos mesmos.

No capítulo três apresentamos os resultados da aplicação da metodologia proposta, com suas análises e considerações, com gráficos, tabelas, registros fotográficos, desenhos dos moradores, plantas habitacionais humanizadas, plantas das casas atuais, textos discursivos, comparações etc. O trabalho de campo foi realizado entre setembro de 2006 e o julho 2007.

As considerações finais, presentes no capítulo quatro, abrangem o momento do retorno ao acampamento e a entrega dos projetos habitacionais a cada família. Abordamos a receptividade encontrada e as reações dos moradores aos resultados alcançados. Fazemos um balanço geral da iniciativa com as nossas expectativas e satisfações, vislumbrando futuras possibilidades de desdobramentos da pesquisa.

Cabe ressaltar, que não estão inseridas o total das plantas elaboradas e entregues aos moradores do acampamento Terra Livre. Isso se deve à elevada quantidade de plantas desenhadas. Foram feitas 139 plantas para todo o acampamento, entre o levantamento físico de todas as casas atuais e as plantas baixas humanizadas, cotadas, de cobertura, de reforma, de ampliação, de construção nova em um, dois ou três quartos, de acordo com as realidades de cada família. Estão inseridas duas ou três plantas de cada unidade, com o intuito de exemplificar, visualizar e comentar, mostrando, sempre que possível, o desenho da casa atual com o elaborado pelos moradores e com o projeto final proposto, no intuito de compararmos as diferenças e observarmos as mudanças.

No entanto, disponibilizamos, em anexo, um jogo completo das plantas elaboradas com uma das famílias para exemplificar a forma como foram entregues, em escala, à cada família moradora da comunidade Terra Livre.

CAPÍTULO I FUNDAMENTAÇÃO COMO O ALICERCE DO ESTUDO

“Devido à grande importância que a ocupação representa para os trabalhadores rurais sem-terra, o planejamento de uso e ocupação do solo pode representar o sucesso ou não do futuro assentamento.” (Mançano Fernandes, 1998).

Nossa idéia central incentiva o diálogo entre as ciências da arquitetura e urbanismo e as ciências sociais, olhando para o mundo rural sob a ótica de um tema ainda pouco tratado, focando grupos sociais de baixa renda que vivem no campo, desatendidos pelo governo e pouco conhecidos pela sociedade civil, vivendo sob a tensão da não regularidade da posse da terra e da falta de credibilidade social e financeira, mas em processo de organização, resistência e luta, com desejos e atitudes em busca de melhores condição de vida.

Nosso esforço conceitual indica a tentativa de contribuir para melhores entendimentos a partir de diálogos elaborados por diferentes autores (as) que, nas diversas áreas do conhecimento, proporcionam melhor compreensão do contexto e das múltiplas relações existentes, sejam entre os agentes envolvidos, os espaços e os territórios, os poderes e conflitos, o concreto e o simbólico etc.

1.1. Pressupostos e Referências

A partir da compreensão, no plano nacional, de informações já divulgadas por instituições reconhecidas, focamos nosso olhar sobre o objeto de estudo: o assentamento rural. O assentamento é um cenário composto de relações sociais múltiplas, que concentra certa diversidade e heterogeneidade, expressas na cultura, economia, política e organização social. Nesse sentido, entendemos como um espaço primordial para o processo de construção social e formação de identidades coletivas.

Observando os índices e dados que retratam as condições encontradas, no Brasil e no Estado do Rio de Janeiro, acerca do quadro habitacional atual, principalmente quanto ao seu déficit, condições de esgotamento sanitário, distribuição e tamanho dos estabelecimentos, compomos o referencial e os pressupostos adotados, e posteriormente, acionamos conceitos e entendimentos “chaves” para a melhor compreensão das questões tratadas.

Segundo o estudo intitulado: “Déficit Habitacional no Brasil, 2005”, da Secretaria Nacional de Habitação, vinculada ao Ministério das Cidades, baseada em uma pesquisa realizada pela Fundação João Pinheiro e pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD, chamada “Projeto de Apoio à Implementação do Programa HABITAR-BRASIL / BID”, para dimensionar e qualificar o déficit habitacional no Brasil, *déficit habitacional* pode ser entendido como a noção mais imediata e intuitiva da necessidade de construção de novas moradias para solução de problemas sociais e específicos de habitação detectados em certo momento. Complementar a este entendimento surge o conceito de *inadequação de moradias*, que por sua vez, reflete problemas na qualidade de vida dos moradores, não estando relacionados diretamente ao dimensionamento quantitativo de habitações e sim a especificidades internas das mesmas. Seu dimensionamento visa o delineamento de políticas complementares à construção de moradias, voltadas para a melhoria dos domicílios existentes.

Segundo o estudo, como *inadequados* são classificados os domicílios com carências de infra-estrutura, adensamento excessivo de moradores, problemas de natureza fundiária, em alto grau de depreciação ou sem unidade sanitária domiciliar exclusiva. A *carência de infra-estrutura* diz respeito a todos os domicílios que não dispõem de ao menos um dos seguintes

serviços básicos: iluminação elétrica, rede geral de abastecimento de água com canalização interna, rede geral de esgotamento sanitário ou fossa séptica e coleta de lixo. Já a *inadequação fundiária*, refere-se aos casos em que pelo menos um dos moradores do domicílio tem a propriedade da moradia, mas não possui a propriedade, total ou parcial, do terreno ou a fração ideal de terreno (no caso de apartamento) em que ela se localiza.

Neste quadro de inadequação fundiária estão a quase totalidade dos assentamentos e parte dos acampamentos rurais de reforma agrária no Brasil, onde seu parcelamento já se encontra executado ou pressuposto, com os lotes individuais distribuídos e as casas já construídas ou reformadas. No entanto, até a realização do que o Incra chama de “Emancipação dos Assentamentos”, quando estes ganham autonomia e auto-suficiência no processo de produção e gestão do assentamento e passam a adquirir a titulação definitiva dos lotes, os moradores possuem somente a propriedade da moradia e, não a propriedade do lote.

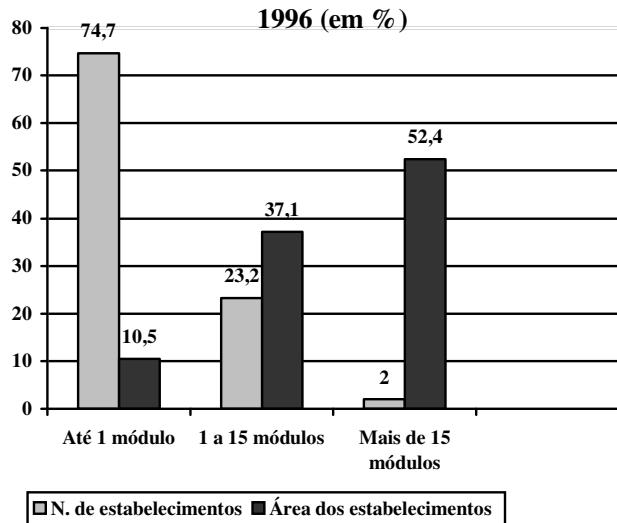
O estudo observa que o déficit habitacional no Brasil aproxima-se dos 7,90 milhões de domicílios, sendo 6,41 milhões em áreas urbanas e 1,49 milhões nas áreas rurais. Destes números, a Região Sudeste possui um déficit total de, aproximadamente, 2,90 milhões de domicílios (36,7% do total do país), sendo 2,72 milhões em áreas urbanas (42,5% do total do país) e 173,72 mil em áreas rurais (11,7% do total do país). Já o Estado do Rio de Janeiro possui um déficit de 580,62 mil habitações (7,3% do total do país), sendo que 571,61 mil em áreas urbanas (8,9% do total do país) e 9,00 mil em áreas rurais (0,6% do total do país).

De acordo com os dados contidos na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD-2005, realizada pelo IBGE, constatamos que o Brasil tem um total de, aproximadamente, 53 milhões de domicílios, onde 44,8 milhões estão em áreas urbanas e 8,2 milhões em áreas rurais. Na região Sudeste, o total de domicílios é de, aproximadamente, 23,8 milhões (44,8% do total do país), sendo 22 milhões nas áreas urbanas (49% do total do país) e 1,8 milhões nas áreas rurais (21,6% do total do país). Já no Estado do Rio de Janeiro, os números representam um total de domicílios de, aproximadamente, 4,94 milhões (9,3% do total do país), sendo 4,78 milhões (10,7% do total do país) nas áreas urbanas e 156,44 mil (1,9% do total do país) nas áreas rurais.

Quanto ao tamanho das propriedades, são considerados latifúndios as grandes propriedades rurais com área igual ou superior a 15 módulos fiscais; as médias propriedades são aquelas com área entre 4 e 15 módulos fiscais; e as pequenas propriedades rurais possuem área compreendida entre 1 e 4 módulos fiscais. O módulo fiscal é uma unidade de medida expressa em hectares que varia de região para região do país, de acordo com, por exemplo, a produtividade da área e o tipo de cultura predominante na região. Por isso o módulo fiscal possui tamanhos diferentes em cada região. Em Minas Gerais, um módulo fiscal mede 20 hectares, no Ceará, 50 hectares, e em Mato Grosso, 100 hectares. Esses valores mudam inclusive dentro de um mesmo estado.

Notamos no gráfico abaixo, as disparidades existentes entre o número de pequenos estabelecimentos em comparação com o número de grandes propriedades. A propriedade da terra se mantém, até os dias atuais, concentradas nas mãos de uma parcela bastante reduzida da população. O gráfico foi divulgado no estudo intitulado “Estatísticas do Meio Rural”, realizado pelo Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos - DIEESE e o Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural - NEAD/MDA, em 2006.

Gráfico 1: Distribuição do número e área dos estabelecimentos agropecuários por faixa de módulos fiscais do Incra - Brasil

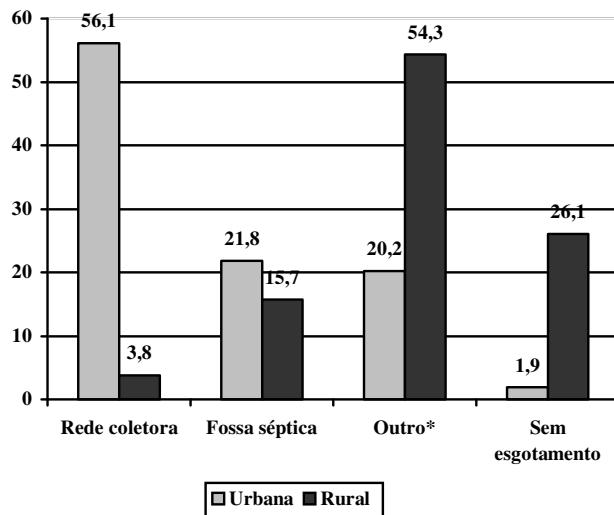


Fonte: IBGE. PNAD. Elaboração: DIEESE, 2006.

Sobre os números representativos acerca do sistema de esgotamento sanitário existente no Brasil, o estudo se baseou na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2004, divulgada do IBGE, indicando que o meio rural⁹, apresentava números que somavam um total de 300.292 habitações contendo redes coletoras; 1.065.988 habitações com fossas sépticas; 3.842.534 habitações com outro sistema de esgotamento sanitário, por exemplo: fossas negras ou apenas um buraco e 1.857.786 habitações sem nenhum sistema esgotamento, seja por falta de condições financeiras e de assistência governamental, ou por falta de conscientização e preocupação ambiental. Na região Sudeste, esses números representam respectivamente: 226.622 habitações com redes coletoras; 251.696 habitações com fossas sépticas; 1.090.260 habitações com outro sistema de esgotamento sanitário; 140.025 habitações sem nenhum sistema de esgotamento. Vemos no gráfico abaixo, as porcentagens existentes entre a presença de algum tipo de sistema de esgotamento sanitário nos domicílios urbanos em relação aos domicílios rurais.

⁹ Aqui, não nos detivemos na discussão conceitual de *rural e urbano*. Sobre o atual debate das concepções e conceitos existentes, ler Maria José Carneiro, Roberto Moreira, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Maria de Nazareth Wanderley, Sérgio Schneider, entre outros.

Gráfico 2: Distribuição dos domicílios por situação do domicílio segundo o tipo de esgotamento sanitário - Brasil 2004 (em %)



Fonte: IBGE. PNAD. Elaboração: DIEESE, 2006.

* Outro: quando os dejetos são esgotados para uma fossa rudimentar (fossa negra, poço, buraco, etc.), ou quando o escoadouro não se enquadra em rede coletora ou fossa séptica.

Obs: Exclui as pessoas sem declaração

Embora a presença de rede coletora nos domicílios, seja enormemente superior no meio urbano, este número representa somente 56% do total de domicílios urbanos existentes no país. Os dados revelam o elevadíssimo número de habitações, e assim de famílias, que estão em situações de grande ou extrema precariedade e carência no que diz respeito à disponibilidade de infra-estrutura e saneamento básico.

O acesso a esses serviços e outros atendimentos como: água para abastecimento, eletrificação, serviços de saúde, educação, sistema viário, moradias, segurança, rede de comunicações etc., aos pequenos municípios do interior brasileiro, ainda constitui o grande desafio para que o desenvolvimento local se manifeste de modo efetivo. O que tem ocorrido é que muitos municípios não apresentam autonomia financeira suficiente para implantar empreendimentos de infra-estrutura devido à baixa arrecadação.

Como observamos anteriormente, o déficit habitacional do meio rural do Estado do Rio de Janeiro é de aproximadamente 9 mil habitações, muitas delas dentro dos assentamentos e acampamentos rurais existentes. Dentre os movimentos sociais rurais atuantes no Estado do Rio de Janeiro, o MST apresenta-se presente em 23 acampamentos e assentamentos rurais, distribuídos pelas regiões do Estado - Norte, Sul, Baixada Fluminense e Lagos. São mais de mil famílias necessitando de novas habitações ou de melhores condições para as moradias existentes, além de serviços de infra-estrutura e saneamento básico, entre outros.

É interessante notarmos, como os assentamentos e acampamentos rurais estão distribuídos pelo Estado. No caso do MST, a forma na qual ele planejou e organizou suas ocupações, possibilitou a presença mais atuante nas regiões Norte e Sul. Isso remete ao reconhecimento do papel desempenhado pelo território no processo da dinâmica espacial e da interação entre os agentes sociais. O espaço não é um substrato neutro e passivo, sobre o qual repousa a organização social, mas onde se materializam e são expressas as relações sociais,

econômicas, políticas, culturais etc. Tem conteúdo histórico, ao mesmo tempo em que condiciona as atividades humanas atuantes, sendo também por elas transformado.

Cabe compreender como as relações ocorrem no espaço e formam o território do assentamento. Fernandes atribui à ocupação de terra e ao acampamento, condição de territorialização da luta pela terra, sendo por meio dos assentamentos que se dá a mobilização por todo o território nacional, questionando assim o poder do latifúndio.

“A luta pela terra leva a territorialização porque ao conquistar um assentamento, abre-se perspectiva para conquistar um novo assentamento. Se cada assentamento é uma fração do território conquistado, a esse conjunto de conquistas chamamos de territorialização. Os sem-terra, ao chegarem na terra, vislumbram sempre uma nova conquista e por essa razão o MST é um movimento sócio-territorial. A territorialização acontece por meio da ocupação da terra.” (Fernandes, 1998).

A organização espacial é condição de produção e reprodução de relações sociais locais que permitem a construção das variadas formas de manifestações coletivas que propiciam a consolidação do território do assentamento. A maneira pela qual a população se distribui no espaço terá impactos diretos no meio ambiente, no consumo de água, na produção de resíduos, no escoamento da produção e mobilização etc.

Pretendemos utilizar alguns conceitos de *espaço e território*, como ferramentas de estudo que nos auxiliam na melhor compreensão sobre o desenvolvimento e a dinâmica do processo de construção das identidades locais, individuais e coletivas, percebendo, com mais clareza, as variantes acionadas neste processo de formação, no qual são estabelecidos os diferentes graus de sentimentos de pertencimento ao lugar, e assim a consciência social sobre a relação com o espaço natural e construído.

Em termos de sua abrangência, o conceito de *espaço* é amplo e complexo. Em seus trabalhos, Milton Santos sugere que o *espaço* deva ser analisado por meio de categorias como: a *forma*, a *função*, a *estrutura* e o *processo*. A *forma*, segundo ele, é o aspecto visível de um objeto ou de um conjunto de objetos, neste caso, formando um padrão espacial. Assim, uma cidade, uma área rural e uma casa são exemplos de *formas* espaciais. Incluo aqui, o entendimento de *forma* na Antropologia Social, referente a todos os aspectos de um complexo cultural, cujas expressões podem ser observadas e transmitidas de uma sociedade a outra. Já a *função*, é uma tarefa ou atividade desempenhada por uma *forma* (objeto ou aspecto). As características sociais e econômicas de uma sociedade, em um dado momento, produzem a *estrutura*, ou seja, a natureza histórica do espaço, onde as *formas* e as *funções* são criadas e justificadas. E, finalmente, o *processo* é uma ação, freqüentemente contínua, que possui um resultado qualquer (mudança).

“O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”. (Santos, 1996).

Vista sob uma ótica convencional, a organização do espaço significa harmonizar e adaptar uma paisagem natural às exigências das atividades e necessidades humanas. Entendendo o espaço já não como palco das ações humanas, senão como um *fato social*, como propõe Milton Santos, a organização espacial reflete também, os processos econômicos, sociais, culturais e políticos que interagem sobre uma base física.

“O espaço é um fato social, na medida em que existe fora do indivíduo e se impõe tanto ao indivíduo como à sociedade considerada como um todo. Assim, o espaço é um fato social, uma realidade objetiva. Como um resultado histórico ele se impõe ao indivíduo. Estes podem ter dele diferentes percepções, e isto é próprio das relações sujeito e objeto. Mas uma coisa é a percepção individual do espaço, outra é a sua objetividade. O espaço não é nem a soma nem a síntese das percepções individuais. Sendo um produto, isto é, um resultado da produção, o espaço é um objeto social como qualquer outro.” (Santos, 1978)

O espaço organizado é o “resultado objetivo da interação de múltiplas variáveis através da história” (Santos, 1978), variáveis essas que, de acordo com circunstâncias

específicas, terão maior ou menor influência sobre a estrutura espacial sem, entretanto, descharacterizar a totalidade do processo.

A organização espacial, reflexo da organização social de um grupo, torna-se cada vez mais mutante dentro processo dinamizador da sociedade, o que nos indica, de maneira crescente, o determinante papel dos diferentes grupos sociais na produção do espaço construído. O termo *local* neste trabalho está associado à instância do acampamento.

Regina Araújo explicou diferentes tipos de organização do espaço, como por exemplo, a organização do tipo “espontânea” ligada à ocupação de uma área por um grupo de indivíduos à procura de uma base física para se estabelecer. Nestes casos, a implantação da infra-estrutura e dos serviços, quando ocorre, se faz como caudatário da ocupação. Outro tipo de organização espacial é a “dirigida”. Esta é determinada por uma ação direta ou indireta do Estado, visando à ocupação de um território ou à reorganização de uma comunidade, com fins específicos. Ela pode ser proposta pelo Estado de forma indireta, através de incentivos fiscais, ofertas regionais de infra-estrutura etc., ou pode ser proposta e executada diretamente pelo Estado, por intermédio de suas instituições. A organização do espaço, seja do tipo espontâneo ou dirigido, é o resultado de um conjunto de fatores que mantém entre si uma rede de relações e que, por sua vez, são dotados de dinâmica e movimento próprios. (Araújo, 1980)

Sobre os entendimentos de *território*, Marcelo Lopes de Souza o analisa como:

“... espaço determinado e delimitado por e a partir de relações de poder, que define, assim, um limite (alteridade) e que opera sobre um substrato referencial. Em suma, o território é definido por relações sociais. Outra característica dos territórios está no fato de serem dinâmicos. Enquanto relações sociais projetadas no espaço, os territórios podem desaparecer mesmo que os espaços correspondentes continuem inalterados”. (Souza, 1995)

Schneider, por sua vez, define *território* como:

“... espaço determinado por relações de poder, definindo, assim, limites ora de fácil delimitação (evidentes), ora não explícitos (não manifestos), e que possui como referencial o lugar; ou seja, o espaço da vivência, da convivência, da co-presença de cada pessoa. E, considerando ainda, o estabelecimento de relações, internas ou externas, aos respectivos espaços com outros atores sociais, instituições e territórios. Dentro deles, cada família estabelece mecanismos e meios de se reproduzir, por vezes formando microterritorialidades em que, no limite, cada unidade familiar pode ser considerada independente”. (Schneider, 2003)

O território é então percebido, a partir do conceito geográfico de lugar que, como tal, tem ao mesmo tempo uma projeção material, mas é, sobretudo, uma construção social do espaço que ocorre de forma coletiva e comungada pelos indivíduos e instituições que demarcam sua presença e estabelecem códigos de pertencimento a este.

Em termos espaciais, são nesses momentos de participação que os territórios podem ser criados, fortalecidos, reconstruídos ou, até mesmo, destruídos com base na consciência social do conjunto de atores e agentes envolvidos; e os lugares, podem adquirir um caráter territorial, de apropriação do espaço. Neste sentido, o território pode tornar-se uma mediação entre o lugar e o mundo exterior (regional, nacional e mundial), na tentativa de reprodução social e econômica dos indivíduos.

Segundo DaMatta, o espaço se confunde com a própria ordem social de modo que, sem entender a sociedade, com sua rede de relações sociais e valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido. O autor afirma que “a casa brasileira, com suas metáforas e símbolos, é concebida como uma área especial, onde todos que habitam a casa se relacionam entre si, por meio de laços de sangue, idade, sexo e vínculos de hospitalidade e simpatia, que permitem fazer da casa uma metáfora da própria sociedade” (Damatta, 1985). Neste sentido, o *espaço* não possui uma dimensão independente, estando sempre misturado e interligado com outros valores.

Para avançarmos no debate sobre as relações que existem e que são construídas e constantemente dinamizadas, entre o homem, no caso o trabalhador rural assentado, e o espaço em que estabelece a moradia e realiza o trabalho, é necessário entender o espaço também como um objeto de hierarquização e, então, de dominação, segregação e divisão funcional. “A materialidade do espaço não se limita à construção material dos lugares. Ela inclui a presença ativa neles contida, que os relaciona entre si.”¹⁰ (Svensson, 2001)

Torna-se primordial, uma compreensão adequada sobre a dimensão simbólica da casa e do lote, o que permitirá compreender melhor o que Linhares verifica sobre as habitações rurais, quando afirma que “... o espaço que é construído, organizado, classificado e enfeitado para a vida doméstica, traduz, materialmente, todo um conjunto de regras e valores que orientam não só a vida, propriamente doméstica, mas também as relações para com o mundo natural e social que lhe é exterior”. E continua, “... o nosso canto do mundo materializa amplamente, nesse sentido, o nosso lugar e o nosso modo de estar no mundo: elemento fundamental da dialética social, a casa (ou o espaço doméstico) é, a um só tempo, produto das regras e valores que orientam a vida daqueles que a conceberam, e produtora, enquanto transmissora, de muitas das regras e valores que orientam a vida daqueles que nela vivem”. (Linhares, 2003)

Assim sendo, a casa ocupa um terreno compatível com seu status social e denota, tanto no tamanho como na qualidade de suas instalações, um delicadíssimo ajustamento à estratificação da sociedade. Contudo, ela adquire valores humanos quando a entendemos como espaço de intimidade e conforto, superando a relação antes existente só com a geometria, o volume, os planos e as retas.

Outra fonte conceitual, que consiste em grande contribuição para nosso entendimento, diz respeito ao conceito construído por Pierre Bourdieu de *habitus*.

“O *habitus* é um conjunto de disposições interiorizadas que induz as pessoas a agir e reagir de determinadas maneiras e é o produto final do que a maioria das pessoas chamaria de socialização ou “enculturação”. Em grande parte não escolhemos ser o que somos, mas recebemos de nossa família uma maneira de olhar e fazer as coisas, um *habitus*, transmitido pelas gerações prévias. Em sentido bem real, o *habitus* é um análogo social de herança genética. Essa identidade é modificada à medida que passamos pelo sistema educacional e à medida que encontramos outros indivíduos ao longo de nossas vidas. De qualquer modo, as possibilidades de mudança são circunscritas por nossa própria história, pela história de nossa classe e pelas expectativas dos grupos com os quais nos identificamos. Podemos fazer nossa própria história, mas não necessariamente nas circunstâncias por nós escolhidas”. (Bourdieu, 2005)

Todas as pessoas têm seu próprio *habitus*, instilados desde o nascimento, mas modificados pela experiência. O *habitus* de uma pessoa gera percepções, atitudes e práticas muitas vezes construídas inconscientemente ou intuitivamente. “São princípios geradores de práticas distintas e distintivas, esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão de gostos diferentes. Ao serem percebidas, essas diferenças tornam-se diferenças simbólicas, tornam-se diferenças constitutivas de sistemas simbólicos”. (Bourdieu 1994)

Dentro deste olhar, a idéia central de Bourdieu é que existir em um espaço, ser um ponto, um indivíduo em um espaço é diferir, ser diferente. O *habitus* evidencia as capacidades criadoras, ativas e inventivas, do agente (que a palavra *hábito* não diz), embora chamando a

¹⁰ Sobre esse assunto ler Svensson. “Dentro do processo de desenvolvimento histórico, a sociedade se apresenta como algo extremamente dinâmico e dinamizador. Desta maneira, ela se transforma e se apresenta com diferentes formas ao longo dos tempos. A temporalidade social diz respeito justamente à forma pela qual a sociedade se apresenta dentro de certo contexto temporal. Assumindo o componente social como protagonista da arquitetura, a temporalidade da arquitetura se refere à arquitetura de um período e está fortemente vinculada e dependente do conteúdo social deste mesmo tempo”. (Svensson, 2001).

atenção para a idéia de que este poder gerador não é o de um espírito universal, de uma natureza ou de uma razão humana, como em Chomsky – o *habitus*, como indica a palavra, é um conhecimento adquirido e também um haver, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista) o *habitus*, a *hexis*, indica a disposição incorporada, quase postural -, mas sim o de um agente em ação.

A intenção da utilização da palavra *habitus* é sair da filosofia da consciência sem anular o agente na sua verdade de operador prático de construções de objetos.

Suas noções de *espaço* e também são de nosso interesse citar. Segundo Bourdieu, os campos se apresentam à apreensão sincrônica como espaços estruturados de posições (ou de postos), cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes. Possuem leis de funcionamento invariantes, sendo possível usarmos o que se aprende sobre o funcionamento de cada campo particular para interrogar e interpretar outros campos.

“Pode-se assim representar o mundo social em forma de um espaço (a várias dimensões) construído na base de princípios de diferenciação ou de distribuição constituídos pelo conjunto das propriedades que atuam no universo social considerado, quer dizer, apropriadas a conferir, ao detentor delas, força ou poder neste universo. Os agentes e grupos de agentes são assim definidos pelas suas *posições relativas* neste espaço. Cada um deles está acantonado numa posição ou numa classe precisa de posições vizinhas, quer dizer, numa região determinada do espaço.” (Bourdieu, 2005)

Na medida em que as propriedades tidas em consideração para se construir este espaço são propriedades atuantes, ele pode ser descrito também como campo de forças, quer dizer, como um conjunto de relações de forças objetivas impostas a todos os que entrem nesse campo e irredutíveis às intenções dos agentes individuais ou mesmo às interações diretas entre os agentes.

A posição de um determinado agente no espaço social pode ser definida pela posição que ele ocupa, nos diferentes campos, quer dizer, na distribuição dos poderes que atuam em cada um deles, sobretudo, o capital econômico – nas suas diferentes espécies -, o capital cultural e o capital social e também o capital simbólico, geralmente chamado prestígio, reputação, fama etc., que é a forma percebida e reconhecida como legítima das diferentes espécies de capital.

“A forma de que se reveste, em cada momento e em cada campo social, o conjunto das distribuições das diferentes espécies de capital, como instrumentos de apropriação do produto objetivado do trabalho social acumulado, define o estado das relações de força entre os agentes objetivamente definidos pela sua posição nestas relações.” (Bourdieu, 2005)

Assim como Bourdieu concebe o espaço social, Garry Stevens define o ambiente arquitetônico como o espaço no qual operam ambos os recursos, simbólico e econômico. Neste sentido as casas constituem espaços sociais providos de capital econômico e capital simbólico. (Stevens, 2003)

Essa lógica de organização espacial familiar está fortemente vinculada a um *poder simbólico*¹¹ de apropriação do espaço influenciado de diferentes maneiras pelo *habitus*. Esse *habitus* em conjugação com a realidade econômica e social local, implica em uma série de ações organizadas e planejadas pela unidade familiar e/ou pelo coletivo do assentamento que confere uma lógica particular de distribuição espacial do lote e da organização interna da casa. Esse planejamento doméstico reflete uma estratégia familiar de apropriação do espaço que acaba por fortalecer uma identidade carregada por percepções simbólicas e relações próprias com o ambiente de moradia.

¹¹ Ler sobre *poder simbólico* Pierre Bourdieu, 2005. O poder simbólico referido é o poder invisível que existe e é reconhecido e legitimado dentro de uma relação. Neste caso entre os membros da unidade familiar e entre esta e o espaço em que vivem.

Uma das dimensões mais importantes das lutas dos trabalhadores rurais está centrada no esforço para constituir um território familiar, um lugar de vida e de trabalho, capaz de guardar a memória da família e de reproduzi-la para gerações posteriores.

Assim como disse Mendras, “sendo a terra o maior patrimônio da família, as preocupações do camponês estão na perpetuação do sistema, na manutenção do seu gênero de vida e na continuidade de sua família”. (Mendras, 1978)

Ao longo do processo histórico, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST passou por variados estágios de organização interna na tentativa de construir um melhor modo de vida para os trabalhadores rurais. Com o passar do tempo, as experiências foram-se mostrando ricas, no que diz respeito a um entendimento melhor de como pensar o assentamento rural e quais os princípios diretivos. “Para facilitar e incentivar a participação dos assentados nos debates e ações sobre o desenvolvimento do assentamento, o MST começou a dedicar mais atenção ao traçado dos assentamentos. A terra antes dividida sem planejamento, passou a ser planejada com traçados que reduzem o isolamento entre as famílias e possibilitam a consolidação da comunidade”. (Branford, 2004).

Apesar de sua múltipla origem, os assentamentos rurais no Brasil representam uma resistência ao processo de separação entre o trabalhador rural e a propriedade rural. Numa sociedade sustentada pelo trabalho agrícola, o principal bem transmitido é a terra. Por sua dimensão de território de produção, a terra revela sua natureza ambivalente de bem patrimonial e de bem de produção.

Segundo Medeiros & Leite,

“Dentro de sua organização territorial, o assentamento tende a representar uma mudança na sua dinâmica, trazendo novas formas de ocupação do espaço – pequenos lotes em áreas onde antes o que predominava era a grande propriedade, agrovilas em áreas onde a população era dispersa, ou seja, os assentamentos mostram-se com uma grande capacidade de inovação organizacional, em áreas onde, antes de sua consolidação, predominavam, muitas vezes, culturas perenes e pastagens extensivas”. (Medeiros & Leite, 2004)

Dentro das lógicas familiares de produção e reprodução, o entendimento do valor do significado da terra é fundamental para a compreensão do funcionamento das unidades de produção. É necessário entender se a terra, ou quando a terra adquire valor de patrimônio familiar, e aí existe um valor de apego e identidade, ou se ela (terra) representa apenas uma ferramenta de trabalho e um objeto de especulação.

A terra entendida como, se não elemento protagonista, ator fundamental e determinante dentro da lógica de produção e reprodução familiar. A terra como sustento, moradia, trabalho, local de relações, de troca, de construção identitária, reprodução e conflitos. Enfim, devemos olhar a terra como um imenso palco de imensurável valor, onde encenam a vida de milhares de famílias de pequenos agricultores que lutam para produzir as riquezas de um país que vive, predominantemente, da agricultura familiar.

1.2. Sobre os Principais Agentes Sociais Envolvidos

É bastante vasta a bibliografia existente que percorre o processo histórico agrário do Brasil, recuperando a trajetória de formação e consolidação do latifúndio, das relações de força e poder estabelecidas, da organização social e sindical, do surgimento dos movimentos de luta pela terra, ou temas diretamente relacionados, em maior volume, sob a óptica política, econômica e social¹².

¹² Sobre o assunto ler autores como: Afrânio Garcia, Alberto Passos Guimarães, Ciro Cardoso, Fernando Antônio Azevedo, Isaac Akcelrud, José de Souza Martins, Luís Flávio Carvalho Costa, Nelson G. Delgado, Maria de Nazareth Wanderley, Sue Brandford, entre outros.

Neste sentido, não parece interessante debruçarmos sobre assuntos já tratados e repetirmos análises outrora discutidas. Contudo, torna-se importante citarmos dois dos principais agentes que participam e estão envolvidos nas questões diretamente tratadas neste estudo, o MST e o Incra.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra – MST, hoje maior movimento social da América Latina, é fruto de um complexo processo histórico de concentração fundiária, exploração do trabalho e expropriação social, que se deu ao longo da história da propriedade da terra no Brasil, principalmente no decorrer do século XX.

A direção na qual a política econômica nacional norteou seus investimentos, os mecanismos de desenvolvimento adotados pelo país, em busca do crescimento econômico, somados aos focos de resistência popular, às mobilizações e às lutas pela abertura política do país etc., contribuíram para criar uma conjuntura temporal, propícia e necessária, na qual insurgiu um movimento social que, até hoje, se empenha em reafirmar a necessidade da ocupação da terra como ferramenta legítima das trabalhadoras e trabalhadores rurais sem terra, organizados, que lutam não somente pela Reforma Agrária, mas, sobretudo, pela construção de um projeto popular para o Brasil, baseado na justiça social e na dignidade humana.

É dentro do “mundo” particular dos acampamentos e assentamentos rurais de reforma agrária, ligados ao MST, que este trabalho se desenvolve.

Sobre o entendimento de *trabalhadores rurais sem terra*, utilizado neste trabalho, acionamos Medeiros & Leite, em seu estudo “Assentamentos Rurais – Mudança Social e Dinâmica Regional”. Segundo os autores:

“Os trabalhadores rurais sem terra, beneficiários diretos das políticas públicas que criam os assentamentos rurais, e que se tornam os moradores titulares efetivos de tais assentamentos, são, em suas origens, de diversos tipos: posseiros, com longa história de permanência no campo, embora sem o título formal de propriedade; filhos de produtores familiares pauperizados que, diante das dificuldades financeiras para o acesso à terra, optaram pelos acampamentos e ocupações como caminho possível para se perpetuarem na tradição de produtores autônomos; parceiros em busca de terra própria; pequenos produtores, proprietários ou não, atingidos pela construção de hidrelétricas; seringueiros que passaram a resistir ao desmatamento que ameaçava o seu modo de vida; assalariados rurais, muitas vezes completamente integrados no mercado de trabalho; populações de periferia urbana, com empregos estáveis ou não, eventualmente com remota origem rural, mas que havendo condições políticas favoráveis, se dispuseram à ocupação; aposentados que viram no acesso à terra a possibilidade de um complemento de renda, entre outros.” (Medeiros & Leite, 2004)

E João Pedro Stedile, da direção nacional do MST, durante entrevista¹³:

“Os acampamentos rurais são formados por famílias de trabalhadores rurais pobres, que recebem os salários mais baixos da sociedade brasileira e percebem que a terra deve ser daqueles que trabalham nela, não daqueles que fazem reserva de patrimônio ou produzem para exportação. São pobres que vivem como arrendatários, bóias-friás, meeiros, e querem ter a própria terra para plantar. Tem também famílias pobres, que foram expulsas do campo e mudaram para a periferia das cidades, mas querem retornar ao campo e enxergam no MST uma alternativa de conquista da terra para melhorar a sua condição de vida, ter sua casa, uma horta para plantar e trabalhar, dar educação, lazer e garantir saúde para a família”. (Stédile)

Em outra esfera deste processo encontra-se o Governo Federal, que se faz responsável através do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – Incra. Este, vinculado diretamente ao Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), é uma autarquia federal criada pelo Decreto n. 1.110 de 9 de julho de 1970, e possui como missão prioritária, realizar a reforma agrária, manter o cadastro nacional de imóveis rurais e administrar as terras públicas da União. Encontra-se implantado em todo o território nacional por meio de 30

¹³ Entrevista concedida ao Jornal On Line Tribuna da Imprensa, após o 5º Congresso Nacional do MST.

Superintendências Regionais, responsáveis pela coordenação e execução das ações nos respectivos estados.

Cabe a essas unidades coordenar e executar, na sua área de atuação, as atividades homólogas às dos órgãos seccionais e específicos, relacionadas a planejamento, programação, orçamento, informática e modernização administrativa. Também devem garantir a manutenção, fidedignidade, atualização e disseminação de dados do cadastro de imóveis rurais e sistemas de informações do Incra.

Nos últimos anos, o Incra vem buscando incorporar entre suas ações a implantação de um modelo de assentamento com a concepção de desenvolvimento territorial. O objetivo é implantar modelos compatíveis com as potencialidades e biomas de cada região do País e fomentar a integração espacial dos projetos. Outra tarefa importante no trabalho da autarquia é o equacionamento do passivo ambiental existente, a recuperação da infra-estrutura e o desenvolvimento sustentável dos mais de cinco mil assentamentos existentes no País.

A Constituição Federal define que a propriedade da terra está subordinada ao cumprimento da sua função social. O Estatuto da Terra, Lei 4.504, de 30 de novembro de 1964, já considerava que o acesso a terra desse ser para quem nela vive e trabalha, sendo um direito do trabalhador rural e uma obrigação do Estado de promovê-la.

O modelo predominante de intervenção no campo fundiário se baseia na desapropriação por interesse social de latifúndios improdutivos. Seu fundamento está na concepção de que a redistribuição de terras tem um caráter necessariamente conflitivo e, portanto o instrumento da desapropriação constitui a forma de realizar transferências forçadas dos latifúndios para os trabalhadores rurais sem-terra.

Outra questão associada ao modelo da desapropriação é que as terras são, sempre, incorporadas ao patrimônio público e seu retorno ao patrimônio privado envolve, necessariamente, custos adicionais. Em termos práticos, isso significa a criação de vínculos de dependência entre o assentado e o Incra até que a titulação definitiva seja expedida e o pagamento quitado, sem a contrapartida da participação dos beneficiários na decisão sobre o preço da terra que, no fim das contas, terão de pagar.

O Título de Propriedade é um documento com valor legal, expedido pelo Incra, que concede ao assentado o direito de propriedade sobre a sua parcela no assentamento.

1.3. Uma Breve Abordagem a Respeito dos Créditos Rurais

Nessa conjuntura torna-se importante fazer uma breve exposição acerca de algumas questões relativas aos créditos rurais, maior instrumento de implementação das ações políticas públicas e mecanismo financeiro que possibilita aos assentados realizarem melhorias em seus lotes e casas. Vamos nos deter um pouco mais nos créditos ligados às políticas habitacionais, do Incra, para o meio rural.

Não é de nosso interesse analisar ou avaliar o sistema de créditos existentes para a zona rural, nem tão pouco mergulhar dentro das abrangentes discussões acerca das políticas públicas ou da evolução do processo histórico dos créditos. Nossa interesse, neste estudo, é lançar alguns dados e reflexões referentes às condições existentes de acesso e de uso dos créditos para construções e melhorias habitacionais, praticadas pelos assentados, através do atual Crédito para Aquisição de Materiais de Construção, vinculado à política de assistência do Governo Federal aos assentamentos rurais de reforma agrária, através do Incra.

Isso nos permite compreender melhor o processo atual de aquisição de tais créditos, a maneira como ele se viabiliza, suas premissas e condições, e o poder de atendimento às necessidades familiares através do recurso.

Esse assunto, embora não se configure como o foco central do trabalho, está diretamente ligado ao retrato das condições habitacionais dentro dos acampamentos e

assentamentos rurais, necessitando ser tratado, ainda que de forma sucinta, com atenção, pois é de enorme relevância para a melhor compreensão de como e sob quais condicionantes os novos assentados e os mais antigos (em assentamentos já consolidados), conseguem levantar ou reformar suas moradias, acionando quais ferramentas cabíveis, com qual apoio governamental, de modo a entender, mais claramente, aspectos relativos e, muitas vezes, causadores deste quadro habitacional, assim como, vislumbrar caminhos que possibilitem avançar na conquista da garantia do acesso ao direito, de todo cidadão, de habitar um espaço saudável, salubre e de qualidade.

É incontestável entre os agentes que estão envolvidos nas questões relativas aos assentamentos rurais, o papel fundamental atribuído ao crédito rural como instrumento de expansão das qualidades de moradia e infra-estrutura locais, prerrogativas básicas para a melhoria da qualidade de vida e da qualidade do ambiente construído, dada à precariedade das condições estruturais e financeiras das famílias moradoras dos assentamentos.

A formulação de políticas especiais de crédito para os agricultores assentados justifica-se tanto pela inadequação das condições praticadas pelo mercado financeiro, quanto pela situação em que estes agricultores se deparam ao terem acesso a terra. Na maioria dos casos, são agricultores pobres, com baixíssima ou nenhuma capacidade própria de investir em melhorias de seu lote, ou do assentamento como um todo, e desta forma, tais políticas tornam possíveis os acessos, muitas vezes pela primeira vez, aos mecanismos de crédito rural para produção e melhorias estruturais.

Cabe aqui, acionar outras duas reflexões de Medeiros & Leite, concluindo que:

“O acesso à terra e assim, à condição de assentado, permite às famílias moradoras, uma maior estabilidade e rearranjos nas estratégias de reprodução familiar que resultam, de modo geral, em uma melhoria das condições de vida, especialmente quando se considera a situação de pobreza e exclusão social que caracterizavam muitas destas famílias antes do seu ingresso nos projetos de assentamento.” E depois, referindo-se ao olhar do governo sobre o Programa de crédito, “Os programas e políticas públicas de crédito rural buscam assumir, quase sempre, um caráter de políticas de inclusão social ou de integração de grupos sociais economicamente carentes nos mercados locais e regionais. No caso dos agricultores assentados, os objetivos destas políticas, quase sempre circunscritos à dimensão econômica da vida social, são principalmente referidos à idéia de promover uma rápida “emancipação” ou “consolidação” dos assentamentos rurais como unidades produtivas. Uma vez integradas aos mercados, estes assentamentos ganham autonomia da intervenção estatal, conferindo, desta forma, uma medida da eficiência das políticas de reforma agrária.” (Medeiros & Leite, 2004)

É interessante notarmos como se deu o processo histórico dos créditos rurais, que hoje é implantado e, segundo o Incra, se propõe a estimular o crescimento ordenado dos investimentos rurais, a financiar o custeio e a comercialização de produtos agropecuários, a fortalecer os produtores rurais, particularmente os pequenos e médios, e facilitar a introdução de métodos racionais de produção no setor agrícola.

Regina Bruno e Marcelo Dias mostram, de forma sucinta, a evolução do processo de elaboração e execução das políticas de crédito no Brasil.

“Nos anos 70 as políticas de crédito eram intensamente dependentes dos recursos estatais e de sua ação política na gestão e definição das prioridades. No contexto do regime político autoritário vivido durante a ditadura militar (1964-1965), o Estado direcionou o Sistema Nacional de Crédito Rural à marcha pela modernização da agricultura brasileira. O crédito subsidiado se tornou o principal instrumento para a difusão de novas tecnologias no esforço para superar a agricultura tradicional e favorecer os processos de agroindustrialização ou, como argumentam alguns autores, de estabelecimento de um sistema agroalimentar com papel protagonista do capital industrial. O crédito, assim como os aparatos públicos de ensino, pesquisa e extensão rural voltaram esforços, interesses e recursos para os segmentos populacionais do campo, as regiões e os produtos que oferecessem maiores possibilidades de geração de renda, adequando-se às demandas da modernização.

Nos anos 80, no contexto de perda da capacidade financeira do Estado, passa-se do crédito para a política de preços mínimos. Uma década marcada pela oscilação na intervenção estatal: uso, abandono e retomada dos instrumentos de política agrícola. Na primeira metade, houve tentativa de manter o suporte financeiro à política agrícola, mas com instrumentos diferentes dos da década de 70. O período final dos 80 foi marcado pela redução do volume de recursos públicos para financiar a agricultura. Neste contexto, vêm à cena pública, novos atores sociais que, organizados, passam a reivindicar e criar ações políticas em prol do atendimento de suas demandas. Além da reforma agrária, do acesso à terra de plantio e moradia, os pequenos agricultores e os agricultores assentados em projetos de reforma agrária, queriam recursos para investir em suas terras para nelas poderem permanecer produtivamente.

Já nos anos 90, foi herdada a difícil capacidade financeira do Estado. Em sua primeira metade, prevaleceu a continuação de um processo de financiamento seletivo de alguns complexos agroindustriais, enquanto o crédito subsidiado e os preços mínimos cambalearam até sua quase completa extinção. Na segunda metade dos 90, passou-se a viver um contexto de intensas mudanças com o aumento dos conflitos pelo acesso e permanência na terra e pela gradual incorporação pelas políticas públicas de algumas demandas dos movimentos sociais e organização dos agricultores e trabalhadores rurais. Surgem novos programas de crédito e iniciativas alternativas localizadas. De um modo geral, as oportunidades de participação e gestão das políticas públicas se tornaram mais freqüentes, embora as antigas e persistentes estruturas e concepções se mostrasse como limites ao deslanche de políticas públicas de crédito para consolidação dos assentamentos rurais.” (Bruno & Dias, 2004)

O crédito foi institucionalizado no Brasil através da lei n.º 4829 de 05/11/1965, e se constitui até hoje um dos principais instrumentos utilizados pelo governo brasileiro na execução de sua política agrícola.

Entretanto, desde 1922 já são encontrados relatos sobre a existência de Crédito Agrícola, como segue a breve descrição abaixo:

- Em 1922, o Banco do Brasil criou uma carteira de crédito que não chegou a funcionar;
- Em 1923 criou-se o Banco Hipotecário Nacional, que não chegou a instalar-se;
- Em 1932 tentou-se, sem resultado, mais uma vez, a criação de um banco rural;
- Em 30/08/1937, a lei n.º 492 regulamentou o desempenho rural, assegurando instrumentos legais para a garantia de financiadores e de financiados defendendo-lhes os seus interesses;
- Em 1957, a lei n.º 3252 criou títulos de crédito para o meio rural;
- Em 03/09/1965, o FUNAGRI (Fundo Geral para Agricultura e Indústria), passou a coordenar todos os órgãos financiadores sobre a orientação do Banco Central da República do Brasil, decreto nº 56.835, por meio de seu órgão executivo GECRI (Gerência de Coordenação do Crédito Rural e Industrial);
- Em 05/11/1965, a lei nº 4829 possibilitou forma ativa ao sistema de garantias para o Crédito Agrícola, institucionalizando o Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR);
- Em 1985, foi concebido a alguns assentamentos do Sul do país, o Fundo de Investimento Social - FINSOCIAL, crédito advindo do BNDES, destinados à alimentação, construção de casas e compra de insumos e materiais de produção. Foi o primeiro recurso destinado pelo governo federal aos assentamentos para fins de reforma agrária.
- Em 1986, foi instituído o Programa de Crédito Especial para Reforma Agrária – Procera, pelo Conselho Monetário Nacional, de acordo com o que estava previsto no 1ºPlano Nacional de Reforma Agrária – 1ºPNRA;
- Em 1994, durante o governo Itamar Franco, foi criado pelo Ministério da Agricultura e do Abastecimento, o Programa de Valorização da Pequena Produção Rural (PROVAP), antecipando algumas concepções do futuro Pronaf;
- Em 31/07/1997, a resolução n.º 24120 do BACEN (Banco Central), cria o Pronaf – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar;

- Em 10/11/2005, a norma de execução n º 46 - estabeleceu o fluxo operacional para concessão, aplicação e prestação de contas dos créditos do Programa Crédito Instalação, no âmbito dos Projetos de Assentamento integrantes do Programa de Reforma Agrária.

1.4. Os Primeiros Passos para a Construção das Casas

Dentro dos debates sobre Crédito Rural, cabe a discussão acerca do programa de crédito para as questões relativas à habitação e infra-estrutura rural, de responsabilidade do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

Em relação às questões de infra-estrutura, o Incra, através das ações “Projetos de assentamento em implantação” e “Recuperação, qualificação e emancipação de projetos de assentamento”, busca dotar de infra-estrutura básica rural necessária os assentamentos. As prioridades são as construções e/ou complementações de estradas vicinais, implantação de sistemas de abastecimento de água e construção de redes de eletrificação rural. Essas ações são fundamentais para a permanência dos assentados no campo e são executadas de forma direta, através de licitações públicas ou por meio de convênios ou acordos de co-participação celebrados com outras instituições governamentais das esferas Federal, Estadual ou Municipal.

A execução de infra-estrutura básica é muito demandada pelos assentados e é um dever do Governo Federal cumprir com o compromisso, ao criar os assentamentos, de adotar, na sua jurisdição, padrões de qualidade de vida, principalmente, nos campos da saúde, educação, habitação, transporte e água potável.

No campo da habitação, encontramos o Programa de Crédito Instalação. Este programa atua com uma equipe multidisciplinar de técnicos nas Superintendências Regionais e Unidades Avançadas do Incra. A aplicação dos recursos é realizada com a participação das Associações ou representantes dos assentados, orientadas pela Assessoria Técnica na escolha e no recebimento dos produtos. Estes são pagos diretamente ao fornecedor – mercados locais, lojas de material de construção e de implementos agrícolas. O programa também faz parcerias com instituições financeiras governamentais (Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal).

Ressaltamos abaixo alguns dados retirados da Norma de Execução n º 46, que trata dos créditos do Programa de Crédito Instalação nas modalidades Apoio Inicial, Aquisição de Materiais de Construção, Fomento, Adicional do Semi-Árido e Recuperação Materiais de Construção. Segundo suas diretrizes básicas, a execução, acompanhamento e fiscalização do programa são de responsabilidade das Superintendências Regionais do Incra, sendo que sua concessão se faz após a criação do Projeto de Assentamento, e se dá de forma individual – por titular, sendo aplicada coletivamente, conforme previsto em Instrução Normativa.

Dentro deste Programa existem cinco modalidades, com diferentes valores e limites de crédito. São elas:

Modalidade Apoio Inicial – Destina-se à segurança alimentar das famílias beneficiadas e ao atendimento de suas necessidades básicas, através da aquisição de bens de consumo essenciais e indispensáveis à qualidade de vida e o início da fase produtiva do projeto de assentamento.

Modalidade Aquisição de Materiais de Construção – Destina-se à construção das habitações rurais nos Projetos de Assentamento e inclui o pagamento de mão-de-obra.

Modalidade Fomento – Destina-se a consolidar a segurança alimentar das famílias e gerar renda, prioritariamente fortalecendo as atividades produtivas no entorno das habitações e experiências de micro-crédito associativo.

Modalidade Adicional do Semi-Árido – Destina-se a atender as necessidades de segurança hídrica das famílias dos projetos de assentamento localizados nas áreas circunscritas pelo Semi-Árido, reconhecidos pelo IBGE, expostas à freqüentes secas prolongadas e que

necessitam de soluções em captação, armazenamento e distribuição de água, vedada a utilização em equipamentos de transporte como carro e caminhão-pipa.

Modalidade Recuperação Materiais de Construção – Destina-se às famílias dos Projetos de Assentamento com o Plano de Recuperação do Assentamento – PRA aprovado, que por meio de diagnóstico físico e sócio-econômico, apresente necessidade de melhorias habitacionais, apontadas por laudo técnico individual, que indique os valores necessários para cada família, a serem investidos na reforma e/ou conclusão da moradia.

Cabe acrescentar, que o beneficiário assentado em lote que já contenha moradia proveniente das benfeitorias desapropriadas, também pode acessar essa modalidade, mediante laudo técnico individual que indique os valores necessários para a reforma e/ou ampliação da habitação existente.

Nosso interesse específico são as Modalidades Aquisição de Materiais de Construção e Recuperação Materiais de Construção. Estas, na aplicação dos recursos, admitem a compra de itens necessários à construção e reforma da habitação rural da família, no Projeto de Assentamento, inclusive para o saneamento básico, permitindo também, a utilização dos recursos no pagamento de mão-de-obra em até 15%.

Os pré-requisitos para a aplicação do Crédito Instalação nessas modalidades são: Modalidade Aquisição de Materiais de Construção – Os beneficiários devem estar constando regularmente na Relação de Beneficiários homologada e atualizada no Sistema de Informações Rurais – SIR, adotado pelo Incra; a modalidade Apoio Inicial já deve estar aplicada, pelo menos, por 75% dos beneficiários e não haver pendência na prestação de contas total ou parcial que impeça o prosseguimento; o perímetro do Projeto de Assentamento esteja demarcado e os lotes estejam devidamente identificados, conforme projeto de parcelamento, excetuando-se os casos de agrovilas e projetos de exploração coletiva, quando bastará que os projetos urbanísticos estejam aprovados pelas comunidades, e estejam identificados os arruamentos e quadras, de tal forma que seja assegurada a correta localização das habitações dentro dos terrenos com uma área mínima de 300 metros quadrados; haja condições de acesso ao projeto que permita a entrega do material de construção a ser contratado; o projeto das casas esteja aprovado pelas comunidades, com planta e especificações técnicas assinadas por técnico habilitado, prevendo uma área mínima construída de 36 metros quadrados, a utilização de materiais usuais em habitações rurais da região, saneamento básico e conforto térmico, além do respeito às peculiaridades e tradições locais; admite-se a construção de habitações mistas (madeira e material), desde que possuam banheiro e tratamento sanitário.

Quanto à modalidade Recuperação Materiais de Construção, os pré-requisitos são: que a modalidade Aquisição de Materiais de Construção porventura concedida tenha sido aplicada integralmente, ou dada por aplicada, no caso do reconhecimento de Projetos de Assentamento; o Projeto de Assentamento tenha Plano de Recuperação do Assentamento – PRA elaborado e aprovado; o beneficiário esteja constando regularmente na Relação dos Beneficiários atualizada a mais de dois anos, e sejam comprovadas a morada habitual no Projeto de Assentamento e a produção familiar em seu lote; que o Incra produza ou forneça Laudo Técnico Individual apontando, para cada caso, o motivo da recuperação, as obras necessárias e uma planilha estimando custo de material e mão-de-obra; que o beneficiário se comprometa a realizar a integralidade das obras previstas no Laudo Técnico, quando o valor previsto extrapolar o limite desta modalidade.

A operacionalização dessas modalidades se dá através da Comissão de Crédito, nomeada pelo Superintendente Regional do Incra, e que é a responsável pela aplicação e fiscalização do crédito, cabendo-lhe também orientar e informar os representantes dos beneficiários sobre os objetivos do crédito, seus direitos, obrigações, bem como a forma de operacionalização e comprovação perante o Incra.

As condições de pagamento dos contratos de Crédito Instalação são definidas em norma própria, de cobrança de crédito, editada pela área administrativa do Incra, sendo seus valores cobrados em separado das prestações anuais referentes ao pagamento pelo recebimento da posse definitiva do lote, através do Título de Domínio.

Segundo o “Manual dos Assentados e Assentadas da Reforma Agrária”, elaborado pelo Incra, o Crédito Instalação tem por finalidade dar suporte às famílias para que possam iniciar sua vida no assentamento. Os benefícios devem garantir a segurança alimentar das famílias assentadas, pela compra de alimentos e aquisição de insumos agrícolas; a construção e recuperação de moradias; a segurança hídrica aos projetos localizados no semi-árido brasileiro, com a construção de pequenos sistemas de captação, armazenamento e distribuição de água; e a aplicação em bens de produção (sementes, mudas, matrizes animais, etc.) para a geração de renda.

Os valores referentes ao crédito e as modalidades previstas vêm sendo adequados ao longo dos anos. Desde 2005, são cinco as modalidades e valores correspondentes instituídos:

- Apoio Inicial: R\$ 2,4 mil por família;
- Aquisição de Materiais de Construção: R\$ 5 mil por família;
- Fomento: R\$ 2,4 mil por família
- Adicional do Semi-Árido: Até R\$ 1,5 mil por família
- Recuperação de Materiais de Construção: Até R\$ 3 mil por família

De acordo com a nova Instrução Normativa nº 40, de 11 de junho de 2007, foram fixados novos valores para a implementação do Programa de Crédito Instalação aos beneficiários dos projetos da Reforma Agrária.

Os novos valores são referentes às modalidades, Aquisição de Materiais de Construção, que passa de R\$ 5 mil reais para R\$ 7 mil reais por família, e Recuperação de Materiais de Construção, que passa de R\$ 3 mil reais para R\$ 5 mil reais por família.

Foi também criada a Modalidade Reabilitação de Crédito de Produção, que se destina à recuperação da capacidade de acesso a novos créditos, possibilitando a quitação de financiamento contraídos no âmbito do Programa Especial de Crédito para Reforma Agrária - Procera.

Segundo o mesmo manual, “A modalidade Apoio Inicial serve para comprar gêneros alimentícios, ferramentas e alguns animais. Na compra de animais, é obrigatória a apresentação pelo vendedor, das fichas de vacinação contra febre aftosa e o atestado sanitário. Sempre que possível, é recomendado ter a presença de um técnico especializado em agropecuária...”. Já o Crédito Aquisição de Material de Construção, “é destinado e deve ser usado na compra de materiais para a construção ou reforma da casa da família. Os (as) assentados (as) devem identificar na comunidade quem tem habilidade para os trabalhos de construção, e para organizar mutirões. Somente em último caso, deve-se contratar mão de obra especializada”.

Aqui cabe um comentário acerca do trecho citado, publicado pelo INCRA, e que se desdobra em importantes questões sobre qual tipo de política pública para a habitação vem sendo tratada pelos órgãos responsáveis. Como pode ser recomendada, na modalidade Apoio Inicial, a presença de um técnico especializado em agropecuária, no momento da compra de novos animais, e na hora de se construir a casa de moradia da família, o governo explicitar, na modalidade Aquisição de Materiais de Construção, que somente em último caso deve haver a presença de um técnico especializado, incentivando, na comunidade, a identificação de quem tem *habilidade* para os trabalhos de construção?

Isso demonstra uma postura que ignora o papel exercido pelos profissionais da área tecnológica, principalmente da Arquitetura e Engenharia, na realização de suas atribuições competentes e como sujeito pró-ativos do desenvolvimento.

Como, desta maneira, podemos alcançar os próprios objetivos estipulados pelo Incra quando diz que a finalidade da concessão do crédito é reduzir o déficit habitacional, qualificar o processo de construção de casas nos PAs (Projetos de Assentamentos), recuperar moradias em assentamentos antigos, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida e cidadania das famílias e a sua permanência no meio rural?

Essas questões, na verdade, estão explícitas nas regras do programa, nas condições dadas aos assentados para participar do “jogo”, principalmente em duas situações: no insuficiente valor de crédito concebido para aquisição de materiais de construção, tanto para reforma quanto para casa nova e na falta de previsão, condição e estrutura para assistência técnica, em arquitetura, durante o processo de elaboração dos projetos residenciais e acompanhamento das obras até sua etapa conclusiva.

É incontestável, por parte dos atores que estão envolvidos com a área da construção civil, o fato de que R\$ 5 mil por família para a compra de materiais para construção da casa é extremamente insuficiente e não possibilita a construção de uma residência digna, com qualidade e um padrão razoável de acabamento. Não é possível fazer a “mágica” da construção de casas com espaços minimamente confortáveis com esse valor. Ou seja, a família começa a construir a casa e não termina, usando os recursos para levantar parte dos cômodos necessários, com tamanhos mínimos e conforto térmico duvidoso, além de não realizar o acabamento, inclusive no banheiro e cozinha, utilizando, na maioria dos casos, materiais de baixa qualidade. Esses fatores contribuem para a mais curta vida útil da casa.

Em relação à assistência técnica, não existe nenhum programa do Incra que preveja a prestação de assistência na área da arquitetura, tanto na elaboração dos projetos quanto no acompanhamento das obras. O Incra não tem corpo técnico suficiente e nem estrutura para realizar tais serviços, embora reconheça a necessidade de se fazer, não tendo ainda construído nenhuma diretriz operacional de programas nessa área.

Esses dados conduzem a um entendimento do programa atual de crédito para Aquisição de Materiais de Construção, como parte de uma política de ajuda de custo, por meio de crédito, e não de inclusão social, tendo por finalidade apenas contribuir para que as famílias possam começar a construir suas casas e não qualificar o processo de construção de casas nos assentamentos, reduzindo o déficit habitacional e elevando a qualidade de vida dos moradores. Cabe a seguinte ressalva: é inegável a ascendência no padrão de qualidade de vida das famílias moradoras dos assentamentos de reforma agrária, através do acesso, com condições especiais de pagamento dos financiamentos, aos programas oficiais de crédito rural, dada à situação de pobreza e exclusão social que caracterizam muitas destas, antes do seu ingresso. O que trazemos à discussão, diz respeito a que nível de melhoria de vida as famílias atingem, sob quais condições e através de quais instrumentos de políticas públicas.

CAPÍTULO 2 OS PROCEDIMENTOS DE INVESTIGAÇÃO

2.1 Visitando a Comunidade

Conforme descrito no capítulo de apresentação, o local escolhido para a realização da pesquisa foi o acampamento rural Terra Livre. No decorrer deste trabalho usaremos o nome Comunidade Terra Livre, em sinal de respeito e concordância à forma como eles se vêem.

Em lugar de buscar definir a comunidade por meio de uma conceituação elaborada *a priori*, preferimos pensar a noção de comunidade como *categoria nativa*, ou seja, a partir do sentido atribuído por quem vive, considerando-o como um ponto de vista. Embora nunca estejamos inteiramente seguros de que o que atribuímos ao outro, corresponde ao que ele atribui a si mesmo, dificuldade inerente às relações intersubjetivas, buscamos nos aproximar desse entendimento e observar a realidade por eles construída, constituída de uma linguagem, socialmente elaborada e internalizada pelos moradores. Dessa forma, eles se denominam simbolicamente, a partir de um discurso, sobre si mesmo, que opera como um discurso oficial.

Seguem abaixo algumas considerações sobre a comunidade Terra Livre com seus aspectos físicos, fundiários, econômicos, sociais, estruturais e históricos da área¹⁴.

1. Localização: A comunidade Terra Livre (ou Fazenda da Ponte) situa-se no município de Resende-RJ, dentro na mesorregião do Sul Fluminense, micro região do Vale do Rio Paraíba Fluminense, que possui uma área territorial de 1.113 km², uma latitude central de 22°46' Sul e longitude 44°45' Oeste, com altitude da sede de 407 metros acima do nível do mar. Possui 104.549 habitantes, sendo 95.963 residentes em área urbana e 8.586 em área rural, de acordo com o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2000.

2. Área: A área de abrangência do Terra Livre é de aproximadamente 426 hectares.

3. Acesso: Para chegar à Comunidade é necessário acessar, a partir de Resende, a estrada RJ 161, conhecida localmente como Resende - Riachuelo, entrar a direita no quilômetro 13 (a partir de Resende), seguindo, aproximadamente, seis quilômetros em estrada vicinal sob uma linha de transmissão de Furnas.

A Comunidade está situada no médio Vale do Rio Paraíba do Sul, região privilegiada por sua estratégica localização, distando, aproximadamente, 164 km da capital do Estado do Rio de Janeiro, ao qual pertence, e 257 km da cidade de São Paulo. De sua porteira até o centro do município de Resende são cerca de 23 quilômetros, dos quais 12 quilômetros em estrada de terra. A comunidade faz divisa com o município de Itatiaia através do rio Paraíba do Sul, sendo necessário atravessá-lo utilizando embarcação.

A entrada da fazenda possui as seguintes coordenadas: S22°29'55" e W44°32'22", e seu final possui as coordenadas: S22°30'34,2" e W44°33'58,2".

¹⁴ As informações foram retiradas do “Estudo de Viabilidade Econômica da Área Denominada Terra Livre”, realizado pelo Instituto para o Desenvolvimento do Médio Vale do Paraíba do Sul – IMVAP e, do “Diagnóstico Agroambiental de Viabilidade Econômica da Área Denominada Terra Livre, Resende – RJ”, realizado pela Emater - RJ.



Figura 1 Mapa da Região de Resende e Itatiaia no Estado do Rio de Janeiro, 2007.
Fonte: internet

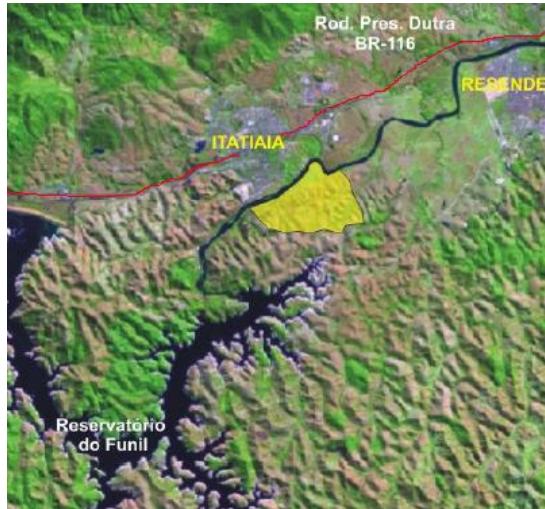


Figura 2 Mapa de localização do acampamento Terra Livre na Região. A área do acampamento está em amarelo.
Fonte: Diagnóstico Agroambiental realizado pela Emater, 2002.

4. Proprietário: A fazenda faz parte do espólio de Orlandino Klots, administrado pelo advogado, Coronel Dr. Edgar Queiroz e, segundo informações locais, está arrestada pela Justiça do Estado do Rio de Janeiro, entre outros bens, para pagamento tanto de dívidas trabalhistas, como débitos a fornecedores da empresa da família Rocha Klots, Moraves Agropecuária, então administrada pelo Sr. João Luiz da Rocha Klots, a qual faliu causando grande impacto social e econômico na Região, conforme registrado, na época, pela imprensa local.

Atualmente, a fazenda encontra-se ocupada por 30 famílias de trabalhadores rurais sem terra e um pecuarista local que firmou um contrato de arrendamento com a firma falida, tratando o assunto diretamente com um dos herdeiros, o Sr. João Luiz da Rocha Klots. O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – Incra informou ao Juiz da Comarca de Resende o interesse pelo imóvel, para ser utilizado no processo de reforma agrária. A ocupação da área ocorreu no dia 06 de março de 1999 com a participação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST.

Os lotes são individuais e se encontram delimitados e em parte cercados, devido à criação animal. Estão distribuídos lado a lado, ao longo da estrada principal que corta a fazenda. O acampamento está dividido em três núcleos de moradias, com 10 famílias em cada núcleo. Estas moram tanto nas casas já existentes da fazenda, como em casas construídas, pelas mesmas, ao longo dos anos de ocupação.

5. Situação encontrada na época da ocupação: Na época da ocupação, a propriedade possuía inúmeras instalações prediais em condições de uso imediato, tais como: 08 casas, 01 pociela, 01 curral com estábulo para bovinocultura leiteira, 04 galpões (100 x 20 metros) para avicultura com condições de utilização, bem como, outros 17 necessitando de reforma. Na época existia posteamento e rede elétrica dentro da fazenda.

As terras estavam basicamente ocupadas com pastagens e algumas manchas de revegetação nativa. Os recursos hídricos são abundantes, tanto pela presença do Rio Paraíba do Sul que acompanha toda a fronteira noroeste da propriedade, quanto pelas pequenas nascentes que brotam em várias grutas, contribuindo ao Paraíba. As estradas internas e pontes

encontram-se, hoje, em melhor estado de conservação do que na época da ocupação, necessitando, no entanto, de constante manutenção, pois suas condições de uso pioram sempre que ocorrem chuvas no local.

6. Histórico da utilização da fazenda: Segundo informações de produtores antigos da região, o local onde hoje está situada a fazenda foi, no século passado, um cafezal bastante produtivo e que, com a decadência da atividade em toda a região, transformou-se também em fazenda de criação de gado para corte e leite. No final da década de 1970 ocorreu, na região, um surto de crescimento da avicultura de corte associada à suinocultura, ocasião em que foram construídos 21 galpões de, aproximadamente, 100 x 20 metros, nas áreas próximas a estrada de acesso, ao longo do rio Paraíba do Sul, com recursos de financiamento do Crédito Rural Educativo - CRE. Nesse mesmo período, nos morros, ocorreu o replantio da cultura do café seguindo as mais modernas técnicas utilizadas à época. Essa atividade, no entanto, foi logo abandonada devido à queda repentina dos preços internacionais do produto o que tornou inviável a manutenção da cultura. Com isso, as terras altas foram novamente ocupadas com pastagem, em parte com brachiaria, e foi retomada a pecuária mista corte/leite. Com a crise da avicultura de corte – no final dos anos 80 e início dos 90 - e com o acúmulo de problemas econômicos da empresa que explorava o imóvel, foram paralisadas as atividades intensivas. Através de reclamações judiciais dos empregados e fornecedores que não receberam a remuneração pelos serviços prestados, está sendo solicitada a alienação de parte dos bens da família para pagamento dos débitos.



Foto 1 Vista geral do acampamento Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.]
Fonte: Diagnóstico Agroambiental realizado pela Emater, 2002.

7. Solo: O solo largamente predominante é o latossolo vermelho - amarelo, distrófico, nas partes altas e solos sedimentares aluviais junto à calha do rio Paraíba do Sul. O solo encontra-se em estado de erosão, decorrente de um processo histórico de ocupação e uso da terra, incorretos. O fato de ser íngreme favoreceu o escoamento superficial da água das chuvas e tornou-se improdutivo. Em meados do século XVIII foram introduzidas no Vale do Paraíba as lavouras de café que aos poucos foram substituindo as florestas da região. Seu fim, deu lugar à pecuária, sendo que as queimadas usadas no controle das pastagens e o pisoteio do solo pelo gado, foram responsáveis pelo cenário de degradação generalizada das terras da região. Com o declínio da atividade agropecuária, houve um contínuo crescimento urbano-industrial na Região do Vale do Paraíba.

8. Topografia: Predominam o ondulado à fortemente ondulado, com áreas de platô, fraldas e lançantes suavemente onduladas e, na calha do Paraíba, significativas baixadas. A altitude

varia entre as cotas 380 e 552 metros, sendo composta pela Serra da Bocaina e a Serra da Mantiqueira, ambas pertencentes ao complexo da Serra do Mar.

9. Clima: Fortemente influenciado pela topografia dos segmentos, o clima, segundo a metodologia de Koppen, pode ser classificado como: cwa - chuvoso no verão e seco no inverno, com pequena amplitude térmica. Generalizando, pode-se dizer que o clima é mesotérmico brando com déficit hídrico de cinco meses no inverno.

Do ponto de vista agronômico, o déficit hídrico acentuado, associado às características dos solos já descritas, provoca uma forte restrição ao plantio sem irrigação, no inverno – junho, julho e agosto. Por outro lado, a coincidência desse período de estiagem com as baixas temperaturas, prejudica o desenvolvimento de algumas culturas tropicais no local, favorecendo outras culturas temperadas.

10. Infra-estrutura: Existem vários ramais ferroviários interligando a localidade à Região Sudeste do País. Em qualquer ponto da propriedade é possível usar telefone celular – existe um sistema de antenas de empresas telefônicas implantado em toda a região, o que permite contatar qualquer lugar do país, inclusive em sistema digital. Não existe instalação de linha telefônica convencional no local.

O transporte por terra é feito, em sua maioria, por meio de bicicletas e carros e, pela água, através de pequenas canoas que cruzam o Rio Paraíba.

A Comunidade é cortada por córregos e nascentes utilizados para abastecimento das famílias e para estufa de produção de mudas. Três reservatórios distribuem água (sem tratamento) para todos os lotes.

As famílias estão organizadas na Associação dos Produtores Rurais da Comunidade Terra Livre, e a pedido desta Associação, a Emater-RJ, em parceria com a Prefeitura Municipal de Resende, implantou um açude visando o abastecimento de água para irrigação. A fazenda ainda possui quatro cisternas de 25.000 litros, que necessitam de manutenção, e acumulam a água captada das chuvas, canalizando-as até os galpões.

Cada uma das famílias possui cerca de 1,5 hectares de terra agricultável na área de baixada. As grotas não são ocupadas por serem consideradas áreas de preservação permanente. Além da área de baixada, cada titular possui cerca de 7 a 8 hectares na área de morros e capoeira, o que soma cerca de 8 a 10 hectares de lote para cada família.

11. Educação: Existe uma escola na fazenda (Escola Chico Mendes) para o ensino fundamental no período diurno. Os adolescentes e adultos estudam na escola municipal próxima à comunidade.

12. Assistência Médico-Odontológica: A Prefeitura Municipal presta assistência médico-odontológica através de uma Unidade Móvel que visita a comunidade mensalmente.

13. Fonte de Renda: Através de orientações de técnicos da Emater-RJ, as famílias estão desenvolvendo a atividade agropecuária, criação de frangos, bovinos e cultivo de hortaliças e mudas de árvores nativas para reflorestamento desenvolvidas sem utilização de agrotóxicos, artesanato e agroindústria (fabricação de doces caseiros, compotas, conservas etc.).

14. Mercado consumidor:

14.1 – Mercado local e regional: A localização geográfica da Fazenda, entre os Municípios Fluminenses de Itatiaia e Resende, vizinha a Porto Real, Quatis, Volta Redonda e Barra Mansa, bem como a proximidade dos municípios do Sul de Minas Gerais (Itamonte, Itanhandú, São Lourenço, Caxambu) e de São Paulo (Queluz, Bananal, Guaratinguetá e N.S. Aparecida), todas com atividade industrial e turística bem desenvolvida, permite uma privilegiada situação em relação a um mercado consumidor estimado em mais de um milhão de habitantes. Algumas dessas cidades, no período de alta temporada turística, chegam a dobrar sua população.

14.2 – Mercado nacional: Outra facilidade em relação ao mercado consumidor é a proximidade com as duas principais metrópoles do país – Rio de Janeiro e São Paulo, bem

como, dos portos de Santos, Angra dos Reis, Sepetiba e Rio de Janeiro, servidos por uma malha rodoviária e de aeroportos da região. Isso permite o fluxo de mercadorias com mais segurança e rapidez. Resende ainda possui um Rodo Porto e abrigará uma extensão da Zona Franca de Manaus, amplamente anunciados na imprensa local e reivindicados por alguns políticos da Região. Essas facilidades beneficiam tanto o fluxo de distribuição e vendas dos produtos agropecuários quanto a aquisição de insumos, embalagens e outros materiais necessários à produção moderna de alimentos.

15. Atividades promissoras: É indicada a agricultura fundamentada em atividades intensivas que apliquem tecnologias brandas, de baixo custo de investimento e, que aceitem agregação de valor, sofrendo pequeno processamento agro-industrial, preferencialmente na própria fazenda, como por exemplo:

FRUTICULTURA = frutas frescas, frutas cristalizadas, doces, geléias, vinhos, licores, compotas, sucos, mudas de plantas frutíferas etc.;

HORTICULTURA = hortaliças frescas, temperos prontos, condimentos, picles, massa e extrato, pastas, mudas de plantas ornamentais, sementes de hortaliças etc.;

PLANTAS MEDICINAIS, AROMÁTICAS e CONDIMENTARES = folhas, pó, sache, extrato, pomada, tinturas, mudas de plantas medicinais etc.;

CRIAÇÕES INTENSIVAS DE ANIMAIS:

BOVINOS = leite, carnes, queijos, manteiga, iogurte e outros derivados;

CAPRINOS = leite, carnes, queijos, iogurte e outros derivados;

AVES = carnes, ovos caipira e outros derivados;

SUÍNOS = carnes, embutidos, defumados e outros derivados;

ABELHAS = mel, própolis, geléia, cera e outros derivados;

PEIXES = carnes, ovos, patês, defumados e derivados, entre outras atividades.

REFLORESTAMENTO = plantas nativas, eucaliptos, palmitos etc.

2.2 Escolhendo as Ferramentas Certas

Discutiremos a seguir a metodologia utilizada, explicitando as razões de sua escolha, referências conceituais e práticas, objetivos, processo de elaboração, procedimentos de aplicação e resultados alcançados.

Desde o início da concepção da metodologia adotada, possuímos uma idéia, relativamente clara, do resultado final que almejávamos alcançar. Foi conversado inicialmente, com a comunidade, que faríamos conjuntamente, para todas as famílias moradoras, os projetos habitacionais das novas construções ou das reformas e ampliações das casas atuais. Como expressamos no capítulo introdutório, tal iniciativa objetiva assessorar as famílias para que tenham em mãos seus novos projetos habitacionais, condizendo com suas vontades e, ao acessarem os créditos de Instalação Inicial, possuam uma orientação prévia sobre como construir as casas, com qual tamanho de cômodos, sob qual orientação solar, aonde abrir as janelas e portas, quais tipos de material utilizar etc.

O desafio foi estruturar métodos de investigação que permitissem diagnosticar o cenário das condições e dos usos existentes, das residências das famílias acampadas e estimulassem a participação dos moradores na concepção dos próprios projetos habitacionais.

Com isso, esperamos criar condições de perceber, através do diálogo sobre os projetos a serem elaborados, o modo como cada morador se apropria dos espaços em que vive, dos símbolos e referências acionadas e carregadas pelas famílias na hora de pensar a moradia, atentando para a subjetividade transmitida, tentando compreender melhor o que Bourdieu chama de *habitus* e que está vinculado a cada indivíduo, verificando como enxergam e se relacionam com o ambiente em que moram, trabalham e se divertem, possibilitando expressar

suas posições de classe, muitas vezes referidas, ao expressarem as vontades e expectativas durante o processo de pensar a nova casa.

Uma das primeiras etapas realizadas foi identificar passos básicos para o desenvolvimento de uma metodologia participativa, que não fosse estruturante, mas flexível e, possibilidadesse pensar e projetar habitações rurais com o envolvimento e a participação das famílias acampadas. Isso, mediante métodos que disponibilizassem dados e informações, gerando reflexões e análises, da maneira particular de como essas famílias ocupam os lotes, relacionando-se com o meio ambiente e social, tecendo suas redes de contatos e expressando suas idéias e desejos acerca de seu *habitat*¹⁵.

Para responder a essa primeira demanda, acionamos a bibliografia sobre as Metodologias Participativas de diagnóstico de campo. Não é nossa intenção criar uma nova concepção metodológica ou seguir, fielmente, uma já existente, mas reunir características de variados tipos de métodos para trabalho de campo e, construir nossa proposta de acordo com os objetivos existentes.

Buscamos experiências a respeito dos Diagnósticos Participativos e dos recentes debates sobre *qualidade de vida* e, seus indicadores de mensuração e análise. A partir daí, iniciamos as bases de nossa metodologia.

Neste sentido, convém construirmos um melhor entendimento acerca de alguns conceitos que utilizaremos nas práticas de campo. Não é nosso interesse discutir quais conceitos procedem ou não, nem de confrontá-los, mas explicitar como utilizamos e tornamos ferramentas de melhor análise e compreensão dos resultados. Interessa aqui conhecer um pouco do processo histórico e das práticas experimentadas.

2.3 Conceitos e Práticas

A utilização em pesquisas de campo de uma metodologia participativa é recente dentro do processo da pesquisa científica. Até a década de 1970, a maior parte dos trabalhos de campo documentados, era executada mediante aplicação de questionários, em sua maioria, demorados, de estrutura formal e estanque, com pouca participação, muitas vezes realizados com altos custos (tempo, pessoal), inacessíveis às condições locais e de certa forma fragmentados.

A partir do final dos anos 70, a estrutura dos diagnósticos começou a sofrer sensíveis alterações. Em 1978, durante uma Conferência na Inglaterra, foi apresentado o DRR – Diagnóstico Rural Rápido. Este diagnóstico inovou em sua metodologia a maneira de se captar informações e analisá-las, o que fez com que durante toda a década de 1980 fossem realizadas diversas experiências utilizando-se este novo método, em comunidades, a princípio, da Ásia e África, com posteriores publicações de resultados.

Em 1985, numa Conferência Internacional na Tailândia sobre o tema, reuniram-se inúmeras experiências acumuladas com o objetivo de estruturar um balanço qualitativo de suas práticas. A partir de então, Universidades e ONGs iniciaram uma série de sistematizações sobre diversos métodos práticos de pesquisa, com posterior publicação de experiências e resultados obtidos.

Foi na década de 90 que surgiu o DRP – Diagnóstico Rural Participativo e, desde então, vem sendo cada vez mais utilizado, nos estudos e trabalhos realizados junto a comunidades rurais, devido à sua boa assimilação e resposta e, à sua fácil adaptação e flexibilidade. No Brasil, os primeiros relatos de uso das técnicas de DRP em comunidades rurais, ocorreram em Minas Gerais e na Paraíba.

¹⁵ Sobre habitação rural e *habitat* rural, ver Carlos Eduardo Costa, 1995. O autor aborda os diversos tipos de habitações rurais existentes no Brasil, a partir do conceito de *habitat* e desenvolvimento rural integrado, fazendo inclusive, uma proposta de racionalização pela autoconstrução.

Seus enfoques argumentam que tanto a produção do conhecimento quanto a geração das potenciais soluções devem se devolvidas e compartilhadas com aqueles cujas estratégias de vida formam o sujeito da investigação.

“A investigação participativa propõe inverter os enfoques que tradicionalmente são de cima para baixo para um enfoque mais centrado na diversidade local e que não possua os planos rígidos acerca do processo de aprendizagem.” (Chambers, 1994)

Na literatura, menciona-se que muito da mudança de postura ocorrida, em busca de diagnósticos mais participativos, surgiram de uma maior conscientização, por parte dos pesquisadores e extensionistas, sobre o papel desempenhado pelas comunidades, objetos de estudo, acerca dos programas de desenvolvimento.

“Os pesquisadores, os extensionistas, os professores etc., acreditavam que o conhecimento que possuíam era simplesmente superior àquele encontrados nas comunidades rurais. Com isso, a crença tradicional era de que a análise e a avaliação da informação poderia ser realizada unicamente, pelas pessoas externas, que estavam investigando”. (Conway and Barbier, 1990)

Para Chambers (1994) esta atitude gerou resultados que, interpretados unicamente pelos agentes externos, mostram-se parciais e não representam a realidade percebida pelos moradores locais.

Muitos pesquisadores consideram o Diagnóstico Rural Participativo - DRP como um conjunto de enfoques e métodos de aprendizagem da vida rural com e para a população rural.

“É um processo que não gera somente aprendizagem, mas também ação. É um processo que faz com que a população rural compartilhe, desenvolva e analise seu próprio conhecimento da vida e suas condições para planejar e atuar.” (Guijt and Cornwall, 1995)

São diversas áreas do conhecimento que tem contribuído para a construção de métodos específicos que proporcionam a interação entre a população rural e os agentes que se dedicam à pesquisa e ao desenvolvimento. Desta forma, o DRP baseia-se em um enfoque de investigação da ação, no qual a teoria e a prática estão experimentando um processo de revisão contínua, a base de experiências, reflexões e aprendizagens.

“Desta forma os moradores locais, ao se tornarem atores participantes da pesquisa, apropriam-se e compartilham conhecimentos, abordam novas experiências, motivam-se, produzem informação e adaptam os elementos que para eles são significativos, a partir de seus valores e necessidades como seres humanos.” (Sriskandarajah et al., 1991)

Sobre o conceito de *participação*, utilizamos os entendimentos de Irene Guijt, sobre o termo. Para ela, concebe-se *participação* como uma consulta, em níveis elementares, por meio de envolvimento e troca, de uma entidade ou equipe organizadora com membros de uma comunidade local. Entretanto, existe uma vasta gama de concepções, referentes à suas metas e práticas, sendo muitas vezes mal definidas e perdendo o sentido, ao chegarem os momentos de sua implementação. Guijt ressalva que um dos erros, frequentemente cometidos, ocorre quando se usa o termo em seu sentido normativo, considerando qualquer ação *participativa* como sendo positiva e promotora de capacitação. “A prática pode ocultar atividades de desenvolvimento que se baseiam em manipulação e até coerção”. (Guijt, 1999)

Fazemos, então, um comentário aos entendimentos do processo de *participação*. No decorrer do trabalho de campo, das visitas às famílias e conversas nas horas livres, percebemos situações semelhantes às relatadas por Guijt, como os envolvimentos diferenciados, demonstrados pelas famílias, ora ativos e intensos, ora parciais e “flutuantes”, evidenciando diferenças nas posturas e entusiasmos praticados, pré-estabelecidos entre os sexos, gêneros, idades, graus de escolarização etc., que muitas vezes ocorreram, mesmo dentro de um pequeno grupo familiar.

Na pesquisa, adotamos elementos presentes nos Diagnósticos Rurais Participativos e adequamos aos nossos objetivos e condições. Por algumas razões, como a falta de estrutura

financeira, de pessoal de apoio, de tempo etc., a metodologia não seguiu, de forma fiel, a estrutura utilizada nos DRPs.

Nosso interesse não consiste na realização de um trabalho, junto aos grupos da comunidade, com a intenção de fazer monitoramentos e avaliações durante determinado período, criando parâmetros e indicadores e, verificando sua evolução ao longo do tempo. Consiste em promover a realização de uma pesquisa, junto a cada família moradora, visitando as casas e discutindo, participativamente, os projetos de reforma e ampliação ou de novas construções, apresentando como resultado, o projeto residencial familiar, contemplando as vontades e desejos dos moradores, as questões técnicas necessárias e as limitações financeiras existentes. Esta última é trabalhada, propondo-se projetos que prevejam ampliações modulares, podendo ser executadas ao longo do tempo, de acordo com as possibilidades de cada família.

Embora tenhamos apresentado uma proposta de metodologia previamente estruturada, ela é bastante flexível e se adaptou facilmente às questões surgidas no decorrer do trabalho de campo. Para nos auxiliar e agregar valor à pesquisa, acionamos alguns trabalhos sobre o conceito de *qualidade de vida*. Seus entendimentos e os processos de construção dos indicadores de mensuração possibilitaram enriquecer os métodos de investigação e as ferramentas de análise, gerando melhores condições para compreensão dos resultados obtidos, ligados diretamente aos indicadores qualitativos e subjetivos.

Segundo Maria Camargo Mora, *qualidade de vida* é um conceito bastante complexo, de conteúdo subjetivo, de caráter qualitativo, exprimindo juízos de valor, caráter ético e político.

“O conceito de qualidade de vida (e seus indicadores) pode ser um instrumento de planejamento que permite analisar o grau de satisfação das necessidades dos indivíduos ou grupos de indivíduos, com o objetivo de detectar desigualdades espaciais derivadas dos diferentes graus de satisfação de suas necessidades, e desta forma, proporcionar bases para o desenho de estratégias e linhas de ação que permitam melhorar o bem-estar e por fim alcançar melhores níveis de qualidade de vida”. (CAMARGO MORA, 1997)

Até meados da década de 1950, os estudos sobre desenvolvimento humano baseavam-se no conceito de nível de vida, que era associado ao nível de consumo (associado à idéia de ter). Nos anos 60, o modelo convencional foi ampliado. Os estudos incorporaram o conceito de estado de bem-estar, que procurava traduzir o status de uma dada sociedade sob o ponto de vista econômico e social, mas fundamentado em procedimentos matemáticos e estatísticos que mediham, no geral, o grau de escolaridade, nutrição, emprego, saúde etc.

Durante a década de 1970, os estudos sobre os problemas sociais se expandiram. O conceito de bem-estar sofreu alteração e ampliação. O entendimento anterior sobre bem-estar econômico, que se referia ao grau de consumo de bens e serviços pelos indivíduos, medido em termos monetários, passou a adquirir um significado mais amplo em direção ao bem-estar geral e social. Incorporaram-se aspectos sociais aos econômicos, onde a idéia principal pressupunha que, melhorar o bem-estar de uma população exigiria incremento no fluxo de bens e serviços para que mudanças sociais positivas pudessem ser alcançadas.

Dessa forma, foram adicionados componentes sociais e passou-se a observar as “necessidades básicas” de um dado grupo e as formas de garantir uma melhor assimilação social da renda gerada.

Nos anos 1980, vários trabalhos passaram a incorporar o aspecto ambiental como elemento central da discussão, ganhando corpo o debate sobre a *sustentabilidade*. O meio ambiente passou a ser visto como um sistema de recursos e um potencial produtivo para uma estratégia alternativa de desenvolvimento. Na seqüência, ganhou corpo a discussão sobre *desenvolvimento sustentável*, que agrupa à discussão ambiental, a necessidade de desenvolvimento do homem integral e de formas de ampliação da gama de opções disponíveis para os indivíduos. Nesse contexto, o debate sobre a qualidade de vida ficou mais marcante.

“Seguiu-se, então, um esforço para construir um indicador que integrasse aspectos múltiplos, participantes da *qualidade de vida* dos indivíduos na vida social, econômica e ambiental. (associado à idéia de ser)” (Camargo Mora, 1997)

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD apresentou no início da década de 1990, o Índice de Desenvolvimento Humano – IDH, que visava medir a qualidade de vida nos diferentes países, mediante a utilização de três indicadores básicos: expectativa de vida, taxa de analfabetismo e nível de renda. Esses três indicadores refletiriam o nível da saúde, do conhecimento e do acesso a bens materiais, considerados como elementos primordiais na avaliação da *qualidade de vida* (Souto et al., 1995).

Desde então, variadas pesquisas e diversas experiências práticas empenharam-se numa mais precisa elaboração e caracterização do que seria *qualidade de vida* e de que forma seria possível medi-la, ampliando o leque dos critérios de análise necessários e incorporando, cada vez mais, dentro das premissas, a questão da percepção dos indivíduos.

De fato, o conceito de *qualidade de vida* é bastante relativo. O seu uso implica comparação e medição, de situações individuais e coletivas, que podem ou não diferir segundo cada família, apresentando diferenças nos seus níveis de exigência e aspirações. Para discutirmos a percepção de um indivíduo dentro do entendimento sobre *qualidade de vida*, cabe levantar as situações ou contextos nas quais ele está inserido. Segundo Cardim & Souto, são quatro contextos: trabalho, família, amizade e lazer; e os fatores interferentes são: alimentação, vestuário, habitação, higiene, saúde, educação, circulação, comunicação e recreação. (cf. Cardim & Souto, s.d:13-6).

Para a pesquisa acadêmica, o indicador social é o elo entre os modelos explicativos da teoria social e a evidência empírica dos fenômenos sociais observados. Em uma perspectiva programática, torna-se um instrumento operacional para monitoramento da realidade social.

“O indicador social é uma medida em geral quantitativa, dotada de significado social substantivo, usado para substituir, quantificar ou operacionalizar um conceito social abstrato, de interesse teórico (para pesquisa acadêmica) ou pragmático (para formulação de políticas). É um recurso metodológico, empiricamente referido, que informa algo sobre um aspecto da realidade social ou sobre mudanças que estão se processando na mesma. Os indicadores sociais possibilitam o monitoramento das condições de vida e bem-estar da população e permitem aprofundamento da investigação acadêmica sobre a mudança social e sobre os determinantes dos diferentes fenômenos sociais”. (Carley, 1985).

De acordo com as Nações Unidas, os indicadores sociais podem ser classificados segundo as diversas aplicações a que se destinam. A classificação mais comum é a divisão dos indicadores segundo a área temática da realidade social a que se referem. Há, assim, indicadores de saúde, de educação, de mercado de trabalho, demográficos, de habitação, de segurança pública e justiça, de renda, etc. (Nações Unidas, 1988).

Pelo fato dos indicadores serem medidos em diferentes unidades de medida e, portanto, com diferentes intervalos de variação, eles são transformados em medidas adimensionais com magnitude entre 0 e 1, a partir de valores extremos normativos (piso e teto). O índice final é calculado como a média das medidas e, portanto, também tem seus valores no intervalo de 0 a 1. Com base nesse índice é possível classificar como baixo (inferior a 0,5), médio (entre 0,5 e 0,8) e alto (acima de 0,8), aquilo que se deseja mensurar.

2.4 Por um Processo mais Participativo nos Resultados

Optamos por uma atuação a nível familiar, visitando cada casa e construindo, junto com os moradores, seus projetos habitacionais, analisando cada possibilidade, dentro das expectativas e vontades expressas, buscando adequá-las às realidades financeiras de cada família, de modo a propiciar um resultado final que fosse de satisfação coletiva, mediante um processo participativo de elaboração.

Essa tarefa exigiu a criação de um sistema de informações, que em sua forma ideal, incluiu: famílias identificadas; definição do enfoque da questão abordada; coleta dos dados condizentes com a questão tratada; dinâmicas de análise estimulantes aos procedimentos participativos, observação participativa e análise dos resultados parciais ao longo do andamento da pesquisa.

Buscamos proporcionar um processo interativo, com envolvimento, troca de conhecimentos e análises flexíveis, porém estruturadas. Os métodos se mostraram úteis para a identificação das percepções locais sobre o espaço, as relações com as casas e os sonhos de mudanças futuras. Dentro das limitações financeiras, estruturais e dos prazos previstos, não pudemos discutir, com a comunidade, a elaboração das técnicas aplicadas, seus conceitos, potencialidades e limitações.

O que fizemos foi criar uma metodologia semi-estruturada, que possibilitou alcançar os objetivos, com a máxima participação e envolvimento da comunidade, na elaboração dos resultados, assim como, possibilitou aprimorar as técnicas, na medida em que eram aplicadas e sofreram observações dos envolvidos.

Neste sentido, foi elaborada uma metodologia estruturada da seguinte forma:

- Entrevista semi-estruturada;
- Matriz de notas por percepção;
- Levantamento físico da casa atual;
- Registro fotográfico;
- Observação contínua;
- Desenho, elaborado pelas famílias, para a nova casa ou para reforma e ampliação da casa atual;
- Conversa conjunta e elaboração dos projetos habitacionais;
- Entrega dos projetos em escala, humanizados e cotados;
- Conversa com as famílias sobre os resultados alcançados;
- Análise dos resultados;

• **Entrevista semi-estruturada**

Esse método foi elaborado a partir de questões com diferentes enfoques de análise, que possibilitam constatar como o morador percebe os espaços que o rodeiam, a partir de um olhar mais abrangente – relacionado ao lote, para um olhar mais específico – de percepções da casa atual e desejos de mudanças.

Durante o processo de aplicação, a entrevista tornou-se uma espécie de “questionário-conversação”, onde muitas vezes os assuntos eram levantados, atentando-se para certos aspectos importantes, e logo depois, durante a conversa, os familiares se mostravam mais a vontade para responder, muitas vezes com espontaneidade, alterando a ordem inicial, o que fez com que algumas questões fossem previamente comentadas, sem a nossa indagação, mediante estímulo do próprio morador para tratar sobre os temas, o que proporcionou flexibilizarmos sua realização.

Por algumas vezes, depois da aplicação da entrevista e, com alguns resultados parciais em mãos, voltamos novamente para a discussão sobre as questões contidas na entrevista, e percebemos que algumas poderiam ser modificadas e outras incluídas, fato que contribuiu bastante para o amadurecimento do processo. Essas perguntas que integram a totalidade do questionário foram intercaladas com base em critérios definidos, para que em seu conjunto, nos permitissem cruzar ou intercalar itens e assim obter algumas respostas “indiretas” que nos pareciam bastante úteis.

Segue o modelo de entrevista semi-estruturada aplicada às famílias moradoras da comunidade Terra Livre.

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

As perguntas sublinhadas não são aplicadas de forma direta. Referem-se às percepções que o pesquisador constata da área.

Sobre o morador / proprietário

Nome:

Sexo:

Idade:

Escolaridade:

Estado Civil:

Quantos Filhos?

Estudam?

Trabalham no lote?

Trabalham fora?

O sustento da família provém somente do trabalho no lote?

Nascido onde?

Onde morava antes de vir para esta terra?

Em que já trabalhou?

Sobre a propriedade (lote e relação com o entorno natural e construído)

Área total da propriedade (ha):

Mora há quantos anos?

Quem é o titular?

Número de edificações no lote:

Quais?

Recebeu ou recebe algum tipo de assistência técnica?

O lote possui área de reserva legal ou de preservação permanente?

Possui infra-estrutura básica? Luz água potável saneamento

Acha importante haver planejamento do espaço no lote?

Por quê?

Como escolhe aonde vai construir?

Cerca o terreno?

Por quê?

O que planta?

Se pudesse que melhoria faria no lote?

Sobre a casa: seus espaços e cômodos

A casa já existia ou você construiu?

Há quantos anos vive na casa?

Quem mora na casa?

Quem é o responsável pela casa?

Quantos cômodos possui a casa? Quais?

Onde passa a maior parte do dia na casa?

Por quê?

Quem construiu? Família

Terceiros

Ambas

Como construiu?

Qual origem dos recursos empregados na construção?

Houve financiamento? De quem?

Se pudesse que melhoria faria na casa?

Qual é o estado de conservação da casa? Aqui serão feitas imagens da casa.

Sobre o conforto ambiental e térmico da casa

Quais sensações a casa expressa quanto à:

Calor:

Você acha a casa fria ou quente?

Porque você acha que ela é assim?

Como podemos melhorar a situação?

Qual o pé direito da casa?

Você considera a casa alta ou baixa?

Como você prefere? Por quê?

Iluminação:

Como é a iluminação?

Você acha a casa clara ou escura?

Como podemos melhorar a situação?

Qual a cor da casa?

Ventilação:

Como é a ventilação da casa?

Você acha a casa é arejada?

Como podemos melhorar a situação?

Qual a espessura da parede?

Você acha que o tipo de parede (madeira, tijolo, etc.) e o tipo de cobertura (cerâmica, amianto, etc.) influenciam no conforto interno da casa?

Sobre os sistemas construtivos

A casa foi construída com quais materiais?

Como você escolheu os materiais de construção?

Como foi feita a casa (toda de uma vez ou em etapas)?

Quanto tempo levou para ficar pronta?

Como é a fundação?

E a cobertura?

E o piso?

Parede?

Teto?

Como é a estrutura?

E a planta baixa?

Algum profissional especializado ajudou na construção?

Já realizou alguma obra para conservar a casa?

Construiria diferente se possível? O que mudaria?

Está aberto à utilização de novas técnicas construtivas?

Já construiu outras casas? Como fez?

Acha importante haver Assistência Técnica em Arquitetura?

Sobre a infra-estrutura e a salubridade (da casa e do lote)

Como é o sistema de esgotamento sanitário?

Tem sumidouro?

Quem construiu?

Já fez alguma manutenção?

O que faz com o lixo?

Quais as principais dificuldades encontradas no tratamento de esgoto?

E do lixo?

Você cozinha com gás (bujão), a lenha ou ambas?
Na sua opinião, o que mais consome energia elétrica na casa?

Sobre a percepção do espaço (sonhos e desejos)

Você gosta da casa onde mora?
Por quê? O que este lugar representa para você?
Essa casa é melhor que a anterior onde você morava?
O que não pode faltar na sua casa?
E no terreno?
O que na casa mais te satisfaz? Por quê?
O que você trocaria? Por quê?
Você venderia a casa / em troca de que?
Sonho da casa ideal:
Como deve ser a sala?
Quarto?
Cozinha?
Banheiro?
Varanda?

• Matriz de notas por percepção

Neste método de análise, criamos uma matriz onde os moradores indicaram diferentes notas, relativas a diversos tópicos relacionados à casa, de acordo com suas percepções sobre os espaços. Essas notas foram indicadas por cômodo da casa, o que possibilitou reunirmos múltiplas percepções existentes, na escala do assentamento, sobre a qualidade do espaço construído.

A matriz propiciou efetuar comparações relativas a cada cômodo e o conjunto das casas, constituindo um excelente método para aferir mudanças nas preferências familiares e, da comunidade. Embora os resultados sejam registrados de forma quantitativa, os valores resultam e expressam os entendimentos pessoais e familiares de cada opção.

Criou-se uma escala numérica que distribuiu os indicadores¹⁶ em quatro posições hierárquicas: 4, 3, 2, 1. O valor 4 sempre representa uma posição qualitativa ou quantitativa melhor colocada no âmbito de determinada perspectiva analítica, decrescendo para 1. Este posicionamento, busca referenciar-se em parâmetros outrora consagrados como índices convencionais.

O método nos permite ordenar melhor as informações segundo critérios estabelecidos, podendo detalhar especificidades, avaliar potencialidades, definir prioridades, sistematizar informações e fazer comparações.

Segue o modelo da matriz aplicada às famílias moradoras da comunidade Terra Livre.

¹⁶ Indicadores são recursos que nos permitem comunicar processos, fatos ou tendências complexas a um público mais amplo. Trata-se de uma característica quantitativa ou qualitativa de um processo ou atividade sobre o qual querem medir as alterações ocorridas. Um indicador apenas é significativo se estiver diretamente relacionado à informação de que as pessoas necessitam e, também, se sabem como interpretar e “ler” seu sentido.

1 a 4	QUARTOS	SALA	COZINHA	BANHEIRO	VARANDA
Estrutura					
Piso					
Parede					
Teto					
Acabamento					
Tamanho					
Iluminação					
Ventilação					
Conforto					
Beleza					

• Levantamento físico das casas

Este método consiste na medição física das moradias. É realizado com o intuito de quantificar a metragem quadrada dos cômodos e, diagnosticar a qualidade do espaço construído, verificando as aberturas de ventilação e iluminação, a distribuição interna, a orientação em relação ao sol e dentro do lote, revelando as condições de habitabilidade existentes.

Outro objetivo consiste em entregarmos, no final da pesquisa, para as famílias, os desenhos – plantas baixas – de suas moradias, possibilitando a comparação com as novas casas e o planejamento de possíveis reformas ou ampliações que possam futuramente ocorrer.

• Álbum de fotografias

O registro fotográfico revelou-se um importante método para a análise técnica das moradias. As fotografias permitem observarmos os diversos tópicos de análise, como por exemplo: o estado da qualidade estrutural das casas, a relação com o entorno, a salubridade do local, as formas de acesso, a disposição das casas, os espaços de produção, de intimidade, de sociabilidade, os objetos familiares, os pertences íntimos, etc., revelando, muitas vezes, os sonhos dos moradores, as crenças, vícios, paixões, entre outras coisas.

Também nos permitem fazer comparações visuais entre os diferentes cômodos de uma mesma habitação, ou entre cômodos semelhantes de diferentes casas, dando melhores condições para construirmos um retrato sobre as diferentes formas de “habitar”, existente na comunidade.

• Desenhando a nova casa

Este método consiste na elaboração, por parte das famílias, dos desenhos das casas que gostariam de ter. São desenhos que representam uma nova unidade construída ou mudanças de reforma e ampliação da atual.

Através dos desenhos procuramos perceber de que maneira as famílias enxergam o espaço em que vivem, já que ao expressarem a nova situação, o fazem comparando com a situação atual e, como os sonhos aparecem na concepção da nova casa.

Os moradores demonstram nos desenhos como se relacionam com os diferentes tamanhos de cada cômodo e, como pensam a distribuição dos mesmos, estipulando quais cômodos devem estar ligados e quais os lugares mais importantes da casa, relacionando os espaços de sociabilidade com o de serviços etc.

• Mediação e elaboração dos projetos habitacionais

Nesta etapa, conversamos com os moradores a elaboração de seus projetos habitacionais. Procuramos, a partir dos desenhos feitos pelas famílias, elaborar, de forma conjunta, os projetos das novas unidades ou respectivas ampliações, verificando as melhores possibilidades técnicas para satisfazer ao máximo as vontades de cada família e atender às condições financeiras existentes.

Em muitos casos, principalmente os relacionados às novas edificações, os projetos foram elaborados prevendo, inicialmente, a construção de uma primeira edificação com possibilidades de futuras ampliações, aproveitando-se o construído.

O conjunto das plantas elaboradas consiste em:

- Planta Baixa da casa atual;
- Planta Baixa Humanizada da nova construção ou da reforma e ampliação;
- Planta Baixa Cotada;
- Planta de Cobertura;
- Plantas de Ampliações, quando for o caso, em um, dois ou três quartos;

• A entrega das plantas e os resultados alcançados

Esta etapa consiste na entrega dos projetos das casas em escala, humanizados e cotados para as respectivas famílias. São tratados com os moradores as expectativas existentes e os resultados alcançados e, como eles podem auxiliar na construção das novas habitações.

Procuramos neste momento, extrair dos moradores suas impressões acerca da pesquisa realizada, fazendo um balanço dos aspectos positivos e negativos percebidos, por parte de todos os envolvidos, buscando atentar, qual tipo de impacto foi causado, a partir das ações de elaboração dos projetos habitacionais.

CAPÍTULO 3 OS PROCESSOS DE AVALIAÇÃO

A avaliação refere-se ao processo de identificação dos resultados positivos e negativos, mais abrangentes e significativos, da aplicação da metodologia proposta, tendo como intuito a obtenção de uma conclusão reflexiva, tanto na esfera familiar quanto na comunidade, dos resultados alcançados.

Durante o processo de pesquisa, procuramos trabalhar com uma linguagem comum e despertar a discussão sobre as situações e as questões que nos eram interessantes. Procuramos registrar as percepções locais, permitindo e incentivando a participação de toda a família neste processo. Os métodos utilizados propiciaram o uso da informação secundária e da interação verbal, especialmente por meio de entrevista semi-estruturada e observação participante.

No processo de verificação dos resultados, procuramos reunir as questões em dois grupos diferentes de análise. O primeiro, de natureza objetiva, reunindo as questões que podem ser operacionalizadas e, preferivelmente receber um tratamento quantitativo. O outro, de natureza subjetiva, reunindo as descrições e as narrativas qualitativas, que permitem captar as realidades que julgamos mais significativas da vida social das famílias.

Com a análise dos dados, conseguimos construir entendimentos a respeito de diversos aspectos locais, como por exemplo: da conscientização dos moradores sobre a qualidade do espaço construído; da função do *habitat*; das condições de conforto térmico e ambiental; do número de famílias interessadas e que apóiam a iniciativa do projeto de assistência técnica em arquitetura, dentro dos assentamentos rurais; do fluxo de migração das famílias; da relação entre as condições de estrutura, acabamento, conforto e beleza das casas; da relevância, por parte das famílias, para a inovação tecnológica e a utilização de técnicas e materiais alternativos de construção; do nível de uso dos espaços – lugares onde os moradores passam a maior parte do tempo, e seus motivos; da conscientização ambiental – isso relacionado à existência de algum tratamento do esgoto e à destinação do lixo; do esforço requerido para alcançar alguma mudança no espaço – relativo à manutenção e reforma das habitações; dos sonhos da casa ideal; dentre outras possíveis análises.

Para facilitar a compreensão dos resultados obtidos, relataremos cada método aplicado para, no final, expormos uma conclusão acerca de toda a pesquisa.

Abaixo, os resultados e as análises da aplicação da entrevista semi-estruturada com as famílias da comunidade Terra Livre. Foram inseridas e analisadas algumas imagens do registro fotográfico, de acordo com cada tema tratado.

3.1. Entrevista Semi-estruturada

Das 30 famílias residentes na comunidade, 29 participaram da entrevista. Somente um titular não respondeu às questões referentes à percepção da casa atual. Este fato explica-se em razão do titular, mesmo possuindo um lote no qual irá construir sua nova casa, estar morando, no momento, na casa de uma outra família, com a qual foi feita a entrevista. Entretanto, ele participou das discussões sobre o projeto de sua nova casa.

Ao todo, 16 famílias decidiram por um projeto de construção de novas casas, com o dinheiro do crédito para aquisição de materiais de construção e, 14 famílias optaram pela realização de reformas e ampliações nas casas já existentes. Esse crédito, conforme dito anteriormente, será acessado pelas famílias no momento em que o acampamento for legalmente regularizado e transformado em assentamento.

- **Sobre as questões relativas à propriedade (lote e relação com o entorno natural e construído)**

Neste item, trabalhamos as questões sobre as condições do lote familiar, discutindo as construções existentes, o acesso à infra-estrutura básica, a importância do planejamento do espaço, a percepção familiar do lote, as estratégias na hora de construir uma nova edificação, a questão do cercamento do lote, as melhorias mais demandadas, o debate sobre a assistência técnica etc.

Além da casa, as construções que existem em um maior número de lotes são: curral (10 lotes), galinheiro (oito lotes) e chiqueiro (cinco lotes). Aparecem ainda o depósito (dois lotes) e uma queijeira (um lote). Embora a comunidade possuia 23 construções destinadas à criação de animais, quase a metade dos lotes (12) não cria nenhuma espécie de animal e retira seu sustento da produção de alimentos nos lotes, mediante estratégias familiares de comercialização.



Foto 2 Criação de gado, Terra Livre - Resende [RJ], 2004 [doc.fot.]
Foto Mário Lúcio

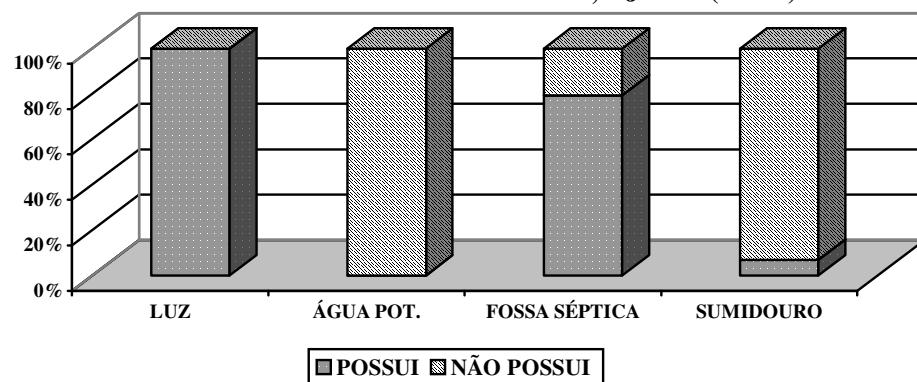
Todos os lotes da comunidade possuem uma área de reserva legal ou de preservação permanente. A maior parte dos lotes faz limite com o rio Paraíba do Sul e possui sua faixa de preservação permanente ao longo da margem do rio.



Foto 3 Vista do rio Paraíba do Sul, Terra Livre - Resende [RJ], 2006
[doc.fot.]. Foto Thiago Ferreira.

Todos os lotes possuem acesso à energia elétrica. Já a água, oriunda de nascentes existentes na região e dentro da comunidade, não é própria para o consumo humano, devendo ser filtrada e fervida. Quanto ao saneamento básico, 23 lotes possuem esgotamento sanitário por fossa séptica, sendo apenas dois providos também de sumidouro. Existem seis lotes que não possuem nenhum tipo de tratamento de esgoto, desviando-o diretamente para a natureza seu destino final. Isso significa que mais de 20% das famílias moradoras não possuem cuidados, preocupação ou nenhum tipo de orientação sobre a importância de se tratar o esgotamento sanitário, refletindo no grau de consciência ambiental familiar, na qualidade do espaço e salubridade do lote. Cabe lembrar que fossas sépticas são unidades de tratamento primário de esgoto doméstico nas quais são feitas a separação e transformação da matéria sólida contida no esgoto. As fossas são benfeitorias complementares e necessárias às moradias, sendo fundamentais no combate a doenças, verminoses e endemias, evitando o lançamento dos dejetos humanos diretamente em rios, lagos, nascentes ou mesmo na superfície do solo. O seu uso é essencial para a melhoria das condições de higiene das famílias. Já o sumidouro, é um poço sem laje de fundo que permite a penetração do efluente da fossa séptica no solo. É um elemento que deve existir de forma complementar a existência da fossa séptica.

Gráfico 3: Distribuição dos lotes segundo a existência de infra-estrutura básica - Terra Livre, RJ 2006 (em %)



Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

Sobre a discussão da importância de pensar o planejamento do lote, todas as famílias afirmam achar importante tal iniciativa, pois desta forma, segundo suas palavras: "...o lote fica mais organizado, ...consegue-se determinar qual o espaço de cada função de acordo com seu potencial, ...preservam-se as áreas, ...é essencial para a economia familiar, ...organiza-se a vida social e reflete um cuidado com as próprias coisas...", dentre outros motivos. Isso demonstra uma preocupação com a ocupação de cada espaço e a consciência de que o planejamento interfere nas estratégias de organização familiar, nas formas e nos sentidos de morar e ocupar o lote. Afirmam que sem este planejamento "nada na vida funciona".

Quando discutido os fatores que mais influenciam na hora de escolher o local aonde construir a edificação, os mais diversos motivos são acionados, sendo os mais considerados, referentes à visão do espaço. Este aspecto está presente no entendimento de 31% das famílias que optam por construir as casas, privilegiando o local onde se possa contemplar a natureza com uma vista do entorno, reafirmando a busca por melhores locais de moradia. A maior parte das famílias é originária de médias e grandes cidades, bairros da periferia de cidades próximas ou cidades do interior de outros estados.

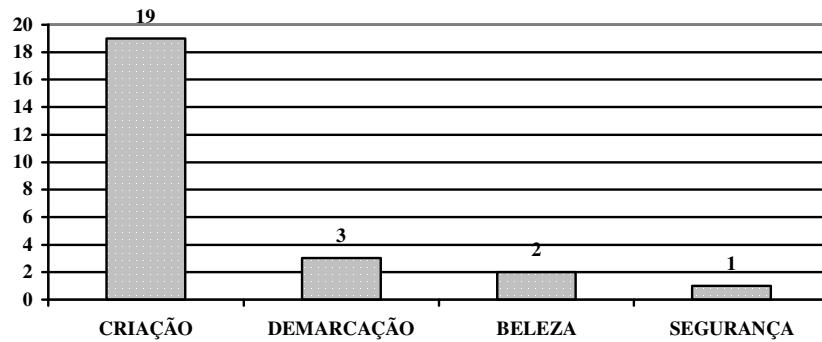


Foto 4 Vista do rio Paraíba do Sul, Terra Livre - Resende [RJ], 2006
[doc.fot.]. Foto Thiago Ferreira.

De qualquer forma, todos os moradores estão em busca de melhores lugares para viver e cuidar da família, sendo a beleza e a tranquilidade, além de outros importantes aspectos como a possibilidade de trabalho, quesitos determinantes dentro do processo de escolha do lugar onde viver e construir suas casas. Foram ainda consideradas: proximidade à estrada (quatro vezes – 13,8%), local onde existe uma antiga fundação (duas vezes – 6,9%), proximidade do poste de energia elétrica, afastamento dos vizinhos, segurança, ventilação e iluminação, afastamento do local de produção, único lugar possível no lote, dentre algumas outras considerações.

No que diz respeito ao cercamento do terreno, 23 famílias, aproximadamente 80% dos lotes, afirmam que possuem cerca delimitando seus lotes. A maior parte afirma que isso ocorre devido à necessidade de controlar a criação de animais (19 lotes – 65,5%). Apenas seis famílias não possuem seus lotes cercados, das quais quatro justificam falta de dinheiro e somente duas por não verem necessidade ou princípio social. Esses dados demonstram claramente a cultura do cercamento muito presente nas práticas e entendimentos das pessoas. Parece haver a necessidade de demarcar a posse, estabelecer o que é de cada um. Quando se justifica tal prática pelo controle da criação, é na maioria dos casos referente à criação do vizinho. Isso demonstra mais uma preocupação em estabelecer limites territoriais de posse do que contenção de gado, já que a cerca limita todo o lote e não apenas a área de criação dos animais.

Gráfico 4: Distribuição das justificativas para o cercamento dos lotes - Terra Livre, RJ 2006



Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006.

A questão do cercamento dos lotes reaparece na preferência dos moradores no debate sobre as melhorias que cada família faria, no lote, se possível. Aparecem por sete vezes (24,14%) a opção por melhorar ou terminar a cerca de demarcação do lote. Por cinco vezes foi afirmado que se possível plantariam o lote todo e por quatro vezes a necessidade de construção de um sistema de irrigação. Em três vezes foi citada a opção de melhorar os pomares e as hortas e por duas vezes a limpeza do terreno, a melhoria da qualidade da terra e das condições da água e a recuperação das instalações animais. Apareceu ainda a melhoria do acesso, da drenagem e da resolução sobre a valeta de esgoto existente no local.

Todas as famílias entrevistadas afirmam que recebem ou já receberam algum tipo de assistência técnica. Essa é referente à assistência prestada pela Emater e pela ONG Via Ecológica, que estiveram bastante presentes na comunidade, em uma determinada época.

Cabe aqui, ressaltar a receptividade e a importância dada, pelos moradores, à iniciativa de realizar esta pesquisa e elaborar as plantas habitacionais. Das famílias entrevistadas, 100% aprovam a realização do trabalho, afirmando serem necessárias, a presença de assistência técnica na área de habitação e do planejamento do espaço. Essa atividade é de rara ocorrência dentro dos acampamentos e assentamentos rurais, não só no estado do Rio de Janeiro, mas no Brasil de uma maneira geral. É de suma importância uma reavaliação por parte dos profissionais das áreas afins, especialmente arquitetos e engenheiros, para a necessidade de expandir as frentes de trabalho e os estudos sobre o meio rural, especialmente as comunidades de baixa renda, como também dos Governos, no que tange o apoio e a criação de condições de financiamento e estrutura que proporcionem a realização dessas iniciativas.

• Sobre a casa: seus espaços e cômodos

Nesta etapa, as questões são referentes à casa, refletindo as percepções dos moradores quanto ao grau de uso dos espaços, as melhorias que fariam se pudessem, os motivos levantados para tais mudanças etc.

A este respeito, os moradores afirmam que quando estão em casa, passam a maior parte do tempo na cozinha (10 relatos – 34,48%), seguido pela varanda (nove relatos) e pela sala (sete relatos). O quarto (três relatos – 10,35%) é entendido como um ambiente mais restrito à hora de dormir, onde as pessoas não passam muito tempo durante o dia.



Foto 5 Cozinha de D. Neusa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006
[doc.fot.]. Foto Thiago Ferreira.



Foto 6 Varanda de Rafael, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.]. Foto Thiago Ferreira.

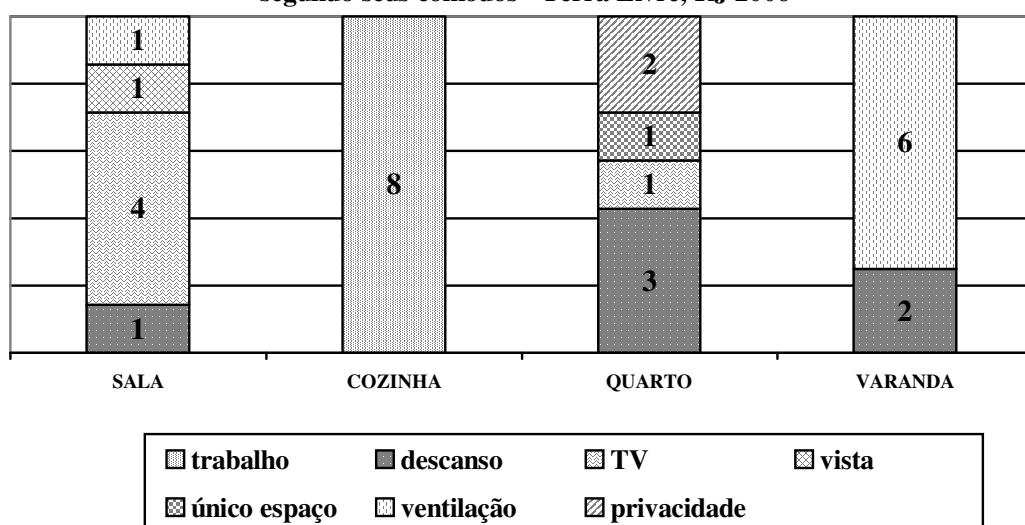
A presença dos moradores, em determinados cômodos, na execução de diferentes tarefas, consiste um exemplo das posições de gênero e hierarquia, existentes nas famílias, refletindo os hábitos culturais e as estratégias e divisões do trabalho familiar. Para os homens

cabem certas atividades diárias, principalmente as ligadas à produção e criação. Já as mulheres, exercem outros tipos de atividades, incluindo o cuidado da horta e da casa, principalmente da cozinha, lugar onde manda e é a responsável¹⁷.

Foram as mulheres que responderam passar a maior parte do tempo na cozinha, enquanto a ocupação da varanda se faz na maior parte dos casos, pelos homens. A sala é ocupada principalmente por dois motivos: a inexistência ou precariedade da varanda, tornando-se o ambiente de socialização dos moradores e amigos e, a presença do aparelho de televisão. Este cumpre um importante papel na reunião da família em determinados momentos, seja para passar o tempo, acompanhar as notícias ou ver os programas preferidos.

Os motivos são os mais variados, entretanto no caso da cozinha, prevalecem as justificativas referentes à realização do trabalho, dada pelas mulheres, e no caso da varanda, por serem mais ventiladas e proporcionarem um melhor descanso, relatado pelos homens. O gráfico abaixo mostra o número de relatos conferidos a cada cômodo e suas justificativas.

Gráfico 5: Distribuição das razões de uso e ocupação da casa segundo seus cômodos - Terra Livre, RJ 2006



Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006.

No que tange as possíveis melhorias que as famílias gostariam de realizar na casa, a reforma do telhado é a necessidade mais eminente. São 13 casas que necessitam deste tipo de reforma (quase 45%). De fato, o quadro das condições dos telhados é bastante ruim. São 19 casas com telhas cerâmicas e 10 casas com telhas de amianto ou zinco. As casas de telhas cerâmicas são mais antigas, a maioria já existia antes do acampamento, e constituem a maior parte das que necessitam de reforma. Encontram-se quebradas em algum trecho ou com sua estrutura de apoio ameaçada.

Também é alta a porcentagem de famílias que desejam ampliar sua casa, construindo mais um ou dois quartos, por exemplo. São 10 famílias no total (1/3 das famílias). Este aspecto é importante e reflete bem as condições de uso da casa. Na verdade, o retrato que temos é o seguinte: São 30 famílias distribuídas em 29 casas, com um total de 107 pessoas. Isso nos dá uma média de 3,69 pessoas por casa. Desses 107 pessoas, 21 são casais (42 pessoas) e 65 são solteiras. As casas somam um total de 66 quartos, dos quais 21 são de casais e 45 para solteiros. Ou seja, para esses 45 quartos de solteiro, temos uma média de 1,44

¹⁷ Sobre a discussão de gênero e a divisão do trabalho na agricultura familiar, ler Ellen Woortmann, Margarida Maria Moura, Afrânio Garcia, Carlos Rodrigues Brandão, entre outros.

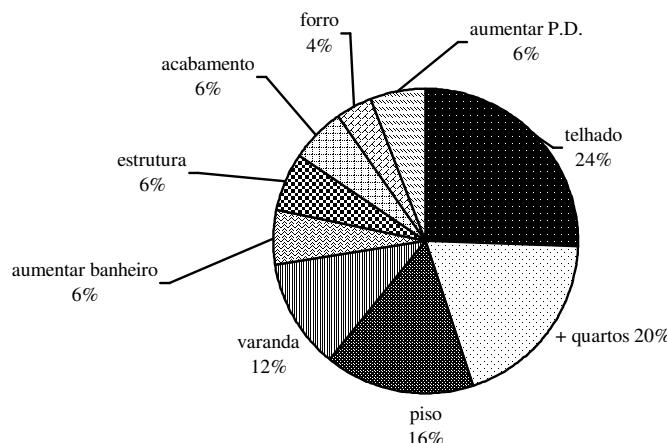
pessoas por quarto. Esses números indicam que, na maior parte dos casos, o problema com a falta de espaços na casa, não diz respeito à quantidade de quartos, com algumas exceções, e sim com o tamanho dos mesmos.

A queixa se faz, em sua maior parte, pela inexistência de espaços suficientes para receber os parentes que vem de fora e não tem onde ficar, já que os quartos não têm espaço para outros colchões. Por outro lado, um dos assuntos discutidos com as famílias que optaram construir uma nova casa, foi propor um planejamento prevendo espaços mais amplos, mesmo que em quantidades menores. Foi discutido e aprovado que é melhor construir uma casa, primeiramente com um quarto - isso varia de acordo com as condições financeiras de cada família, sendo as áreas dos cômodos maiores que as atuais, do que um número maior de quartos com áreas menores e que dificilmente serão ampliadas posteriormente. Nestes casos, no momento da ampliação, não será necessário demolir nenhum cômodo para aumentar a casa, somente ampliá-la, mantendo os cômodos com a mesma metragem satisfatória.

O terceiro item de reforma mais desejado é a reforma do piso. Este, na maioria das casas, é de cimento liso e se encontra bastante deteriorado. Foram oito famílias (27,58%) que indicaram este item dentro das primeiras reformas necessárias.

Abaixo o gráfico ilustra os itens mais comentados que necessitam de reforma.

Gráfico 6: Distribuição dos itens citados para reforma segundo maiores demandas - Terra Livre, RJ 2006 (em %)



Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006.

Aparecem ainda demandas para as seguintes reformas: manutenção na rede elétrica, término da alvenaria, ampliação da cozinha, aumento dos quartos, execução da cinta de amarração da casa, construção de uma sala, de uma cozinha a lenha, colocação das esquadrias e portas, dentre outras demandas.

A partir das necessidades percebidas pelos moradores e, dos desejos de melhorias por eles indicados, podemos enxergar melhor o retrato das condições habitacionais existentes e planejar, com mais informações, os respectivos projetos habitacionais.

• Sobre o conforto ambiental e térmico da casa

Discutimos aqui, a percepção das famílias acerca do conforto térmico e ambiental sentido. Se a casa é quente ou fria, alta ou baixa, clara ou escura, arejada ou não e, os motivos para tais sentidos, permitindo perceber as razões e algumas indicações de como poderíamos trabalhar possíveis soluções, melhorando assim, as condições locais de uso dos espaços.

Conforme exposto no capítulo anterior, a temperatura média, na região, varia em torno de 21⁰ C, apresentando um clima chuvoso no verão e de frio no inverno.

O debate sobre o conforto térmico da casa, revelou que cerca de 1/3 das famílias (10 famílias) considera a casa quente no verão e fria no inverno. As causas mais citadas apontam o fato de não apresentarem forro e possuírem telhas de amianto. Afirmam não trocar as telhas, em razão das limitações financeiras. Em alguns casos, o fato das paredes possuírem buracos e serem de madeira também propicia o sentimento de frio no inverno.



Foto 7 Casa de Ronaldo, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.]. Foto Thiago Ferreira.



Foto 8 Casa de Marcelo, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.]. Foto Thiago Ferreira.

Por outro lado, nove famílias afirmam que sua casa é fresca e se sentem bem. A razão indicada é a escolha da localização da casa, o uso da telha cerâmica e o fato de serem de madeira. Também afirmam que as aberturas da casa e o alto pé direito propiciam esse sentimento agradável.

Sobre esta questão, as famílias possuem bastante consciência do motivo destes sentimentos. Algumas acham a casa de madeira quente, outras acham frescas. Isso indica que todas percebem a influência dos materiais construtivos no conforto interno da casa. De fato, do total de famílias, 26 concordam que o tipo de parede (madeira ou tijolo) e o tipo de cobertura influenciam no conforto das casas. O que se torna determinante então, é a escolha do local onde construir, o planejamento dos espaços internos da casa e a preocupação com a orientação solar.

Seguem na matriz abaixo, as razões comentadas pelas famílias, acerca das percepções térmicas sentidas.

Tabela 1: Das percepções térmicas sentidas pelos moradores – Terra Livre 2006

Quente (7 indicações)	Fria (3 indicações)	Fresca (9 indicações)	Quente no verão Fria no inverno (10 indicações)
Telha de amianto	Espaço aberto	Localização	Não possui forro
Baixo pé direito	Sem janela	Telha cerâmica	Telha de amianto
Má distribuição	Estrutura ruim	Árvores ao redor	Mal planejada
Fogão à lenha	Não bate sol	De madeira	Buracos na parede
Telha de zinco	Próximo ao rio	Aberturas	Próximo ao rio
Tipo de alvenaria	Telhado quebrado	Alto pé direito	Parede de madeira
		Bem ventilada	Aberturas
		Forro de plástico	Telha cerâmica
		Próximo ao rio	Sem ventilação

No que diz respeito à altura das casas, 13 famílias consideram sua casa alta, 11 consideram satisfatória e cinco acham baixa. Vinte consideram a casa arejada e nove não. Estes dados estão refletidos nas razões expostas acima. Somado a isso, 14 famílias acham as casas claras e 15 acham escuras. De fato, 10 casas são de madeira, envernizadas com um tom escuro e, possuem em muitos casos, conforme relatados na tabela acima, um mal planejamento com péssimas aberturas, o que piora a situação. Onze casas são de alvenaria, sendo oito pintadas na cor branca, uma na cor azul e uma com chapisco aparente. Existem sete casas mistas - de alvenaria com ampliação em madeira e uma mista de madeira e barro.

• Sobre os sistemas construtivos

Serão debatidas neste item, as questões referentes aos materiais utilizados nas construções, os sistemas construtivos existentes, a abertura por parte dos moradores para outros métodos de construção etc.

Dentro deste debate, o relato dos moradores atenta para o seguinte quadro acerca dos materiais e sistemas construtivos, existentes nas habitações da comunidade:

Tabela 2: Dos sistemas e técnicas construtivas existentes nas casas – Terra Livre 2006

	Radier	Sapata corrida	Sapata + radier	Não possui	Não sabe
Fundação	8 casas	6 casas	1 casa	3 casas	11
Cimento	Terra batida	Terra + cimento	Concreto grosso	/	
Piso	25 casas	1 casa	2 casas	1 casa	
Madeira	Tijolo	Madeira + barro	Madeira + tijolo	/	
Parede	10 casas	11 casas	1 casa	7 casas	
Cerâmica	Amianto	Zinco	cerâm.+ amianto	/	
Cobertura	19 casas	8 casas	1 casa	1 casa	

Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006.

As fotos a seguir, ilustram um pouco a situação mostrada na tabela 2. As casas mais antigas, ou são de madeira e pertenciam aos colonos da fazenda, ou são os antigos galpões de criação de aves que foram adaptados e hoje são moradias de algumas famílias. Estas edificações possuem cobertura de telha cerâmica nas casas de madeira e, telha de amianto nos galpões. Encontram-se, bastante deterioradas, necessitando de reformas, principalmente na cobertura e na estrutura. Suas paredes apresentam-se, muitas vezes, com tábuas de madeira quebradas ou já comprometidas pelo tempo, fragilizando toda a estrutura e tornando mais feias as construções.

As casas mais recentes, por sua vez, já foram construídas em alvenaria, o que reflete a busca, dos moradores, por melhores condições estruturais de moradia. Muitos relacionam a casa de alvenaria à idéia de casa de melhor qualidade, em relação à de madeira ou barro. No entanto, essas novas casas retratam bem a limitação financeira das famílias. Aproximadamente metade das novas casas possui a cobertura com telhas de amianto, escolhidas unicamente pelo menor custo, em relação aos preços das telhas de barro e, ao preço do madeiramento estrutural do telhado e, não apresenta na maioria dos casos, acabamento como pintura externa ou interna.

Mais de 86% das casas possuem piso de cimento liso e, somente três casas, possuem terra batida como piso de algum cômodo. Embora a maior parte das casas possua piso de cimento nos banheiros, algumas apresentam revestimento cerâmico, demonstrando uma maior preocupação pela qualidade desses espaços e, melhores condições financeiras de aplicação dos recursos familiares.



Foto 9 Casa de pau a pique, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.]. Foto Thiago Ferreira.



Foto 10 Galpão existente, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.]. Foto Thiago Ferreira.



Foto 11 Casa de madeira, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.]. Foto Thiago Ferreira.



Foto 12 Casa nova de alvenaria, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.]. Foto Thiago Ferreira.

Aproximadamente 58% das habitações, desde que existe o acampamento, nunca sofreram nenhum tipo de reforma ou manutenção, por iniciativa dos moradores. Isso contribuiu bastante para a atual situação de precariedade de algumas casas e, é um reflexo das condições financeiras das famílias moradoras, das prioridades que estabelecem na aplicação de seus recursos e da falta de assistência governamental, em iniciativas de melhoria das condições habitacionais.

Outro aspecto interessante diz respeito ao grau de aceitação e a abertura, por parte dos moradores, à utilização de novas técnicas construtivas e à utilização de “materiais alternativos” aos convencionais disponibilizados, pela maior parte do mercado da construção civil. Materiais esses que, em muitos casos, impactam menos o meio ambiente durante seu processo de fabricação e utilização, sendo muitas vezes mais baratos do que os convencionais.

Entretanto, muitas dessas técnicas são, na verdade, velhas técnicas que foram sendo esquecidas ou deixadas de lado, durante o passar do tempo e a modernização da indústria da construção civil. Como por exemplo, a construção de casas com tijolos de barro cru, como o adobe; o uso do bambu em parte da construção; a utilização de tijolos com resíduos cerâmicos da construção civil; a captação e reutilização das águas pluviais; a utilização de madeiras de reflorestamento e da taipa de mão na construção de casas¹⁸ etc.

Neste caso, foram levantados os pontos positivos e negativos de algumas dessas técnicas e feitas considerações, como: o tempo e a energia gastos na execução e o dinheiro aplicado, sendo também incluídos os fatores de formação profissional, de valor agregado e a auto-suficiência na produção de parte da própria casa. Do resultado, 20 famílias (cerca de

¹⁸ Sobre o assunto, ler Akemi Ino em artigo “Aspectos construtivos da Taipa de Mão” (2003).

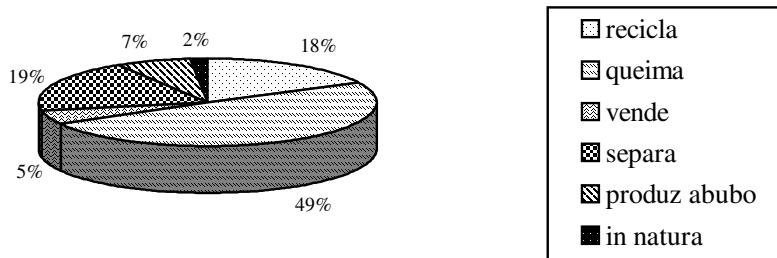
70%) não se mostram interessadas nesta possibilidade, e somente nove famílias (31%), gostariam de aprofundar a discussão sobre o assunto e estariam interessadas em utilizar alguma dessas “técnicas alternativas”, na construção de suas casas, dependendo fundamentalmente do dinheiro a ser aplicado.

Foi questionado, na parte da entrevista referente aos dados das famílias, quais outros empregos os moradores já haviam exercido. Com isso foram levantados quantos já haviam trabalhado com construção civil e quem já havia construído outras casas. Do total, 21 famílias possuem alguém em casa com este tipo de experiência. Isso nos permite criar um banco de dados dos possíveis moradores que potencialmente podem participar dos trabalhos de reforma e construção das novas habitações, favorecendo a utilização de mão-de-obra local, proporcionando um aumento na renda dessas pessoas e barateando o custo final das obras. Desses 21 moradores, 19 já construíram casas com tijolo convencional, “um” com bloco de concreto, “dois” com barro e, “um” com madeira.

• Sobre a infra-estrutura e a salubridade (da casa e do lote)

Este item é muito importante e nos revela como os moradores cuidam e se preocupam com a salubridade e limpeza de seus lotes. Quanto ao destino dado ao lixo, 28 famílias utilizam o processo da queima do lixo e 10 procuram reciclar e reaproveitar. Apenas um morador lança o lixo grosso na natureza sem nenhuma preocupação. Neste caso, os números relatam o total de destinos, dados pelas famílias, ao lixo. Muitas dão mais de um destino, ou seja, reciclam uma parte e queimam outra, ou separam e vendem etc. Vale lembrar que a comunidade não possui nenhum sistema próprio de coleta do lixo, nem recebe o caminhão de coleta da prefeitura.

Gráfico 7: Distribuição do lixo segundo o destino dado pelas famílias - Terra Livre 2006 (em %)



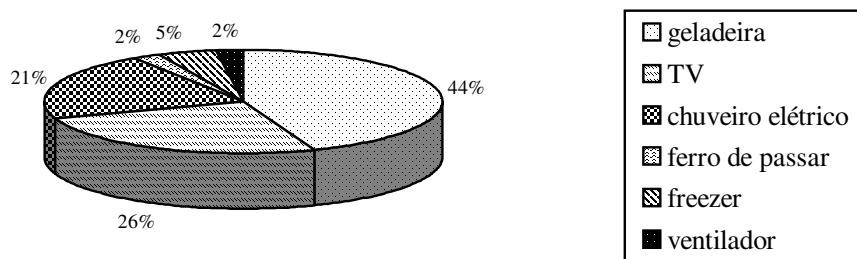
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

Quanto ao tratamento do esgoto, foi relatado anteriormente que 79% das famílias possuem fossa séptica em seus lotes, sendo que o restante (21%), não possui nenhum tipo de sistema de tratamento de esgoto, lançando seus resíduos diretamente na natureza. Os dados revelam que, do total de casas que possuem fossa séptica (23 casas), 18 (62% das casas do assentamento) nunca fizeram nenhum tipo de manutenção na fossa, o que justifica o fato de muitas delas reclamarem que, de tempos em tempos, ou mesmo quando chove, as fossas transbordam, não dando mais vazão ao volume de esgoto lançado. Esta é uma preocupação que boa parte dos moradores vem apresentando e discutindo. Percebemos, durante a pesquisa de campo, que quase todas as famílias pretendem construir uma nova fossa séptica juntamente com a nova casa.

No que diz respeito ao cozimento dos alimentos e ao uso atual de energia, dentro das casas, quase 80% das famílias cozinham com gás de bujão e lenha conjuntamente, sendo o restante dividido entre somente o uso do gás e somente o uso da lenha. Isso nos mostra a necessidade da previsão de um espaço, para a construção de um fogão de lenha, nos projetos das novas habitações. No relato sobre o uso da energia elétrica, aparece a geladeira como o

maior consumidor de energia da casa, seguido pela TV e o chuveiro elétrico. Vejam as respectivas porcentagens no gráfico abaixo.

Gráfico 8: Distribuição do uso de energia elétrica segundo seu consumo - Terra Livre 2006 (em %)



Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

• **Sobre a percepção do espaço (sonhos e desejos)**

Neste item trabalhamos as percepções que das famílias sobre seu espaço de morar, o que ele representa em suas vidas, se trocariam por outro lugar, quais os sonhos da casa ideal, o que não pode faltar dentro de casa, quais coisas mais satisfazem etc.

Todas as famílias afirmam que embora tenham algumas dificuldades e suas casas se apresentem precárias sob certos aspectos, gostam muito do lugar onde vivem, estão satisfeitas e não venderiam ou trocariam suas casas e lotes, sob nenhuma hipótese. Vinte e três famílias afirmam que as casas atuais são melhores que as anteriores, e seis famílias dizem que as casas ainda não são, mas o lote e o entorno são bem melhores. Isso retrata a ascensão das famílias no que diz respeito à qualidade de seus espaços de moradia, embora suas condições habitacionais ainda necessitem de melhorias e, à contínua busca por melhores lugares para criar os filhos e prosseguir a vida.

As famílias estão há mais de oito anos vivendo na comunidade Terra-Livre. Vivem com dificuldades e limitações, mas com garra, expectativa e muita luta. As razões pelas quais querem continuar vivendo e investindo no lugar, variam e representam muito do que desejam e buscam na vida, retratando as múltiplas identidades, por elas construídas com o lugar.

“Tranqüilidade e Paz; ...Liberdade; ...Luta pela terra e Tudo na vida”, foram as razões que mais apareceram nesta hora nos debates. “Lugar bom para se viver; ...Uma vida nova; ...Local onde se sente bem; ...e Paraíso...”, também são relatados como boas razões para continuar ali. Não há vontade em voltar a viver nas cidades de origem e todos esperam ficar ali para sempre. O sustento, a independência e a dignidade se misturam e são tratados como possíveis de serem alcançados. De forma geral, os moradores avaliam positivamente sua nova condição de moradia e vida.



Foto 13 Vista do entorno do acampamento, Terra Livre Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] Foto Thiago Ferreira.



Foto 14 Referências pessoais do morador, Terra Livre Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] Foto Thiago Ferreira.

Quando perguntado sobre o que não pode faltar no lote e dentro de casa, foram eleitos os seguintes itens:

Tabela 3: Sobre o que é imprescindível ter em casa e no lote – Terra Livre 2006

No lote familiar	Dentro de casa
Produção – aparece 20 vezes	Comida – aparece 16 vezes
Criação - 4 vezes	Água - 9 vezes
Pomar e horta - 4 vezes	Luz - 7 vezes
Água - 2 vezes	Geladeira - 2 vezes
Jardim	Telhado
Irrigação	Remédio
Assistência técnica	Gás
Leite	Fogão
Cerca	Cama
Luz	Espaços grandes
Esgoto	Banheiro
Cuidado com solo	Quartos
	Harmonia

Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

Sobre a discussão daquilo que mais satisfaz dentro de casa, seis famílias afirmaram ser a casa inteira, três famílias elegeram a televisão e outras três, o banheiro. O sossego, a cama e a varanda apareceram duas vezes e, também foram citadas a presença das crianças, a convivência familiar, a confraternização com os amigos, o ato de comer, a existência do quarto e a presença da geladeira.

A última questão tratada na entrevista foi a exposição, dos sonhos dos moradores, sobre a casa ideal, de como eles vislumbram cada cômodo e cada espaço, permitindo que acionassem seus desejos, tornando-os perceptíveis e presentes em suas mentes, de modo que pudéssemos garantir maior envolvimento e participação, por parte das famílias, na hora de desenhar suas novas casas, sendo estas, com maiores conformidades ao desejado pelos moradores. Esses sonhos podem ser formulados em termos genéricos, abrangendo períodos maiores de tempo ou sonhos específicos e detalhados, referentes a espaços de tempo bem definidos.

Foram selecionados os cômodos da sala, quarto, cozinha, banheiro e varanda e, cada família descreveu como estes deveriam ser e o que teriam em seu estado ideal. Isso nos ajudou bastante durante a elaboração dos novos e respectivos projetos habitacionais.

Tornam-se perceptíveis as influências que as famílias absorvem por parte da televisão. Por diversas vezes, alguns moradores acionaram referências existentes em novelas e as utilizaram como exemplo daquilo que gostariam de possuir. Isso ocorreu, principalmente, com relação ao cômodo da cozinha, quando falado sobre os armários e eletrodomésticos desejados.

Abaixo, segue a tabela com os diferentes cômodos analisados e as considerações sobre como estes deveriam ser sob o olhar ideal dos moradores. Ao lado do item, quantas vezes ele apareceu.

Tabela 4: Sobre as características ideais dos cômodos – Terra Livre 2006

SALA	QUARTO	COZINHA	BANHEIRO	VARANDA
Bem grande - 9 vezes	Bem grande – 5 vezes	Bem grande- 8 vezes	Bem grande- 4 vezes	Bem grande- 9 vezes
Seguintes dimensões: 4,0x4,0/3,0x3,0 4,0x6,0/3,0x4,0	Seguintes dimensões: 4,0x4,0/ 3,0x3,0 3,5X3,5/3,0x4,0	Seguintes dimensões: 4,0x4,0/ 3,0x3,0 3,0X5,0/3,0x4,0	Seguintes dimensões: 2,0x2,0/ 2,0x1,5 2,0X1,0/1,5x1,2	Ao redor da casa – 4 vezes
Com sofá, TV e estante- 6 vezes	Com guarda-roupa e cama – 3 vezes	Igual ao atual 3 vezes	Maior que o atual – 3 vezes	Na frente e nos fundos
Maior que a atual – 2 vezes	Com uma cama grande	Piso cerâmico 2 vezes	Com porta, janela e piso	Com 2,0, 3,0 ou 1,5 metros
Arejada	Arejado	Copa - cozinha	Arejado – 2 vezes	Igual atual
Pintada	Igual ao atual	Arejada	Igual ao atual	Com boa vista
Com mesa de 12 cadeiras	Maior que o atual	Geladeira e fogão	Com vaso, pia e box de chuv.	Com rede e mesa
Piso cerâmico	Satisfatória	Com azulejo	Hidromassagem	Com meia parede
Sala de visita	Simples	Fogão a lenha	Banheira	Extensão da casa
Sala de jantar		Grande pia	Chuveiro quente	
Com esquadrias		Simples	Com azulejo	

Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

Percebe-se, analisando a tabela, que se misturam aspectos sobre o conforto e a satisfação esperada do lugar com utensílios e até materiais de construção que muitas vezes não são encontrados na casa atual, como porta no banheiro ou esquadrias na sala. As famílias sempre vislumbram os cômodos com um acabamento final existente, algo visto em poucas casas na comunidade. Muitas vezes os moradores já possuem a idéia do tamanho exato que querem para seus cômodos, o que torna a discussão sobre as novas casas, mais rica de informações e participação familiar.

3.2. Matriz de notas por percepção

Sobre o método realizado a partir da elaboração da matriz de notas por percepção dos espaços das casas, conseguimos reunir elementos que nos permitiram desenhar um “retrato”, mesmo que sob uma determinada leitura, das condições das casas existentes na comunidade. Eses elementos foram analisados a partir da compilação dos dados gerados e da combinação ou relação entre os indicadores selecionados. Como resultado deste diagnóstico, obtivemos um quadro de notas indicativas sobre a qualidade das habitações, o que permitiu, na confecção dos novos projetos, atentar para as maiores demandas e prioridades de cada família.

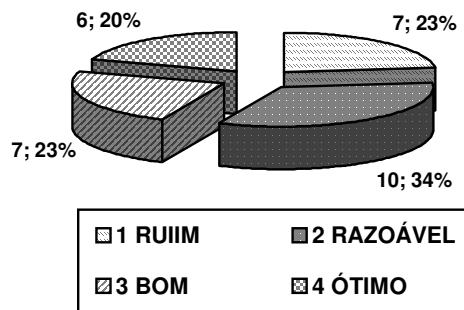
Construímos 61 gráficos a partir dos resultados visualizados, tornando possível a elaboração de um quadro geral e abrangente, das percepções dos moradores acerca das condições estruturais, de satisfação e uso das casas em que vivem atualmente.

Abaixo, seguem as análises da matriz, retratada pelos cômodos, a partir dos tópicos indicados (ver o modelo da matriz aplicada no capítulo de metodologia) e um gráfico com referência da casa como um todo, analisada a partir do somatório dos percentuais de cada cômodo. Serão inseridas e analisadas imagens, sobre os temas tratados, do registro fotográfico realizado. Cabe ressaltar que nem todos os gráficos vão possuir um total de 29 votos (referentes às 29 famílias participantes). Isso acontece em razão de algumas casas não possuírem um dos cômodos, como sala, quarto ou varanda, por exemplo.

Os gráficos mostram o número de indicações dadas a cada cômodo, de acordo com sua qualidade e, a respectiva porcentagem.

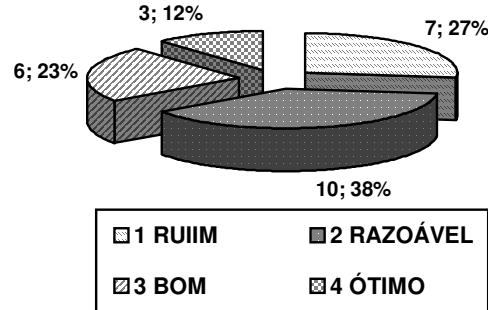
Sobre a percepção dos moradores acerca da **qualidade da estrutura dos cômodos das casas**, temos as seguintes situações:

**GRÁFICO 9: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DA ESTRUTURA DOS QUARTOS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



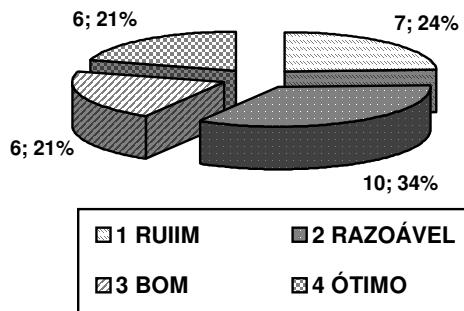
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 10: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DA ESTRUTURA DAS SALAS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



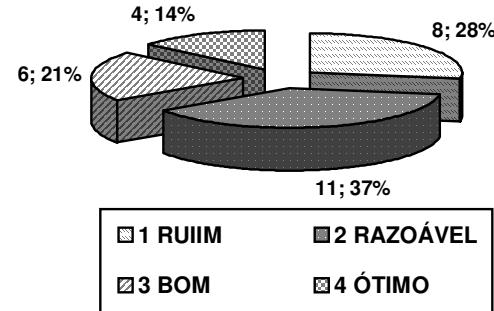
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 11: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DA ESTRUTURA DAS COZINHAS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



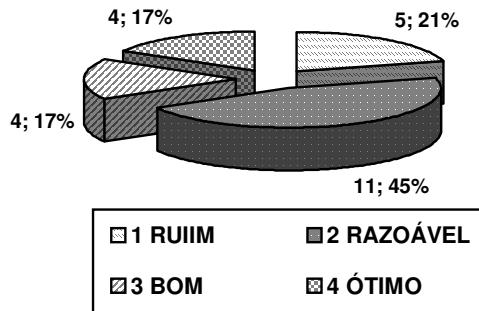
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 12: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DA ESTRUTURA DOS BANHEIROS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



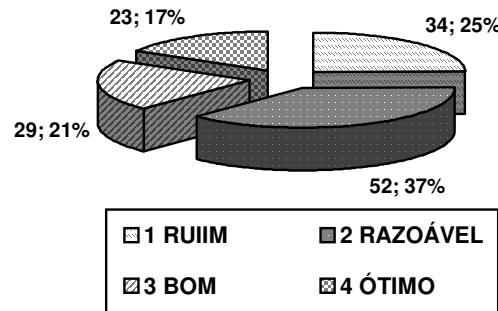
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 13: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DA ESTRUTURA DAS VARANDAS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 14: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DA ESTRUTURA DAS CASAS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

Na compilação final das notas dadas, o tópico referente à qualidade da estrutura das casas obteve uma média final com nota “razoável”, onde 37% das famílias conceberam nota dois, seguido por 25% que deu nota um – “ruim”. Essa ordem foi observada em todos os cômodos da casa, exceto nos quartos que obtiveram o mesmo índice de notas um – “ruim”, para as notas três – “bom”.



Foto 15 Casa de Ronaldo, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



Foto 16 Casa de Albino, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



Foto 17 Casa de Sr. Ailson, Terra Livre - Resende [RJ], 2006 [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

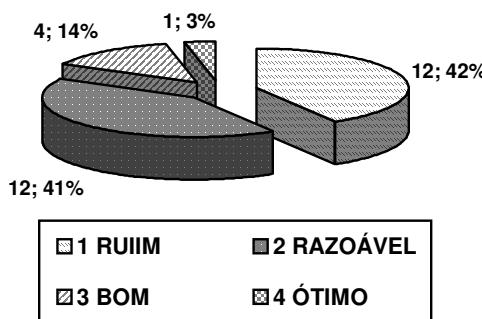


Foto 18 Casa de Severino, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

As fotos acima nos revelam um pouco da diversidade de situações que encontramos no local. As casas mais antigas, quando de madeira, possuem as estruturas em condições precárias, comprometidas ou necessitando de manutenção. Existem situações, em que essas casas ainda possuem condições de habitabilidade, demandando reparos, na maioria das vezes, na cobertura, no piso ou no banheiro. As casas mais recentes apresentam-se em melhores condições estruturais. Essas já foram construídas em alvenaria e variam sua qualidade de acordo com os recursos investidos na obra, o que depende das condições financeiras de cada família.

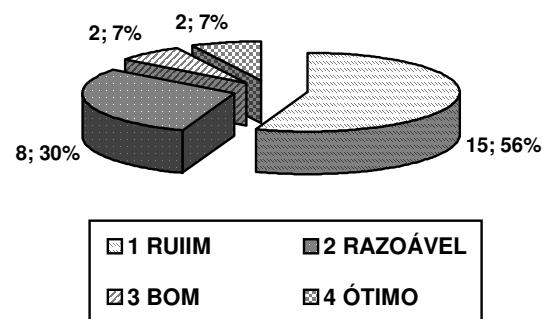
Sobre a percepção dos moradores acerca da **qualidade do piso dos cômodos das casas**, temos as seguintes situações:

**GRÁFICO 15: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DO PISO DOS QUARTOS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



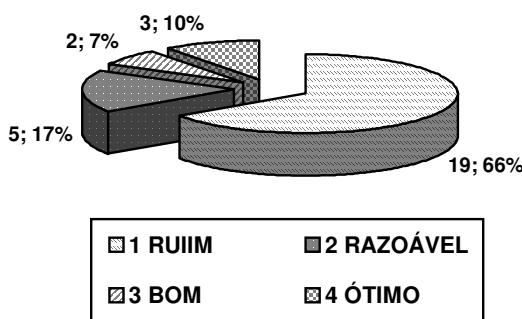
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 16: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DO PISO DAS SALAS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



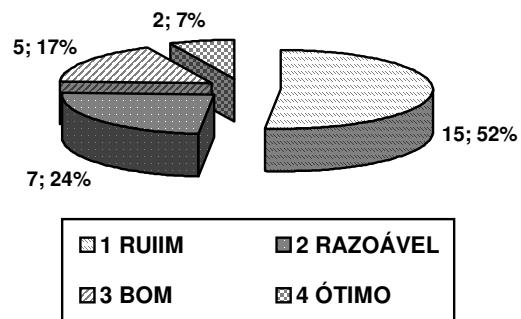
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 17: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DO PISO DAS COZINHAS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



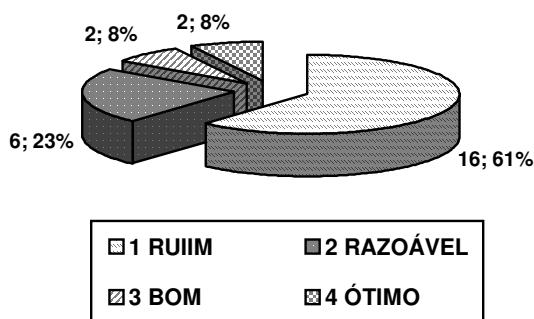
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 18: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DO PISO DOS BANHEIROS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



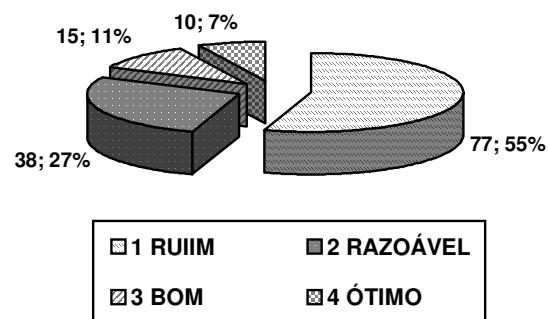
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 19: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DO PISO DAS VARANDAS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 20: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DO PISO DAS CASAS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

A análise dos dados indica que mais de 3/4 dos moradores da comunidade consideram o piso da casa “ruim”. A nota um foi dada por 55% das famílias, mais que o dobro do número de pessoas que considerou o estado do piso razoável. O cômodo em que o piso das casas encontra-se em melhores condições é o banheiro, que recebeu 24% das notas indicando entre “bom” e “ótimo”. Mesmo assim metade das famílias considerou seu piso “ruim”. Essa diferença existe em razão de algumas casas possuírem pisos cerâmicos nos banheiros. Esse item é fundamental para o entendimento sobre a melhor qualidade do espaço construído.

A cozinha é o cômodo que recebeu as piores notas. Embora tenhamos dito, anteriormente, que a cozinha é o espaço onde as mulheres passam a maior parte do dia, é o que se apresenta em piores condições de uso, no que diz respeito à qualidade do piso. É interessante notar que o piso é o terceiro item da lista de possíveis reformas que os moradores fariam se tivessem condições financeiras.



Foto 19 Casa de Eliane, Terra Livre - Resende [RJ],
2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



Foto 20 Banheiro de Tião, Terra Livre - Resende [RJ],
2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

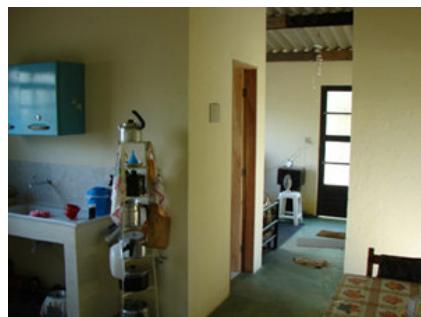


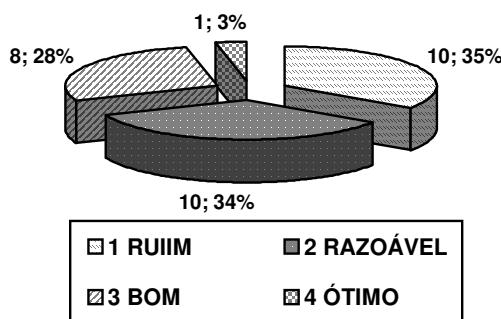
Foto 21 Casa de Ricardo, Terra Livre - Resende [RJ],
2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



Foto 22 Banheiro de Ronaldo, Terra Livre - Resende [RJ],
2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

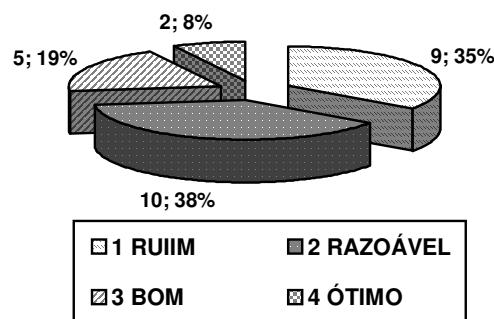
Sobre a percepção dos moradores acerca da **qualidade das paredes dos cômodos das casas**, temos as seguintes situações:

GRÁFICO 21: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DAS PAREDES DOS QUARTOS - TERRA LIVRE, RJ 2006



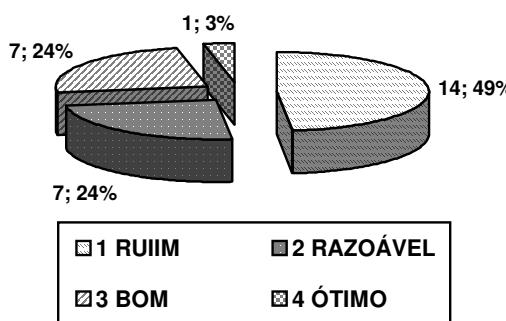
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

GRÁFICO 22: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DAS PAREDES DAS SALAS - TERRA LIVRE, RJ 2006



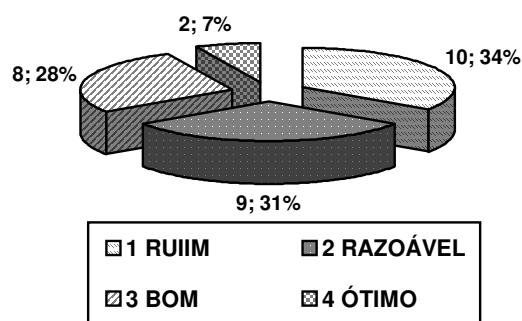
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

GRÁFICO 23: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DAS PAREDES DAS COZINHAS - TERRA LIVRE, RJ 2006



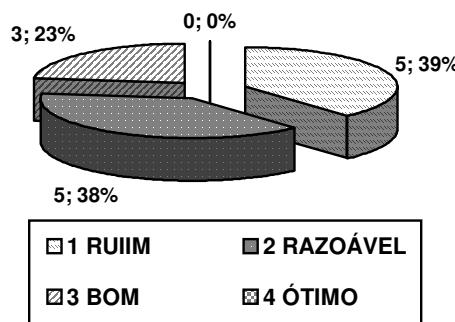
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

GRÁFICO 24: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DAS PAREDES DOS BANHEIROS - TERRA LIVRE, RJ 2006



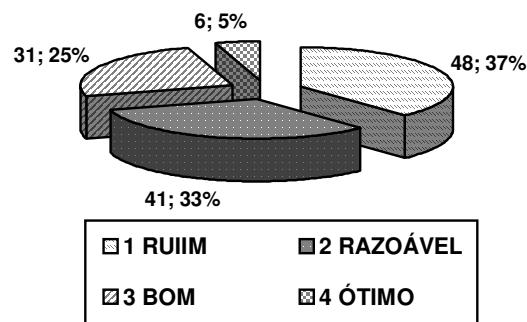
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

GRÁFICO 25: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DAS PAREDES DAS VARANDAS - TERRA LIVRE, RJ 2006



Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

GRÁFICO 26: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DAS PAREDES DAS CASAS - TERRA LIVRE, RJ 2006



Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

A este respeito, a cozinha mais uma vez assume o primeiro lugar nas piores notas indicadas. Quase metade das famílias considera a qualidade das paredes das cozinhas “ruim”, necessitando de reformas. Os quartos, salas e banheiros apresentam um quadro semelhante, com médias próximas entre os indicadores “ruim” e “razoável”.

No quadro geral das condições de qualidade das paredes das casas, 37% consideram suas paredes “ruins” e 33% “razoáveis”. Apenas seis casas dão nota “ótima” para as condições de suas paredes. As fotos abaixo retratam as diferentes situações encontradas na comunidade. As casas de madeira apresentam-se, em grande parte, em piores condições do que as de alvenarias.



Foto 23 Casa de Penha, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



Foto 24 Casa de Galba, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



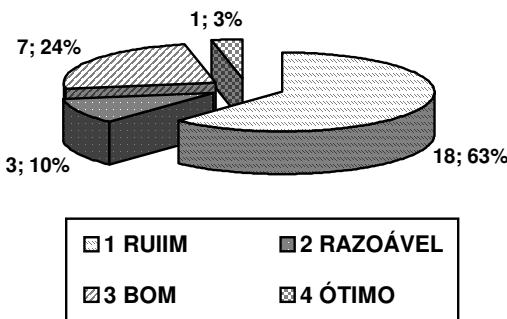
Foto 25 Cozinha de Tião, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



Foto 26 Quarto de Olívia, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

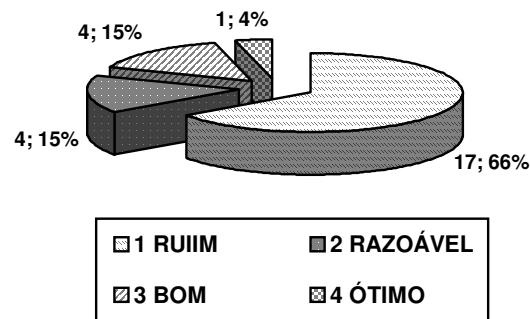
Sobre a percepção dos moradores acerca da **qualidade do teto dos cômodos das casas**, temos as seguintes situações:

**GRÁFICO 27: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DO TETO DOS QUARTOS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



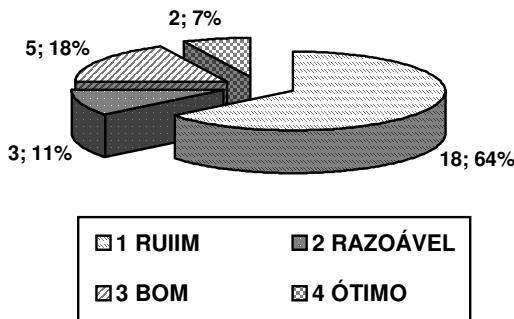
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 28: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DO TETO DAS SALAS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



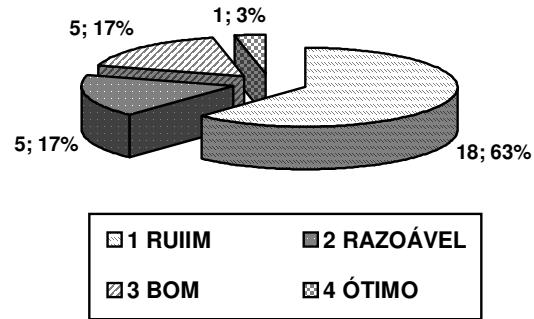
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 29: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DO TETO DAS COZINHAS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



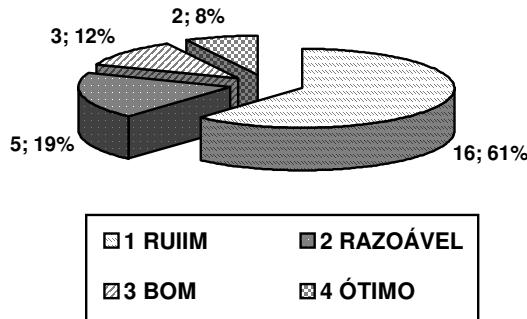
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 30: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DO TETO DOS BANHEIROS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



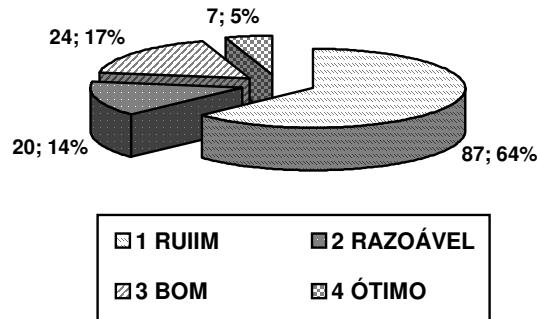
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 31: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DO TETO DAS VARANDAS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 32: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DO TETO DAS CASAS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

Nas análises das possíveis reformas que os moradores fariam em suas casas, foi constatado como primeira necessidade a reforma das coberturas. De fato, podemos notar nos gráficos acima o elevado percentual de famílias que consideram seu telhado em condições ruins, necessitando de manutenção. Em todos os cômodos, mais de 60% das pessoas deram notas referentes à “ruim” para o estado do telhado. Isso inclui tanto as telhas quanto as estruturas de madeira dos telhados, que já muito antigas, apresentam-se deterioradas em um grande número de casos. Em algumas situações, como na primeira foto abaixo, a situação é tão complicada que a moradora teve de escorar um pilar de madeira no meio da cozinha para segurar a estrutura da cobertura que já se encontra bastante comprometida.



Foto 27 Cozinha de Penha, Terra Livre - Resende [RJ],
2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



Foto 28 Casa de Zé Carlos, Terra Livre - Resende [RJ],
2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



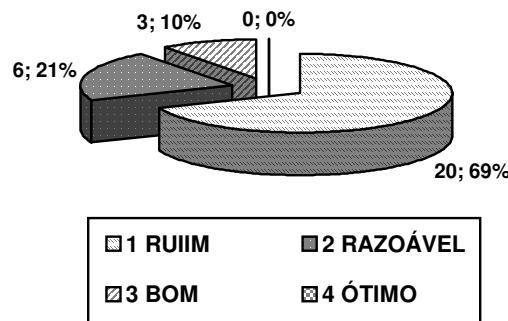
Foto 29 Casa de Olívia, Terra Livre - Resende [RJ],
2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



Foto 30 Varanda de Tião, Terra Livre - Resende [RJ],
2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

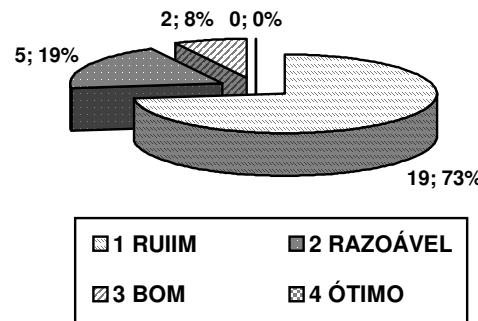
Sobre a percepção dos moradores acerca da **qualidade do acabamento dos cômodos das casas**, temos as seguintes situações:

GRÁFICO 33: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DO ACABAMENTO DOS QUARTOS - TERRA LIVRE, RJ 2006



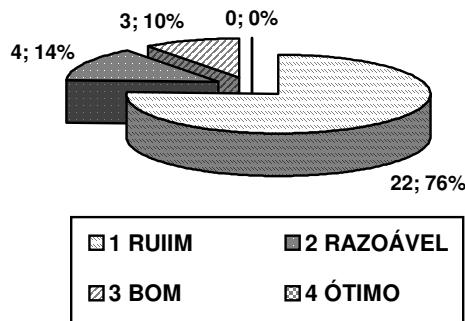
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

GRÁFICO 34: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DO ACABAMENTO DAS SALAS - TERRA LIVRE, RJ 2006



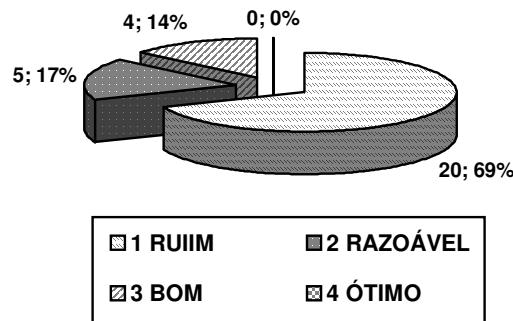
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

GRÁFICO 35: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DO ACABAMENTO DAS COZINHAS - TERRA LIVRE, RJ 2006



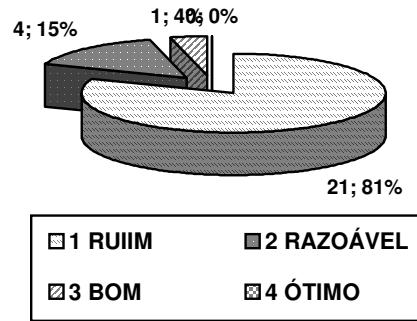
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

GRÁFICO 36: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DO ACABAMENTO DOS BANHEIROS - TERRA LIVRE, RJ 2006



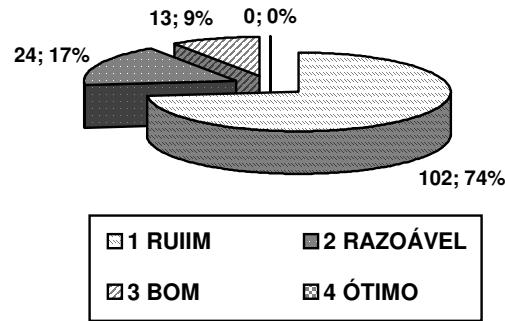
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

GRÁFICO 37: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DO ACABAMENTO DAS VARANDAS - TERRA LIVRE, RJ 2006



Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

GRÁFICO 38: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DO ACABAMENTO DAS CASAS - TERRA LIVRE, RJ 2006



Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

Os resultados acerca da qualidade dos acabamentos existentes refletem bem o retrato atual das moradias. Os resultados dos itens anteriores já indicavam a direção das notas sobre acabamento. De fato, 74% das casas receberam nota “ruim”, seguido de 17% para nota “razoável”. Ressaltamos que nenhum morador considerou seu acabamento “ótimo” e somente 9% destacou acabamento “bom”. A cozinha foi um dos cômodos que recebeu as indicações mais negativas (76%) ficando atrás somente da varanda, que em mais de 80% das casas não possui, nenhum acabamento.



Foto 31 Cozinha de Ailson, Terra Livre - Resende [RJ],
2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



Foto 32 Sala de Penha, Terra Livre - Resende [RJ],
2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

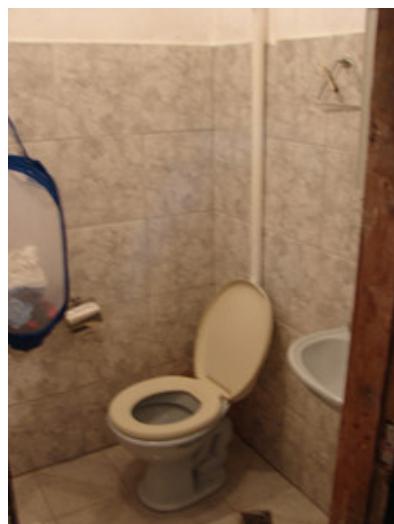


Foto 33 Banheiro de Milson, Terra Livre - Resende [RJ],
2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

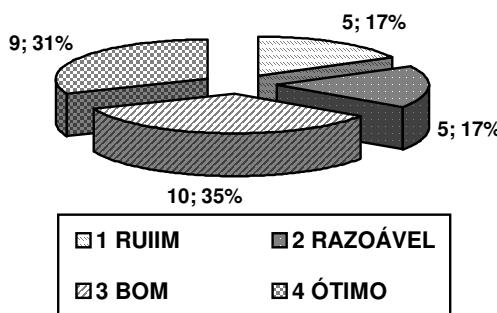


Foto 34 Cozinha de Davi, Terra Livre - Resende [RJ],
2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

Como podemos notar nas fotos acima, o acabamento é realmente ruim, quando existente, exceto em alguns banheiros que possuem revestimento cerâmico, o que torna o cômodo melhor votado, apresentando as melhores porcentagens de indicações referentes a “bom” (14% das casas).

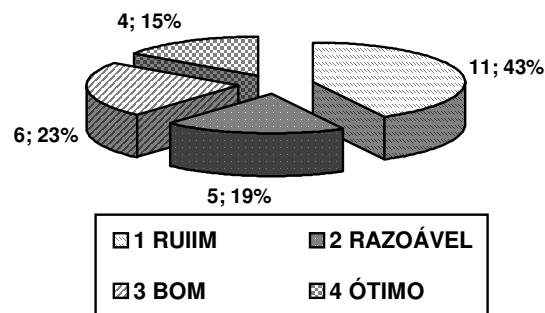
Sobre a percepção dos moradores acerca da **qualidade do tamanho dos cômodos das casas**, temos as seguintes situações:

**GRÁFICO 39: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DO TAMANHO DOS QUARTOS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



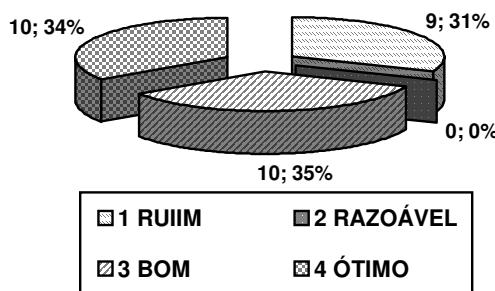
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 40: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DO TAMANHO DAS SALAS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



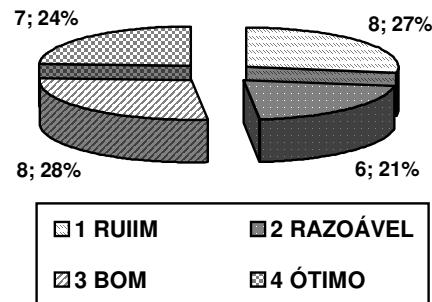
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 41: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DO TAMANHO DAS COZINHAS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



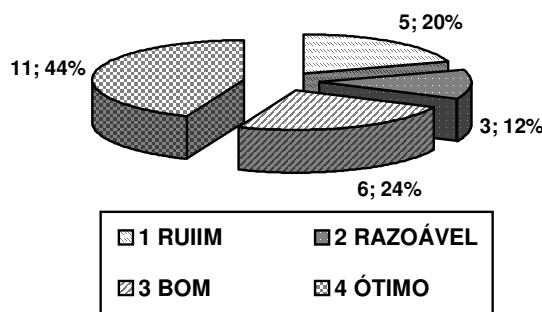
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 42: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DO TAMANHO DOS BANHEIROS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



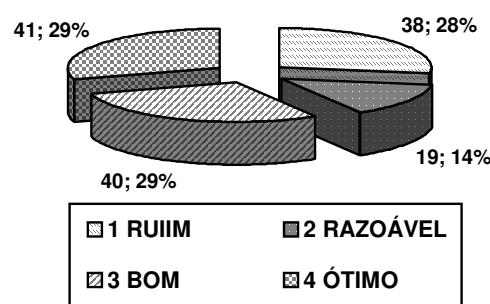
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 43: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DO TAMANHO DAS VARANDAS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 44: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DO TAMANHO DAS CASAS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

Neste item, os resultados encontrados demonstram uma mudança relativa de notas indicadas em relação aos itens anteriores. Aparece um maior equilíbrio entre as porcentagens finais calculadas. A varanda, o quarto e a cozinha são os cômodos que possuem o melhor tamanho dentro da casa, de acordo com os moradores. O banheiro é o cômodo com os percentuais mais equilibrados entre as notas “ruim” e “ótimo” e a varanda, possui quase 45% dos moradores dando nota “ótima” com relação ao seu tamanho. Um olhar mais abrangente nos mostra que as casas foram aprovadas com relação ao tamanho, apresentando um total de 58% das notas indicadas entre “bom” e “ótimo” e 42% entre “ruim” e “razoável”.



Foto 35 Cozinha de Milson, Terra Livre - Resende [RJ],
2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



Foto 36 Casa de Dada, Terra Livre - Resende [RJ],
2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

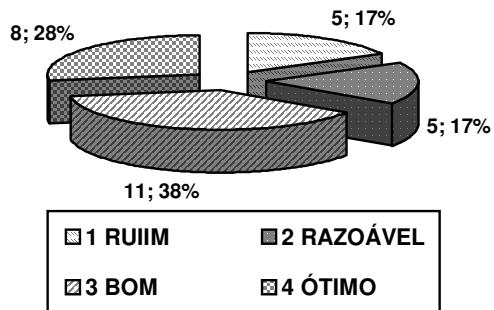


Foto 38 Cozinha de Joaquim, Terra Livre - Resende [RJ],
2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

Foto 37 Banheiro de Zé Carlos, Terra Livre - Resende [RJ],
2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

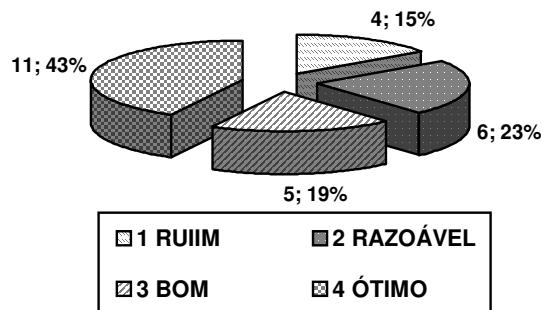
Sobre a percepção dos moradores acerca da **qualidade da iluminação natural dos cômodos das casas**, temos as seguintes situações:

**GRÁFICO 45: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DA ILUMINAÇÃO DOS QUARTOS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



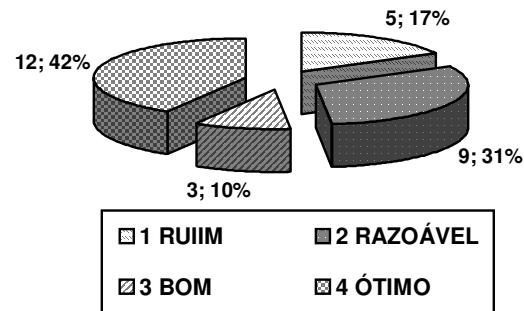
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 46: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DA ILUMINAÇÃO DAS SALAS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



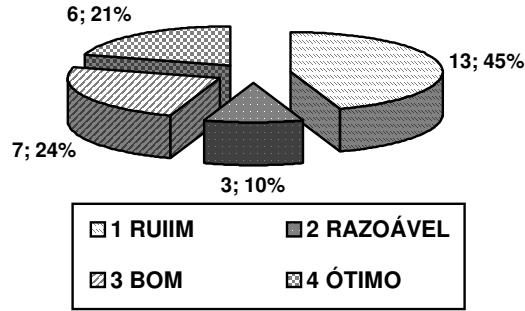
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 47: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DA ILUMINAÇÃO DAS COZINHAS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



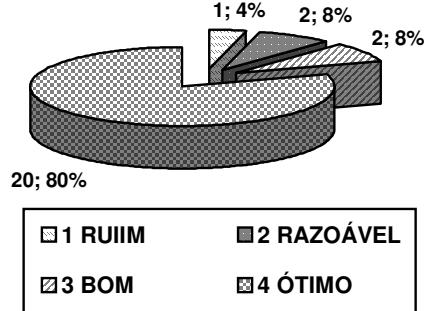
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 48: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DA ILUMINAÇÃO DOS BANHEIROS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



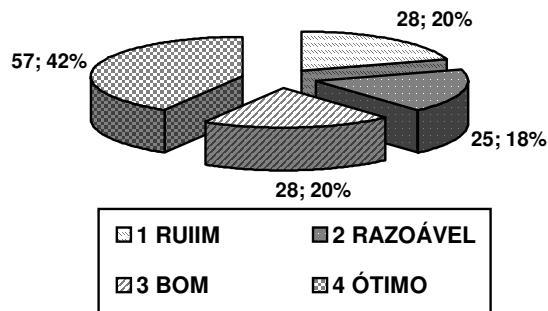
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 49: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DA ILUMINAÇÃO DAS VARANDAS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 50: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DA ILUMINAÇÃO DAS CASAS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

Com relação à iluminação natural incidente nas casas, a sala e a cozinha foram os cômodos internos que obtiveram o melhor índice de aprovação, recebendo, cada um, um montante de mais de 40% das notas indicando iluminação “ótima”, seguido da nota “razoável”. Já o banheiro é o cômodo com maior problema em relação a este item, somando 45% dos votos para o índice “ruim”. Olhando a casa como um todo, temos 42% do total indicando nota “ótima”, seguido de 20% para nota “boa” e 20% para a qualidade “ruim”.

Cabe ressaltar que tal índice atingido pela nota “ótima” sofre influência direta e determinante da porcentagem indicada à qualidade de iluminação da varanda, que recebeu 80% das notas referente à “ótima”. As varandas não possuem paredes e se estendem, geralmente, por toda a fachada frontal da casa, proporcionando uma boa iluminação natural. Isso justifica o percentual atingido pela varanda e reflete tal índice na porcentagem total das casas.



Foto 39 Cozinha de Maximiliano, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



Foto 40 Casa de Nilo, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



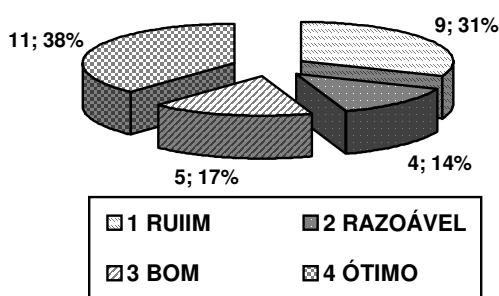
Foto 41 Banheiro de Marcelo, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



Foto 42 Casa de Marli, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

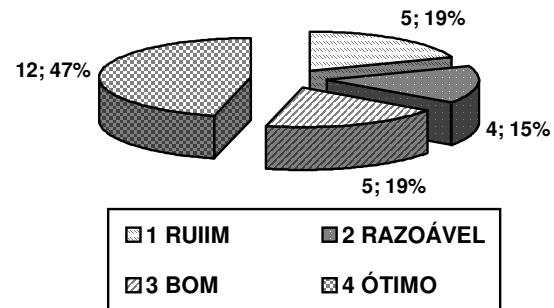
Sobre a percepção dos moradores acerca da **qualidade da ventilação natural dos cômodos das casas**, temos as seguintes situações:

**GRÁFICO 51: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DA VENTILAÇÃO DOS QUARTOS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



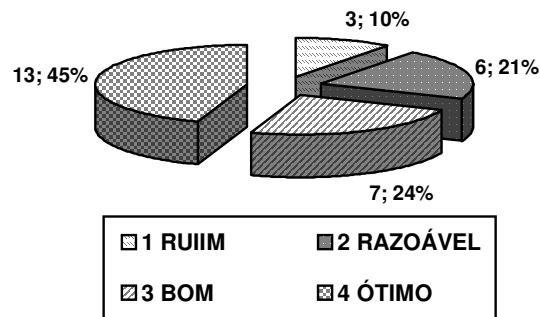
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 52: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DA VENTILAÇÃO DAS SALAS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



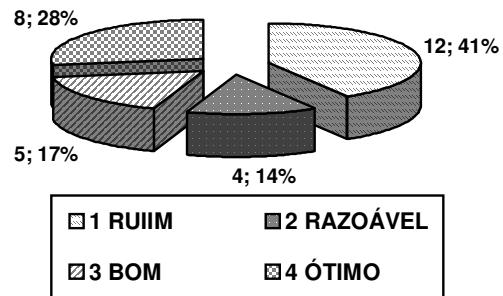
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 53: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DA VENTILAÇÃO DAS COZINHAS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



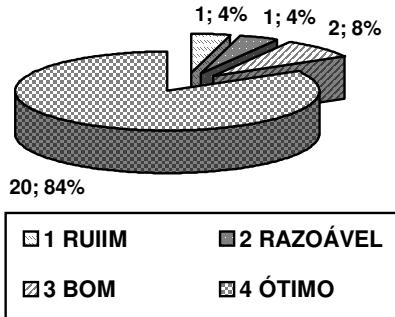
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 54: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DA VENTILAÇÃO DOS BANHEIROS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



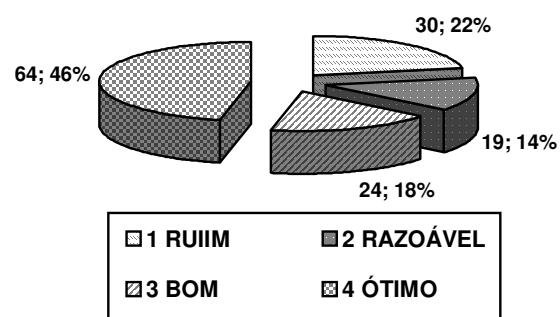
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 55: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DA VENTILAÇÃO DAS VARANDAS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 56: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DA VENTILAÇÃO DAS CASAS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

No que diz respeito à ventilação dos cômodos internos das casas, a sala e a cozinha apresentam o melhor índice de notas, somando mais de 45% do total indicando nota “ótima”. Os quartos somam 38% com nota “ótima”, porém 31% com nota “ruim”. Já o banheiro é o cômodo que possui o pior índice, com 41% das notas indicando qualidade “ruim”. Quanto à varanda, a soma das notas dadas indica 84% referentes à qualidade “ótima” de ventilação. Isso se deve ao fato de, pelo mesmo motivo observado no item iluminação, a varanda ser um cômodo externo à casa, sem paredes em volta, o que possibilita um ótimo grau de ventilação natural.

Esses números refletem o percentual total das casas da comunidade no quesito qualidade de ventilação, indicando 46% das casas com ventilação “ótima”, seguida de 22% com ventilação “ruim”, 14% com nota “razoável” e 18% com nota indicando “boa” qualidade.



Foto 43 Banheiro de Severino, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



Foto 44 Quarto de Tião, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



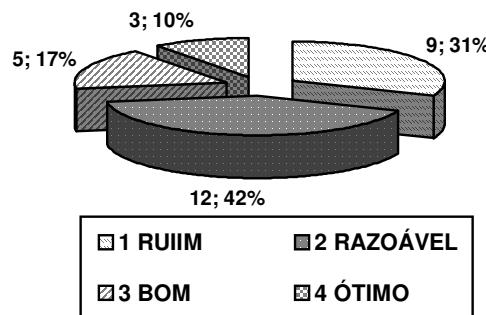
Foto 45 Cozinha de Marcelo, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



Foto 46 Banheiro de Dadá, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

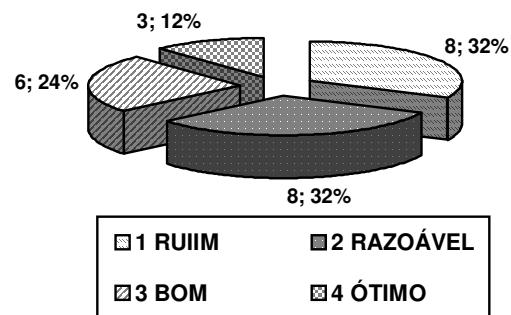
Sobre a percepção dos moradores acerca da **qualidade do conforto dos cômodos das casas**, temos as seguintes situações:

**GRÁFICO 57: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DO CONFORTO DOS QUARTOS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



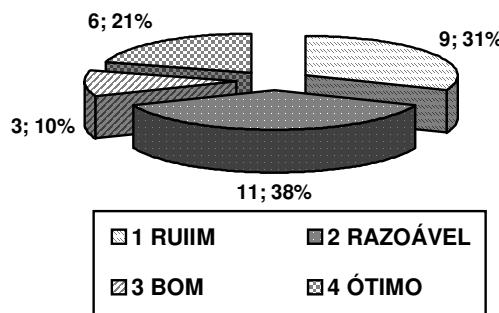
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 58: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DO CONFORTO DAS SALAS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



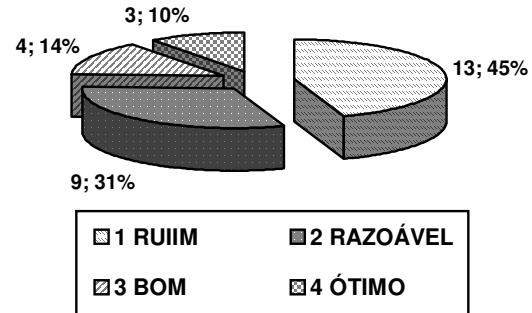
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 59: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DO CONFORTO DAS COZINHAS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



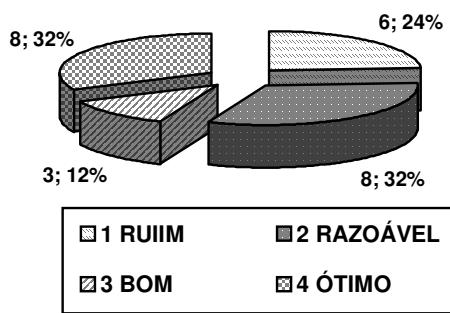
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 60: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DO CONFORTO DOS BANHEIROS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



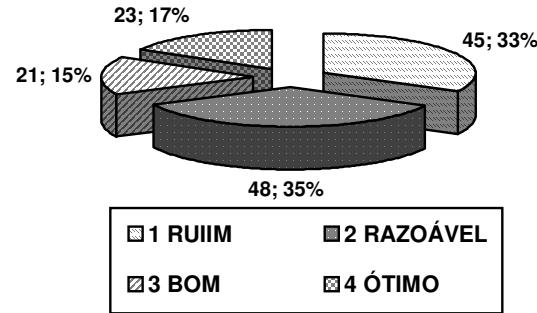
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 61: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DO CONFORTO DAS VARANDAS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 62: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DO CONFORTO DAS CASAS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

A discussão acerca da qualidade do conforto sentido no espaço da casa recebeu uma média final com nota indicando uma qualidade “razoável”. Foram 35% das notas finais, seguido de 33% para qualidade “ruim”. Essa soma de 68% do montante final reflete as condições estruturais e de acabamento das casas. Nota-se que esse item apresenta um índice um pouco melhor do que o referente ao acabamento, provavelmente, em decorrência da melhoria do bem estar sentido dentro da casa, com a inclusão dos itens: tamanho, iluminação e ventilação, que recebendo boas notas, aumentam o conforto sentido na casa.

Embora a estrutura e o acabamento tenham recebido média final “ruim”, a presença da iluminação e ventilação com uma qualidade um pouco melhor, aumenta o grau de conforto sentido dentro do espaço. O cômodo votado como mais confortável foi a varanda, justamente a que possui melhor ventilação e iluminação natural, como observamos anteriormente. O banheiro foi o cômodo que apresentou a pior média neste item, somando um total de 45% das notas referentes à qualidade “ruim”.



Foto 47 Quarto de Tião, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



Foto 48 Casa de Milson, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



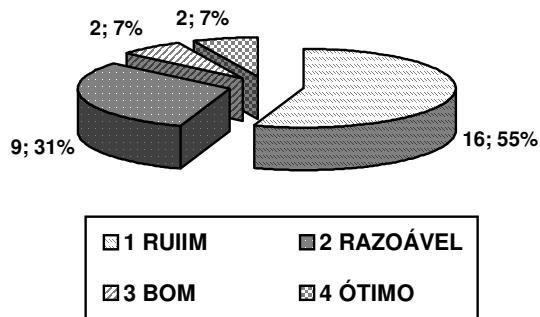
Foto 49 Sala de Maximiliano, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



Foto 50 Quarto de Ronaldo, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

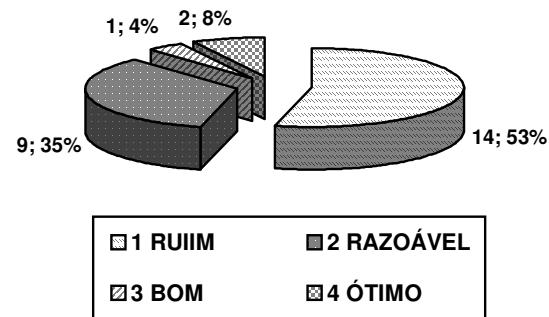
Sobre a percepção dos moradores acerca da **qualidade da beleza dos cômodos das casas**, temos as seguintes situações:

**GRÁFICO 63: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DA BELEZA DOS QUARTOS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



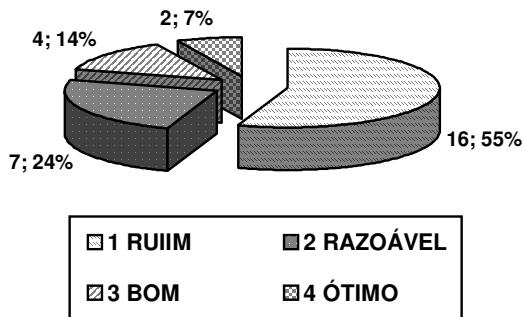
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 64: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DA BELEZA DAS SALAS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



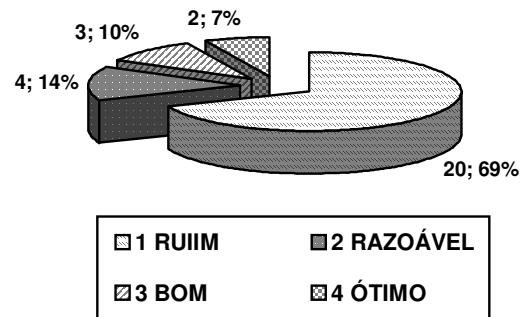
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 65: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DA BELEZA DAS COZINHAS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



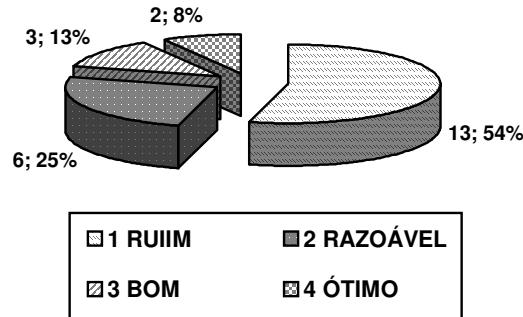
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 66: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DA BELEZA DOS BANHEIROS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



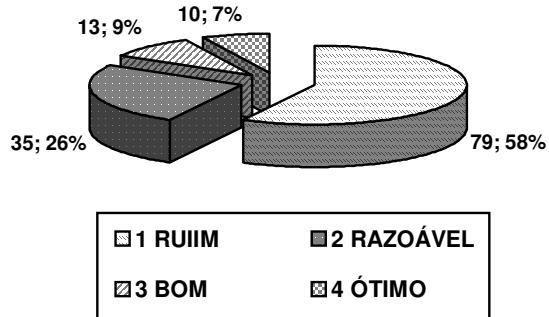
Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 67: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DA BELEZA DAS VARANDAS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

**GRÁFICO 68: INDICADORES SOBRE A QUALIDADE DA BELEZA DAS CASAS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

No item beleza todos os cômodos obtiveram um índice elevado de notas indicando qualidade “ruim”. Esta nota possui uma variação percentual entre 53% e 69% dependendo do cômodo. O banheiro é o cômodo com a pior média considerada, reflexo do elevado índice de notas semelhantes concedidos nos itens analisados anteriormente. A varanda, em grande parte das casas um “puxadinho”, também obteve um alto índice de notas baixas. Foram 79% do total de notas referidas entre “ruim” e “razoável”.

Na média final, as casas possuem um quadro onde 58% são consideradas com qualidade “ruim” de beleza, seguidas de 26% que apresentam qualidade “razoável”, 9% indicadas como “boas” e 7% com nota “ótima”.



Foto 51 Casa de Dadá, Terra Livre - Resende [RJ],
2006[doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



Foto 52 Casa de Osvaldo, Terra Livre - Resende [RJ],
2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



Foto 53 Cozinha de Severino, Terra Livre - Resende [RJ],
2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



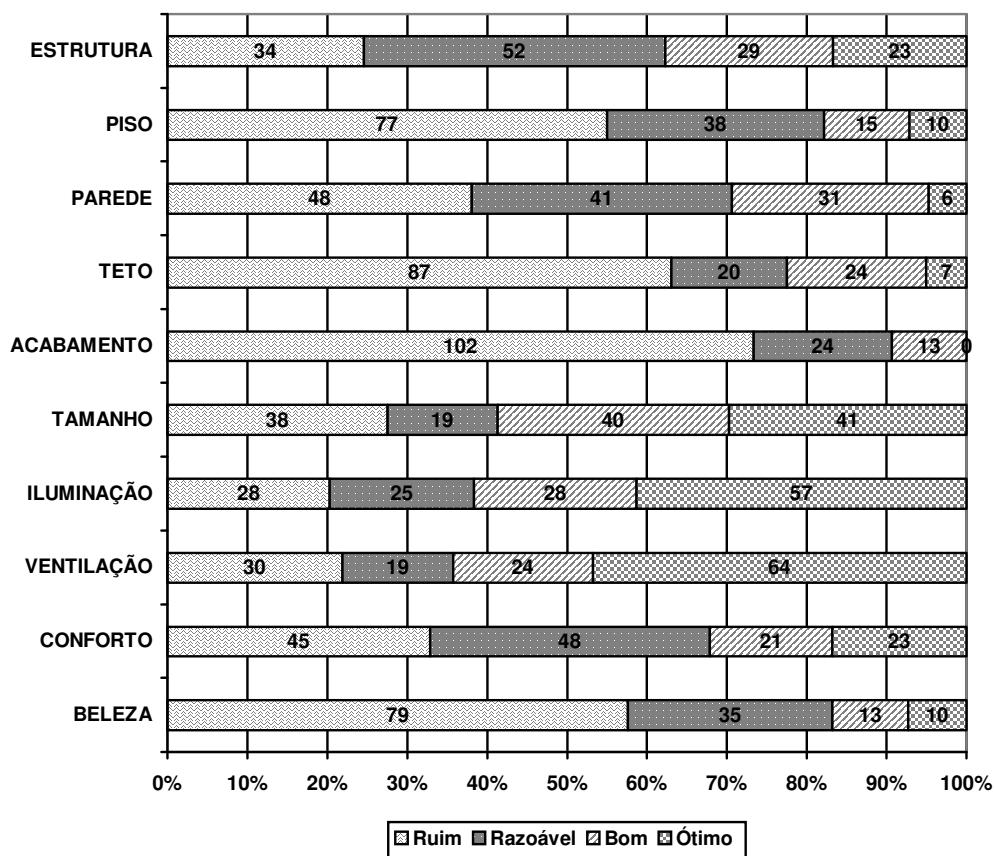
Foto 54 Banheiro de Mario, Terra Livre - Resende [RJ],
2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

3.3. Retrato das Casas Segundo a Matriz de Notas

O método da matriz nos proporcionou separar cada cômodo e perceber como os moradores enxergam e sentem seus espaços. Eles refletiram e atribuíram notas a cada item, discutindo e justificando suas indicações. Foi um método que se mostrou bastante rico no que diz respeito ao grau de participação e envolvimento das famílias. A descontração esteve sempre presente apesar das notas indicarem, na maioria das vezes, condições precárias dos cômodos.

Se olharmos para cada item da matriz e relacionarmos suas notas indicadas a fim de construirmos um retrato das casas da comunidade através da percepção dos seus próprios moradores, temos a seguinte situação:

**GRÁFICO 69: RETRATO DAS CASAS
SEGUNDO A MATRIZ DE NOTAS
- TERRA LIVRE, RJ 2006**



Fonte: pesquisa de campo do autor - CPDA, 2006

Separando cada item proposto e visualizando sua nota final indicada, temos:

Estrutura – nota “**razoável**” – 37% das notas

Piso – nota “**ruim**” – 55 % das notas

Parede – nota “**ruim**” – 37% das notas

Teto – nota “ruim” – 64% das notas
Acabamento – nota “ruim” – 74% das notas
Tamanho – nota “ótimo” – 29% das notas
Iluminação – nota “ótimo” – 42% das notas
Ventilação – nota “ótimo” – 46% das notas
Conforto – nota “razoável” – 35% das notas
Beleza – nota “ruim” – 58% das notas

Analizando o gráfico acima, percebemos que as piores notas foram dadas aos itens acabamento, teto, piso e beleza. Todos estes receberam mais de 55% das notas referentes à qualidade “ruim”. Os itens teto e piso foram os mais citados nas discussões sobre as demandas de reforma que os moradores achavam mais prioritárias. O item acabamento está ligado a esses dois, dependendo também da qualidade destes. A quase totalidade das casas não apresenta um bom acabamento, poucas estão pintadas e somente alguns banheiros possuem revestimento cerâmico no piso e/ou nas paredes. A limitação financeira das famílias não permite que elas invistam recursos no acabamento de suas casas. Existem outras prioridades que precisam ser, anteriormente, atendidas.

O item beleza também é um reflexo desses outros itens. Com as casas apresentando problemas estruturais e de acabamento, a beleza fica comprometida e acaba gerando uma insatisfação que resulta em 58% de notas indicando qualidade “ruim” e 26% qualidade “razoável”.

O conforto, por sua vez, recebeu um total com nota “razoável”, cabendo ressaltar que o número de notas indicando qualidade “ótima” dobrou e houve um aumento considerável de notas com indicação de “boa” qualidade, em relação ao item beleza. Tal quadro deve-se em função das notas referentes à iluminação, ventilação e tamanho, que por apresentarem médias positivas, diminuíram a sensação ruim dos itens estruturais das casas, e possibilitaram um maior sentimento de conforto interno. Estes itens receberam “médias” indicando aprovação com “ótimo” em grande percentual de famílias. Também, ressaltamos que tal porcentagem deve-se à presença do cômodo da varanda entre os analisados, que recebeu um elevado índice de notas “ótima” nos itens iluminação natural e ventilação.

Outro item interessante de se analisar é o “tamanho”. Na análise da entrevista semi-estruturada calculamos que a densidade populacional dos quartos de solteiro é de 1,44 pessoas por quarto, o que representa baixa densidade e, visualizando o gráfico quanto ao tamanho dos quartos observamos que as notas indicadas variam entre “bom” e “ótimo”. No entanto aparece a construção de novos quartos como a segunda maior demanda comentada. Na maior parte das vezes, esta demanda tem por intenção receber os parentes, que são muitos e não tem aonde dormir. Outro aspecto, que devemos atentar, está no entendimento de que estes números são médias finais relativas e, portanto percentuais, permitindo uma classificação relativa, não aferindo termos absolutos a situação das pessoas.

Existem casos em que um casal possui um filho que tem seu próprio quarto e outro casal possui dois filhos e somente um quarto na casa, tornando necessária uma ampliação. Embora tenhamos feito um quadro geral das casas existentes, as necessidades e demandas foram levantadas na perspectiva familiar, o que pode algumas vezes “maquiar” situações.

A tabela abaixo foi feita a partir dos resultados da matriz referente às condições de cada cômodo, indicadas pelos moradores. Nela podemos visualizar melhor quais são as principais queixas dadas aos itens analisados nas casas, de acordo com cada cômodo.

Tabela 5: Distribuição das notas indicadas por cômodo - Terra Livre, RJ 2006 (em %)

	QUARTO	SALA	COZINHA
PIORES NOTAS	Acabamento – 69% - ruim Teto – 63% - ruim Beleza – 55% - ruim Piso – 42% - ruim Conforto – 42% - razoável Parede – 35% - ruim Estrutura – 34% - razoável	Acabamento – 73% - ruim Teto – 66% - ruim Piso – 56% - ruim Beleza – 53% - ruim Tamanho – 43% - ruim Estrutura – 38% - razoável Parede – 38% - razoável Conforto – 32% - razoável	Acabamento – 76% - ruim Piso – 66% - ruim Teto – 64% - ruim Beleza – 55% - ruim Parede – 49% - ruim Conforto – 38% - razoável Estrutura – 34% - razoável
MELHORES NOTAS	Ventilação – 38% - ótima Iluminação – 38% - boa Tamanho – 35% - boa	Ventilação – 47% - ótima Iluminação – 43% - ótima	Ventilação – 45% - ótima Iluminação 42% - ótima Tamanho – 35% - boa
	BANHEIRO	VARANDA	
PIORES NOTAS	Acabamento – 69% - ruim Beleza – 69% - ruim Teto – 63% - ruim Piso – 52% - ruim Conforto – 45% - ruim Iluminação – 45% - ruim Ventilação – 41% - ruim Estrutura – 37% - ruim Parede – 34% - ruim Tamanho – 28% - ruim	Acabamento – 81% - ruim Teto – 61% - ruim Piso – 61% - ruim Beleza – 54% - ruim Estrutura – 45% - razoável Parede – 39% - ruim Conforto – 32% - razoável	
MELHORES NOTAS	Tamanho – 28% - boa	Ventilação – 84% - ótima Iluminação – 80% - ótima Tamanho – 44% - ótima	

Fonte: pesquisa de campo do autor – CPDA, 2006.

Notamos por exemplo, que o cômodo, em piores condições, segundo os moradores, é o banheiro. Seus itens analisados variam de 34% a 69% de notas indicando qualidade “ruim”. Mesmo possuindo 28% de notas indicando um tamanho “bom”, o mesmo percentual também aparece para as notas “ruins”. Da mesma forma, a cozinha apresenta um elevado índice de notas “ruins”, apesar de possuir bons índices nos itens ventilação e iluminação.

No geral, todos os cômodos das casas receberam um maior número e um maior percentual de notas indicando qualidade “ruim”. Os resultados desta tabela, somados aos outros resultados obtidos nos métodos anteriores, nos possibilita eleger uma ordem de prioridades de futuras reformas a serem executadas e, principalmente, pensar juntamente com os moradores, seus novos projetos habitacionais, acordando com os anseios desejados por cada família e, buscando resolver tecnicamente os problemas relatados atualmente.

O método da matriz de notas, somado ao método da entrevista semi-estruturada e ao registro fotográfico, foi de grande importância e contribuiu bastante para um melhor desenvolvimento dos próximos passos: a elaboração conjunta dos novos projetos habitacionais e dos projetos de reforma e ampliação das casas atuais.

3.4. Desenhando os projetos habitacionais familiares

Nesta etapa foi executado, primeiramente, o levantamento físico de todas as casas da comunidade para servir de referência e base aos projetos de ampliação e reforma e possibilitar uma comparação com os novos projetos propostos. Também possibilita ao morador guardar o desenho de sua própria casa e planejar e executar obras em momentos futuros, com recursos próprios que venha economizar.

Posteriormente ao levantamento, foi dado papel, lápis e borracha aos moradores para que estes fizessem o desenho da casa que imaginavam e gostariam de construir. Todos puderam participar desta etapa, as crianças também desenharam e pintaram as casas que gostariam de ter e os desenhos foram discutidos pelas famílias. Do total, uma pouco mais da metade das famílias, se sentiu à vontade e aceitou desenhar, mostrando muitas vezes um entendimento claro e objetivo das casas em que gostariam de morar. Foram desenhadas fachadas, perspectivas e plantas baixas, muitas vezes contendo os tamanhos dos cômodos, as áreas e as cotas desejadas. Entretanto, parte dos moradores não se sentiu à vontade e não quis desenhar, por vergonha ou afirmando não saber, preferiram fazer uma conversa mais direta, sobre como gostariam que fosse a nova construção e, passamos ao debate sobre o novo projeto.

O passo seguinte, foi a conversa conjunta do desenho elaborado pelas famílias e a adequação técnica necessária para possibilitar seu melhor planejamento, otimizando o projeto (por exemplo, na questão da instalação hidráulica da casa), e racionalizando as soluções (por exemplo, no que diz respeito à orientação dos cômodos de acordo com a orientação solar e dos ventos).

Como resultado, obtivemos os projetos habitacionais de todas as famílias moradoras da comunidade Terra Livre.

Seguem abaixo os desenhos elaborados pelas famílias, as plantas baixas do levantamento das casas e as plantas dos novos projetos ou das reformas e ampliações. Inserimos parte do registro fotográfico realizado e algumas análises referentes.

Nesta etapa, os resultados serão separados por família, agrupados segundo alguns dados referentes à família, levantados durante a entrevista semi-estruturada e, uma breve análise dos desenhos feitos e das plantas elaboradas.

O perfil das famílias residentes no acampamento nos mostra que 53% vivem somente do trabalho realizado no lote, 27% realizam outros serviços fora do lote para complementar renda, 14% possuem uma aposentadoria e 7% os benefícios de uma pensão. Sobre as atividades realizadas pelos futuros titulares, somente 43% já realizou algum tipo de trabalho na roça, anterior ao ingresso no acampamento. Isso demonstra o elevado número de pessoas que vivem nas cidades ou periferias, e vão em busca de melhor qualidade de vida no campo. Vale lembrar, que a pesquisa foi realizada no Estado do Rio de Janeiro, altamente urbanizado e com a grande maioria da população vivendo nos conglomerados urbanos.

Sobre esse fluxo migratório, as famílias têm uma trajetória bastante complexa de migração, que muitas vezes inclui a ida para a periferia de uma grande metrópole e posteriormente o retorno para o interior, neste caso, quando foram para o acampamento. Grande parte dos moradores é natural do Estado do Rio de Janeiro, seguido por Minas Gerais. Existem ainda, pessoas naturais do Espírito Santo, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Paraíba. Os sulistas estão representados pelo Paraná e Rio Grande do Sul.

Com exceção de uma família (vinda da Bahia), todas as outras moraram, anteriormente ao acampamento, no Estado do Rio de Janeiro, em sua maioria, nos municípios de Volta Redonda, Japeri e Resende.

O jogo de projetos entregue aos moradores, como produto final, contém as seguintes plantas: planta baixa da casa atual, planta baixa humanizada da nova casa ou planta baixa

humanizada da reforma e ampliação, planta baixa cotada e planta de cobertura. O tipo e o número de plantas elaboradas variam de acordo com o projeto de cada família. Será disponibilizado, em anexo, um jogo de plantas, referentes a uma família, exemplificando o formato em que elas foram entregues aos moradores. No total foram elaborados 139 desenhos diferentes, referentes às 30 famílias residentes. O elevado número de plantas exigiu que montássemos esta apresentação, com um número reduzido de desenhos, sem escala, devido ao formato apresentado, com o intuito de ilustrar o que foi desenvolvido.

A. Arantes e S. Arantes

Residem há seis anos no Terra Livre. Seu lote está localizado no núcleo “um”. Recentemente começou a construir sua nova casa, sendo que fazem dois meses que moram nela. Possui oito cômodos: sala, dois quartos, cozinha, dois banheiros, varanda, área de serviço, medindo, aproximadamente, 80 metros quadrados.



Foto 55Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ]
2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



Foto 56 Foto do morador, Terra Livre - Resende [RJ],
2006,[doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

Neste lote, o morador já estava prestes a iniciar a obra da nova casa quando começamos a realizar esse trabalho na comunidade. Felizmente, deu tempo de discutirmos o projeto da nova casa, onde, primeiramente, o morador fez o desenho de como gostaria que esta fosse construída e, posteriormente, fizemos um debate acerca de algumas alternativas de distribuição interna dos cômodos e de orientação da casa a partir da orientação do sol. Ele optou por construir em alvenaria com telhado de telha cerâmica.

Dois meses depois, a casa já estava como aparece na foto acima, faltando terminar o piso interno e colocar as esquadrias para iniciar o processo de acabamento final. No momento em que fomos entregar as plantas finais das casas aos moradores, a casa já possuía as esquadrias e o acabamento em revestimento cerâmico nos banheiros.

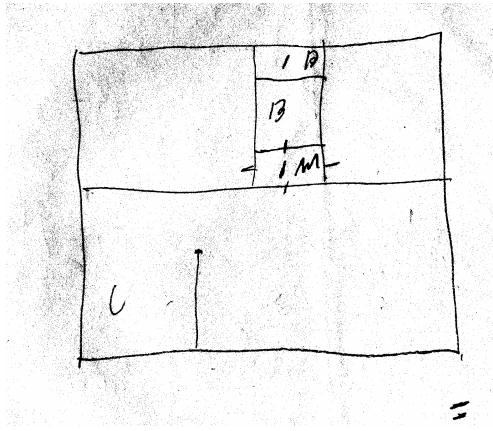
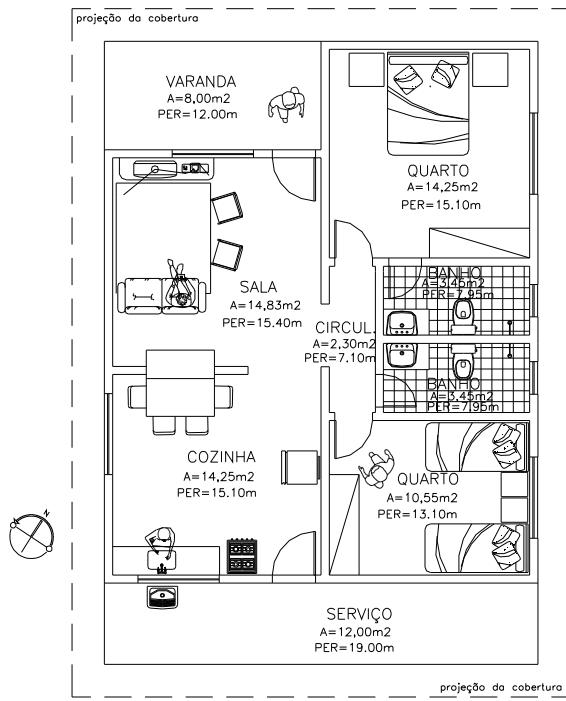
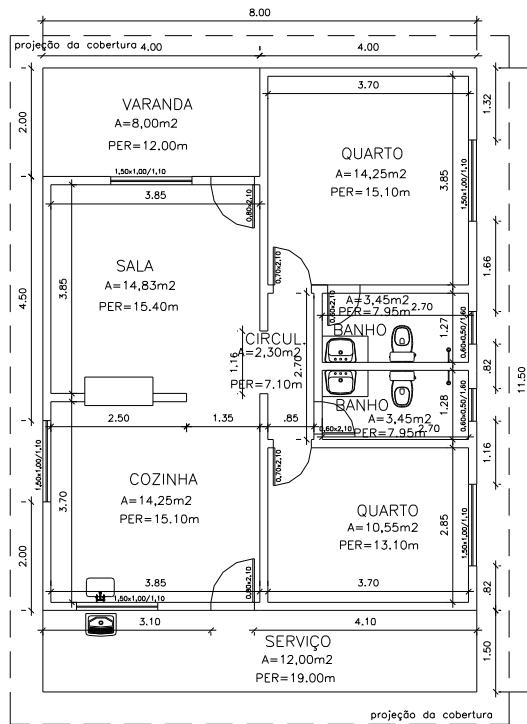


Figura 3 Desenho feito pelo morador, 2006.

Acima o desenho da nova casa elaborado pelo morador, retratando como ele gostaria que fosse sua distribuição interna. Em seguida, as plantas do projeto final, onde a distribuição interna segue a proposta inicial do morador, adequando um pouco suas áreas e prevendo uma melhor orientação no lote.



Planta baixa humanizada – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.



Planta baixa cotada - pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

A. Andrade e J. Filho

Residem há dois anos no Terra Livre, em uma casa já existente na fazenda. Seu lote está localizado no núcleo “um”. Moram o casal e dois filhos. A casa possui cinco cômodos: sala, quarto, cozinha, banheiro, varanda, sendo que mede 43,60 metros quadrados.

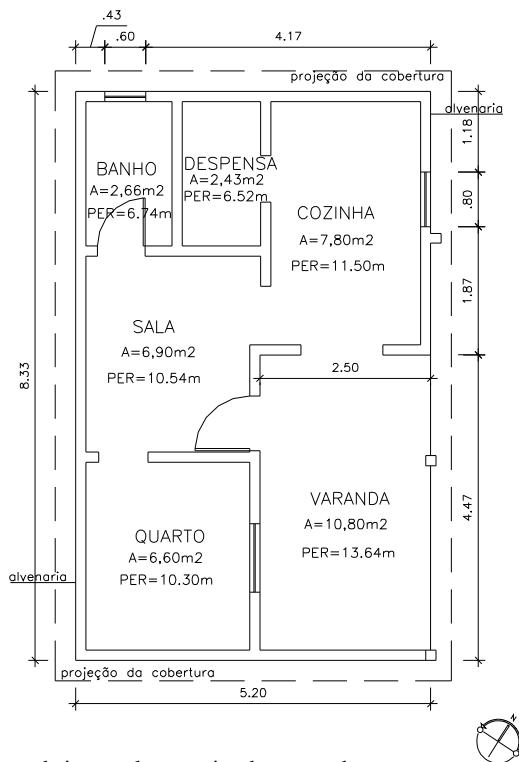


Foto 57 Casal desenhando a casa nova, Terra Livre, Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



Foto 58 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

Acima, planta baixa da casa atual, elaborada durante o levantamento físico realizado e, foto do casal desenhando a casa que gostariam de morar. A residência atual é de alvenaria com telhado de telha cerâmica e piso de cimento liso. Ao lado foto da fachada frontal da casa.

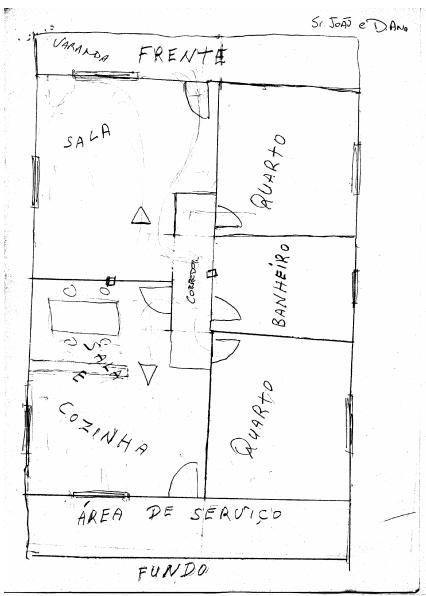
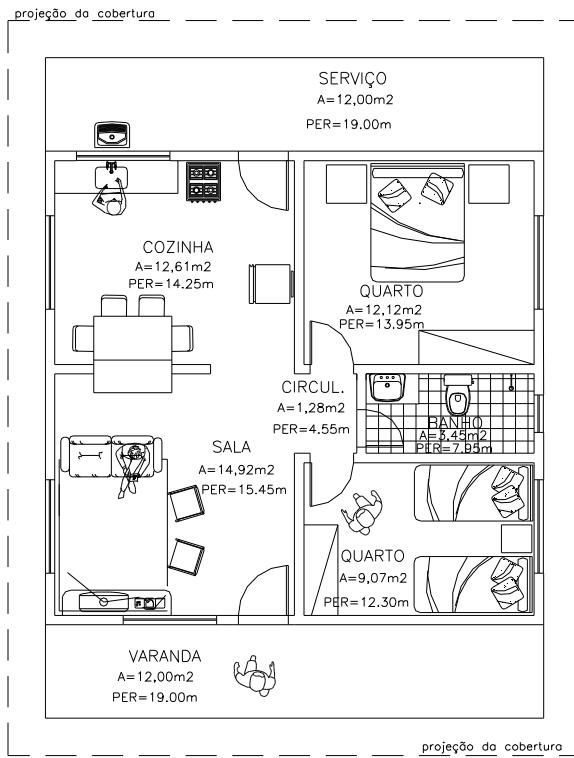


Figura 4 Desenho feito pelo morador, 2006.

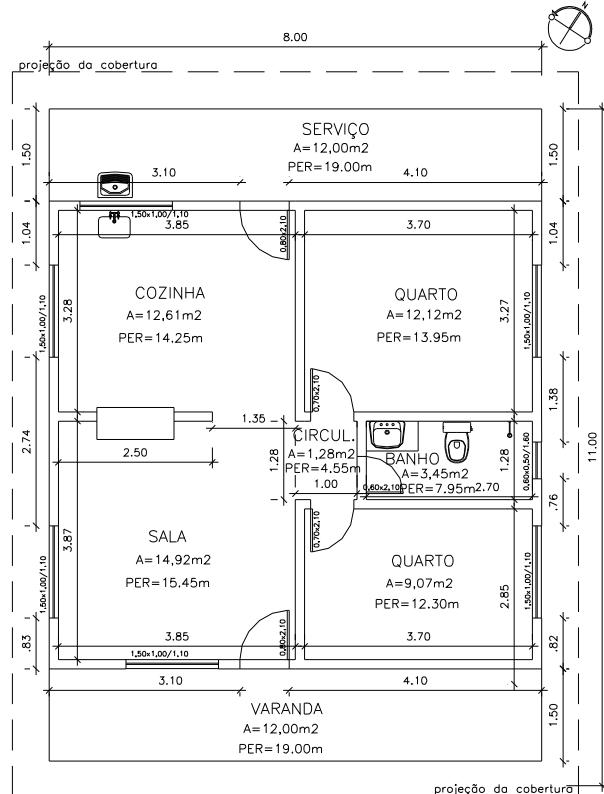
Acima o desenho elaborado pela família, retratando a casa que gostariam de ter. Nota-se que o desenho já apresenta com clareza a distribuição interna desejada.

Ao lado o projeto final da futura residência, discutido conjuntamente e, que considera os anseios iniciais relatados, sugerindo somente algumas modificações quanto à área dos cômodos e sua orientação no lote.

As duas plantas ao lado, são referentes à planta baixa humanizada e à planta baixa cotada, com as áreas e as medidas de todos os cômodos.



Planta baixa humanizada - pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.



Planta baixa cotada - pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

A. Lira

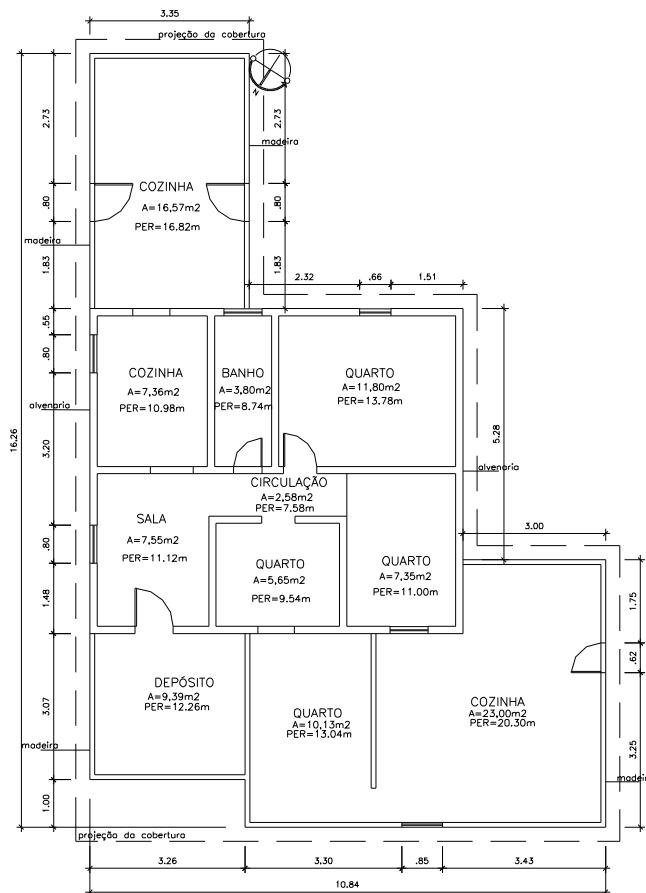
Residem há sete anos no Terra Livre, em uma casa já existente na fazenda. Seu lote está localizado no núcleo “um”. Moram o casal com dois filhos e uma senhora. A casa possui dez cômodos: sala, quatro quartos, três cozinhas, banheiro e área de serviço, sendo que mede, aproximadamente, 117 metros quadrados.



Foto 59 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006 [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



Foto 60 Foto da família reunida, Terra Livre - Resende[RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



Planta baixa atual - pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006

Ao lado a planta baixa da casa atual elaborada durante o levantamento físico realizado. A casa é bastante antiga com uma estrutura de alvenaria e uma ampliação, mais recente, com tábuas de madeira.

A cobertura também é mista com telhado de telha cerâmica e telha de amianto na área recente. O piso é de cimento liso.

Abaixo o desenho feito pela família e ao lado o projeto final proposto. Esta casa será construída em etapas, sendo que o projeto prevê as devidas ampliações para um, dois, três e quatro quartos.

A casa será de alvenaria com cobertura em telha cerâmica.

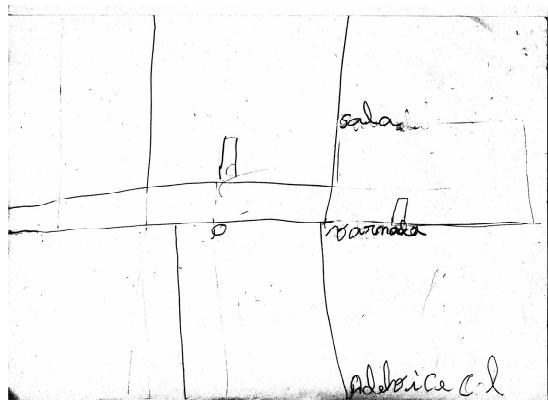
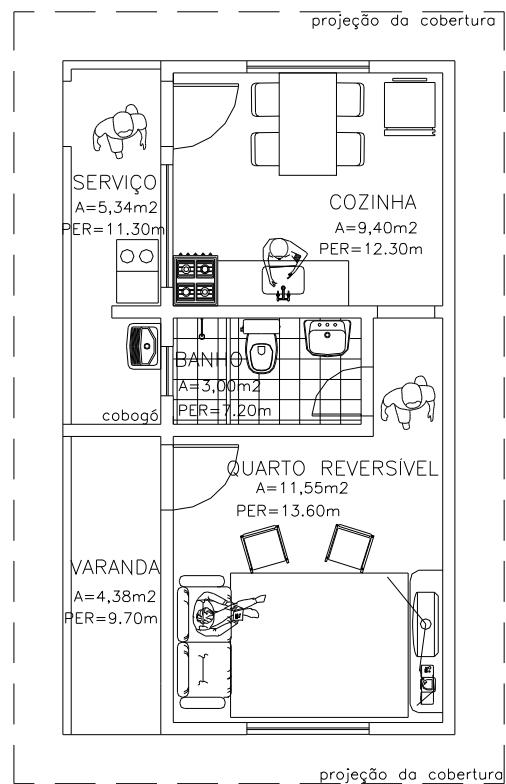
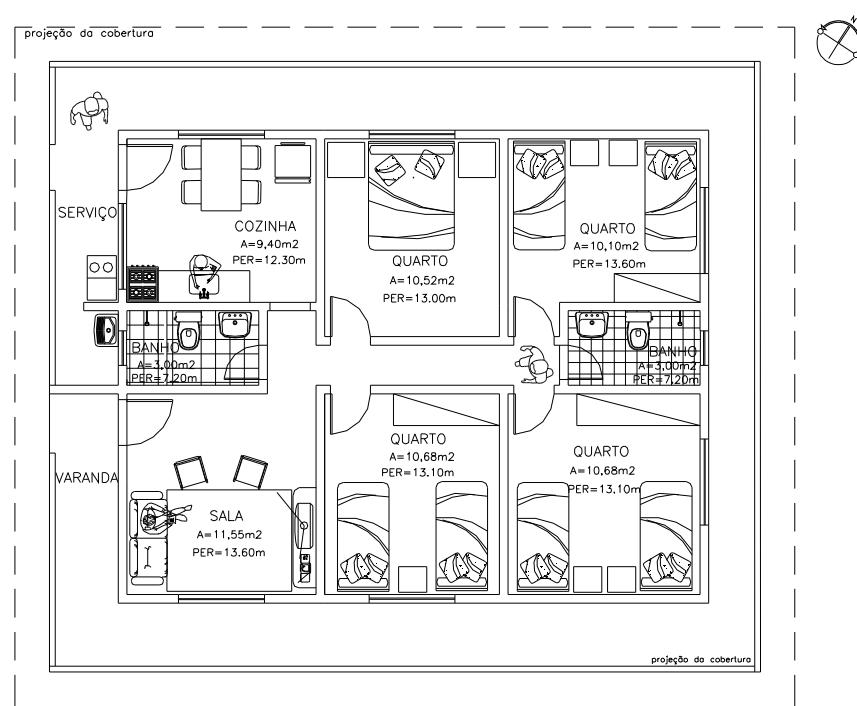


Figura 5 Desenho feito pelo morador, 2006



Planta baixa humanizada - pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.



Planta baixa humanizada, quatro quartos - pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

E. Silva e E. Santos

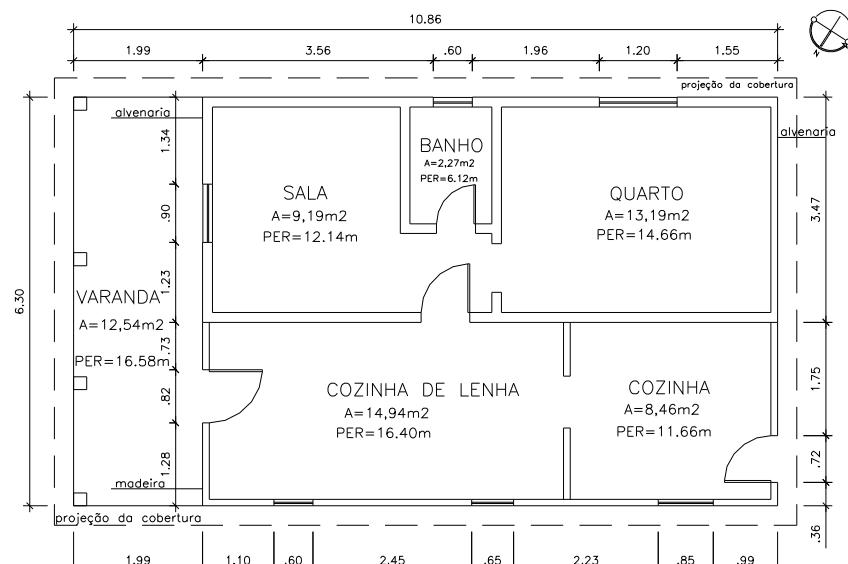
Residem há cinco anos e meio no Terra Livre, sendo que construíram a casa, onde moram atualmente com as três filhas, há cerca de quatro anos e meio. Seu lote está localizado no núcleo “um”. A casa possui cinco cômodos: sala, quarto, duas cozinhas e banheiro e, mede, aproximadamente, 68,40 metros quadrados.



Foto 61 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



Foto 62 Foto do morador com a criação, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



Planta baixa atual - pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006

Acima a planta baixa da casa atual elaborada durante o levantamento físico realizado. Conforme observado nas fotos, a casa é mista de madeira e de alvenaria com cobertura de telha de amianto sobre os cômodos internos e telha cerâmica na varanda. O piso é de cimento liso no quarto, sala e banheiro e de terra batida nas cozinhas e varanda.



Figura 7 Desenho feito pela menina, 2006

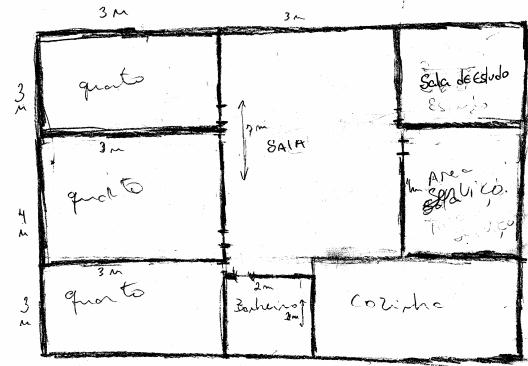
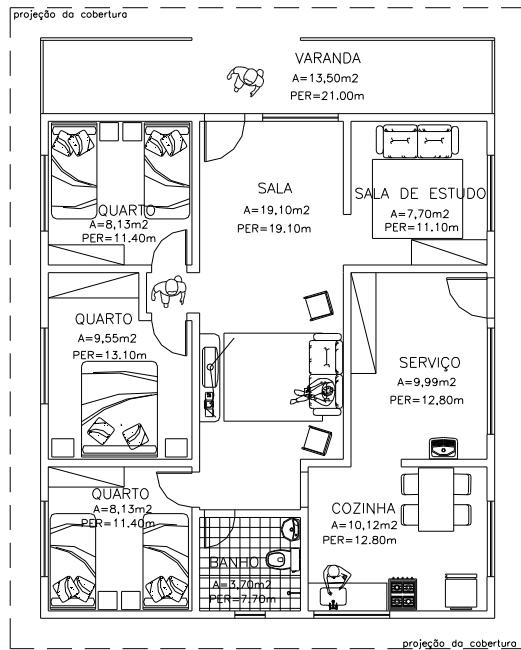
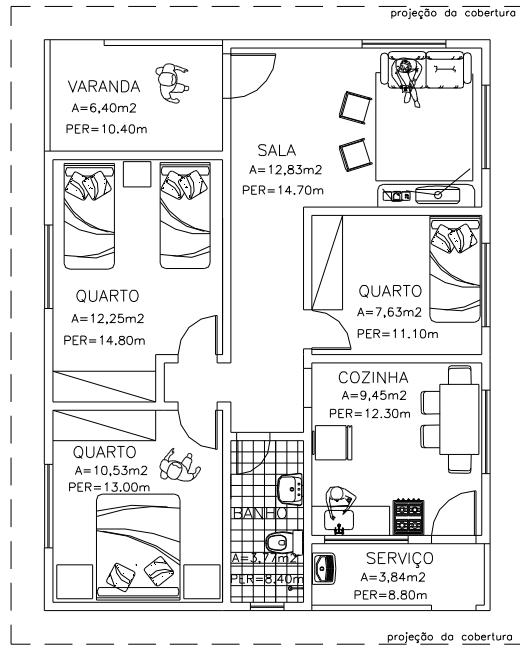


Figura 6 Desenho elaborado pela família, 2006

Acima à direita, o desenho da nova casa feito pelo titular, com as medidas dos cômodos e distribuição interna. E à esquerda o desenho da casa feita pela filha, toda colorida retratando os morros que existem no entorno da comunidade e que compõem a vista dos moradores e, o mato caracterizando o lote familiar. Abaixo duas propostas diferentes de casas de três quartos, desenhadas a partir do debate realizado com a família.



Planta baixa humanizada 1 - pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.



Planta baixa humanizada 2 - pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

G. Andrade e M. Santos

Residem há sete anos no Terra Livre, sendo seu lote localizado no núcleo “um”. Moram em uma casa adaptada dentro de um antigo galpão existente da fazenda. Vivem o casal com três filhos. A casa possui sete cômodos: sala, dois quartos, cozinha, banheiro, despensa e varanda e, mede, aproximadamente, 163 metros quadrados.

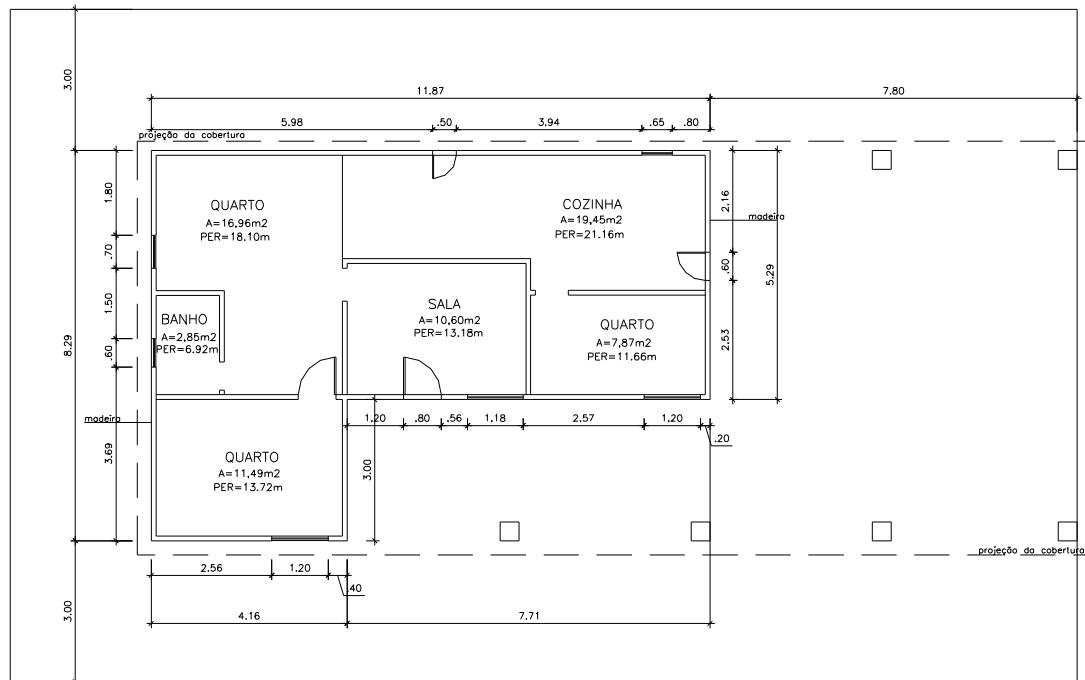


Foto 63 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



Foto 64 Foto dos filhos do casal, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

Abaixo, a planta baixa da casa atual elaborada durante o levantamento físico realizado. A casa é mista: de madeira e de alvenaria, com cobertura de telha de amianto e piso de cimento liso. Conforme observado na foto acima, a casa foi adaptada a partir de um antigo galpão da fazenda destinado à criação de aves.



Planta baixa atual - pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

Ao lado, o desenho elaborado pelo morador, retratando a fachada e a planta baixa da nova casa, mostrando a distribuição interna que a família gostaria que a casa tivesse.

O projeto final propõe a construção da casa em etapas, de acordo com os recursos disponíveis e prevendo as futuras ampliações com dois, três e quatro quartos.

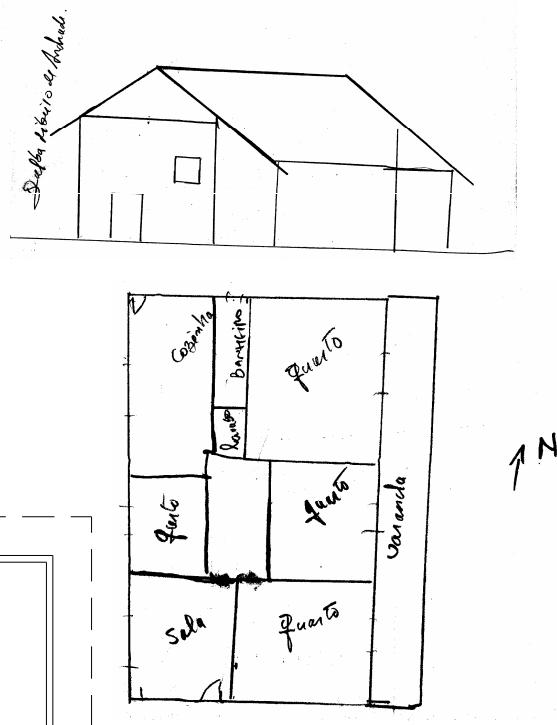
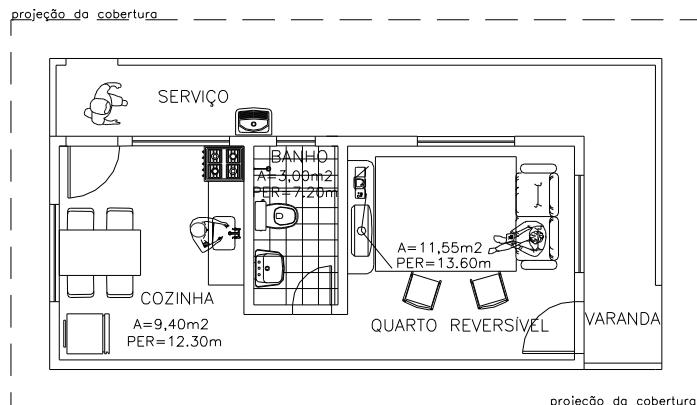
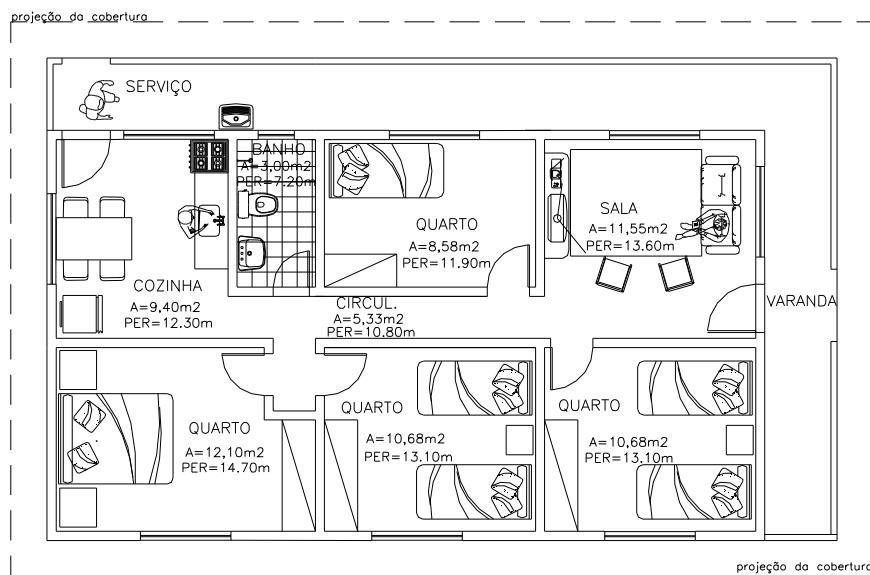


Figura 8 Desenho feito pelo morador



Planta baixa humanizada - pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.



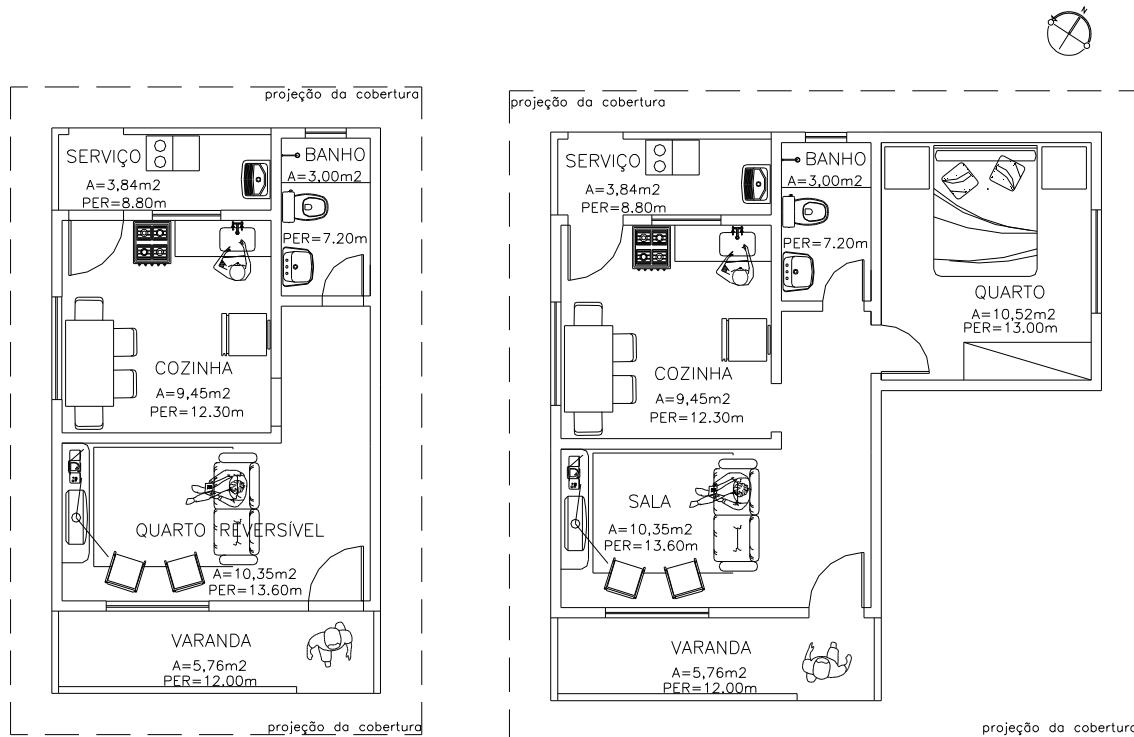
Planta baixa humanizada com ampliação - pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

L. R. Silva

Seu lote está localizado no núcleo “um”, porém reside, temporariamente, na casa de outra titular. Na nova casa irá morar com o filho e esta terá sete cômodos: sala, cozinha, banheiro, dois quartos, varanda e área de serviço, medindo, aproximadamente 66,00 metros quadrados.

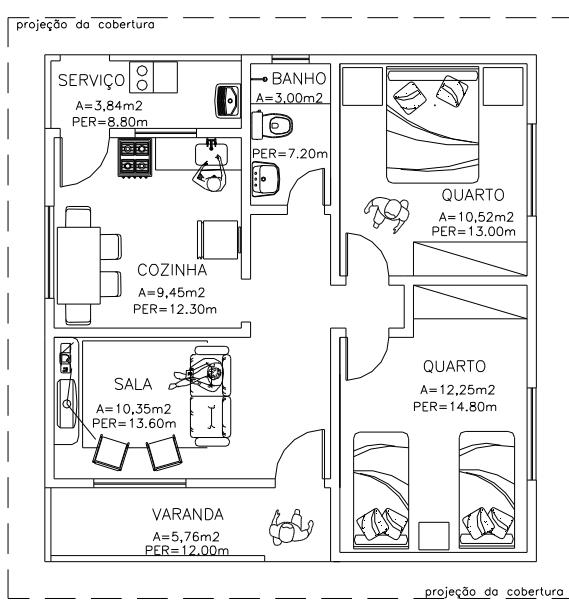
O futuro titular ainda não possui nenhuma casa construída em seu lote. Pretende construir a casa de alvenaria, com telhado cerâmico e piso de cimento liso. Já possui uma fundação em radier construída no lote e, pretende aproveita-la como fundação da futura casa.

Este projeto foi pensado para ser executado em etapas a partir de um embrião inicial com um quarto reversível. Projetou-se sua ampliação para um e dois quartos que poderão ser construídos em momentos posteriores. Foi pensada a melhor orientação da casa de acordo com a entrada no lote e a orientação solar.

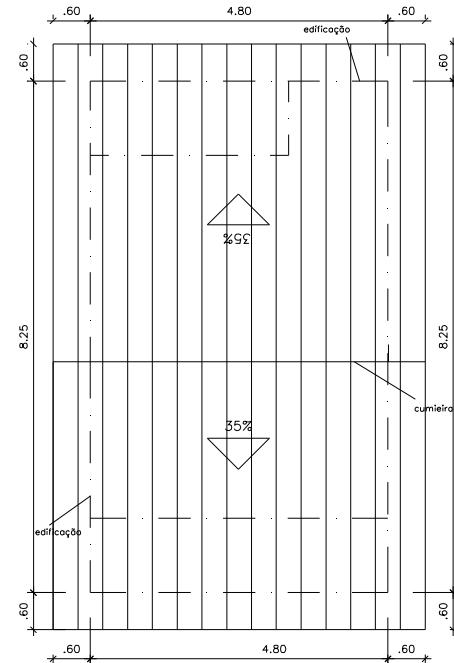


Planta baixa humanizada - pesquisa de campo
do autor, CPDA, 2006.

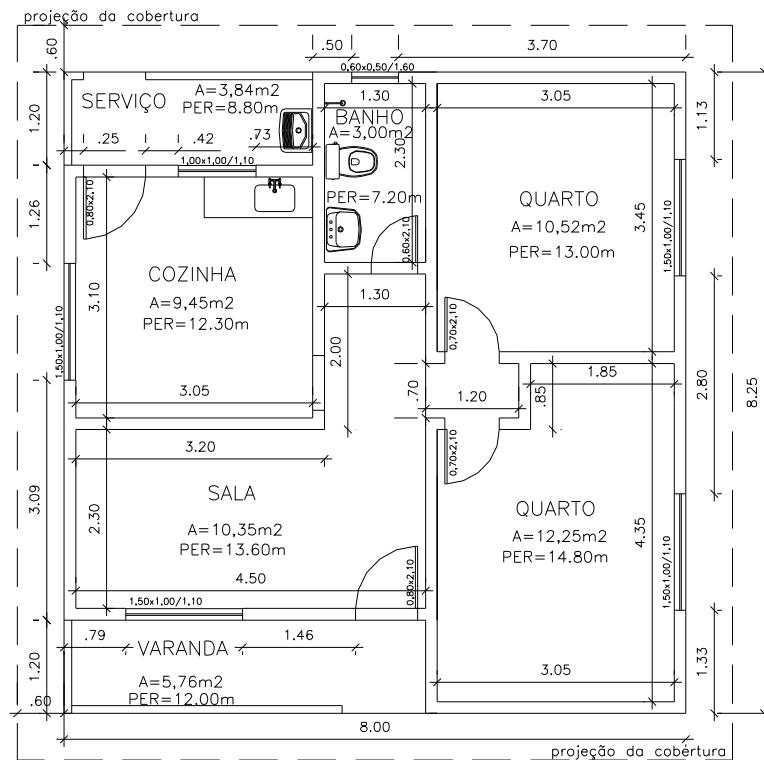
Planta baixa humanizada de um quarto - pesquisa de campo
do autor, CPDA, 2006.



Planta baixa humanizada de dois quartos – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006



Planta de cobertura, pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.



Planta cotada - pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

M. Silva e J. Silva

Residem há 36 anos no Terra Livre – já moravam na antiga fazenda, antes de ser ocupada pelas atuais famílias moradoras. Seu lote está localizado no núcleo “um”. A casa já existia na fazenda, sendo que moram nela há 32 anos, com mais três filhos, três netos e Luiz Ronaldo (outro futuro titular). A casa possui oito cômodos: sala, três quartos, duas cozinhas, banheiro e varanda e, mede 143,44 metros quadrados.

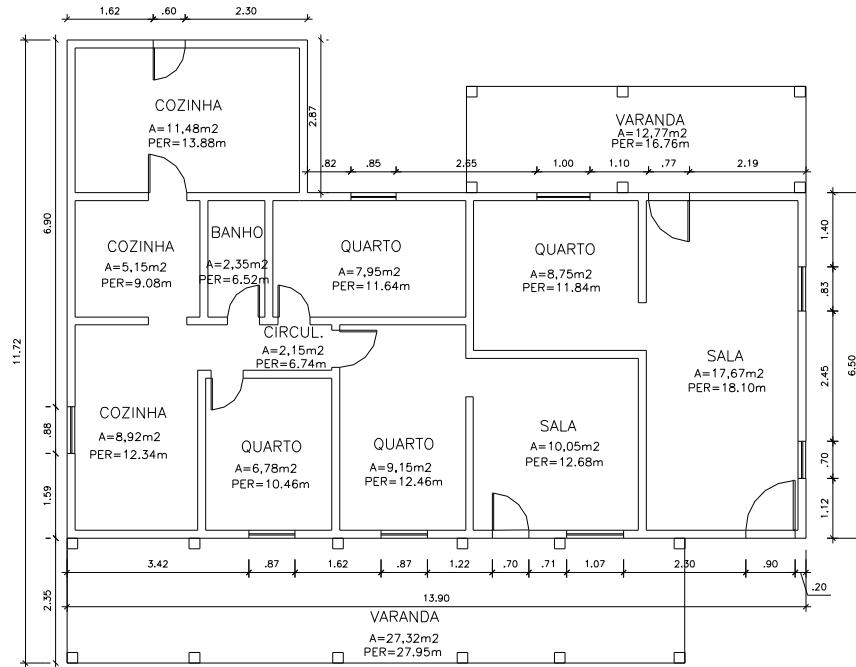


Foto 65 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

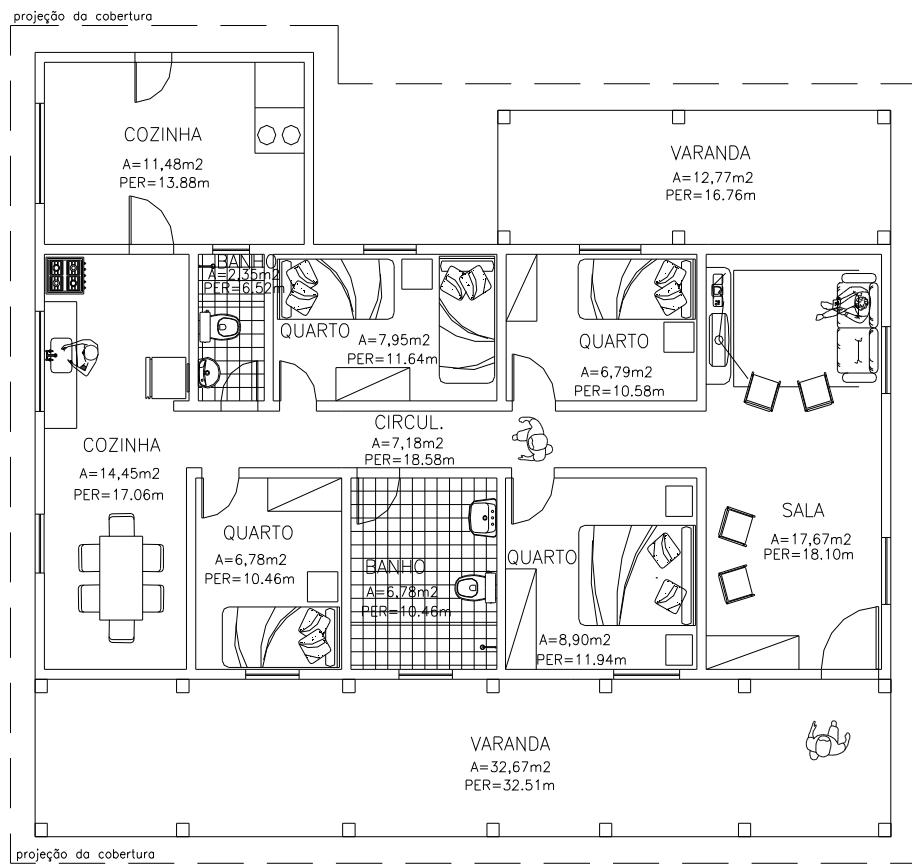


Foto 66 Detalhe da parede da cozinha, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

Neste lote a moradora optou por manter a casa e fazer uma reforma interna, ampliando somente a varanda frontal e a área de cobertura, que continuará com telhas cerâmicas. Com a reforma, a casa toda ficará ligada internamente, será feito mais um banheiro no local de um quarto, a cozinha será ampliada e uma das salas se transformará em quarto. A casa passará por reforma na cobertura, serão feitas paredes de alvenaria onde hoje existem tábua de madeira e será feito acabamento final em toda a casa, com revestimento cerâmico nas áreas molhadas.



Planta baixa atual - pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006



Planta baixa humanizada - pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006

N. Martins

Reside há sete anos no Terra Livre, sendo seu lote localizado no núcleo “um”. Vive, a cerca de um ano, numa casa adaptada dentro de um dos galpões existentes na fazenda. Mora sozinho, sendo que a casa possui sete cômodos: sala, três quartos, cozinha, banheiro e varanda, medindo, aproximadamente 150 metros quadrados.

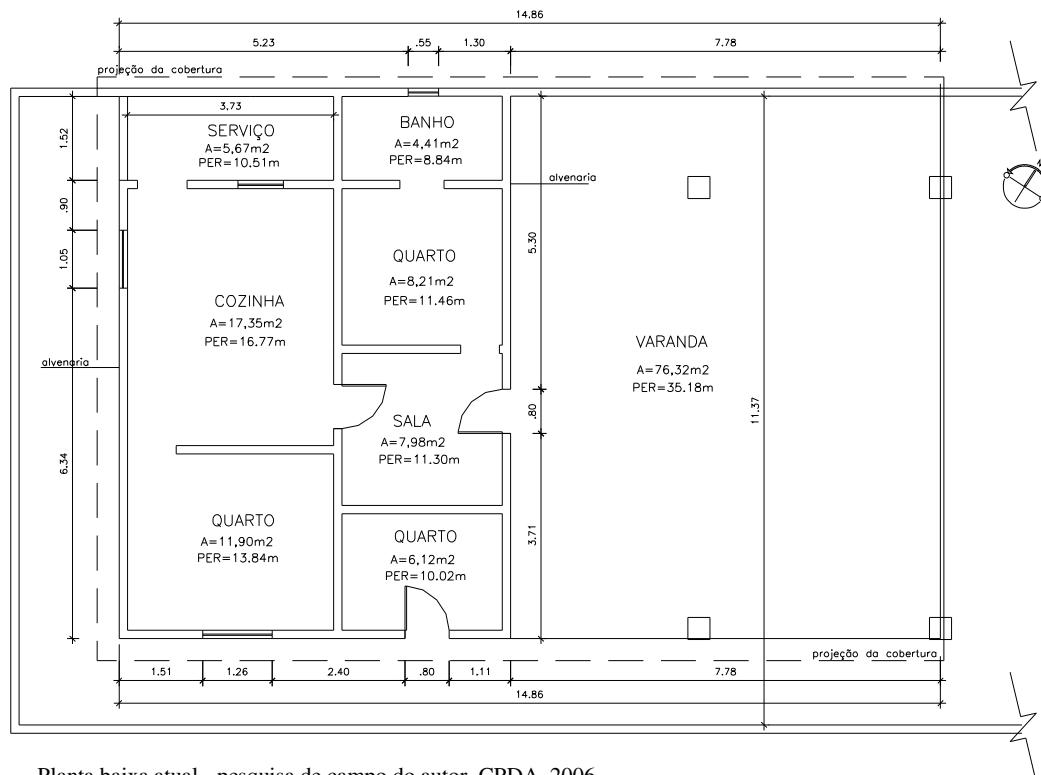


Foto 67 Vista da entrada da casa, Terra Livre - Resende, [RJ] 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

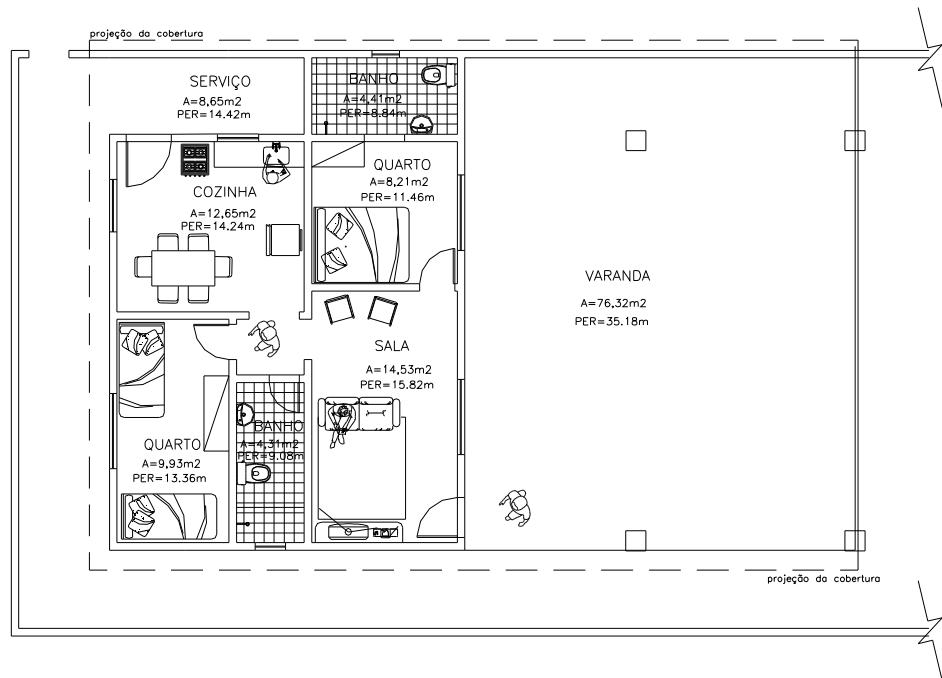


Foto 68 Vista da cozinha, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

Neste lote, o morador aproveitou o antigo galpão existente, outrora destinado à criação de aves, e adaptou para sua moradia. Sua intenção é fazer uma reforma interna no galpão de modo que lhe proporcione melhores condições de moradia.

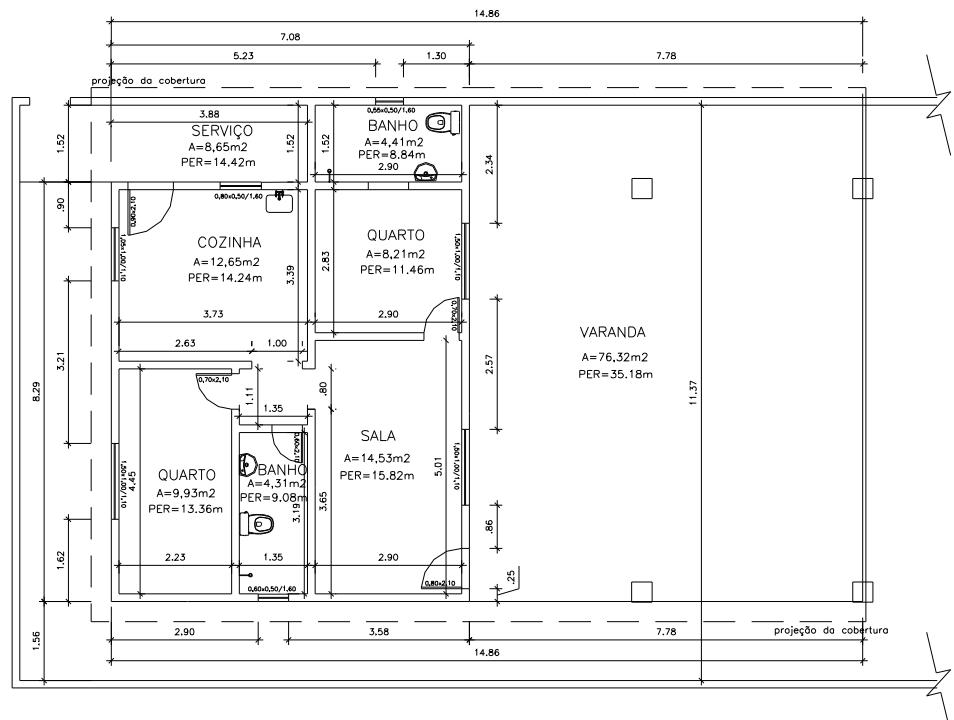


Planta baixa atual - pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.



Planta baixa humanizada - pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006

O projeto desenvolvido juntamente com o morador, prevê a ampliação da sala, a construção de mais um banheiro – este de uso social, sendo o outro uma suíte, a ampliação do quarto já existente – diminuindo um pouco a cozinha, e a abertura da área de serviço. Será feito acabamento final com revestimento cerâmico nas áreas molhadas - cozinha e banheiros. Acima a planta baixa humanizada do projeto final e abaixo a planta baixa com as cotas e as áreas de cada cômodo.



Planta baixa cotada - pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

R. Nogueira

Reside há quatro anos no Terra Livre, em uma casa já existente na fazenda. Seu lote está localizado no núcleo “um”, onde mora com o pai e o irmão. A casa possui oito cômodos: sala, três quartos, cozinha, banheiro, área de serviço e varanda, medindo, aproximadamente, 81 metros quadrados.



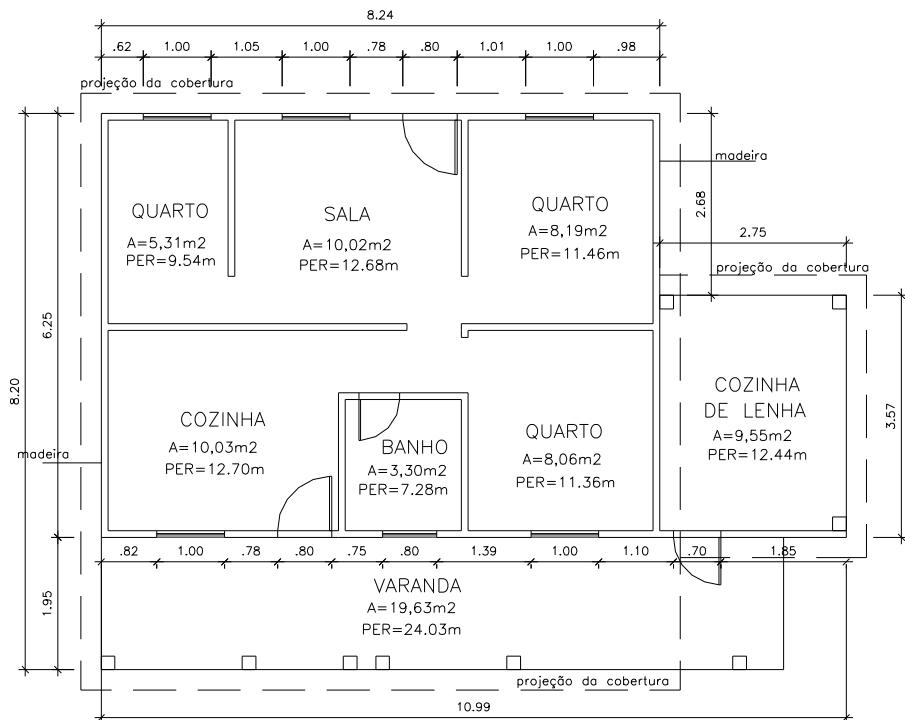
Foto 69 Vista da varanda da casa, Terra Livre - Resende 2006. [RJ], [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



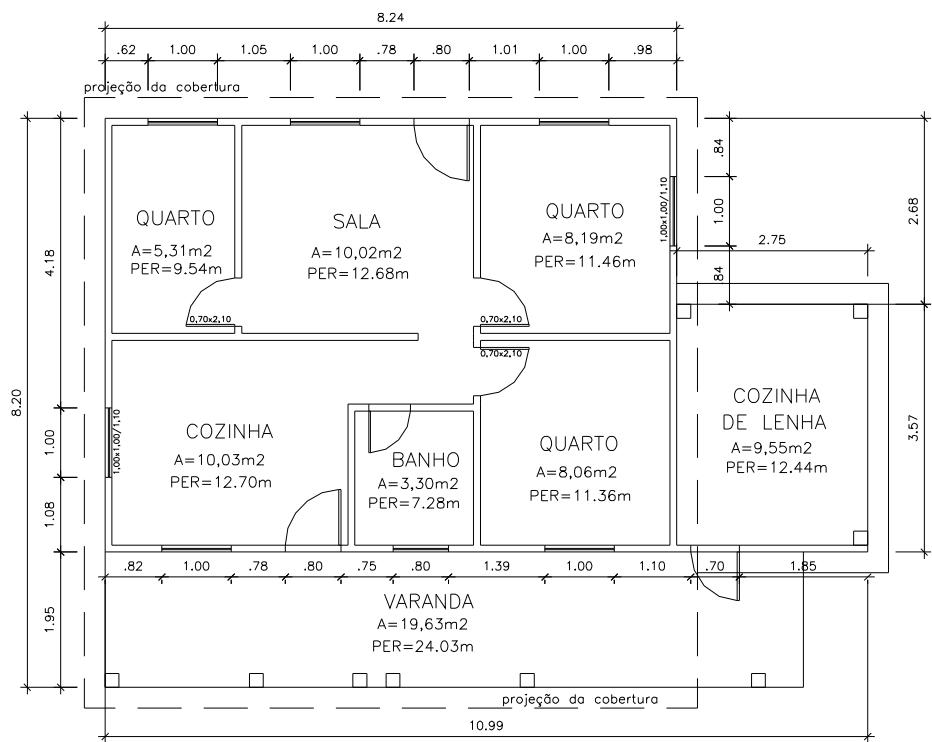
Foto 70 Vista da cozinha, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

Com relação a casa, o morador aproveitou a que já era existente na antiga fazenda e se instalou juntamente com a família. A casa é antiga, de madeira na cor escura, com telhas de barro e piso em cimento liso. Possui trechos deteriorados nas paredes e algumas telhas quebradas. O morador não tem anseios de ampliar a casa. Sua vontade é melhorar a qualidade do acabamento dos cômodos, trocar algumas peças da estrutura de madeira do telhado, reformar o piso, o banheiro e melhorar a ventilação e a iluminação da casa, abrindo novas janelas em algumas paredes.

Foram discutidos os melhores lugares para abrir as janelas, de acordo com o sentido do fluxo de ventilação e, a necessidade de acabamento nos cômodos, principalmente banheiro e cozinha. A casa não possui fossa séptica e nenhum outro tipo de sistema de esgotamento sanitário. Foi conversada com a família, a importância de construir uma fossa séptica, para melhor salubridade da casa e do lote, aproveitando o momento de reforma das casas. Abaixo, seguem a planta baixa do levantamento da casa atual e a planta baixa com a localização e o tamanho das novas aberturas.



Planta baixa atual - pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.



Planta baixa com as novas janelas - pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

R. Silva e M. Santos

Residem há cinco meses no Terra Livre, sendo seu lote localizado no núcleo “um”. Construíram a casa neste período, vivendo nela somente o casal. A casa possui seis cômodos: sala, dois quartos, cozinha, banheiro e área de serviço, medindo 78,56 metros quadrados.



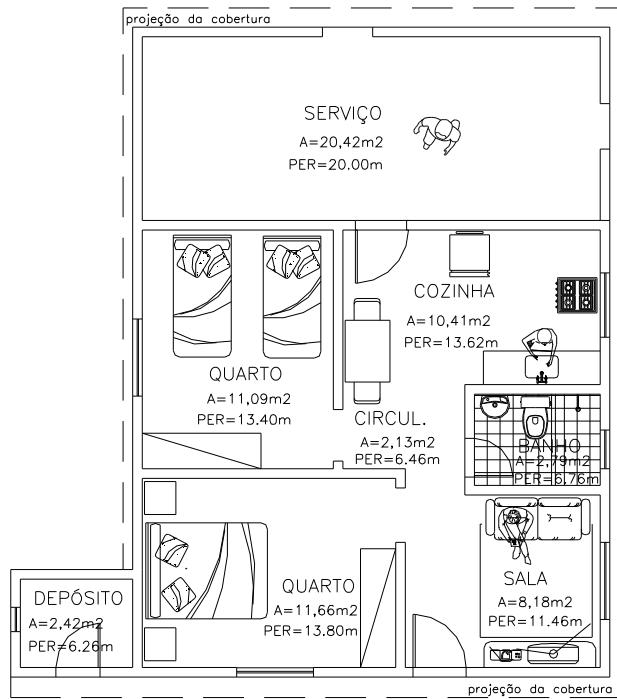
Foto 71 Vista do interior da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



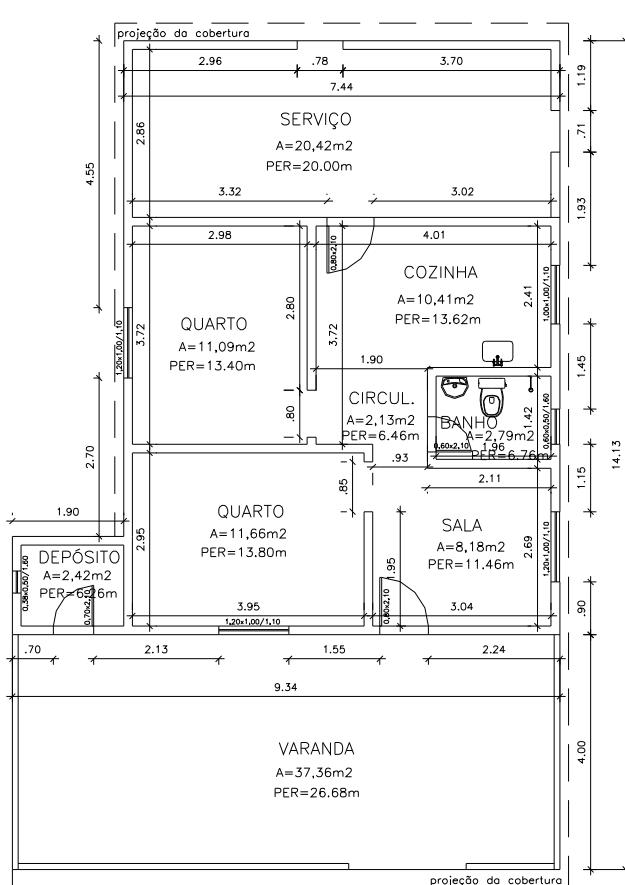
Foto 72 Vista da fachada frontal da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

O casal se mudou recentemente para a comunidade Terra Livre numa troca com outra família, antiga moradora do local. A casa que aparece nas fotos acima foi construída a menos de um ano e apresenta um dos melhores acabamentos internos entre as casas presentes no acampamento, possuindo também, revestimento cerâmico no banheiro. O morador alega que por limitações financeiras não colocou telha cerâmica, optando pela telha de amianto.

Os moradores adoram sua casa nova e indicou nota máxima em todos os itens da matriz de notas realizada. O único anseio de melhoria é construir uma varanda na parte frontal da casa. Hoje a casa possui uma varanda na parte de trás. As plantas abaixo mostram a planta baixa atual da casa e a planta baixa com previsão da varanda frontal. Elas se apresentam humanizadas e cotadas.



Planta baixa atual - pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006



Planta baixa com previsão da varanda - pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006

A. Soares

Reside há oito anos no Terra Livre em uma antiga casa já existente na fazenda. Seu lote está localizado no núcleo “dois”. Mora com um casal de amigos, sendo que a casa possui cinco cômodos: sala, dois quartos, cozinha e banheiro, medindo, aproximadamente, 47 metros quadrados.



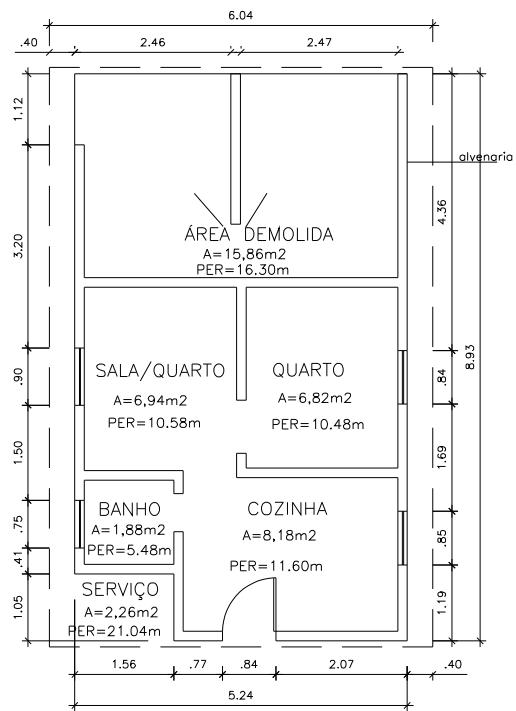
Foto 73 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ],
2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



Foto 74 Foto do morador, Terra Livre - Resende [RJ],
2006,[doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

A casa atual do Sr. Ailson já existia na fazenda antes de sua chegada. Ela é toda de alvenaria, com o piso de cimento liso e a cobertura de telha cerâmica. Atualmente, encontra-se bastante deteriorada, principalmente depois em que algumas paredes foram demolidas por agressores. A cobertura está com sua estrutura ameaçada e com algumas telhas quebradas.

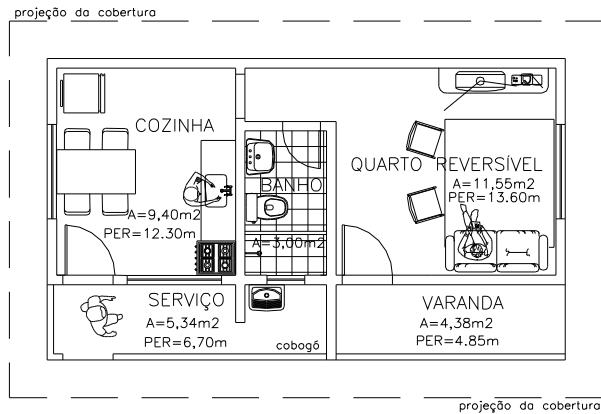
A opção escolhida pelos moradores foi construir uma nova casa em um outro local do lote. Esta nova casa foi pensada para ser construída em etapas, prevendo ampliações futuras. Será de alvenaria com cobertura de telha cerâmica. Abaixo a planta da casa atual medida no levantamento realizado e as plantas baixas, humanizada e cotada, da futura casa.



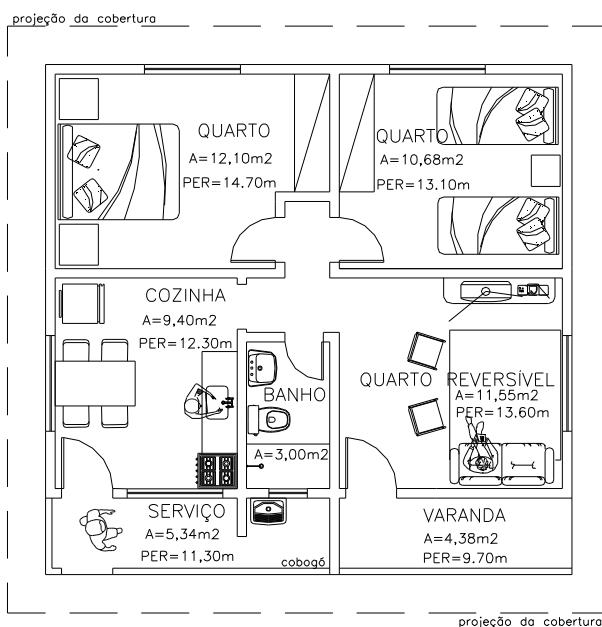
Planta baixa da casa atual – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.



Foto 75 Vista da área demolida, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



Planta baixa humanizada – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.



Planta baixa cotada – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

J. Alvim

Reside há três anos no Terra Livre, em uma casa que ele construiu. Mora sozinho, sendo que seu lote está localizado no núcleo “dois”. A casa possui cinco cômodos: sala, quarto, cozinha, banheiro e área de serviço, medindo, aproximadamente, 83 metros quadrados.



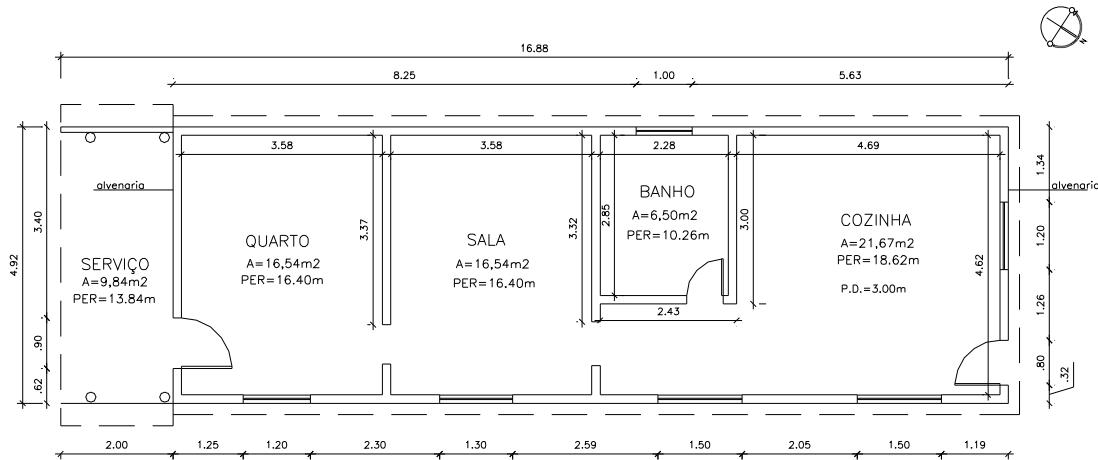
Foto 76 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



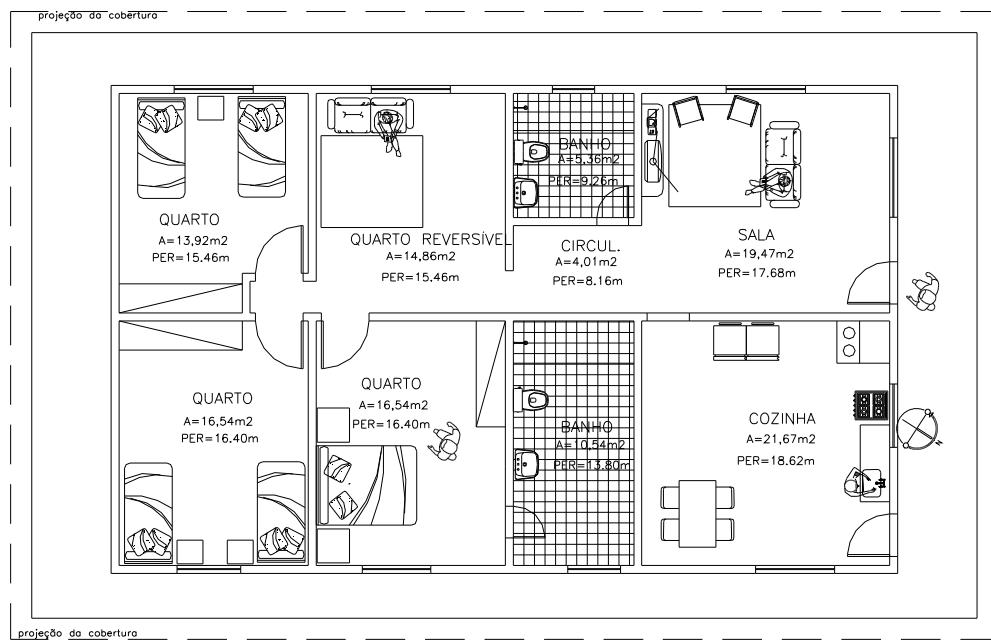
Foto 77 Preparando o almoço, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

Esta casa foi construída pelo próprio morador logo que ele chegou no lote. Não possui nenhum tipo de acabamento externo, porém é uma das casas que apresenta melhores condições de qualidade em acabamento interno com relação às casas da comunidade, possuindo revestimento cerâmico nos pisos e paredes da cozinha e do banheiro e paredes pintadas no quarto e na sala.

A opção feita pelo morador foi a elaboração de um projeto de ampliação da atual casa com a execução de mínimas reformas na área já construída.

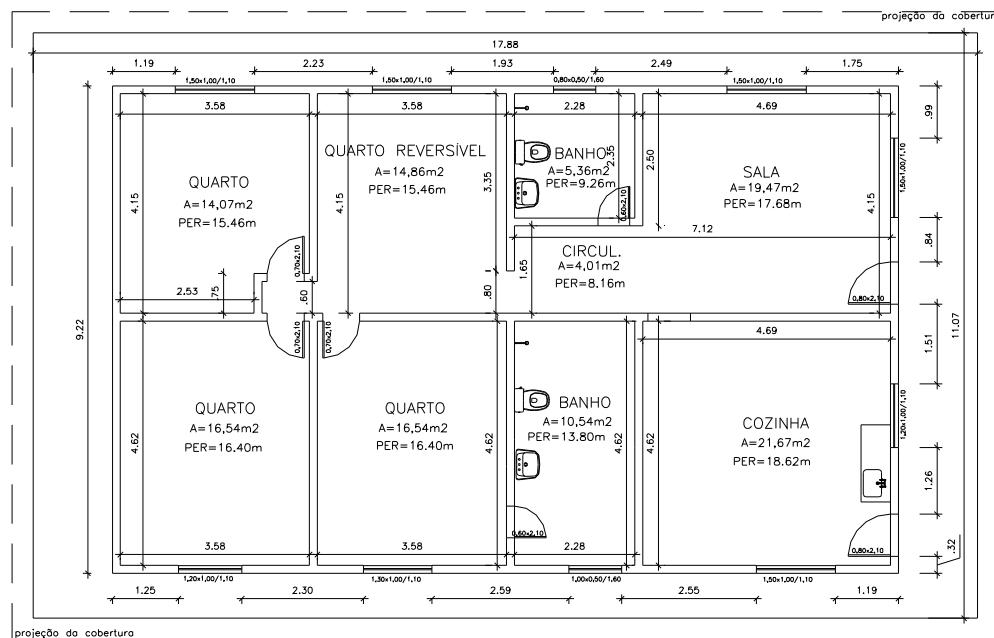


Planta baixa atual – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.



Planta baixa humanizada – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

O novo projeto prevê na casa atual, a modificação da circulação interna entre os cômodos, com a ampliação do banheiro devido à necessidade de ventilação. A casa será ampliada no sentido oeste, com a construção de dois novos quartos, alinhados ao já existente, um novo banheiro e uma nova sala, ligada à cozinha atual. Será também ampliada a varanda, que no novo projeto dará a volta na casa inteira. Acima a planta humanizada da nova casa, e abaixo a mesma planta com as cotas e áreas dos cômodos.



Planta baixa humanizada – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

L. C. Silva

Reside há oito anos no Terra Livre, em uma casa já existente na fazenda. Mora sozinho, sendo que seu lote está localizado no núcleo “dois”. A casa possui sete cômodos: sala, três quartos, cozinha, banheiro e área de serviço, medindo 73,50 metros quadrados.



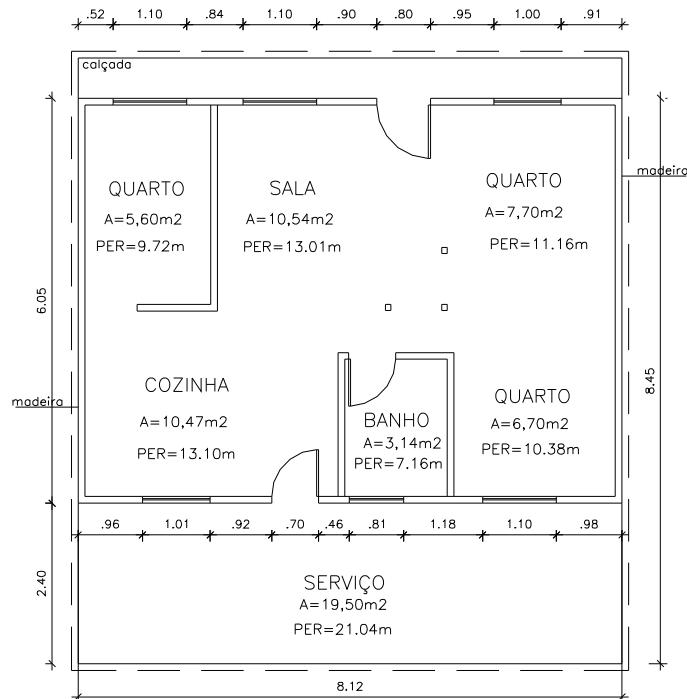
Foto 78 Vista da casa e do morador, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



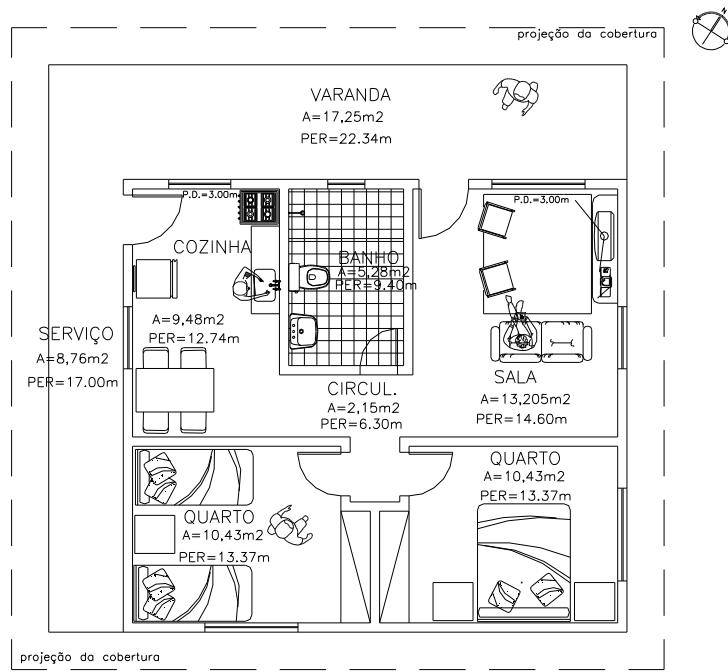
Foto 79 Vista interna de alguns cômodos, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

Esta casa já existia na antiga fazenda. Construída em madeira, possui a cobertura de telha cerâmica já bastante deteriorada, necessitando trocar as peças estruturais do telhado.

A opção feita pelo morador foi derrubar a casa existente e construir uma outra, de alvenaria, no mesmo local, aproveitando a fundação.

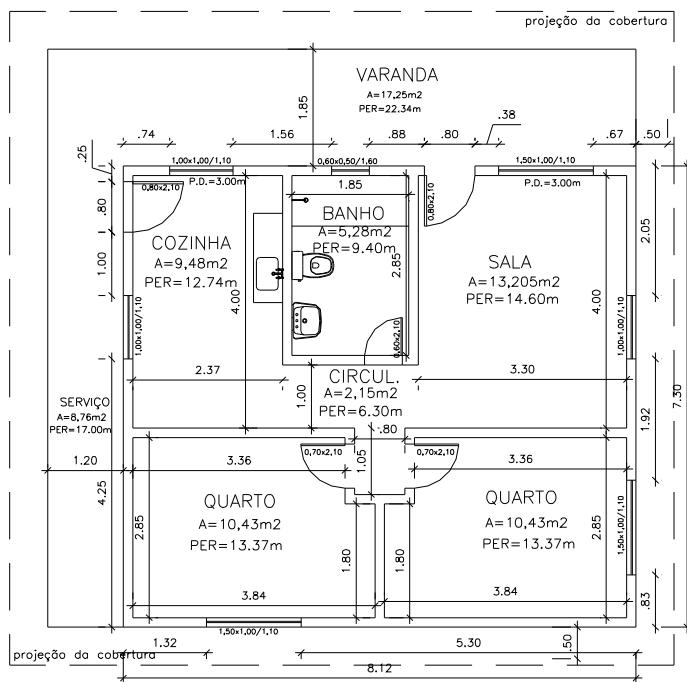


Planta baixa da casa atual – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.



Planta baixa humanizada – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

O novo projeto prevê o aproveitamento da fundação de radier existente, com a construção de novas paredes em alvenaria, mudança da organização interna dos cômodos, e a ampliação da varanda, inclusive para a fachada lateral, atendendo ao novo posicionamento da cozinha. As telhas serão aproveitadas no novo telhado.



Planta baixa humanizada – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

M. T. Silva e M. Junqueira

Residem há oito anos no Terra Livre, sendo que construíram sua casa a cerca de seis anos. Moram com mais dois filhos, sendo que o lote está localizado no núcleo “dois”. A casa possui cinco cômodos: sala, quarto, cozinha, banheiro e varanda, medindo 49,00 metros quadrados.



Foto 80 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

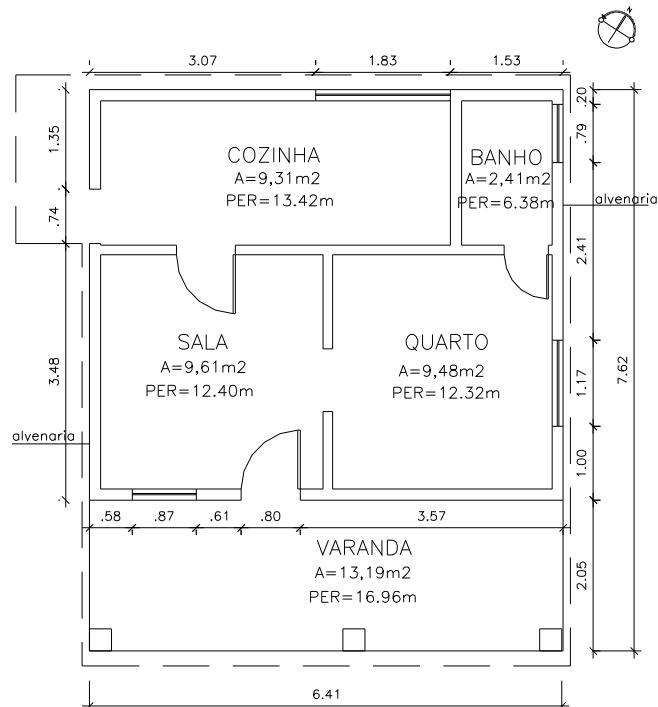


Foto 81 Foto da família, Terra Livre – Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

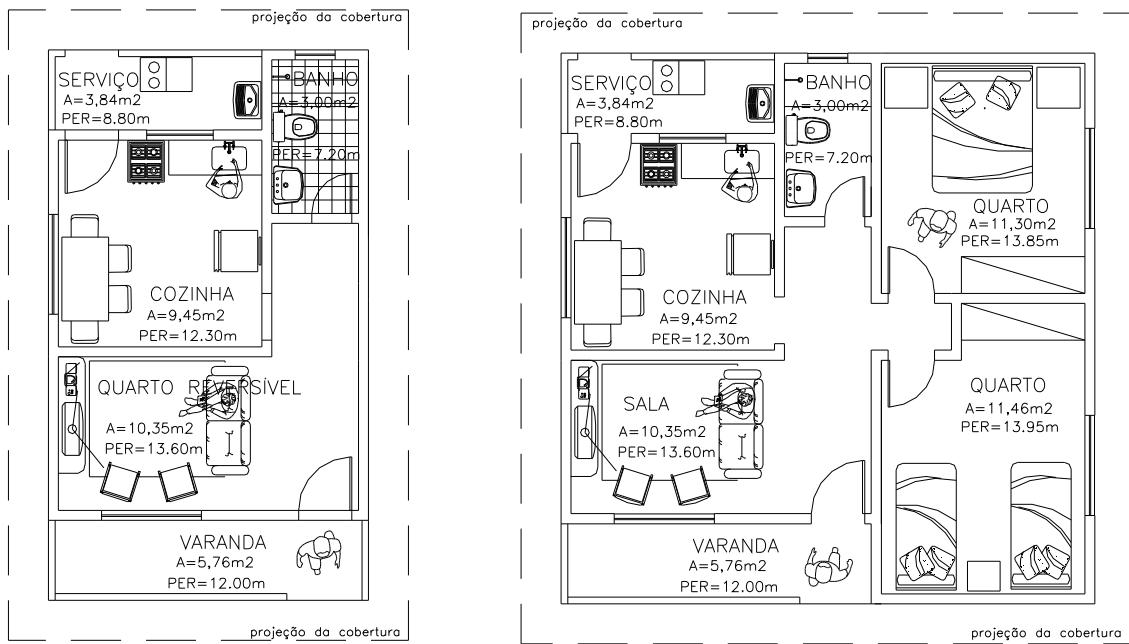
A casa atual foi construída pelo morador em alvenaria e cobertura de telha de amianto.

Apresenta problemas quanto a ventilação, iluminação, altura do pé direito e acabamento.

A vontade da família é construir uma nova casa numa outra área do lote e fazer uma fossa séptica, pois a atual casa não possui nenhum sistema de esgotamento sanitário. Ao lado a planta baixa da casa atual.



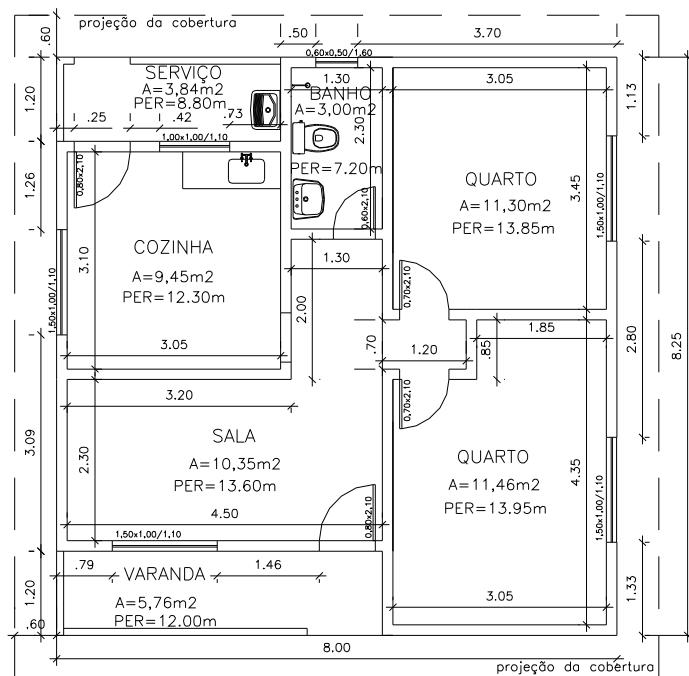
Planta baixa da casa atual – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.



Planta baixa humanizada – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

Planta baixa humanizada ampliada em dois quartos – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

O projeto da nova casa, elaborado junto com a família, prevê a construção em etapas, com futuras ampliações para dois quartos. A casa também será de alvenaria e a nova cobertura será de telha cerâmica. Acima, as plantas baixas humanizadas da nova casa, com a previsão das ampliações. Abaixo, sua planta baixa cotada com novas áreas.



Planta baixa cotada – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

M. L. Silva e L. Silva

Residem há oito anos no Terra Livre, em uma casa já existente na fazenda. Seu lote está localizado no núcleo “dois”, sendo que moram com uma neta e um amigo. A casa possui sete cômodos: sala, três quartos, cozinha, banheiro e varanda, medindo 112,80 metros quadrados.

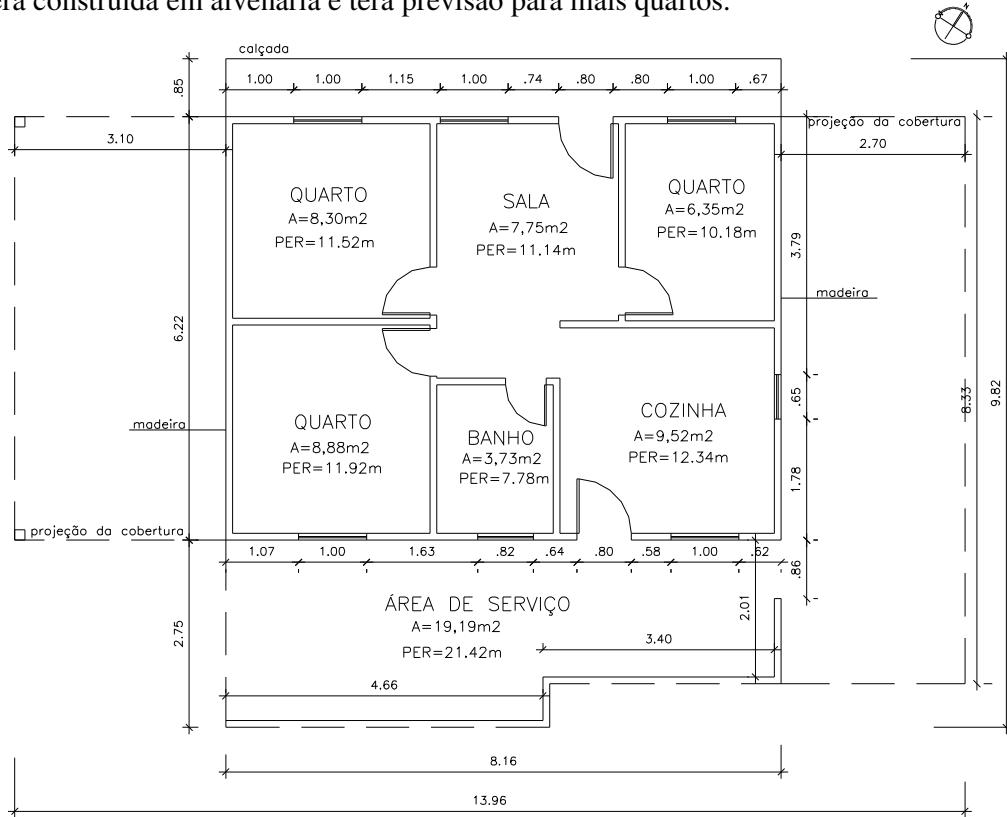


Foto 82 Vista da casa com o titular, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

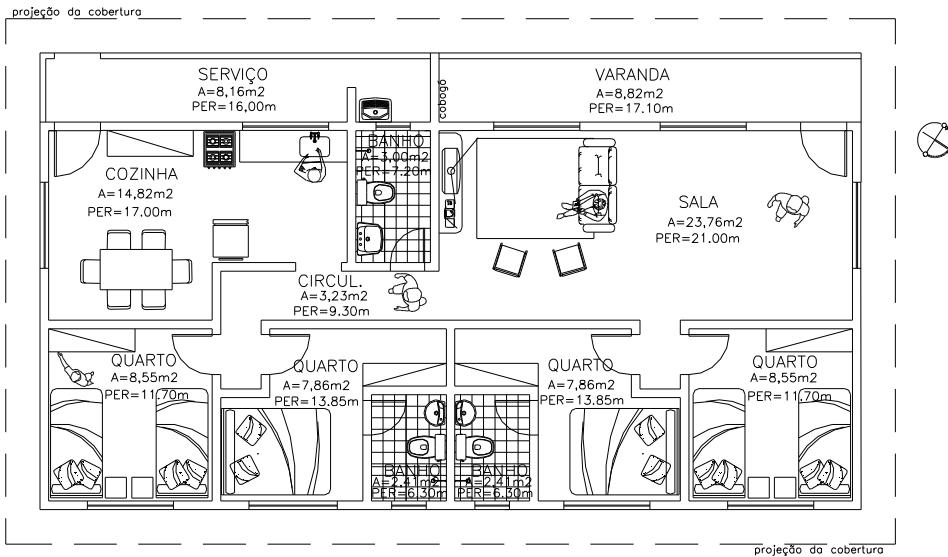


Foto 83 Foto da cozinha da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira

Abaixo, a planta da casa atual, construída em madeira e com cobertura de telha cerâmica. O novo projeto prevê a construção de uma nova casa em outro local do lote. Esta será construída em alvenaria e terá previsão para mais quartos.



Planta baixa da casa atual – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.



Planta baixa humanizada – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

A nova casa terá quatro quartos e três banheiros. O morador deseja uma ampla sala e uma varanda na extensão da fachada toda. Ao lado, o desenho elaborado pelo morador a respeito da nova casa. Acima e abaixo, as plantas baixas respectivas dos projetos.

Mario Lourenço da Silva

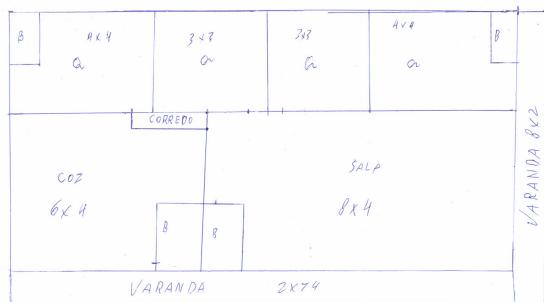
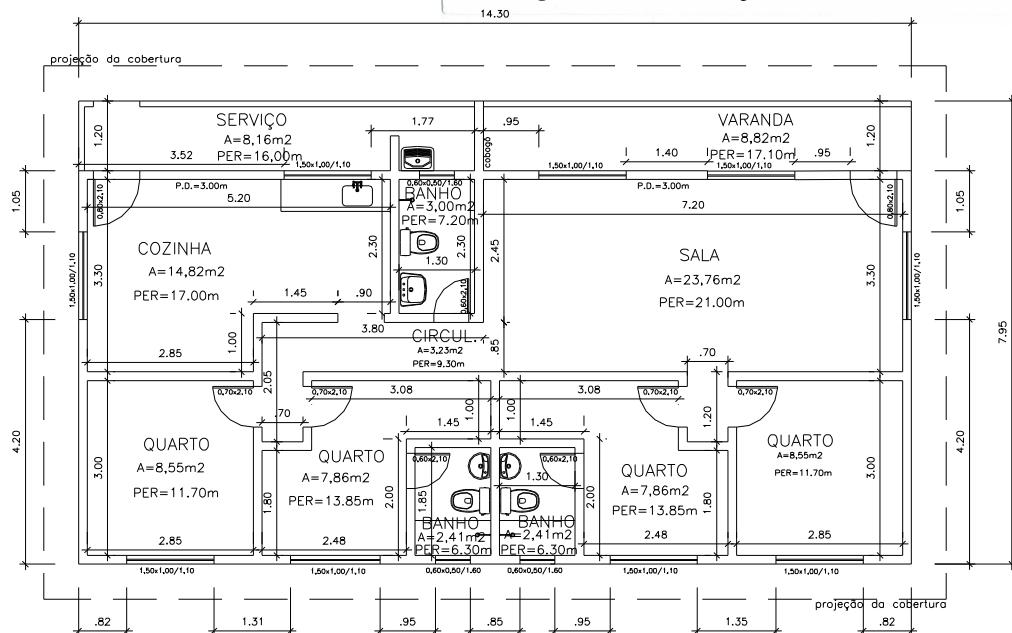


Figura 9 Desenho feito pelo morador, 2006



Planta baixa cotada – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

M. Almeida

Reside há oito anos no Terra Livre, sendo que recentemente construiu uma nova casa de alvenaria. Seu lote está localizado no núcleo “dois” e, atualmente mora sozinha. A casa possui cinco cômodos: Quarto, cozinha, banheiro, despensa e varanda, medindo 51,34 metros quadrados.

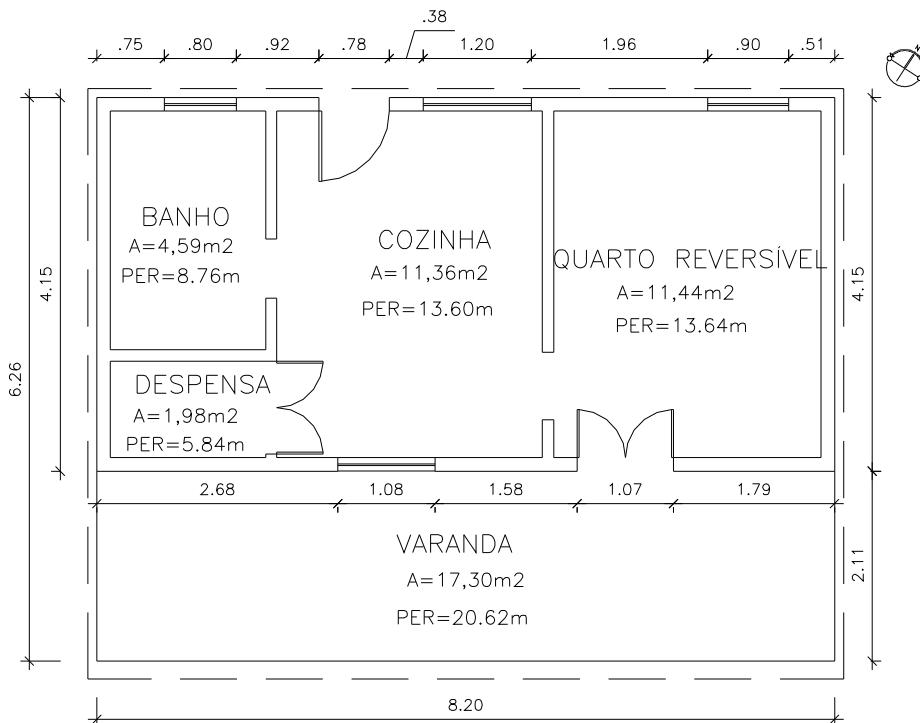


Foto 84 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

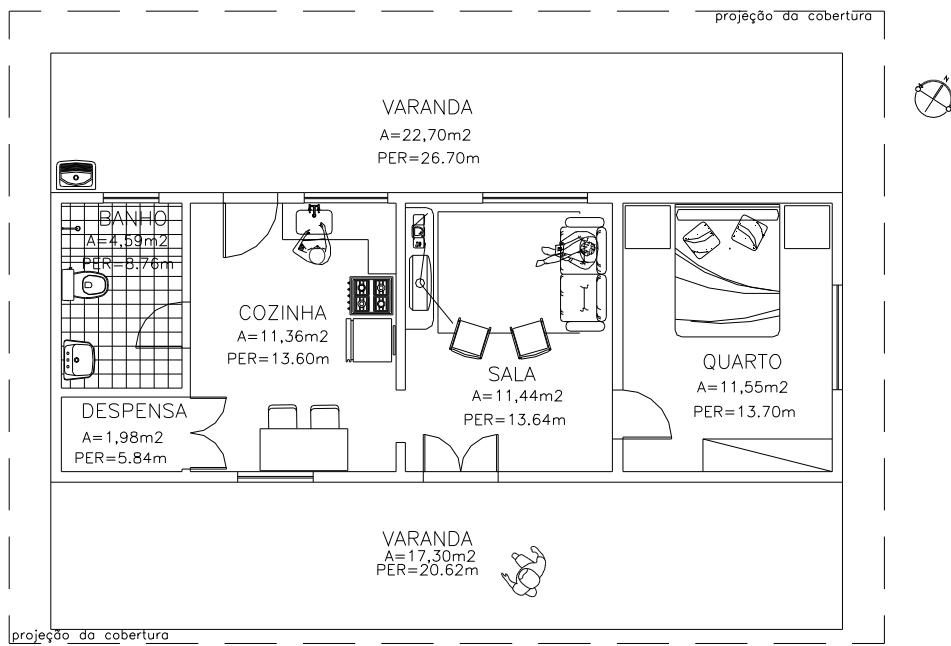


Foto 85 Foto da moradora, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira

A casa atual foi construída recentemente, ao lado da antiga estrutura de madeira na qual a titular morava anteriormente. Esta foi levantada com mão de obra local da comunidade e foi feita em alvenaria. A proprietária deseja ampliá-la.



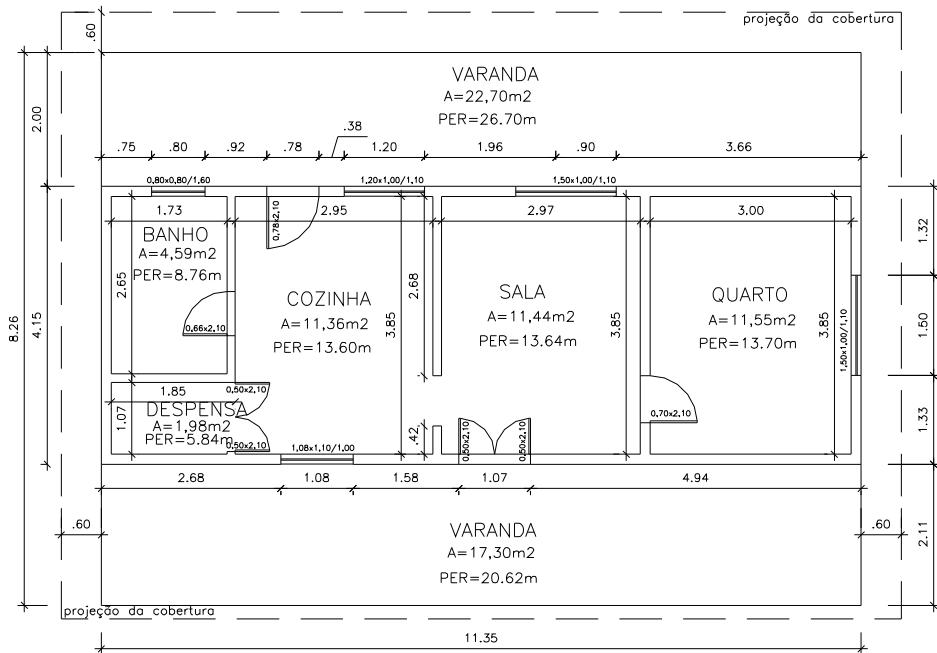
Planta baixa da casa atual – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.



Planta baixa humanizada – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

O projeto de ampliação da nova casa prevê a construção de um novo quarto ao lado do existente e a construção de uma outra varanda nos fundos da casa, com acesso à cozinha. Será executado o acabamento externo e interno com revestimento cerâmico na cozinha e no banheiro. Será construída também uma fossa séptica para atender a casa. Anteriormente não existia nenhuma fossa, sendo os resíduos lançados diretamente na natureza.

Acima, a planta baixa humanizada com a ampliação proposta e abaixo a mesma planta, cotada e com as respectivas áreas nos cômodos.



Planta baixa cotada – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

M. L. Silva e R. Nogueira

Residem há oito anos no Terra Livre, e construíram a casa onde moram com os três filhos. Seu lote está localizado no núcleo “dois”, sendo que a casa possui quatro cômodos: sala, quarto, cozinha e banheiro, medindo 42,59 metros quadrados.

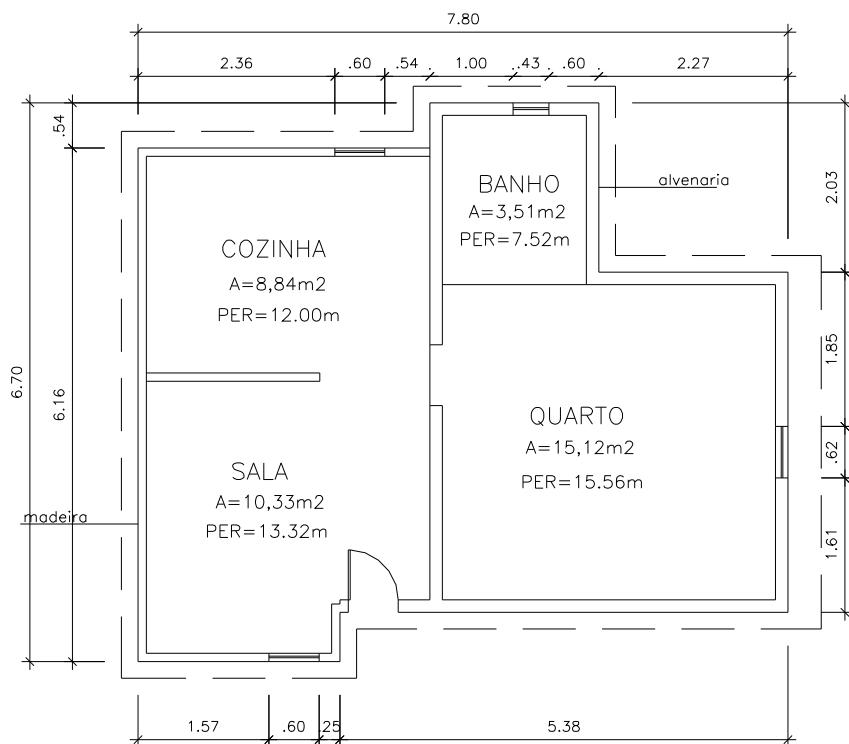


Foto 86 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



Foto 87 Foto do titular com a família, Terra Livre - Resende [RJ], 2006. [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira

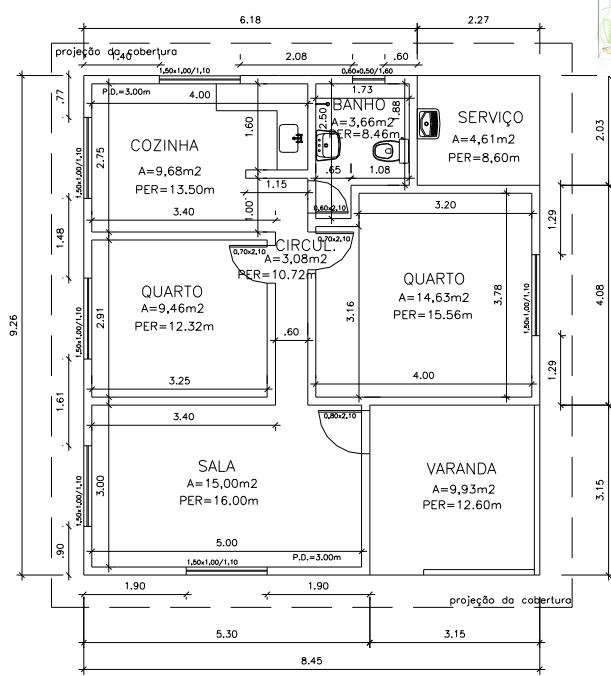
Foi o próprio morador quem construiu a atual casa. É uma casa mista, de alvenaria nos quartos e banheiro e, de madeira na sala e na cozinha. A cobertura é de telha de amianto. O desejo da família é manter a casa atual, fazendo uma reforma com ampliação e um melhor acabamento final.



Planta baixa da casa atual – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.



Planta baixa humanizada – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.



Planta baixa cotada – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

Ao lado, a planta baixa humanizada da casa com a proposta de ampliação, onde a atual sala se tornará um quarto e uma nova sala será construída do lado sul da casa. Será também construída uma varanda na fachada frontal e todas as paredes de madeira serão trocadas por paredes de alvenaria. Toda a cobertura será trocada por telha cerâmica.

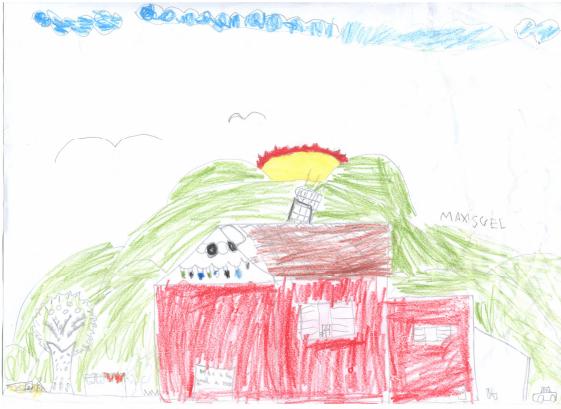


Figura 10 Desenho feito pelo morador, 2006

Acima, o desenho feito pelas crianças retratando a casa que gostariam de ter, mostrando o mato e as árvores existentes no lote e, as montanhas presentes no entorno.

Ao lado, a planta baixa da nova casa com as cotas e as áreas dos cômodos.

M. Risso e I. Risso (irmã)

Residem há oito anos no Terra Livre, sendo que há quatro anos construíram a casa onde moram com o filho, do futuro titular, e a mãe. O lote está localizado no núcleo “dois” e a casa possui oito cômodos: sala, dois quartos, cozinha, dois banheiros, área de serviço e varanda, medindo, aproximadamente, 93 metros quadrados.



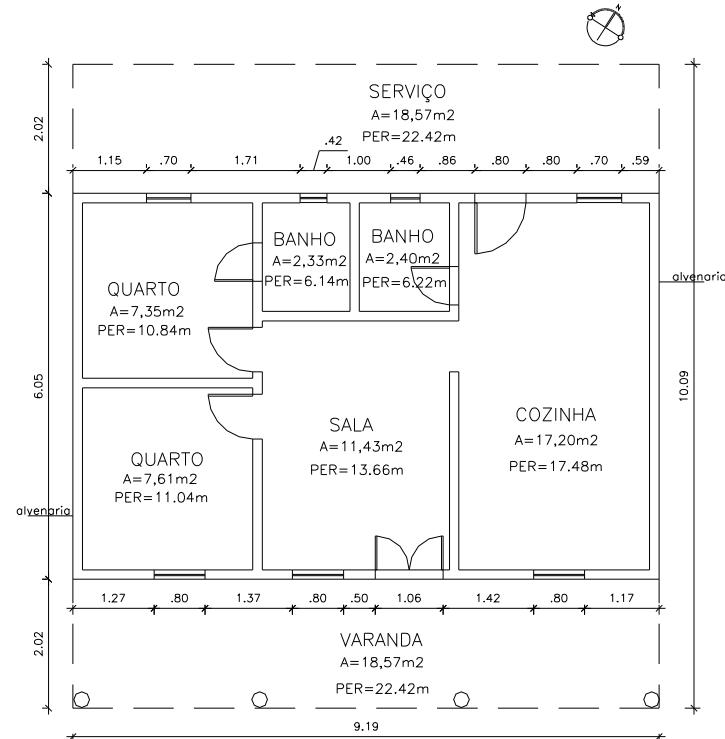
Foto 88 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



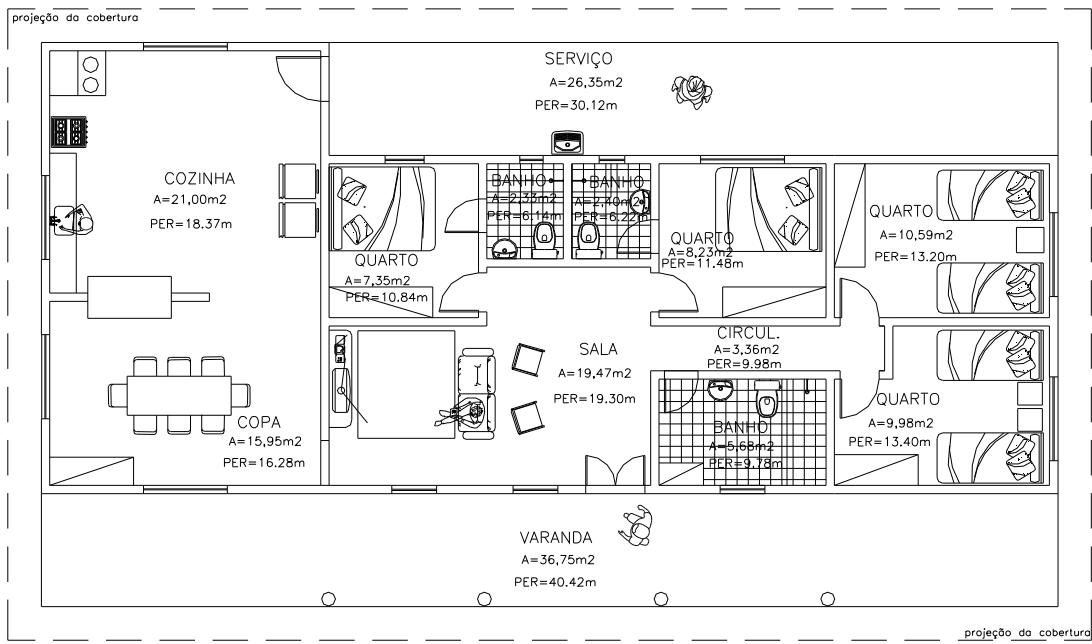
Foto 89 Foto dos moradores, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira

A atual casa foi construída pelo próprio morador. Foi feita de alvenaria com cobertura de telha de amianto e não apresenta acabamento externo, somente revestimento cerâmico no banheiro da suíte de uso da mãe e, pintura nas paredes do quarto dela.

O morador tem a intenção de ampliar a casa, construindo novos cômodos. Ao lado a planta da casa atual.



Planta baixa da casa atual – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

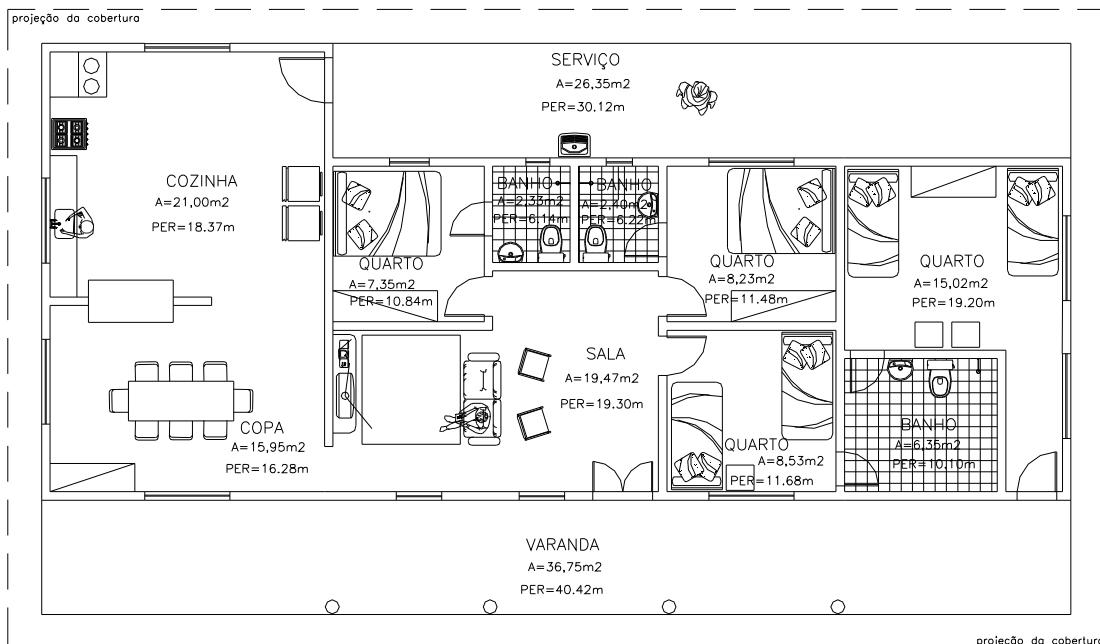


Planta baixa humanizada, opção 1– pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.



O projeto de reforma e ampliação elaborado junto com a família prevê a construção de uma nova cozinha, na fachada oeste, com copa e fogão a lenha, sendo que a atual será dividida em dois cômodos. Um dos quartos atuais será destinado à ampliação da sala e dois novos quartos serão construídos na fachada leste.

Foram propostas duas diferentes plantas baixas que serão entregues ao morador para decidir qual a escolhida. Acima e abaixo, as duas opções de plantas baixas humanizadas.



Planta baixa humanizada, opção 2– pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

O. Arantes e N. Arantes

Residem há oito anos no Terra Livre, em uma casa já existente na fazenda. Moram nela há oito anos, juntamente com mais quatro filhos. Seu lote está localizado no núcleo “dois”, sendo que a casa possui dez cômodos: Sala, cozinha, 4 quartos, 2 banheiros, depósito e varanda, medindo, aproximadamente, 93 metros quadrados.

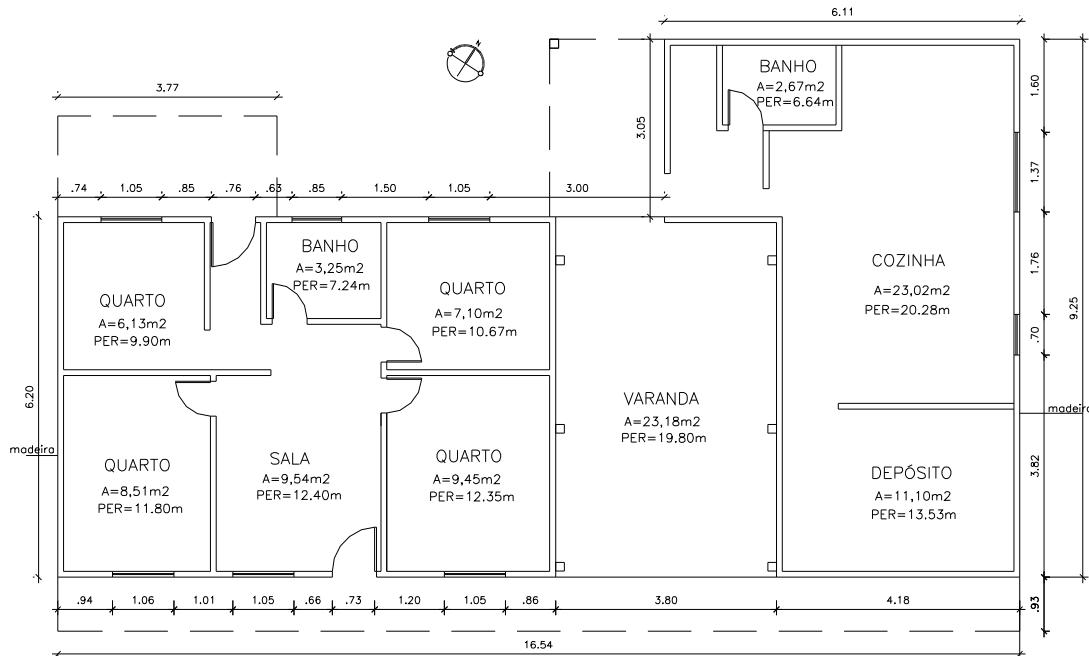


Foto 90 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

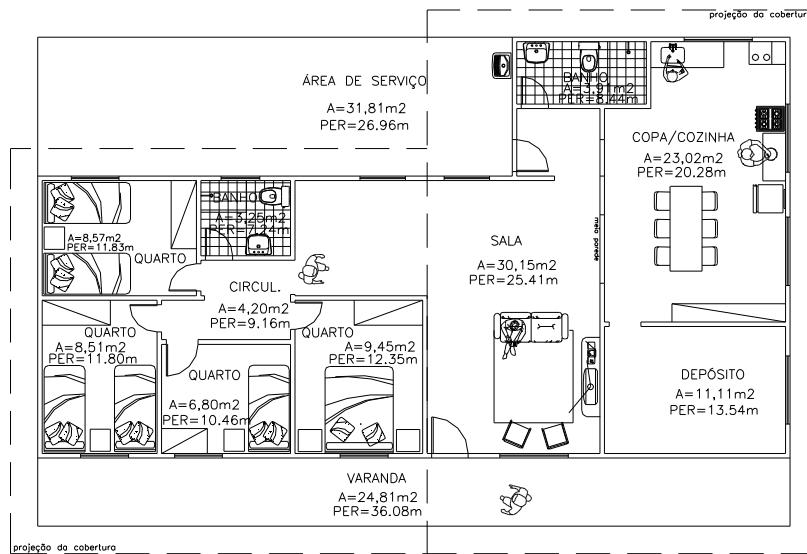


Foto 91 A sala é o cantinho de descanso, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira

Nesta casa a família aproveitou o espaço existente e fez uma ampliação para a cozinha, depósito e varanda. A opção escolhida pelos moradores e discutida conjuntamente, virou um projeto de reforma da casa atual que se manterá de madeira e passará por uma reforma na cobertura.

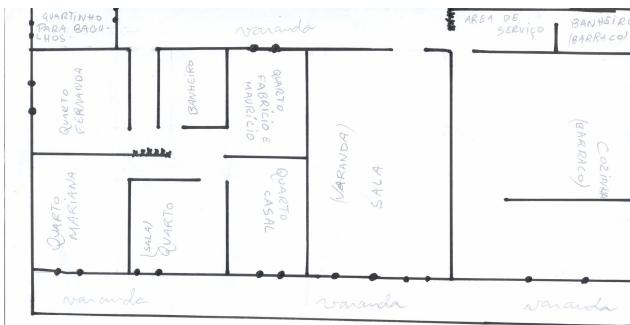


Planta baixa da casa atual – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.



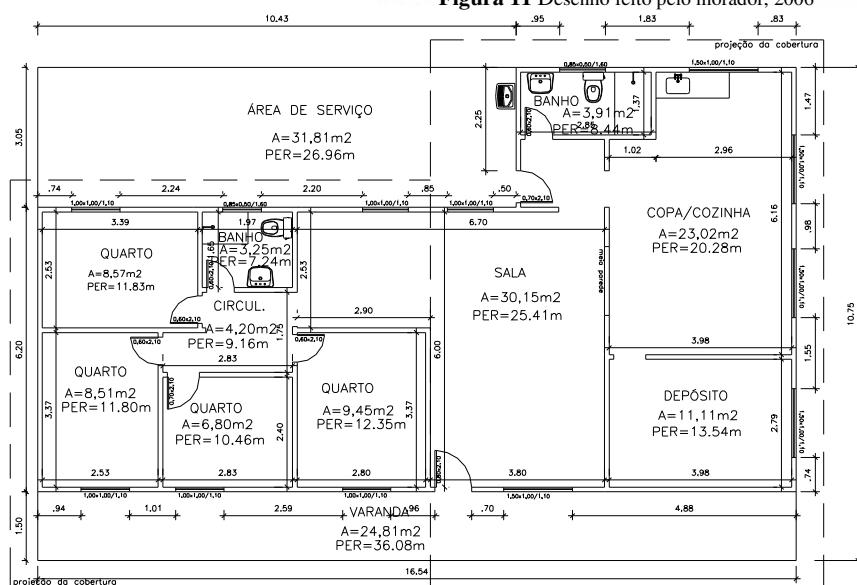
Planta baixa humanizada – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

O projeto de reforma prevê que a sala se transformará em quarto e mudará para o lugar da atual varanda. Os acessos mudarão e o quarto será ampliado. A cozinha e o banheiro externo também serão reformados. Ao lado, o desenho feito por D. N. retratando a casa desejada. Acima e abaixo as plantas de reforma da casa.



Musa batus da Silva Freire

Figura 11 Desenho feito pelo morador, 2006



Planta baixa cotada – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

S. Silva e T. Silva

Residem há oito anos no Terra Livre, em um dos galpões existentes na fazenda. O lote está localizado no núcleo “dois”, onde moram com mais dois filhos. A casa adaptada possui seis cômodos: cozinha, três quartos, banheiro e varanda, medindo, aproximadamente, 95 metros quadrados, mais o espaço da garagem.



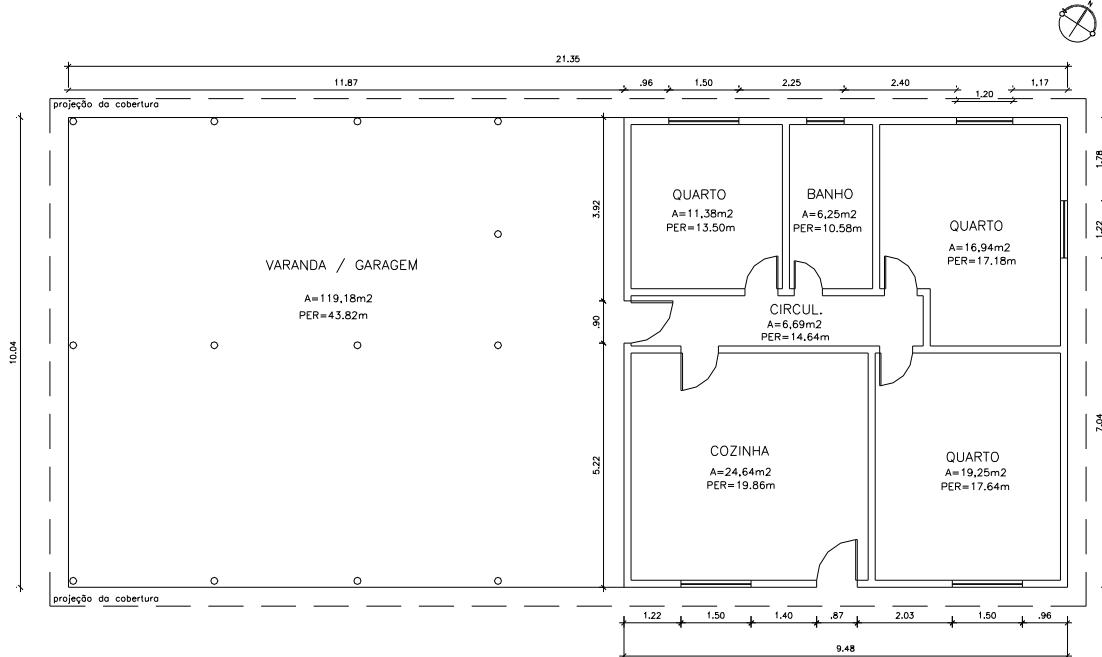
Foto 92 Foto da família reunida , Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



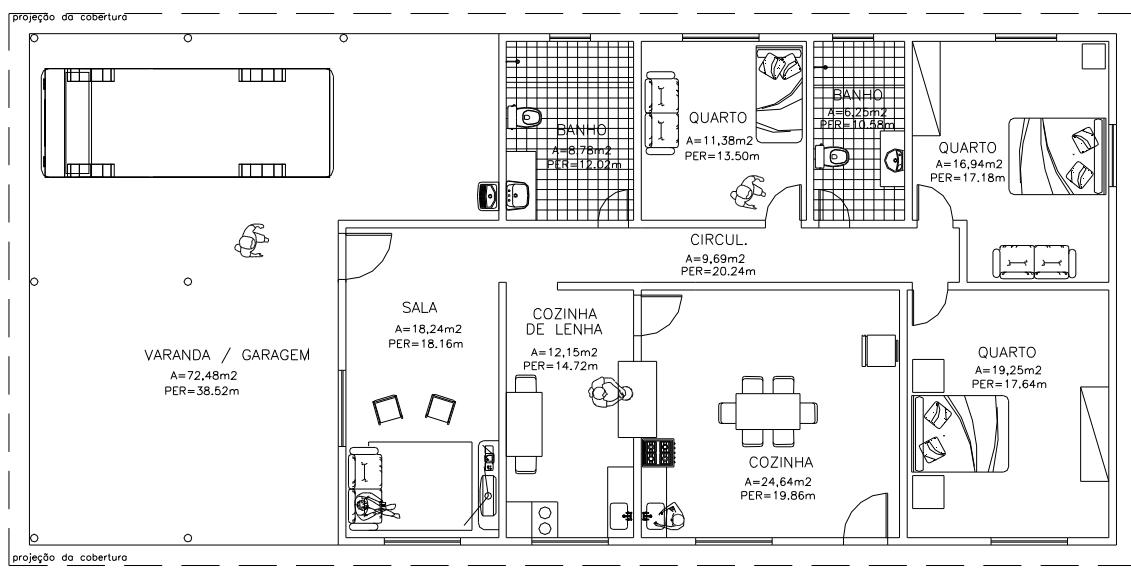
Foto 93 Vista da entrada da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira

A casa também foi adaptada a partir dos antigos galpões de criação de aves existentes na fazenda. A família já executou uma grande reforma e deseja fazer uma pequena ampliação.

Abaixo, segue a planta baixa da atual casa.



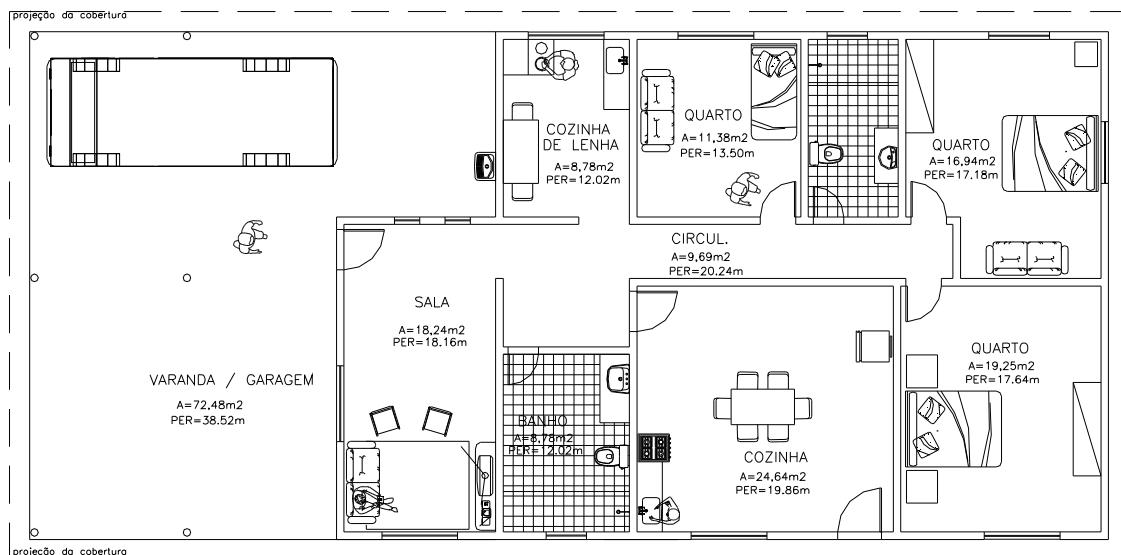
Planta baixa da casa atual – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.



Planta baixa humanizada, opção 1 – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

A ampliação, neste caso, será a construção de uma outra cozinha com fogão à lenha, um outro banheiro e uma sala. O projeto possui diferentes opiniões dentro da família. Alguns preferem a nova cozinha próxima à atual e outros preferem ela mais separada, com o banheiro próximo. Na conversa conjunta, discutimos os benefícios de cada opção e foi solicitado que fizesse os projetos das variadas possibilidades para ser posteriormente discutido, com os desenhos em mãos.

Foram feitas três diferentes propostas e encaminhadas à família para a escolha. Seguem acima e abaixo duas das propostas de ampliação elaboradas e entregues à família.



Planta baixa humanizada, opção 2 – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

D. Guimarães e R. Guimarães

Residem há sete anos no Terra Livre, em uma casa já construída da fazenda. Seu lote está localizado no núcleo “três”, onde moram com mais cinco filhos. A casa possui oito cômodos: Sala, cozinha, três quartos, banheiro, área de serviço e varanda, medindo, aproximadamente, 99 metros quadrados.

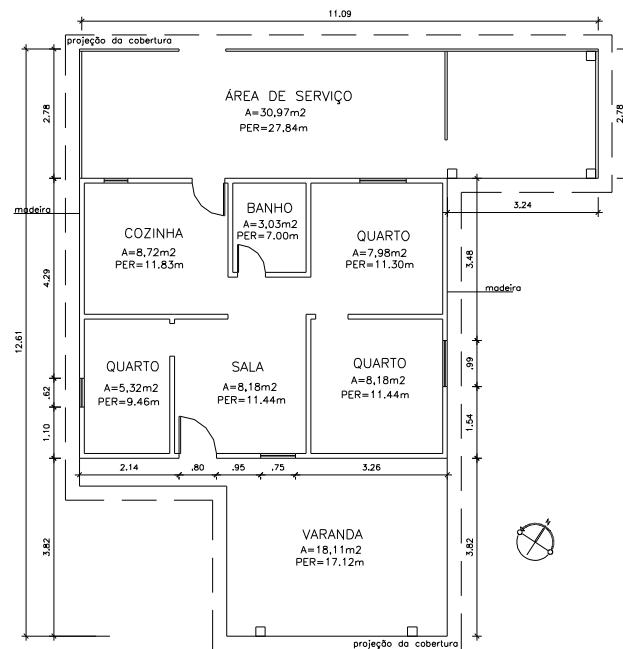


Foto 94 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira



Foto 95 A família com os amigos reunidos, Terra Livre – Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

Esta é uma das casas que já existiam na antiga fazenda. A família aproveitou o espaço existente e fez uma ampliação para a área de serviço, nos fundos da casa. A casa necessita de reforma principalmente na cobertura e no acabamento. A família optou por fazer uma nova construção. Abaixo, temos a planta da casa atual.



Planta baixa da casa atual – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

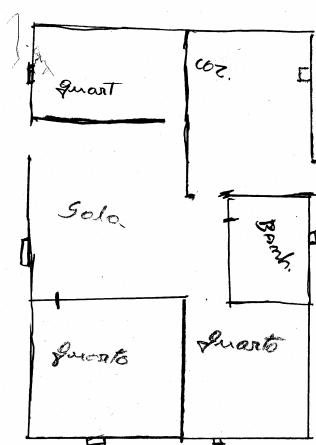
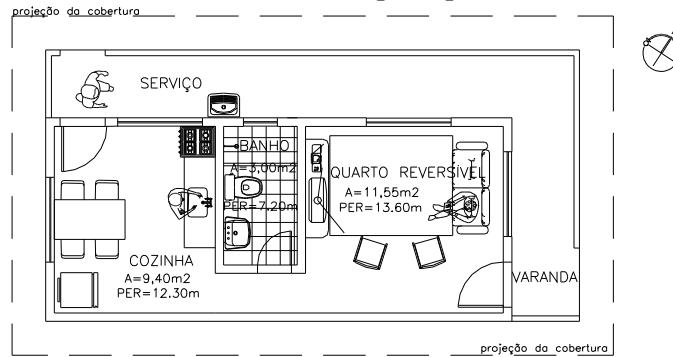


Figura 12 Desenho feito pelo morador, 2006

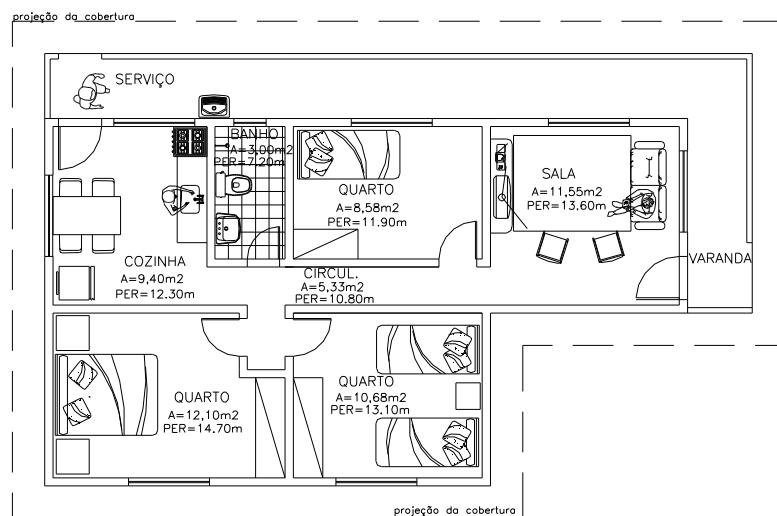


Figura 13 Desenho feito pelo morador, 2006

Acima, os desenhos feitos pelo titular (à esquerda) e por sua filha (à direita). No desenho dele, percebemos sua visão do espaço a partir de um olhar em planta baixa, com a distribuição interna dos cômodos. No desenho dela, a referência se faz pela fachada, pelo mobiliário, pelas pessoas. É um desenho alegre onde todos os cômodos possuem janelas com vista para o sol. Abaixo seguem as plantas do projeto final discutido com a família. A nova casa será de alvenaria, construída em etapas e prevendo futuras ampliações.



Planta baixa humanizada – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.



Planta baixa humanizada, com ampliação em três quartos – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

E. Santos e M. Santos

Residem há três anos no Terra Livre, sendo que seu lote está localizado no núcleo “três”. Moram com mais dois filhos, a cerca de seis meses, em uma casa que já existia na fazenda. A casa possui sete cômodos: Sala, cozinha, três quartos, banheiro e área de serviço, medindo 70 metros quadrados.



Foto 96 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

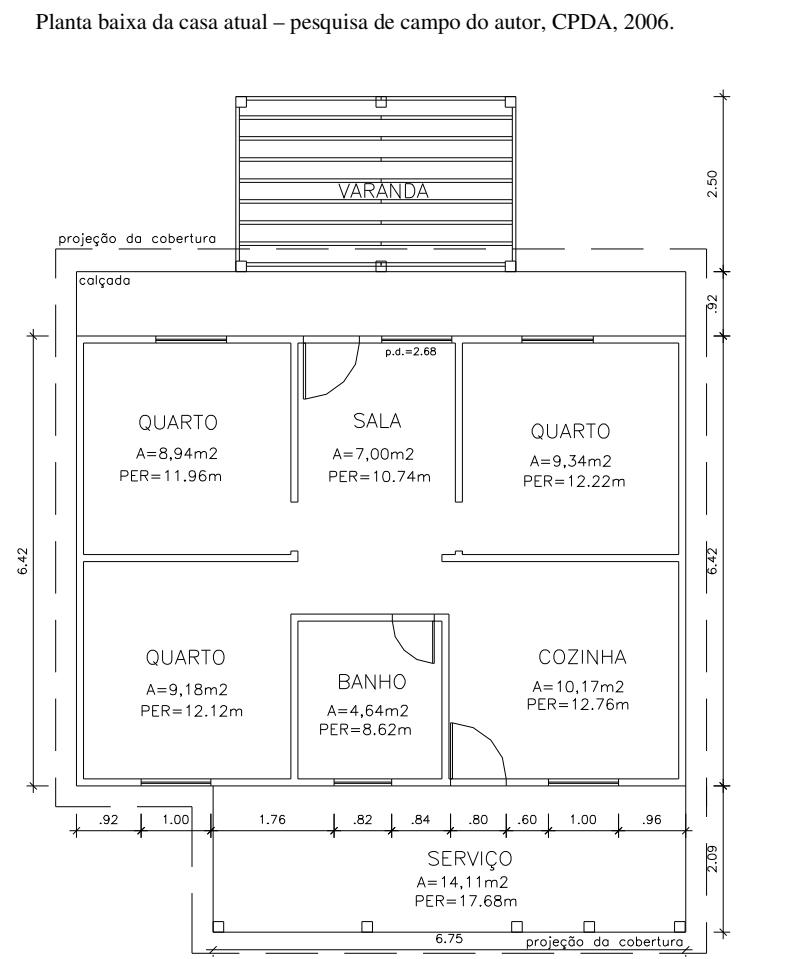
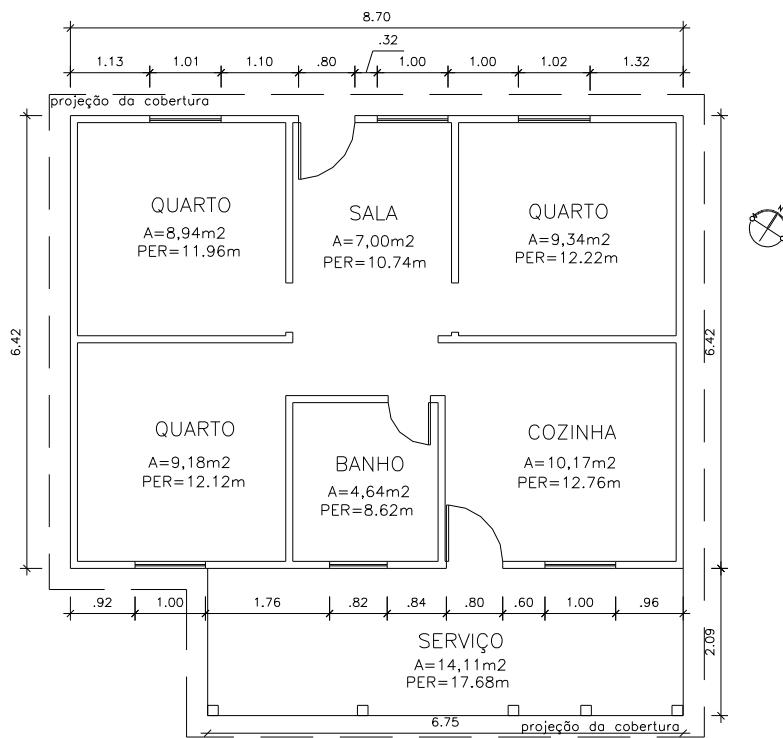


Foto 97 Família reunida, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira

Essa casa também faz parte do conjunto de casas existentes na antiga fazenda, que viraram moradias de algumas famílias após a ocupação. Sua estrutura é de madeira com a cobertura de telha cerâmica e o piso de cimento liso. A estrutura do telhado apresenta algumas peças que precisam ser trocadas ou reparadas e, algumas telhas que estão quebradas e necessitam ser trocadas. A família mudou-se recentemente para a casa em uma troca com outro titular, e se encontra bastante satisfeita com o novo local, observando que precisa fazer pequenas obras de manutenção, mas que não pretende construir uma nova casa nem ampliar a existente, somente reformar a cobertura e melhorar o acabamento, principalmente o piso.

A demanda apresentada pelos moradores foi a de construir uma varanda frontal à casa, ampliando a calçada da frente e prolongando a cobertura. Também desejam fazer um melhor acabamento nos cômodos, principalmente no banheiro, colocando revestimento cerâmico no piso e nas paredes.

Abaixo, seguem as plantas baixas relativas à casa atual e à proposta de ampliação com varanda.



F. Silva e C. Silva

Residem há oito anos no Terra Livre, em uma casa já existente na fazenda. Moram com mais uma filha em um lote localizado no núcleo “três”. A casa possui sete cômodos: Sala, cozinha, três quartos, banheiro e varanda, medindo 80 metros quadrados.

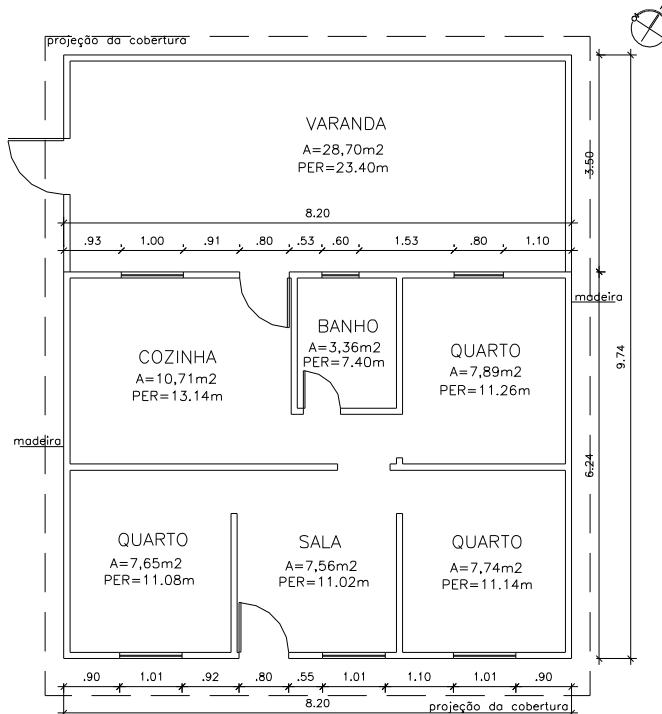


Foto 98 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira



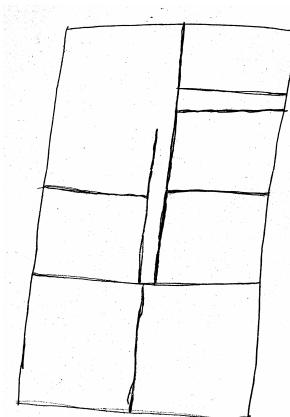
Foto 99 Vista da cozinha da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira

A família mora em uma das casas já existentes na fazenda e aproveitou o espaço, fazendo uma ampliação para a varanda e área de serviço na parte dos fundos da casa. A casa é de madeira e suas tábuas já se encontram bastante desgastadas. A opção escolhida pela família é a construção de uma nova casa em outro local do lote.



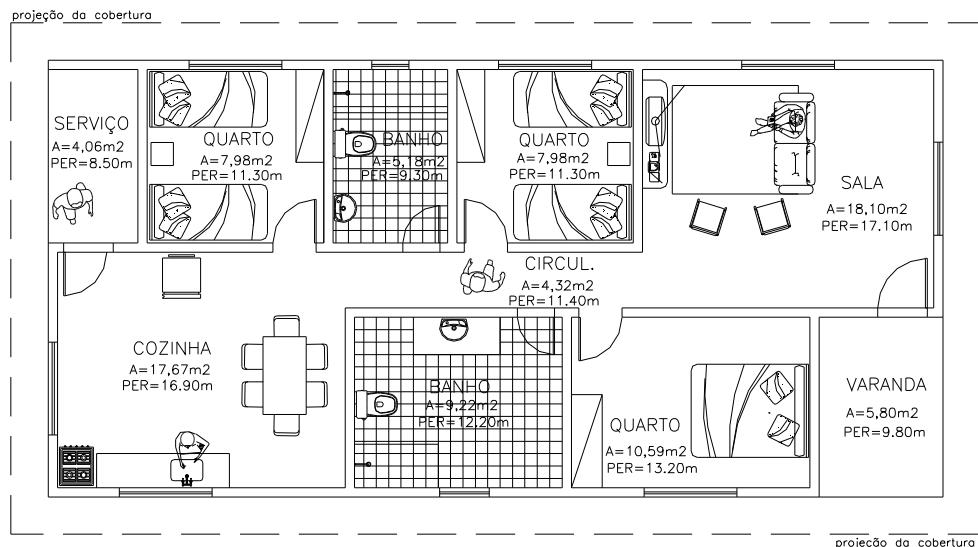
Planta baixa da casa atual – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

No momento em que fomos fazer este trabalho, o morador já havia construído o alicerce da nova casa, em um local mais próximo da entrada do lote e já estava começando a se planejar para subir as paredes. O projeto foi então conversado, mas poucas observações puderam ser feitas porque a fundação já estava delimitando a casa e os cômodos internos. Ao lado, o desenho da nova casa feito pelo morador e abaixo, as plantas baixas respectivas.

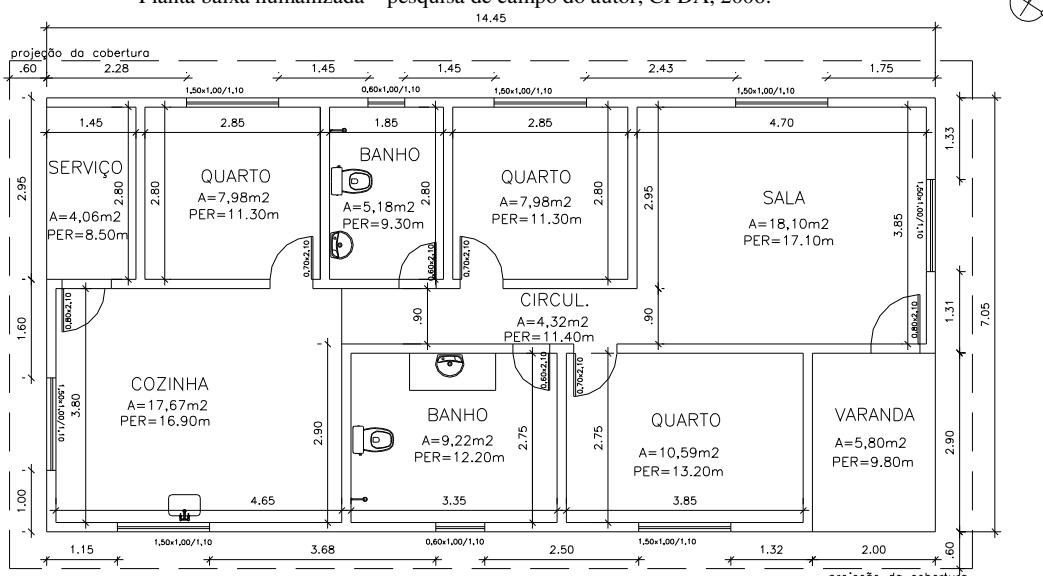


Desenho c o Pernia da Cela

Figura 14 Desenho feito pelo morador, 2006



Planta baixa humanizada – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.



Planta baixa cotada – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

J. Batista e A. Batista

Residem há quatro anos no Terra Livre. Atualmente, moram há seis meses em uma das casas já existentes na fazenda com mais dois filhos. Seu lote está localizado no núcleo “três”, sendo que a casa possui cinco cômodos: Cozinha, dois quartos, banheiro e varanda, medindo, aproximadamente, 67 metros quadrados.

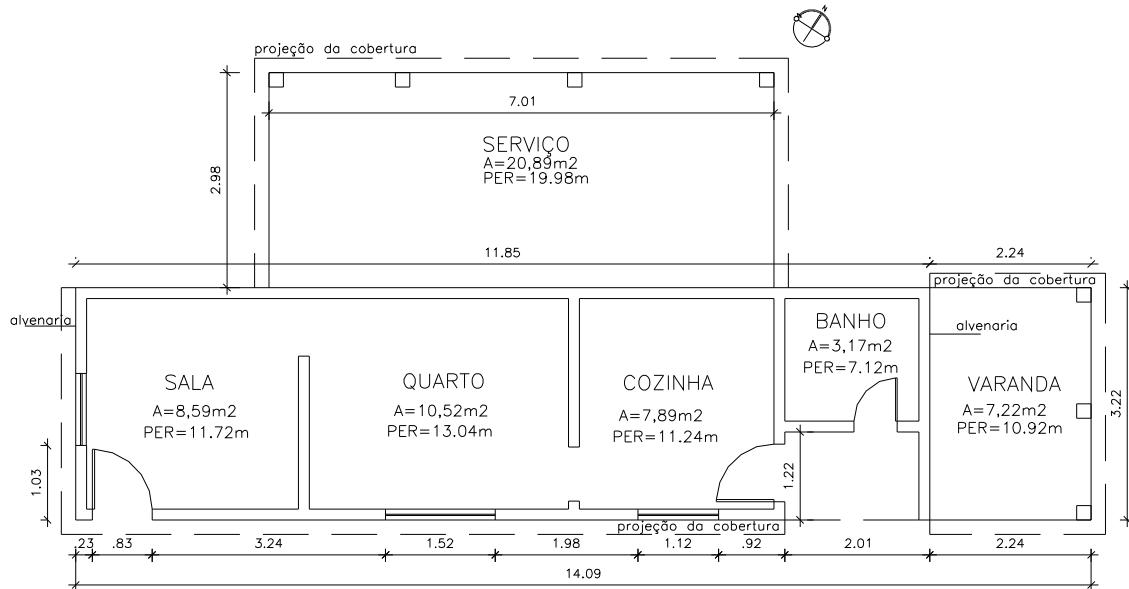


Foto 100 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

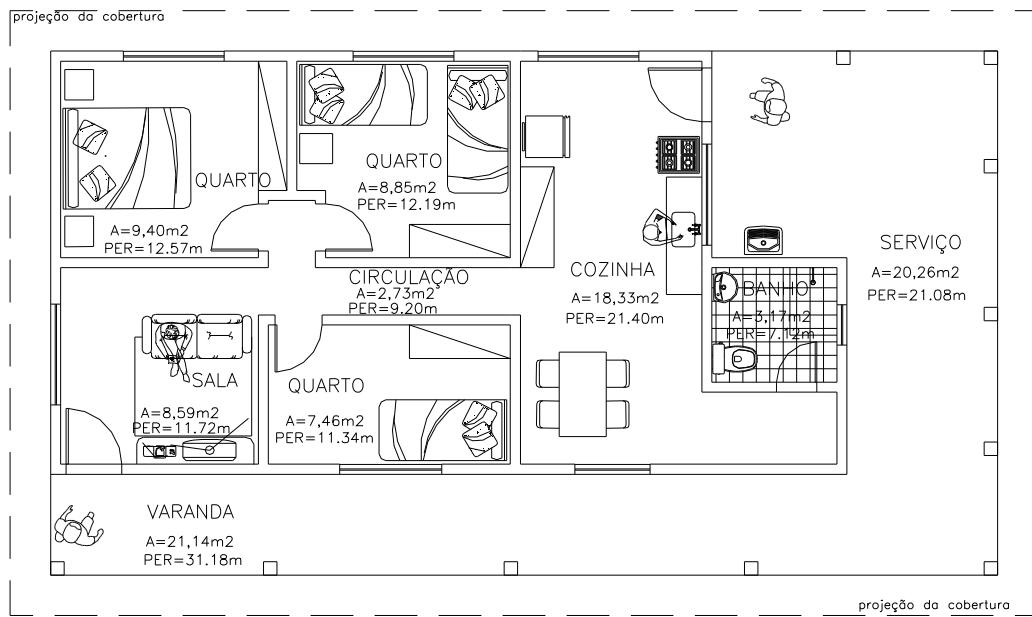


Foto 101 Foto do casal, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira

A família mora no local há seis meses, tendo trocado de casa com a família de E. Santos. A casa foi construída pelo outro morador, e foi feita de alvenaria com uma cobertura mista de laje, em uma parte, e telha, em outra. A opção escolhida pelos moradores atuais e discutida conjuntamente, consiste em um projeto de reforma e ampliação da casa. Podemos observar abaixo a planta da casa atual, medida no levantamento físico realizado.

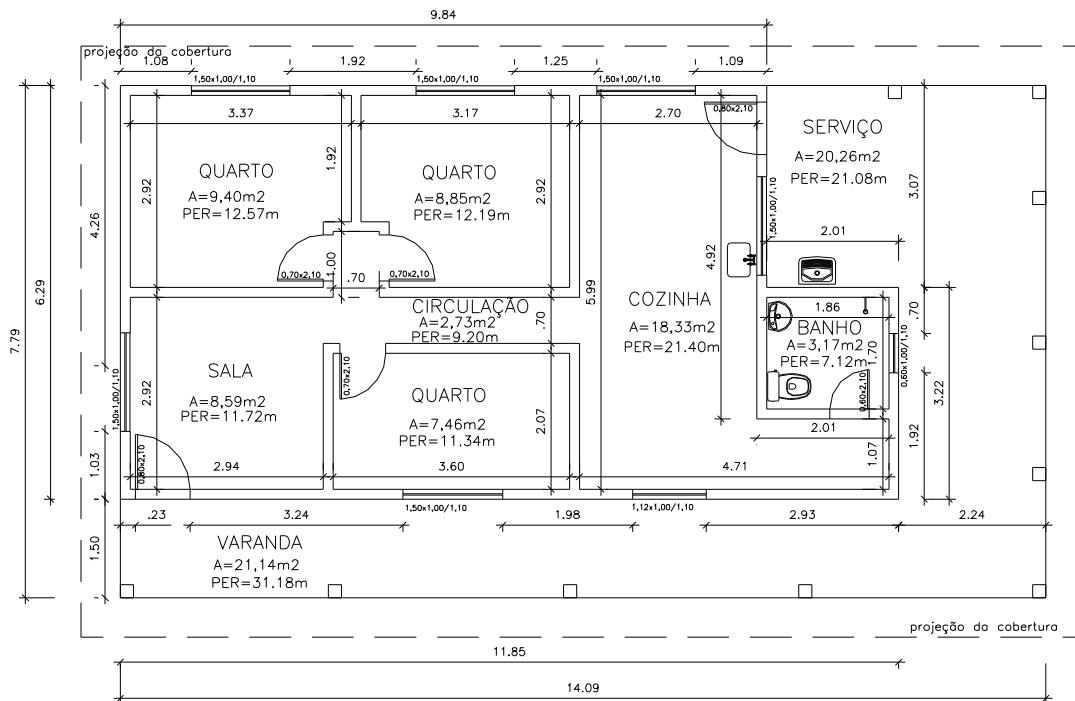


Planta baixa da casa atual – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.



Planta baixa cotada – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

O projeto de reforma e ampliação discutido, consiste na construção de outros dois quartos na parte posterior da casa e na ampliação da cozinha, em alinhamento com os novos quartos. O banheiro passa a ter acesso interno à casa e uma nova varanda e área de serviço serão construídas. A ampliação será de alvenaria e toda cobertura será reformada e terá telha cerâmica. Acima, a planta baixa humanizada do projeto de reforma, e abaixo, a mesma planta com as cotas e respectivas áreas.



Planta baixa cotada – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

J. Oliveira e N. Oliveira

Residem há oito anos no Terra Livre, em uma casa construída a cerca de seis anos. Seu lote está localizado no núcleo “três”, onde moram com mais um filho. A casa possui sete cômodos: Sala, cozinha, três quartos, banheiro e varanda, medindo 95 metros quadrados.



Foto 102 Vista frontal da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

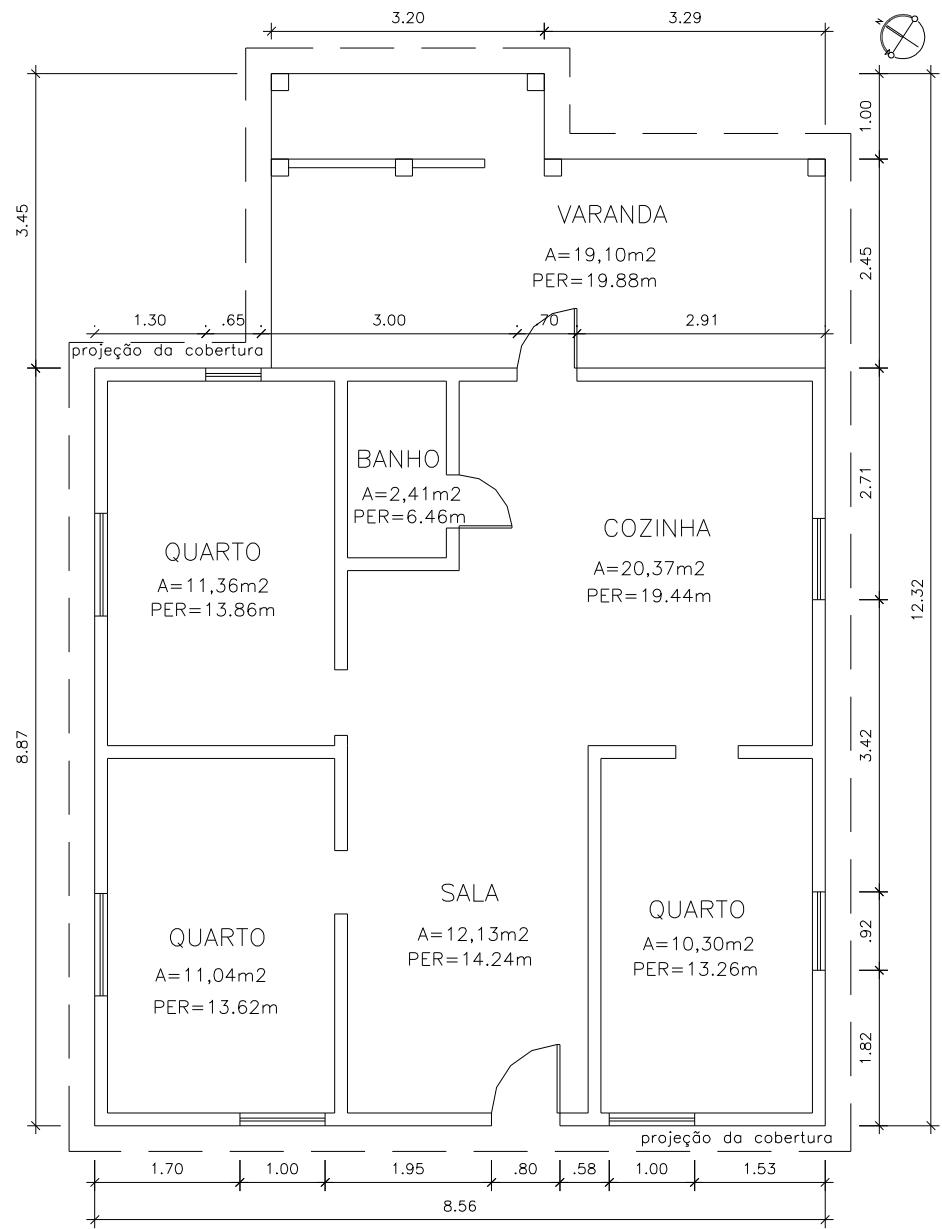


Foto 103 Foto da família, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira

Esta casa foi construída pelo próprio morador, que a levantou em alvenaria com cobertura de telha cerâmica. Internamente ela possui uma de suas paredes feita em tijolo de solo-cimento, que de acordo com o morador, “fez para testar a técnica”. Ela precisa de reformas principalmente, na estrutura da cobertura e no acabamento externo e interno, de todos os cômodos.

Já que a família estava em dúvida se construía outra casa ou se permanecia na atual, o morador não requisitou nenhum projeto de casa nova ou de ampliação, tendo sido feito o levantamento da casa atual e uma conversa sobre as possibilidades de reforma.

Foi entregue à família o desenho da casa atual com as cotas e metragens, que poderá servir de base para as futuras reformas ou ampliações que venham realizar.



Planta baixa da casa atual – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

M. Espínola

Reside há oito anos no Terra Livre, em uma casa já existente, localizada no núcleo “três”. Mora sozinha há seis anos e sua casa possui sete cômodos: Sala, duas cozinhas, quarto, banheiro, depósito, varanda, medindo, aproximadamente, 60 metros quadrados.



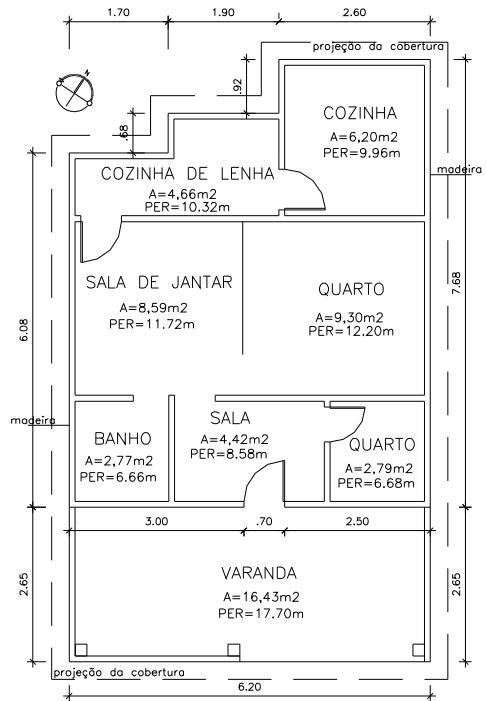
Foto 104 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



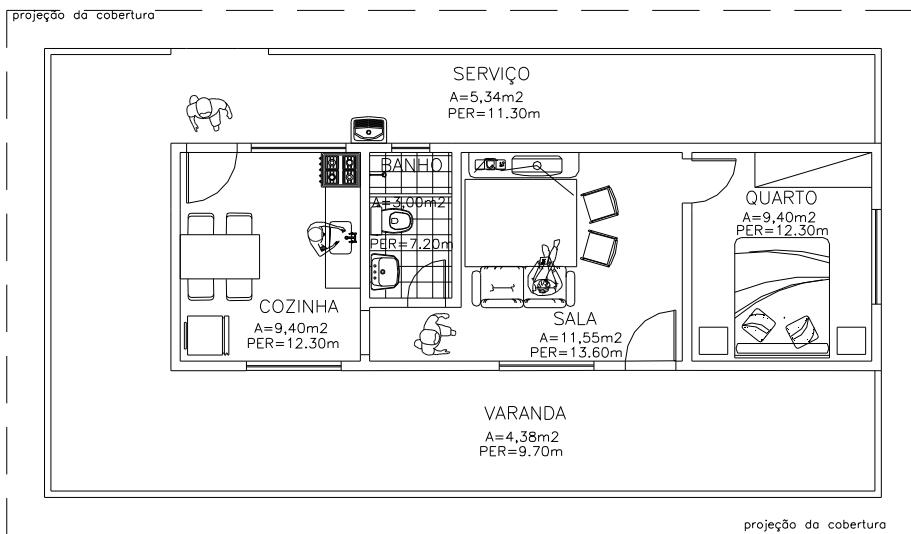
Foto 105 Foto da moradora, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira

A casa em questão é uma das que se apresentam em piores condições de uso dentro da comunidade. Possui um baixo pé direito e somente uma janela na casa, sendo assim, bastante escura e quente, com a estrutura em peças de madeira que se encontram em péssimas condições.

A vontade da moradora é construir uma nova casa, aproveitando ao máximo os materiais que existem na atual, como telhas e algumas vigas de madeira. Ao lado, a planta baixa da casa atual.

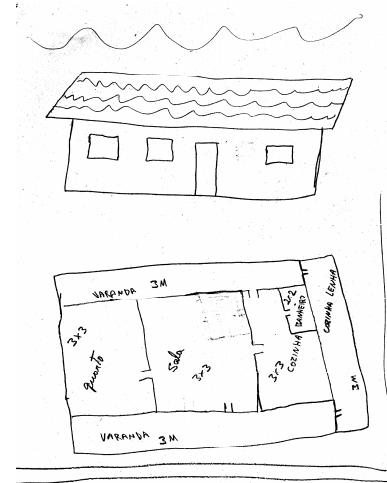


Planta da casa atual – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.



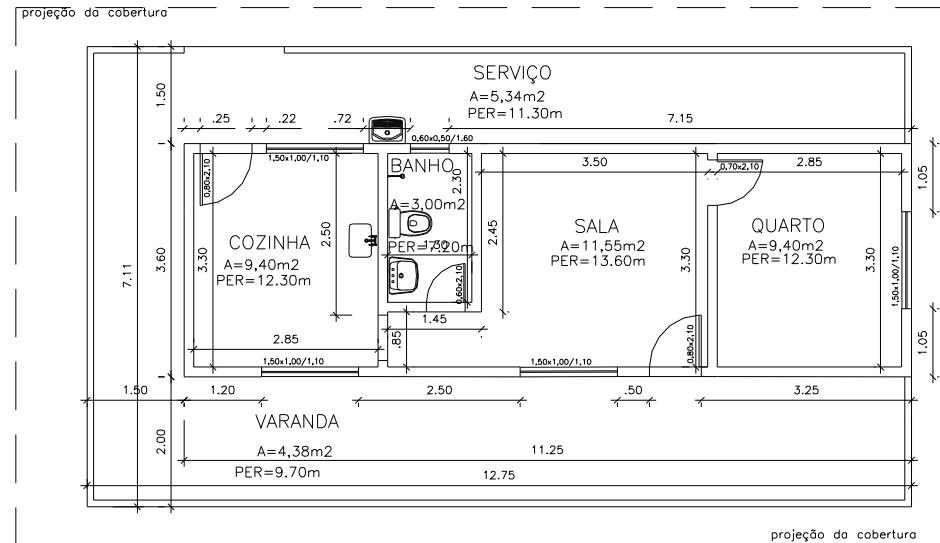
Planta baixa humanizada – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

Ao lado observamos o desenho feito pela moradora, retratando a fachada principal da casa e sua planta baixa, com a distribuição e o tamanho dos cômodos. Fizemos uma conversa acerca do melhor local para construir a casa e qual a melhor orientação. Acima e abaixo seguem as plantas baixas, humanizada e cotada, do respectivo projeto.



Maria da Penha Espírito

Figura 15 Desenho feito pelo morador, 2006.



Planta baixa cotada – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

O. Rocha

Reside há oito anos no Terra Livre, em uma casa já existente na fazenda. Seu lote está localizado no núcleo “três”, onde mora com mais quatro filhos. A casa possui sete cômodos: Sala, cozinha, três quartos, banheiro e varanda, medindo 70 metros quadrados.

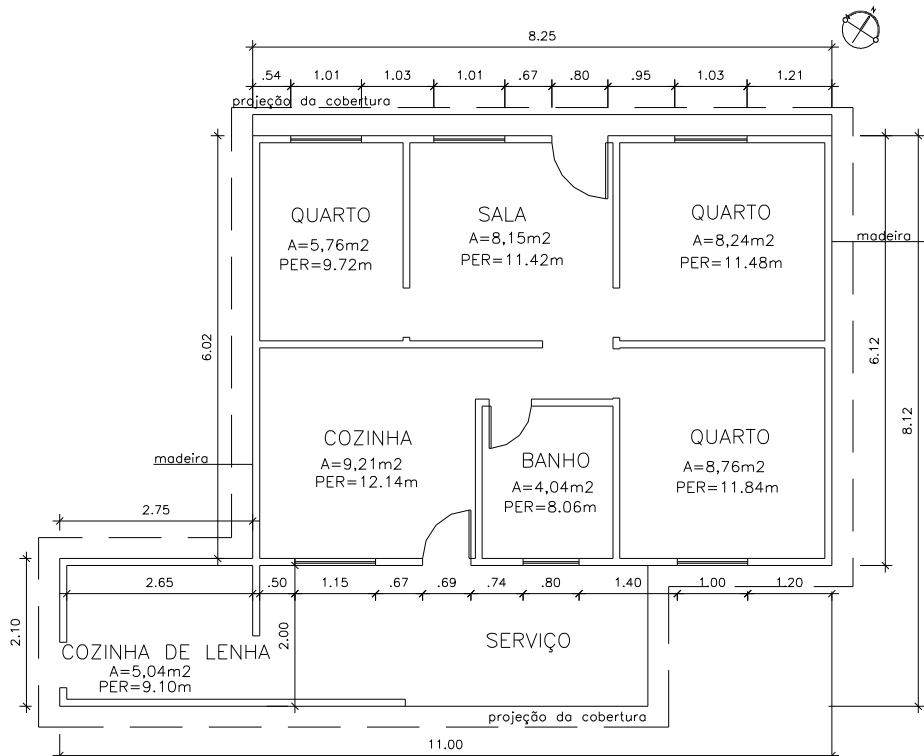


Foto 106 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



Foto 107 Mãe e filho pensando a nova casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira

A casa também já existia na fazenda quando a atual família chegou para morar. Toda de madeira, a maior demanda de reforma é a melhoria das condições da cobertura e do acabamento interno e externo. Abaixo a planta da casa atual. A família optou pela construção de uma nova casa.



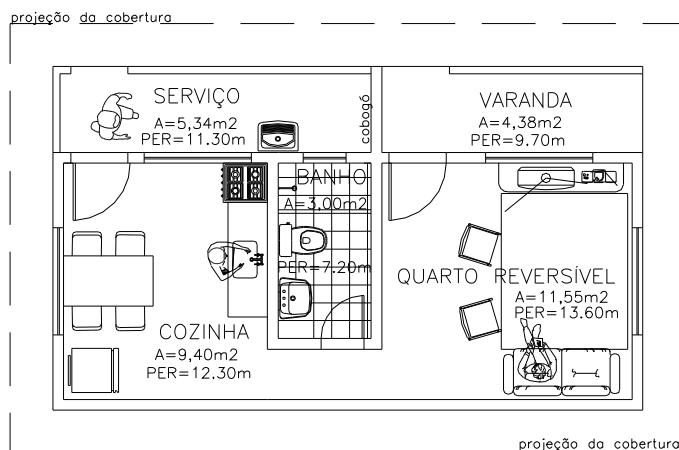
Planta baixa da casa atual – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

Ao lado, observamos o desenho da casa que o morador gostaria de ter, com destaque para a cobertura e a previsão de uma chaminé. O telhado continua sendo com telha cerâmica.

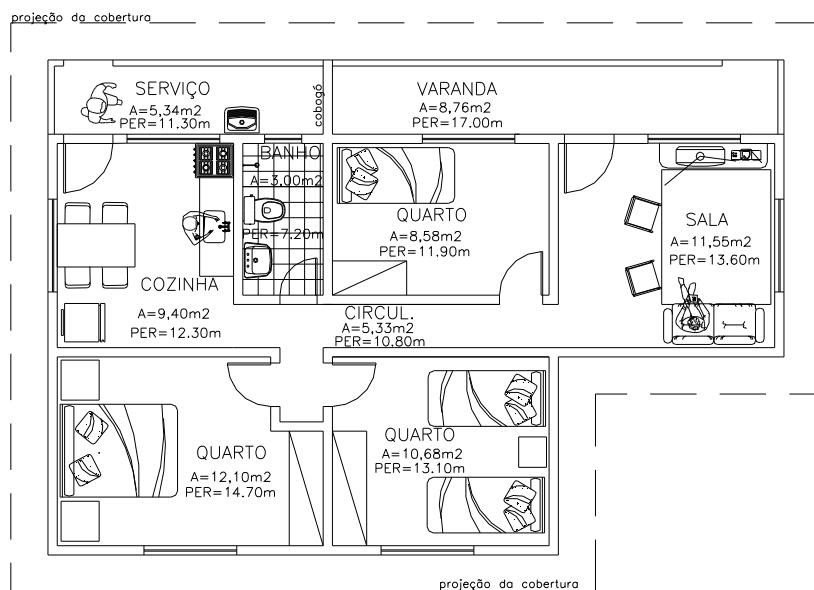
O projeto final segue a idéia de se pensar, inicialmente, um embrião que pode ser ampliado para um, dois, três ou quatro quartos, em momentos diferentes e posteriores. Abaixo, as plantas humanizadas do embrião e da casa com três quartos.



Figura 16 Desenho feito pelo morador, 2006



Planta baixa humanizada – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.



Planta baixa humanizada, com ampliação para três quartos – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

A. Teodoro

Residem há seis anos no Terra Livre, em uma casa já existente na fazenda. O lote está localizado no núcleo “três”, onde moram com mais cinco filhos. A casa possui oito cômodos: Sala, cozinha, três quartos, banheiro, área de serviço e varanda, medindo, aproximadamente, 104 metros quadrados.

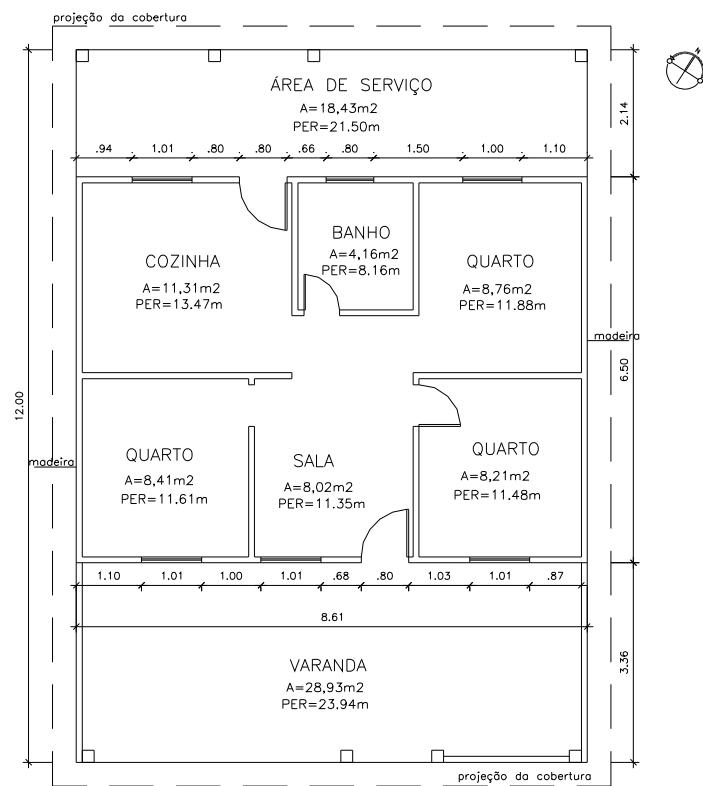


Foto 108 Vista geral da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

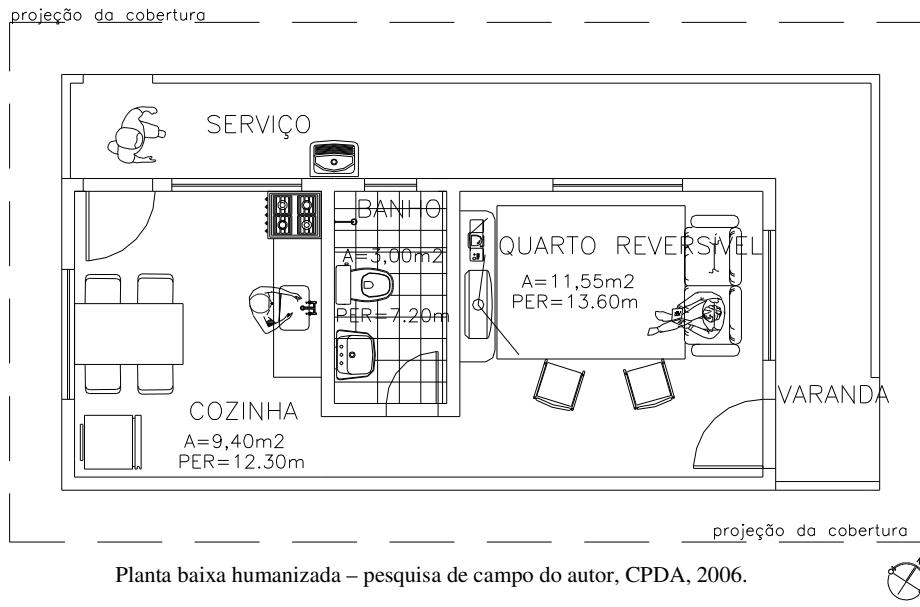


Foto 109 Foto do casal, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira

A casa, assim como a maior parte das casas do núcleo três, já existia antes da atual família vir morar. A casa é toda de madeira com cobertura de telha cerâmica e piso de cimento liso. Assim como em outros casos, a maior demanda de reforma é na cobertura e no acabamento. Abaixo segue a planta da casa com suas áreas.

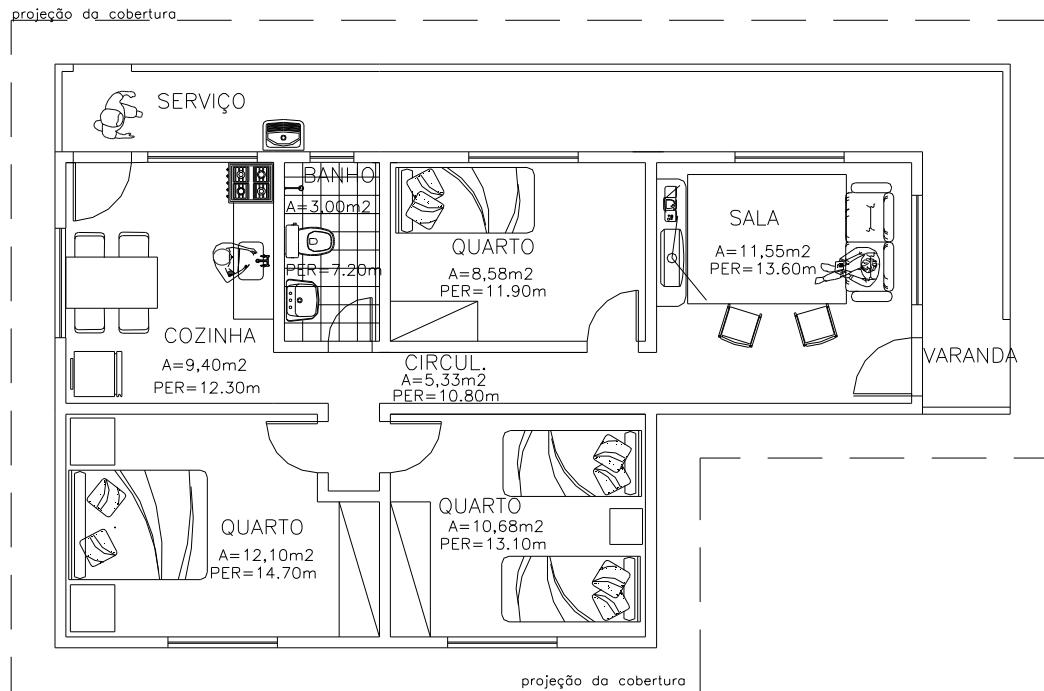


Planta baixa da casa atual – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.



O desejo da família é construir uma nova casa próxima à casa atual, com melhores condições de habitabilidade. Eles gostariam que a casa fosse de alvenaria e tivesse um melhor acabamento. Pela dificuldade financeira da família, também foi discutida a idéia de se fazer inicialmente um embrião que pudesse ser ampliado posteriormente para um, dois, três e quatro quartos.

Foi discutido o local da construção e a melhor orientação da casa. Acima e abaixo as plantas baixas humanizadas da nova casa.



Planta baixa humanizada, com ampliação em três quartos – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

R. Santos

Reside há 32 anos no Terra Livre (já morava na fazenda). Mora há mais de 15 anos em uma antiga casa da fazenda. Seu lote está localizado no núcleo “três”, onde atualmente, vive com a namorada. A casa possui cinco cômodos: Cozinha, quarto, banheiro, área de serviço e varanda, medindo, aproximadamente, 60 metros quadrados.

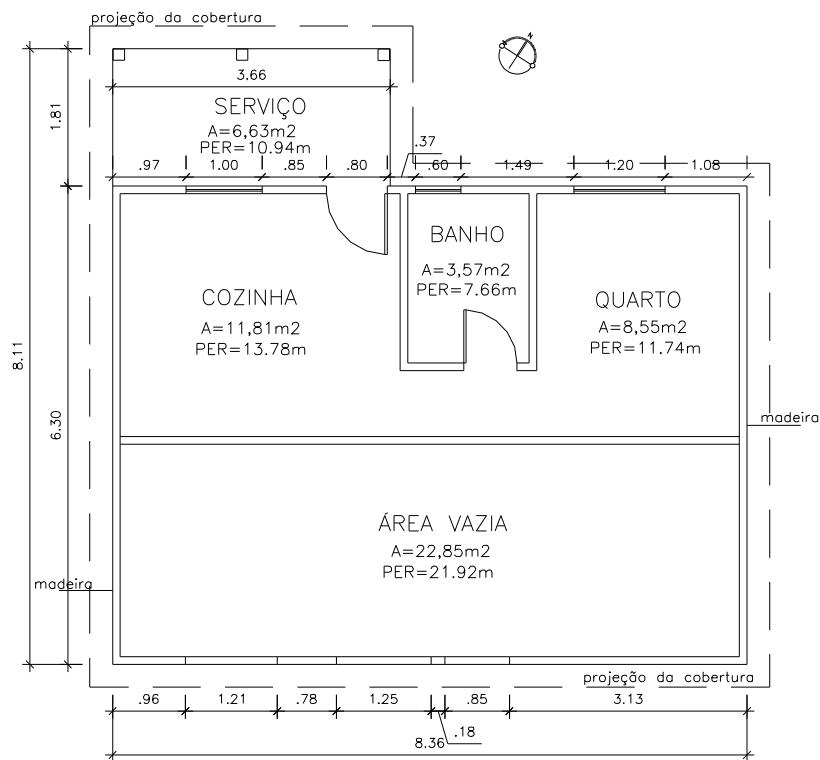


Foto 110 Vista da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.

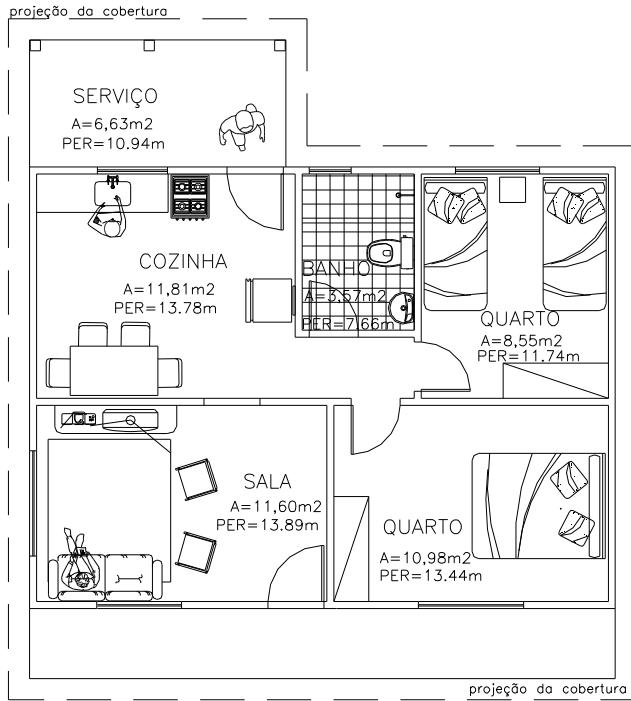


Foto 111 Foto do morador, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira

Nesta casa, o morador já vive há mais de 15 anos, tendo trabalhado na antiga fazenda criando aves. A casa é toda de madeira e somente metade dela está sendo usada. A outra metade está vazia, sem acesso interno e com a cobertura comprometida. A vontade do morador é fazer uma reforma na atual casa, ocupando a parte frontal. Abaixo a planta da casa.

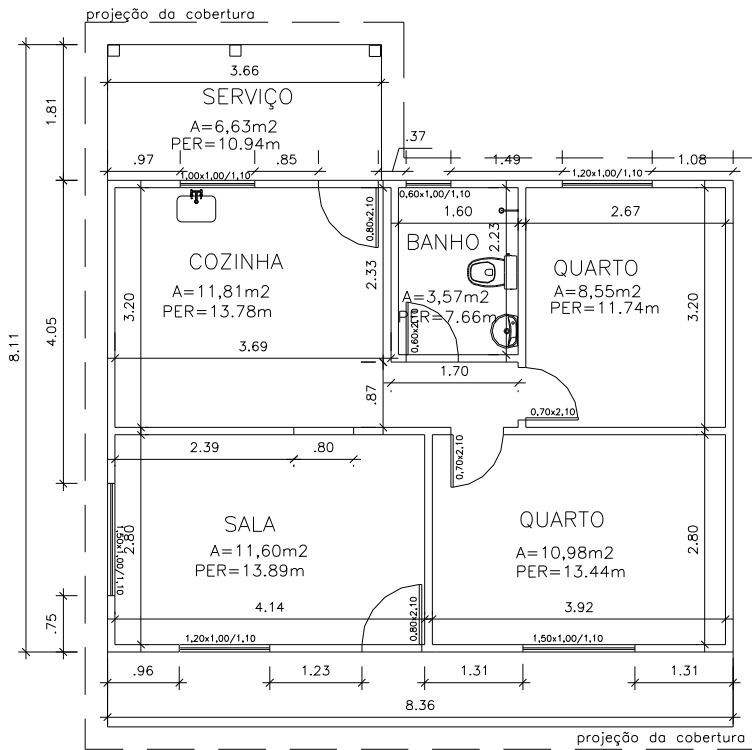


Planta baixa da casa atual – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.



Planta baixa humanizada – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

O projeto de reforma inclui a ocupação da área vazia com a sala e um outro quarto, mudando de lado o acesso principal da casa, que hoje se faz pela cozinha. O telhado será todo reformado e será feito um melhor acabamento na casa toda, incluindo revestimento cerâmico no banheiro e cozinha. Acima e abaixo as plantas, humanizada e cotada, do projeto de reforma.



Planta baixa cotada – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

S. Sobrinho

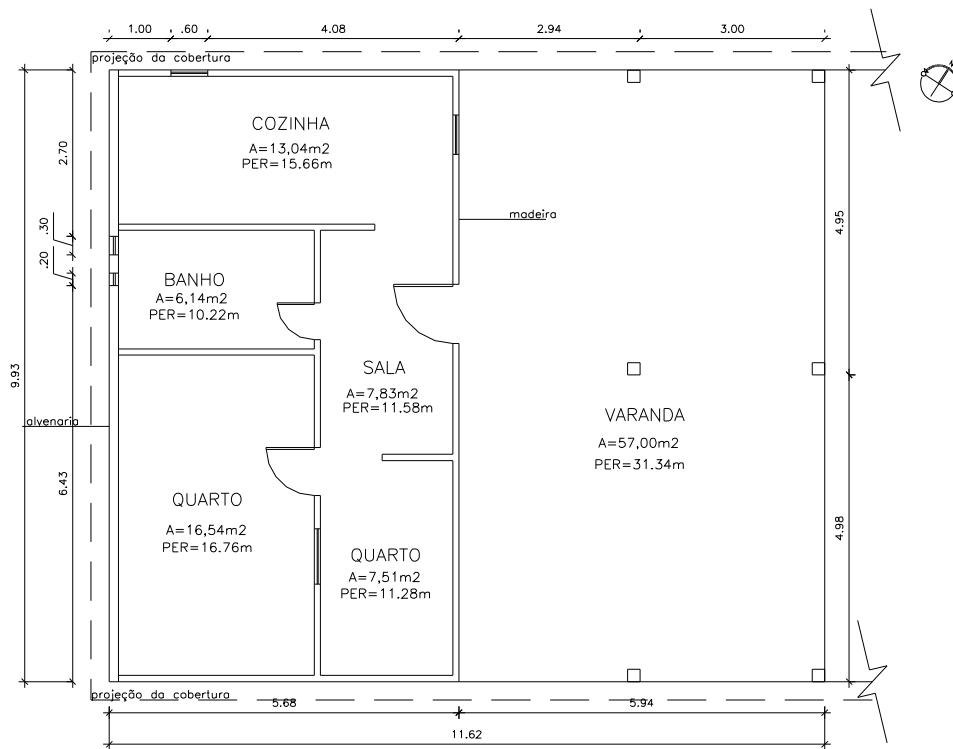
Reside há oito anos no Terra Livre, em uma casa adaptada dentro de um dos antigos galpões da fazenda. Mora com a filha. Seu lote está localizado no núcleo “três”, sendo que a casa possui cinco cômodos: Cozinha, dois quartos, banheiro e varanda, medindo 84 metros quadrados.



Foto 112 Vista do morador desenhando a nova casa, Terra Livre, Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira.



Foto 113 Vista da entrada da casa, Terra Livre - Resende [RJ], 2006, [doc.fot.] / Foto Thiago Ferreira



Planta baixa da casa atual – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

Acima, a planta baixa da casa atual com as áreas dos cômodos. O titular aproveitou a estrutura do antigo galpão da fazenda e, adaptou para sua moradia. Entretanto, sua vontade é construir uma nova casa próxima à entrada do lote.

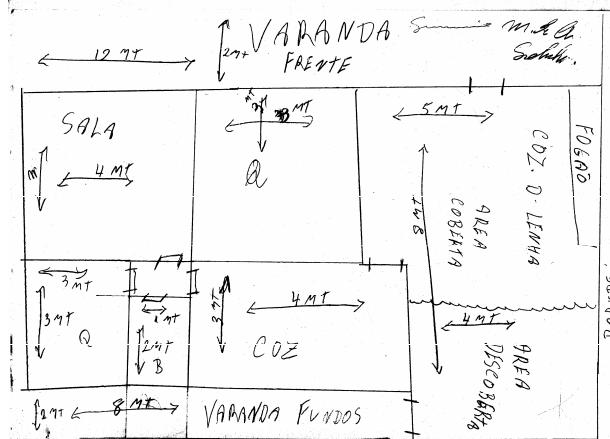
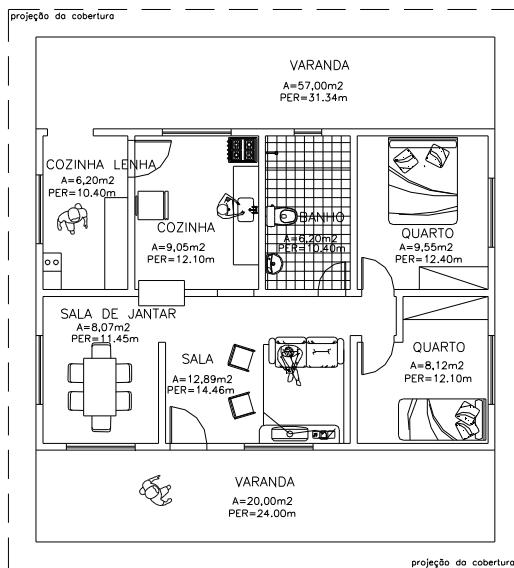


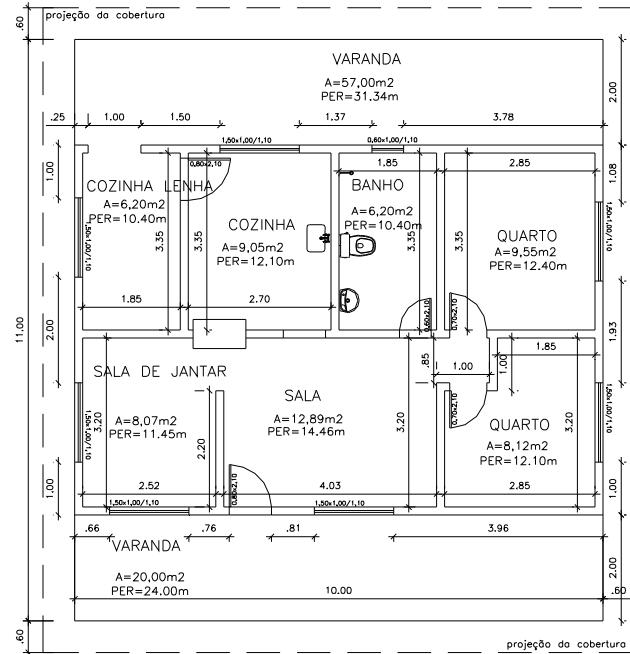
Figura 17 Desenho feito pelo morador, 2006



Planta baixa humanizada – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

O novo projeto prevê a construção de uma casa com dois quartos, duas salas, duas cozinhas e um banheiro, além da varanda e área de serviço.

Acima e ao lado as plantas, humanizada e cotada, da nova casa.



Planta baixa cotada – pesquisa de campo do autor, CPDA, 2006.

3.5. Entregando os Projetos Habitacionais

Esta etapa é uma das mais emocionantes do estudo de campo realizado. Nela ficamos sabendo a reação das famílias ao verem seus projetos elaborados e, verificamos se o trabalho foi positivo, se ficou dentro do esperado pelos moradores e por nós pesquisadores, se causou mais expectativas do que resultados, se foi bem comentado e o que pode ser aprimorado.

Optamos por fazer a entrega dos projetos, família por família, visitando cada casa novamente, reunindo com os moradores para conversar sobre os resultados alcançados e, entregar-lhes as respectivas plantas dos projetos habitacionais. Entendemos que assim, podemos dar mais atenção a cada família e, deixar os moradores mais à vontade para falar sobre qualquer dúvida que porventura apresentem.

O resultado foi realmente satisfatório. Todas as famílias da comunidade Terra Livre aprovaram a iniciativa e ficaram satisfeitas com os resultados obtidos. Todas elas, de diferentes formas, agradeceram o jogo de plantas entregues e manifestaram a esperança de que a assistência técnica em habitação seja algo mais presente e permanente, estendido também ao acompanhamento das obras.

No final, o trabalho realizado foi bem avaliado pelos moradores e as dinâmicas aprovadas. A média foi de 4,6 desenhos diferentes entregues para cada família (139 plantas para 30 famílias), contendo o desenho da casa atual e o projeto da nova casa.



Foto 114 Foto do jogo de plantas entregue aos moradores, Terra Livre Resende [RJ], 2006 [doc.fot.]
Foto Thiago Ferreira



Foto 115 Morador aprovando as plantas da nova casa, Terra Livre, Resende [RJ], 2006 [doc.fot.]
Foto Thiago Ferreira



Foto 116 Família reunida para ver projeto da nova casa, Terra Livre Resende [RJ], 2006 [doc.fot.]
Foto Thiago Ferreira



Foto 117 Morador analisando as plantas entregues, Terra Livre Resende [RJ], 2006 [doc.fot.]
Foto Thiago Ferreira

Outra observação acerca do trabalho realizado, refere-se às nossas reflexões a partir dos resultados. Longe de querer atribuir valor ou conclusões fechadas, positivas ou negativas, sobre as questões levantadas neste estudo, procuramos desenvolver, sempre que possível e, em graus diferenciados, uma análise voltada à mensuração e qualificação dos resultados, permitindo compreender melhor o retrato existente do nosso objeto de estudo.

Os dados obtidos parecem, no seu conjunto, indicar que os aspectos simbólicos são constantemente acionados, estando sempre presentes no planejamento familiar, na hora de ocupar e usar o espaço, em que pese a precariedade estrutural das casas e do acampamento como um todo – no que se refere à infra-estrutura e a alguns serviços públicos.

As famílias encontram muitas dificuldades, no que diz respeito ao acesso a praticamente todos os itens necessários a uma boa qualidade de vida: moradia, infra-estrutura, crédito, regularização fundiária, educação, saúde, produção, acesso a bens e serviços etc. Mesmo diante deste quadro, as famílias não pretendem abandonar o lugar onde vivem, consideram-se felizes e em melhores condições de vida do que anteriormente, possuindo planos e sonhos para o futuro.

No que se refere à infra-estrutura do acampamento, ficou evidente sua precariedade, indicando, por um lado, uma baixa intervenção do Estado no processo de regularização fundiária e, por outro, evidenciando continuidade da precariedade estrutural que caracteriza o nosso meio rural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao final deste trabalho, constato que esta dissertação, ainda que possa ser um relato das condições habitacionais de um acampamento rural, ou uma proposta de técnicas de investigação para a criação de projetos habitacionais, com o envolvimento e a participação da população local, foi anteriormente, uma busca de um melhor entendimento sobre como se dão as exteriorizações dos múltiplos aspectos de vida que, embora individuais, são manifestados nos diversos espaços da moradia, reafirmando a dimensão espacial como indissociável da dimensão social.

E mais, é a certeza da necessidade de dar voz ativa aos milhares de trabalhadores rurais deste país, que se encontram hoje em situações semelhantes às tratadas nesta pesquisa, muitas vezes marginalizados e subjugados, sem acesso à importantes serviços e atendimentos e, com poucos canais para falar, se posicionar e opinar. Na ausência do exercício da cidadania, sem acesso aos direitos básicos de todo ser humano, esses trabalhadores lutam e se esforçam pela sobrevivência, reconhecimento, legitimidade e, principalmente, envolvimento e participação nas tomadas de decisões sobre aquilo de lhes são de direito e imprescindíveis à vida.

A participação leva à melhor reflexão, tornando os desafios mais passíveis de boas soluções, sendo um ponto fundamental para produzir novos significados a respeito da qualidade de vida. Esse processo tem possibilitado que os produtores e suas famílias adquiram um sentimento de maior envolvimento nas diferentes atividades e de pertencimento aos projetos de investigação e às soluções encontradas.

A pesquisa insere-se no debate sobre a participação dos moradores nos processos de elaboração do projeto arquitetônico de suas habitações, a partir da constituição de um espaço de interlocução entre os sujeitos envolvidos, proporcionando as dimensões participativas que dão sentido e significado aos programas habitacionais que a recomendam em suas diretrizes.

Como observamos no caso estudado, a situação de precariedade, em virtude de limitações financeiras, falta de apoio governamental, impossibilidade de acesso e obtenção a créditos bancários, péssimas condições da infra-estrutura básica existente etc., faz com que a arquitetura, quase sempre, seja concebida como uma simples construção, isenta de aspectos artísticos, simbólicos e abstratos, tornando-se um abrigo simples e comum, sem a ousadia e a criatividade livre do traçado arquitetônico.

Entretanto, a casa também consiste na forma de materialização de personalidades, estilos de vida, gostos pessoais e aspectos íntimos. Quando um morador sugere um desenho, pensa uma fachada, sinaliza as áreas internas ou a distribuição dos cômodos, ele está açãoando maneiras próprias de enxergar, ocupar e usar os espaços. Por mais que não tenha recursos suficientes para construir uma parede de vidro, uma sala em curva ou colocar esquadrias de madeira com venezianas, por exemplo, ele possui um estilo próprio, seja pendurando bandeiras ou fotos dos ídolos, retratos familiares ou santinhos de fé, o morador aciona seus desejos e referências passadas para escolher se o banheiro será próximo à área de serviço, se a cozinha terá fogão a lenha, se a varanda dará a volta na casa etc. A distribuição da ocupação do lote e da casa constitui um eficiente sinalizador quanto ao sentido social e simbólico das famílias e de seus membros.

Os capítulos precedentes permitiram observar e comprovar a hipótese sugerida de que, apesar da precariedade das condições habitacionais e de infra-estrutura existentes no acampamento rural – em especial, o acesso a água potável e a salubridade sanitária - da ausência ou insuficiência de assistência técnica no planejamento do espaço, existe uma lógica

de organização familiar que, em grande parte dos casos, não é técnica e formal e, se esforça para superar tais carências e construir uma identidade simbólica com o espaço em que vivem.

Isso foi bem observado na prática da conversa conjunta, com os moradores, sobre as futuras casas. As famílias expuseram suas vontades e, muitas vezes relembraram situações da antiga casa ou da infância, na casa dos pais ou avós. Através da análise dos dados, verificamos como as famílias pensam a casa ideal, o lugar da morada, os espaços de vivência, como elas sonham os novos ambientes da família e como os arrumam e enfeitam. Muitas vezes, em comparação com os atuais ambientes de moradia.

O ponto de partida adotado se dá na observação das insatisfatórias condições habitacionais e da busca constante por melhores situações. Ressaltamos que não existe, atualmente, nenhum programa de assistência técnica sendo executado e as famílias ainda não possuem direito ao acesso a créditos bancários para melhorias no lote.

Por outro lado, percebemos os desejos, as satisfações e as alegrias, de quem está realizando o sonho de obter um lote para morar, plantar e viver com a família, vislumbrando e se empenhando em produzir e trabalhar para seu sustento e meio de vida. As lembranças, o *habitus*, as raízes culturais, tudo aflora e reflete, também, no modo da arrumação e organização interna da casa e do lote, nas preocupações e atitudes com o meio ambiente natural e edificado do acampamento. Seus objetos possuem fortes poderes evocativos, permitindo a cada um reconstituir o seu mapa de memórias, afetos e segredos, participandoativamente dos mecanismos de apropriação que os indivíduos, constantemente, realizam no seu universo doméstico.

Há neste estudo, indicativos para uma reflexão sobre as condições de moradia dentro do acampamento rural, sugerindo índices objetivos e justificados que podem contribuir na pauta das ações que futuramente serão implementadas na comunidade, colocando novos desafios e novas expectativas.

Pretendemos apontar alguns caminhos para além da questão habitacional. Intervenções estruturadas similares a esta realizada, podem trazer bons resultados em outras áreas ou atividades, como: no conjunto das edificações coletivas (açudes, armazéns, viveiros etc.); no patrimônio construído; no planejamento de uso das benfeitorias e infra-estrutura existentes (estradas, praças etc.); no saneamento básico; nas áreas de proteção ambiental; e mesmo na própria atividade agrícola; no uso dos implementos agrícolas ou no que se refere a escolha do cultivo; da comercialização; irrigação etc. Algumas dessas questões não chegaram a ser estudadas mais profundamente nesta dissertação, pois ampliariam demasiadamente o estudo, embora algumas tenham sido usadas no reforço da argumentação. De qualquer modo são de meu interesse e poderão ser estudadas, com maior profundidade e atenção, posteriormente.

O trabalho abordou um aspecto de uma comunidade com suas complexas dimensões sociais. Conhecer o “outro”, seus sonhos, seus receios, suas esperanças, pode nos oferecer elementos preciosos para a adoção de políticas públicas mais efetivas, justas, mais satisfatórias tanto do ponto de vista de quem as adota (por obterem provavelmente melhores resultados), como do ponto de vista de quem delas se beneficia, por serem compatíveis com suas necessidades mais sentidas.

Procuramos capacitar um outro olhar, mais sociológico, a partir de outros pontos de observação e diferenciação. Não seria possível ter realizado este estudo, se não tivesse acionado o “lado” do sociólogo e antropólogo e, realizado o esforço em unir tais olhares em complementação ao do arquiteto e urbanista. Foi essa união de perspectivas diferentes, mas complementares, que possibilitaram a realização desta dissertação.

Gostaria de ressaltar alguns aspectos diretamente ligados e que parecem importantes explicitar e refletir, nesta oportunidade. Grande parte dos agentes que se encontram envolvidos com as políticas, os programas ou o mercado da construção civil e sua execução em comunidades de baixa renda, conhecem as dificuldades enfrentadas para obter acesso a

créditos bancários, assistência técnica de qualidade, investimentos públicos na execução de infra-estrutura e saneamento básico, entre outras coisas. Esse tem sido até o momento, um dos maiores desafios enfrentados. O conjunto dos dados sobre as habitações no acampamento, aqui considerados, corrobora as afirmações acerca da complexidade do contexto existente das políticas públicas de desapropriação de terras para fins de reforma agrária e de assentamentos humanos.

O estudo faz parte de um trabalho maior que venho desenvolvendo ao longo dos últimos anos, junto ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, no Estado do Rio de Janeiro, realizando projetos e assistência técnica de arquitetura e planejamento do espaço (urbanismo), dentro de acampamentos e assentamentos rurais, discutindo o parcelamento de lotes, as futuras habitações ou reformas necessárias e, as demais edificações existentes ou demandadas para construção, como centros de formação e galpões de comercialização.

Esse trabalho tem possibilitado um outro tipo de vivência, de contato com grupos sociais de baixa renda e distantes daqueles conhecidos por quem mora nas cidades, em sua quase totalidade. Consiste numa oportunidade de conhecer outras pessoas, culturas, relações sociais, interesses políticos, campos de força e poder, que não são expostos pela mídia geral e nem tratados diariamente entre os citadinos. Antes de tudo, é um trabalho social, de pesquisa e de extensão profissional.

Outro ponto que deve ser ressaltado, diz respeito aos modelos das políticas públicas existentes para assistência técnica e para as questões referentes ao planejamento espacial dos assentamentos e de suas edificações. Insisto na busca em possibilitar, com boas condições, a realização de acompanhamento técnico, aos assentados rurais, desde sua implantação até a construção e entrega de suas casas, ou seja, incorporar à assistência técnica existente, a presença do arquiteto, urbanista e sociólogo, que com sua contribuição profissional, agrega valor na construção e desenvolvimento dos assentamentos humanos.

Torna-se necessária uma nova posição e postura governamental frente a essas demandas eminentes, onde os governos municipal, estadual e federal, devem prever recursos para que esses serviços possam ser executados em todos os assentamentos implantados, possibilitando às famílias esse tipo de assistência técnica, com plano de trabalho discutido junto às comunidades, para estabelecer prioridades.

Há um novo olhar de atenção para nosso Mundo Rural. A pluriatividade rural¹⁹ é um tema do nosso tempo, verificada no retorno dos citadinos ao campo, em busca de melhores condições e qualidade de vida, com o aumento das atividades rurais, não necessariamente ligadas às atividades de produção agrícola. A obrigatoriedade, por parte dos médios e grandes municípios, de realizar seu Plano Diretor, instrumento incluso no Estatuto das Cidades²⁰, prevê o Planejamento Rural complementar ao Planejamento Urbano.

É cada vez maior o número de acampamentos e assentamentos rurais que surgem, nos diversos Estados da Federação. As novas gerações de arquitetos e urbanistas terão como desafio pensar junto com os economistas, cientistas sociais, geógrafos, historiadores, agrônomos etc., o crescente número de trabalhadores sem terra, que contribui para o aumento do déficit habitacional e das demandas por infra-estrutura e saneamento básico, se organizando, pressionando e cobrando ações governamentais, que respondam com soluções

¹⁹ Cf. Maria José Carneiro, Sérgio Schneider, entre outros.

²⁰ Estatuto da Cidade, lei 10.257, de 10 de Julho de 2001, estabelece normas de ordem pública e interesse social que regulam o uso da propriedade urbana em prol do bem coletivo, da segurança e do bem-estar dos cidadãos, bem como do equilíbrio ambiental. Tem por objetivo ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e da propriedade urbana.

cada vez mais eficientes e eficazes. É o momento de elaborarmos novas propostas para o Mundo Rural do país que queremos viver.

O número de famílias, participantes neste trabalho, não representa percentual elevado em relação à população total dos assentamentos ou acampamentos existentes no Estado, o que não nos permite traçar um perfil conclusivo acerca das condições habitacionais dos assentamentos rurais no Estado do Rio de Janeiro. Entretanto, notamos a existência de limitações semelhantes em outros locais, contendo, principalmente, o mesmo tipo e método de ocupação, acesso às ações políticas governamentais, nível econômico dos moradores, acesso a bens de consumo e serviços etc., o que pode representar referências sobre as condições de moradias e de infra-estrutura existentes dentro de outros acampamentos e assentamentos rurais, por mais que estejam em diferentes lugares e com variados graus de organização e desenvolvimento comunitário.

As realidades encontradas são ímpares em sua forma de existir, porém apresentam-se similares em questões básicas, apresentando condicionantes semelhantes, demonstrando assim, um modelo político de fraca atuação na efetiva realização de melhorias da qualidade de vida da população residente. Em capítulo anterior, citei o estudo que verificava dentro de assentamentos rurais, no país, melhorias nas condições de vida dos assentados, comparadas às situações anteriores ao ingresso nos assentamentos rurais. Somado a isso, cabe ressaltar, um aumento significativo, em números relativos, da quantidade de novos assentamentos criados nos últimos anos no Estado do Rio de Janeiro.

O governo federal tem dado mais atenção a essa parcela da população. O aumento do número de desapropriações de propriedades para fins de reforma agrária, e então, do número de portarias de criação de novos assentamentos rurais, somados ao aumento do valor concedido do crédito para Aquisição de Materiais de Construção, apesar de ainda não constituir um quadro ideal, cria novas expectativas por melhores resultados. Ressaltamos as conquistas obtidas pelos trabalhadores rurais ao longo de décadas de organização e luta²¹. Foram grandes os esforços realizados, e que ainda, esbarraram no aparato legal montado neste enorme período de predominância do latifúndio em nosso país.

Por fim, espero que esta dissertação se incorpore, ainda que singelamente, ao esforço de compreensão dos caminhos que precisamos seguir para, contribuir na efetiva melhoria das condições de vida das populações mais carentes, desprovidas de atenção, muitas vezes dos direitos de cidadãos e de oportunidades para opinarem, participarem e terem condições de ingressar nos mercados de trabalho e de produção. Acredito que uma contribuição possível seja o acesso e a oportunidade ao profissional da arquitetura e urbanismo, de realizar suas atribuições e competências no âmbito da arquitetura popular rural e do planejamento do espaço rural, através de um processo de envolvimento e discussão participativa com a população local.

²¹ Sobre a organização dos trabalhadores rurais e a história do sindicalismo rural brasileiro, ler Luiz Flávio Carvalho Costa, 1996.

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

- ARAÚJO, Regina Célia Lopes. **Organização do Espaço no Meio Rural.** Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1980.
- BERGAMASCO, S. M. P. P. et al. **O que são Assentamentos Rurais.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas. Sobre a Teoria da Ação.** Campinas: Papirus Editora, 2005.
- _____. **O Poder Simbólico.** Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2005.
- BRANFORD, Sue e ROCHA, Jan. **Rompendo a Cerca. A história do MST.** São Paulo: Casa Amarela, 2004.
- BRUNO, Regina Ângela Landim e DIAS, Marcelo Mina. **As Políticas Públicas de Crédito para os Assentamentos Rurais no Brasil.** Relatório de Consultoria, Rio de Janeiro, agosto de 2004.
- CAMARGO MORA, Maria Gabriela. **La calidad de vida em Venezuela. Espacio y sociedad.** Lima: PUC, n.º 9, 1997.
- CARDIM, Carlos H. & SOUTO, Daphinis F. **Qualidade de Vida.** [s.l.]: ARX Editora, s.d.
- CARLEY, Michael. **Indicadores Sociais: Teoria e Prática.** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1985.
- CASTILHO, Maria Auxiliadora Guimarães de, SILVA, Maria Luiza Pereira da e MAGALHÃES, Maria Silma Moreira. **Manual dos Assentados e Assentadas da Reforma Agrária,** Ministério do Desenvolvimento Agrário, Incra, Brasília, set. 2001.
- CHAMBERS, R. **The Origins and Practice of Participatory Rural Appraisal.** World Development. Vol. 22, No. 7, pp. 953-969. 1994.
- CONCRAB. **O que Levar em Conta para a Organização do Assentamento: A discussão no acampamento,** Maio, 2001.
- CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA, ARQUITETURA E AGRONOMIA DO RIO DE JANEIRO – CREA-RJ. **Código de Ética profissional.** Publicada no D.O.U. do dia 12 de dez. 2002.
- CONWAY, G.R. e BARBIER, E.B. **After the Green Revolution.** Earthscan Publications Ltd. London. 1990.

COSTA, Carlos Eduardo da Silva. **Habitação Rural: Uma proposta de racionalização pela autoconstrução.** Seropédica: Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Edur, 1995.

COSTA, Luiz Flávio Carvalho. **Sindicalismo Rural Brasileiro em Construção.** Rio de Janeiro: Forense Universitária: UFRRJ, 1996.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a Rua – Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil,** São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

DELGADO, N. G.; ROMANO, Jorge O. Sistemas agrários, atores sociais e construção de políticas públicas alternativas para o desenvolvimento rural local: o caso de Rebouças/PR. In: Luiz Flávio de C. Costa; Roberto J. Moreira; Regina Bruno. (Org.). **Mundo Rural e Tempo Presente.** 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad, v. , p. 213-236, 1999.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICAS E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS - DIEESE e NÚCLEO DE ESTUDOS AGRÁRIOS E DESENVOLVIMENTO RURAL – NEAD. **Estatísticas do Meio Rural**, 2 edição: Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

EMATER-RIO. **Diagnóstico Agroambiental de Viabilidade Econômica da Área Denominada Terra Livre – Resende – RJ.** SEA API-RJ: set. 2002.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Gênesis e Desenvolvimento do MST.** São Paulo: MST, 1998.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO e CENTRO DE ESTATÍSTICA E INFORMAÇÃO. **Déficit Habitacional no Brasil, 2005.** Secretaria Nacional de Habitação, Ministério das Cidades, Belo Horizonte, 2006.

GUIJT, I. and CORNWALL, A. **Notes on Participatory Learning and Action.** Editorial: critical reflections from practice of PRA. International Institute for Environment and Development Sustainable Agriculture Programme, No. 24: pp. 2-7, 1995.

GUIJT, I. **Monitoramento Participativo: Conceitos e ferramentas práticas para a agricultura sustentável.** tradução: Annemarie Hohn – 1.ed.: Rio de Janeiro: AS-PTA, 1999.

INO, Akemi. **Aspectos Construtivos da Taipa de Mão.** Cyted Habyted, Salvador-BA, p. 15-36, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Agropecuário.** Rio de Janeiro, 1995/1996.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD-2004/2005.** Rio de Janeiro, 2004/2005.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA – INCRA. **Norma de Execução nº 46.** de 10 de Novembro de 2005.

_____. **Cartilha de Orientação para Aplicação dos Créditos Instalação na Modalidade Aquisição de Materiais de Construção.** Superintendência Regional de Minas Gerais – SR-06.

INSTITUTO PARA O DESENVOLVIMENTO DO MÉDIO VALE DO PARAÍBA DO SUL – IMVAP. Estudo de Viabilidade Econômica da Área Denominada Terra Livre. Fevereiro, 2000.

JORNAL ON LINE TRIBUNA DA IMPRENSA. Entrevista com João Pedro Stédile. Fonte: Internet, 2007.

LINHARES, Elizabeth Ferreira. Casas de Altos e Baixos - Condições e significados das diferentes casas do assentamento Santo Inácio, Trajano de Moraes, Rio de Janeiro, 2003.

MEDEIROS, Leonilde Servolo e LEITE, Sérgio (orgs.). Assentamentos Rurais Mudança Social e Dinâmica Regional. Rio de Janeiro: MAUAD, 2004.

MENDRAS, H. Sociedades campesinas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

NAÇÕES UNIDAS. Handbook of Social Indicators. Nova York, 1988.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova. São Paulo: Editora Hucitec-Edusp, 1978.

_____. **A natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção,** São Paulo: Hucitec, 1996.

SCHNEIDER, Sérgio. A Pluriatividade na Agricultura Familiar. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

SOUTO, Anna Luiza Salles et al. Como Reconhecer um Bom Governo? O papel das administrações municipais na melhoria da qualidade de vida. São Paulo: Polis, 1995.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: Sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná et al. (orgs.): **Geografia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SRISKANDARAJAH, N., BAWDEN, R.J and PACKHAM, R.G. Systems Agriculture: A paradigm for sustainability. Association for Farming Systems Research-Extension Newsletter. Vol 2 No.(3) 1-5, 1991.

STEVENS, Garry. O Círculo Privilegiado: Fundamentos sociais da distinção arquitetônica. Tradução: Lenise Garcia Corrêa Barbosa; revisão técnica de Sylvia Ficher. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

SVENSSON, Frank. Visão de Mundo – Arquitetura. Brasília: Edição Alva, 2001.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ABRAMOVAY, Ricardo. **O admirável mundo novo de Alexander Chayanov.** São Paulo: Estudos Avançados: 12 (32): 69-75, 1998.
- AKCEL'RUD, Isaac, **Reforma Agrária. A Luta pela Terra no Brasil,** Caderno de Educação Política, São Paulo: Global Editora, 1987.
- ALMEIDA, J. e NAVARRO, Z. **Reconstruindo a Agricultura: Idéias e ideais na perspectiva de um desenvolvimento rural sustentável.** 2 ed.: Porto alegre: Ed. Universidade/UFRS, 1998.
- AZEVEDO, Fernando A. **As Ligas Camponesas,** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1982.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço.** São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BLAY, Eva (org.). **A Luta pelo Espaço,** textos de Sociologia Urbana, Petrópolis: Editora Vozes, 1979.
- BOGO, Ademar. **Lições da Luta pela Terra.** Salvador: Memorial das Letras, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **La Maison Kabyle ou le Monde Renversé.** In: Jean Pouillon et Pierre Maranda (org.), Échanges et Communications. Tome II. Mouton, Paris, 1970.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa Participante.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982.
- CALVINO, Italo. **As Cidades Invisíveis.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CARDOSO, Ciro Flamarión. Camponês, campesinato: questões acadêmicas, questões políticas. In: CHEVITARESE, André Leonardo (Org.). **O Campesinato na História.** Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2002.
- CARNEIRO, Maria José. Agricultores Familiares e Pluriatividade: tipologias e políticas. In: **Mundo Rural e Tempo Presente.** Rio de Janeiro: Mauad / Pronex, 1999.
- CASTELLS, Manuel. **Problemas de Investigação em Sociologia Urbana,** Lisboa: Editora Presença, 1984.
- CHAMBERS, R. **Participatory Rural Appraisal (PRA): Analysis of Experience.** World Development, Vol. 22, No. 9, pp. 1253-1268. 1994.
- CORDEIRO, Ângela et al. **Reforma Agrária e Crédito Rural.** Rio de Janeiro: AS-PTA, 1991.
- ELIAS, Norbert. **Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.** Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2000.

FABRINI, João Edmilson. **O Projeto do MST de Desenvolvimento Territorial dos Assentamentos e Campesinato – Terra Livre**. São Paulo: ano 18: n.19: p.75-94, julho/dez.2002.

FATHY, Hassan. **Construindo com o Povo – Arquitetura para os pobres**, Salamandra Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **MST: Formação e Territorialização em São Paulo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.

GARCIA JR., Afrânio Raul. **Terra de Trabalho: Trabalho Familiar de Pequenos Produtores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GRZYBOWSKI, Cândido. **Caminhos e Descaminhos dos Movimentos Sociais no Campo**, Editora Vozes.

GUIMARÃES, Alberto Passos. **A Crise Agrária**, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1982.

HEREDIA, Beatriz. **A Morada da Vida: Trabalho Familiar de Pequenos Produtores no Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HOBSBAWN, E. **Era dos Extremos: o breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

KEINERT, Tânia e KARRUZ, Ana Paula (orgs.). **Qualidade de vida, observatórios, experiências e metodologias**. São Paulo: Annablume editora, 2002.

LEITE, Carolina. **A Linguagem dos Objetos e a Criação de Significado no Espaço Doméstico: Um Repertório de Afectos, Comunicação e Sociedade**. Cadernos do Noroeste: Série Comunicação: Vol. 14 (1-2, 205-216), 2000.

LEITE, Lesley Gasparini. Plano Diretor: obrigatório por força da lei orgânica municipal. In: **Revista de direito público**. São Paulo: ano 24, n.97, 1991.

LIMA, Myrian Del Vecchio de e RONCAGLIO. Cynthia. Degradação Socioambiental Urbana, Políticas Públicas e Cidadania. In: **Desenvolvimento e Meio Ambiente: Cidade e Ambiente Urbano**. Editora da UFPR, Nº 3, pp 53-63, 2001.

MALARD, Maria Lúcia (org.). **Cinco Textos Sobre Arquitetura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

MAOS, Jacob O. **Planejamento Físico e Organização Espacial na Colonização de Terras**, Fortaleza: Banco do Nordeste, 1978.

MARTINS, José de Souza. **Os Camponeses e a Política no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

- MOREIRA, Roberto José. Cultura, política e o rural na contemporaneidade. In: **Estudos, Sociedade e Agricultura**. n. 20: 113-143, Abril, 20.
- MOREIRA, Ruy. **Espaço Agrário e Classes Sociais Rurais na Sociedade Brasileira**. Petrópolis: Revista de Cultura Vozes, 1980.
- MOURA, Margarida Maria. **Os Herdeiros da Terra: parentesco e herança numa área rural**. São Paulo: Editora Hucitec, 1978.
- OLIVEIRA, Mauro Marcio. **Procera - Relatório Final da Consultoria**. (acordo Incra/PNUD), Brasília, 1996.
- PALMEIRA, Moacir. **Casa e Trabalho: Nota sobre as Relações Sociais na Plantation Tradicional**. Rio de Janeiro: Contraponto - Ano II, vol.2, 1977.
- PARK. Robert. **The City**. The University of Chicago Press, 1952.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **Variação sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1991.
- RASMUSSEN, Stenn Eiler. **Arquitetura Vivenciada**, São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **A Evolução Urbana do Brasil**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1968.
- _____. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. São Paulo: Ed. Perspectiva, Coleção Debates, 1978 [1970].
- SANTOS, Milton. **Da Totalidade ao Lugar**, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - Edusp, 2005.
- SILVA, Armando. **Imaginários Urbanos**, São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **Mudar a Cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos**. 3 ed.: Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro. In: TEDESCO, João Carlos (Org.). **Agricultura Familiar: Realidades e Perspectivas**. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.
- WOLF, E. R. **Sociedades camponesas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.
- WOORTMANN, Ellen e WOORTMANN, Klaas. **O Trabalho da Terra: A lógica e a Simbólica da Lavoura Camponesa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

ANEXOS